

Else Ribeiro Pires Vieira  
Seleção e Organização

# TEORIZANDO E CONTEXTUALIZANDO A TRADUÇÃO

**PROGRAMA**

N.Cham. 418.02 T314 1996

Título: Teorizando e contextualizando a tradução .



191220004

218441

T314

1996

# TEORIZANDO E CONTEXTUALIZANDO A TRADUÇÃO

Else Ribeiro Pires Vieira

Seleção e organização

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



191220004

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da FALE/UFMG  
1996

Copyright © 1996 by

Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da UFMG

Os direitos autorais para a tradução e publicação de partes selecionadas do artigo [*Zentrale Begriffe aus der wissenschaftlichen Beschäftigung mit Übersetzen*], especificadas em notas do artigo "Conceitos centrais do tratamento científico da tradução a partir de F. G. Königs", foram cedidos pelo Prof. Dr. Frank G. Königs, do Herder-Institut da Universidade de Leipzig.

Este livro, ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

Projeto Gráfico, Capa e Formatação Eletrônica:

Micro-Letra Digitações Ltda (031) 441-5242

Ficha Catalográfica:

T 314 Teorizando e contextualizando a tradução / Else Ribeiro Pires Vieira , seleção e organização. – Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG , Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos , 1996.

280p.

1. Tradução: Resumos e Resenhas. I. Vieira, Else Ribeiro Pires.

CDU: 651.926

Elaborada pela Divisão de Planejamento e Divulgação da Biblioteca Universitária/UFMG.

ISBN: 85-7041-118-9

Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - sala 4001

CEP 31270-901 - Belo Horizonte - MG - Brasil

Fax +55(0)31 - 499-5112

BIBLIOTECA UNIVERSITARIA

29/11/2000

1912200-04

BELC HONORARIAS

Correspondência:

0221-49060

Faculdade de Letras

A André Lefevere, *in memoriam*, a homenagem de todos os pesquisadores em tradução na UFMG que contribuíram para o presente volume.

# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

*Else Ribeiro Pires Vieira* . . . . . 9

## A VERTENTE CONTRASTIVA

J.-P. VINAY, J. DARBELNET – *STYLISTIQUE COMPARÉE  
DU FRANÇAIS ET DE L'ANGLAIS: MÉTHODE DE TRADUCTION*  
*Patrizia Collina Bastianetto* . . . . . 13

VÁZQUEZ-AYORA: *INTRODUCCIÓN A LA TRADUCTOLOGÍA*  
*José Luiz Vila Real Gonçalves* . . . . . 42

HELOÍSA BARBOSA: *PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DA TRADUÇÃO*  
*José Luiz Vila Real Gonçalves* . . . . . 59

## OUTROS PERCURSOS DA TRADUÇÃO COMO CIÊNCIA

EUGENE NIDA: *TOWARD A SCIENCE OF TRANSLATING*  
*Glória Maria de Mello Carvalho*  
*Maria Carmen Dayrell G. da Costa*  
*Meire de Mello Correia*  
*Patrizia Collina Bastianetto* . . . . . 71

PETER NEWMARK: *A TEXTBOOK OF TRANSLATION*  
*Marie-Anne Henriette Jeanne Kremer e Silva* . . . . . 95

## CONTEXTUALIZANDO A TRADUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO A TRADUÇÃO: INTRODUÇÃO  
*Else Ribeiro Pires Vieira* . . . . . 105

HISTÓRIA E LEITOR: A PONTENCIALIDADE DA ESTÉTICA DA  
RECEPÇÃO PARA A CONTEXTUALIZAÇÃO DA TRADUÇÃO  
*Else Ribeiro Pires Vieira* . . . . . 109

A INTERAÇÃO DO TEXTO TRADUZIDO COM O SISTEMA  
RECEPTOR: A TEORIA DOS POLI-SISTEMAS  
*Else Ribeiro Pires Vieira* . . . . . 124

ANDRÉ LEFEVERE: *A TEORIA DAS REFRAÇÕES E DA TRADUÇÃO COMO REESCRITA*  
*Else Ribeiro Pires Vieira* . . . . . 138

MARY SNELL-HORNBY: *TRANSLATION STUDIES – AN INTEGRATED APPROACH*  
*Marie-Anne Henriette Jeanne Kremer e Silva* . . . . . 151

## A VERTENTE FUNCIONAL E A COGNITIVA

A TIPOLOGIA TEXTUAL DE KATHARINA REIS  
*Eliana Amarante de Mendonça Mendes* . . . . . 167

H. J. VERMEER: *A TEORIA DA FUNCIONALIDADE (SKOPOSTHEORIE) E A SUPREMACIA DA FINALIDADE*  
*Fábio Alves da Silva Jr.*  
*Ingeborg Scheible* . . . . . 173

D. SPERBER & D. WILSON, E.-A. GUTT E F. ALVES: *A TEORIA DE RELEVÂNCIA APLICADA AOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO*  
*Fábio Alves da Silva Jr.* . . . . . 184

ROGER T. BELL: *TRANSLATION AND TRANSLATING – THEORY AND PRACTICE*  
*Meire de Melo Corrêa* . . . . . 206

## APLICAÇÕES TEÓRICAS

MONA BAKER: *IN OTHER WORDS: A COURSEBOOK ON TRANSLATION*  
*Maria Carmen Dayrell G. da Costa* . . . . . 221

DANIEL GILE: *BASIC CONCEPTS AND MODELS FOR INTERPRETER AND TRANSLATOR TRAINING*  
*Edson J. M. Lopes* . . . . . 239

## ALGUNS CONCEITOS IMPORTANTES NA CIÊNCIA DA TRADUÇÃO

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A RELEVÂNCIA ATUAL DO GLOSSÁRIO DE KÖNIGS  
*Rui Rothe-Neves* . . . . . 257

CONCEITOS CENTRAIS DO TRATAMENTO CIENTÍFICO DA TRADUÇÃO A PARTIR DE F. G. KÖNIGS  
*Frank G. Königs*  
*Rui Rothe-Neves* . . . . . 262

# INTRODUÇÃO

Else Ribeiro Pires Vieira

O estudo da Teoria da Tradução enfrenta os obstáculos imediatos de seu difícil acesso, por ser ela veiculada por publicações esparsas pelo mundo e em diversas línguas. Situação análoga ocorre com o desenvolvimento paralelo ao da teorização da tradução enquanto processo, ou seja, o da contextualização do seu produto, cuja bibliografia pertinente emerge de diversos países como Israel, Alemanha e Países Baixos.

Situando-se numa perspectiva interdisciplinar, o presente volume integra trabalhos de docentes e alunos do Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da UFMG, com incursões adicionais em pesquisas do Doutorado em Literatura Comparada da mesma instituição. Constitui, assim, uma contribuição desses pesquisadores àqueles que não tenham acesso a tais textos ou às línguas em que foram escritos. A coletânea de resumos e resenhas aqui apresentada objetiva ser, sobretudo, uma referência para alunos de Graduação, não excluindo, assim, a leitura dos textos, apenas sinalizando a sua orientação teórica e principais tópicos desenvolvidos.

Tal coletânea resultou do meu próprio magistério na Pós-Graduação das disciplinas "Modelos Teóricos da Tradução" e "Tradução: Leitura e Contextualização". Outras valiosas contribuições foram incluídas, como o pensamento dos teóricos alemães contemporâneos como J. H. Vermeer, K. Reiß, F. G. Königs, etc. A ampla pesquisa realizada em Telavive também permanece relativamente desconhecida no Brasil, razão pela qual dedicamos todo um capítulo a esses teóricos e, também na seção "Contextualizando a tradução", incluímos seus congêneres na Bélgica e Alemanha.

As seleções são, em geral, arbitrárias e necessariamente parciais. Na tentativa de apresentar as teorias da tradução a partir da década de 50, iniciamos com a vertente contrastiva, ainda muito frutífera para a pedagogia da tradução. Depois sintetizamos outros percursos da tradução como ciência; embora teóricos como Catford e Mounin tenham sido, durante muito tempo, uma referência, a disponibilidade da tradução dos seus livros em português explica sua não inclusão neste volume. Uma outra seção contempla aqueles teóricos que, concretamente, como, por exemplo, J. Even-Zohar e A. Lefevere, ou ao nível da potencialidade, como H. Jauß

e W. Iser, oferecem constructos para o estudo da tradução no seu contexto. Uma contribuição congênere, integrando a vertente cultural dos Estudos da Tradução e a Lingüística, encontra-se em M. Snell-Hornby. Uma outra seção é dedicada à vertente funcional dos Estudos da Tradução, a exemplo de K. Reiß e H. J. Vermeer na Alemanha. A vertente cognitiva inclui a contribuição da Teoria de Relevância de D. Sperber e D. Wilson e sua aplicabilidade à área da tradução pelos trabalhos de E.-A. Gutt e F. Alves, bem como a aplicação de teorias cognitivas e da análise do discurso no trabalho de Roger Bell.

Dentre aqueles que mais recentemente contribuíram para a aplicação de teorias à didática da tradução, destacamos Mona Baker. Por outro lado, o arcabouço teórico de André Gide, igualmente da análise do discurso, é aqui enfocado na sua relação com a interpretação. Incluímos, finalmente, verbetes dos principais conceitos na teoria da tradução, selecionados a partir de Königs e com a referência atualizada por Rui Rothe-Neves.

A inestimável contribuição de teóricos brasileiros e latino-americanos, como os irmãos Campos, Nelson Arschler, Octavio Paz, Borges, dentre outros, por sua extensão e caráter distintivo, integrará um outro livro, já em preparação.

Agradeço aos meus alunos da Pós-Graduação da UFMG por sua contribuição e pelo constante incentivo à pesquisa em tradução. A convivência e a pesquisa conjunta com eles constituem, para mim, o prazer do texto... e do magistério.

Agradeço particularmente ao meu colega de Departamento, Prof. Edson Lopes, e ao pesquisador do CNPq na UFMG, Dr. Fábio Alves. A divulgação de Katharina Reiß nesse volume não teria sido possível sem o valioso trabalho de outra colega na Pós-Graduação, Dra. Eliana Amarante.

Meus agradecimentos, no âmbito internacional, destinam-se à Dra. Susan Bassnett e ao Dr. André Lefevere. À Susan, com quem realizei parte do meu trabalho de doutoramento na Universidade de Warwick, sou grata pelas perspectivas abertas e entusiasmo pela disciplina. Ao André Lefevere, reitero, postumamente, meus agradecimentos pelas palavras de incentivo quando de sua leitura atenta do meu próprio trabalho publicado nesse volume na seção "Contextualizando a Tradução".

Ao Dr. Fábio Alves agradeço, também, pela colaboração na revisão final do volume.

A Marco Antônio e Alda Durães, companheiros constantes nos embates editoriais, meus agradecimentos pela viabilização deste volume.

Ao Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, meus agradecimentos pelo apoio à pesquisa e à sua divulgação.

Belo Horizonte, outubro de 1996.



# A VERTENTE CONTRASTIVA

# J.-P. VINAY, J. DARBELNET – *STYLISTIQUE COMPARÉE DU FRANÇAIS ET DE L'ANGLAIS: MÉTHODE DE TRADUCTION\**

Patrizia Collina Bastianetto\*\*

Vinay & Darbelnet fazem uma objetiva abordagem interlingual da tradução, valendo-se da estilística comparada, considerando a língua como expressão da visão de mundo de seus falantes.

Vinay e Darbelnet publicaram *Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction*, em 1958, como parte da série *Bibliothèque de Stylistique Comparée*. A. Malblanc, ao apresentar a obra ao leitor, esclarece que esta se destina ao público em geral, mas sobretudo aos estudantes de línguas estrangeiras. Estes, através da comparação sistemática entre a língua materna e aquela estudada, poderão constatar que as divergências existentes entre duas línguas estão relacionadas com as tendências específicas de cada uma. Este estudo vai além da gramática e do léxico, permitindo enxergar o "gênio" ou as peculiaridades da língua estrangeira e, através delas, aquelas da língua materna.

---

\* DARBELNET, J., VINAY, J.-P. *Stylistique comparée du français et de l'anglais: Méthode de traduction*. Paris: Didier/Beauchemin, 1960.

\*\* Professora Assistente de Língua e Literatura Italiana e Mestranda em Estudos Linguísticos na Faculdade de Letras da UFMG.

Os aprendizes de tradução, por sua vez, poderão constatar que a estilística comparada oferece uma nova técnica de abordagem dos problemas da tradução, que é válida para qualquer língua. Malblanc informa que Charles Bally<sup>1</sup>, “ao explicitar a teoria lingüística de F. de Saussure, criou o estudo da estilística francesa”. Vinay & Darbelnet, por sua vez, aplicaram aos problemas da tradução as bases da escola saussuriana e utilizaram os trabalhos que sucederam àqueles de Bally. Foi, portanto, na estilística e na lingüística estrutural saussuriana que Vinay & Darbelnet buscaram subsídios teóricos para este estudo sobre a tradução.

Ao concluir a apresentação da obra, Malblanc esclarece que Vinay & Darbelnet realizaram uma análise de estilística comparada entre a língua inglesa e francesa, a partir de textos contemporâneos da vida cotidiana como anúncios, avisos e trechos de jornais. Em seguida, a obra contém um glossário dos termos técnicos utilizados no livro.

No prefácio, os autores esclarecem que o livro originou-se de uma viagem que fizeram de Nova Iorque a Montreal. As placas de sinalização, escritas em inglês, eram muito claras, mas haviam sido redigidas de forma diferente de como eles, franceses, o fariam. Repararam, por exemplo, o aviso “slow children”, quando eles, Vinay & Darbelnet, esperariam ler algo parecido com “attention aux enfants” ou “ralentir école”, e, também, ver a imagem de duas crianças de mão dadas, andando pela estrada. Ambos, falantes de francês, não esperavam, nos avisos em inglês, a utilização de certas estruturas sintáticas e de determinados tempos verbais. No entanto, o estranhamento não residia no léxico, que era muito claro, e sim na postura semiológica.

Foi em função da estilística, e não pela natureza circunstante, que eles puderam perceber que estavam na América, um país anglo-saxônico. Chegando ao Canadá, os avisos passaram a ser em inglês e francês e, para Vinay & Darbelnet, ficou evidente que o francês

---

<sup>1</sup> Charles Bally (1865/1947), filólogo suíço-francês, catedrático em Estilística pela Universidade de Genebra como sucessor de Ferdinand de Saussure. In: *A Estilística*. Plere Guiraud. São Paulo: Ed. Mestre Jon, s.d. Miguel Mailet.

das placas não seria nunca o mesmo daquele que um monolíngüe francês produziria. Um exemplo claro disso estava na sinalização: encontraram, por exemplo, "slippery when wet", que em francês resultou em "glissant si humide", sendo que eles esperavam ler "chaussée glissante". Perplexos, hesitaram bastante antes de concluir que o problema residia na tradução. O léxico era sem dúvida francês, mas havia algo estranho, que soava estrangeiro. Perceberam, então, que a falha estava no fato de o texto haver sido traduzido para o francês com base no modelo lingüístico inglês. As palavras eram francesas e a forma inglesa. O tradutor não conseguiu produzir um texto em francês, que parecesse ter saído espontaneamente de um cérebro monolíngüe francês.

Vinay & Darbelnet concluíram que a tradução, operação de transferência de uma língua A para uma língua B, com o objetivo de expressar uma mesma realidade X, se baseia numa disciplina particular, de natureza comparada, cujo objetivo é evidenciar as características específicas de cada língua. Trata-se da *estilística comparada*, disciplina que reside no conhecimento de duas estruturas lingüísticas, dois léxicos, duas morfologias e, sobretudo, duas visões de mundo particulares que determinam a cultura, a literatura, a história, enfim, o "gênio" de cada língua. Dessa forma, os autores entendem que a estilística comparada e a tradução são indissociáveis, sendo que a estilística comparada parte da tradução para determinar as características de cada língua e o tradutor utiliza as informações da estilística comparada para realizar sua tradução.

Segue uma introdução na qual os autores discordam da afirmação geral de que a tradução é uma arte. Esta postura, apesar de conter um pouco de verdade, limita arbitrariamente a tradução como objeto de estudo. Vinay & Darbelnet afirmam que a tradução consiste numa disciplina da lingüística, que possui técnicas próprias e enfrenta problemas específicos. Para Vinay & Darbelnet, um conhecimento melhor dos métodos e procedimentos de tradução, assim como a assimilação e a utilização das técnicas específicas, possibilitarão encontrar um número cada vez maior de soluções e, só assim, será possível fazer da tradução uma arte.

Comparar duas línguas permite salientar o caráter e o comportamento específico de cada uma, desvendar traços que

permanecem invisíveis àquele que trabalha somente com um idioma.<sup>2</sup> Aos autores parece, portanto, que a tradução, pelo fato de observar o funcionamento de uma língua em relação a outra, constitui-se num procedimento de investigação e permite esclarecer fenômenos que, sem ela, seriam ignorados. Torna-se, desta forma, uma disciplina auxiliar da lingüística. O objetivo deste livro de Vinay & Darbelnet é examinar o funcionamento das partes do sistema que tornam possível expressar as idéias em funcionamento das outras línguas. Desta análise vai resultar uma teoria da tradução com base na estrutura lingüística e na psicologia de seus falantes.

Na introdução, são apresentadas noções básicas sobre significante e significado, significado e valor lingüístico, língua e fala, servidão *versus* opção, tradução literal, língua e estilística e níveis de língua.

Quanto à noção de significante e significado, Vinay & Darbelnet remetem à concepção de Saussure; para ele significado é sinônimo de conceito, e significante de imagem acústica. Os autores apontam o fato de que, se em um determinado contexto uma palavra tem um equivalente exato em outra língua, pode-se dizer que há um significado só, para dois significantes. Pode ocorrer, no entanto, a não correspondência entre o significado de dois significantes, como por exemplo, "bread" em inglês e "pain" em francês. Isso porque o pão, para o falante da cultura anglo-saxônica, não tem o mesmo aspecto e nem a mesma importância que tem o pão na França.

Em relação ao significado e valor lingüístico, os autores baseiam-se novamente em Saussure, que entende o significado como o sentido de um signo em um determinado contexto, e o valor como aquilo que opõe um signo a outros, não no enunciado, mas na língua. Vinay & Darbelnet retomam o exemplo de Saussure ao lembrarem a palavra francesa "mouton", que no contexto do pastor

---

<sup>2</sup> Um exemplo de traços que se desvendam pela comparação é, em português, comprar gêneros alimentícios ("fazer compras"), expressão em que se valoriza o ato de comprar, havendo portanto um ganho; em italiano, o mesmo ato corresponde a: "fare la spesa", expressão em que é realçado o ato de se gastar, como se houvesse uma perda. (N. da A.)

com as ovelhas tem o mesmo valor lingüístico de "sheep", em inglês. No entanto, este valor se perde no contexto alimentar, pois, também com relação à carne de animal, os franceses utilizam a mesma palavra "mouton", e os ingleses já não usam mais "sheep", e sim "mutton".<sup>3</sup>

Os autores tratam da língua e da fala também com base em Saussure. Ao conceito de língua correspondem as noções tradicionais de léxico e gramática, ao passo que a fala compreende o estilo, escrito ou falado, que caracteriza o enunciado. Vinay & Darbelnet constataam que a maioria das dificuldades encontradas na tradução relacionam-se mais com a fala do que com a língua.

Em relação à servidão e à opção, os autores afirmam que o tradutor deve saber distinguir o obrigatório do opcional, ou seja, aquilo que a língua impõe pela norma e que tem que ser obedecido, e o que lhe é facultativo, que lhe é possível escolher como sendo a melhor opção para traduzir aquela dada mensagem. Vinay & Darbelnet citam como exemplo o emprego do tempo imperfeito do modo subjuntivo que, em francês, não é mais tão obrigatório, tendo-se tornado uma opção. Outro exemplo, desta vez porém de servidão, é a expressão francesa "aller chercher", consagrada pelo uso desta forma. Não se trata de dois verbos unidos aleatoriamente, deve portanto ser traduzida expressando seu significado global que em inglês é "to fetch" e não "to go and look for".

Os autores abordam, em seguida, a questão da língua e a estilística, considerando a existência de dois tipos de estilística, a interna e a comparada externa. A estilística interna estuda os meios de expressão de uma língua, contrapondo os elementos sentimentais àqueles intelectuais,<sup>4</sup> trata daquilo que é opcional na língua. A estilística comparada externa, ou apenas comparada, "observa as características de uma língua através da comparação com uma outra

---

<sup>3</sup> No contexto alimentar, o valor lingüístico muda também em português: quando é feita referência à ovelha pela sua carne, esta é denominada carne de "carneiro". (N. da A.)

<sup>4</sup> Um exemplo em português poderiam ser os adjetivos "querido" e "prezado". (N. da A.)

língua". Somente quem compara, por exemplo, o francês e o inglês, percebe o uso mais freqüente de verbos pronominais no francês e a preferência do inglês pela voz passiva. Desta forma, Vinay & Darbelnet relacionam a tradução a "uma aplicação prática da estilística comparada".

Em seguida, Vinay & Darbelnet apresentam os vários níveis da língua falada e escrita, desde a gíria e a língua popular até a língua poética, passando pela língua familiar, a escrita e a literária. Tratam ainda da língua comum e da específica, assim como da administrativa, jurídica, científica etc. Vinay & Darbelnet enfatizam que o tradutor, ao traduzir, deve sempre garantir a manutenção do nível e do tom da língua de origem (doravante representada por LO). Os autores adotam a sigla LD, do francês *langue de départ*. (N. da A.)

Os autores dedicam a terceira parte da introdução ao exame das unidades sobre as quais o tradutor opera, que são: a unidade de tradução (doravante representada por UT), os três planos da estilística e os procedimentos técnicos da tradução.

A UT, para Vinay & Darbelnet, corresponde ao menor segmento do enunciado, cuja coesão de signos é tal que estes não devem ser traduzidos isoladamente. O tradutor parte do significado e, com base nele, efetua todas as operações de transferência dentro do domínio semântico. Para isso, o tradutor necessita de uma unidade que não seja exclusivamente formal, uma vez que ele não trabalha sobre a forma, mas sobre o pensamento, pois não traduz palavras, e sim idéias e sentimentos. Vinay & Darbelnet consideram os termos unidade de tradução, unidade lexicológica e unidade de pensamento como termos equivalentes, pois tais unidades expressam a mesma realidade, a partir de pontos de vista diferentes.

Os três planos da estilística externa aos quais os autores se referem são: o léxico, a distribuição ou sintaxe, e a mensagem.

Em relação ao léxico, quando há divergências entre aquela da LO e o da língua de recepção (doravante representada por LR), estas precisam ser analisadas, para que sejam entendidas e superadas. As diferenças interessam mais do que as semelhanças. Quanto mais duas línguas são estrutural e culturalmente próximas, maior o risco de confusão dos valores de cada léxico, fato este comprovado pelos falsos cognatos. Mesmo as palavras que não têm

semelhança exigem cuidado do tradutor, como é o caso, por exemplo, da palavra "street" em inglês que, dependendo do contexto, poderá ser traduzida por "chaussée" ou "rue" em francês.

Em relação à distribuição ou sintaxe, as UTs se organizam num plano horizontal, que Vinay & Darbelnet chamam distribuição ou relação sintagmática. A função e o valor das UTs são condicionadas pelo desenvolvimento dos enunciados em função de marcadores específicos para as variações da forma (morfologia) e da ordem (sintaxe).

Com relação à mensagem, os autores a percebem como sendo a moldura do enunciado, pois é o tipo de mensagem que determina o tom, o nível lingüístico e a ordem dos parágrafos. A mensagem se origina na metalingüística,<sup>5</sup> já que é o reflexo individual de situações, que são fenômenos extra-lingüísticos. Na exploração do texto, há fatos que não se explicam nem pelo léxico, nem pela sintaxe, pois estão numa realidade superior, chamada por alguns lingüistas de "contexto".

Concluindo a introdução, os autores apresentam os procedimentos técnicos de tradução, que se distribuem ao longo de dois eixos, aquele da tradução direta ou literal e o da tradução oblíqua. A tradução literal é possível quando há um paralelismo estrutural e metalingüístico entre a LO e a LR. No entanto, quando for necessário alterar a forma, será realizada uma tradução oblíqua sem, contudo, alterar o conteúdo ou a mensagem.

Vinay & Darbelnet apontam sete procedimentos técnicos de tradução, ordenados segundo o grau de dificuldade encontrado pelo tradutor, partindo do procedimento mais fácil para o mais complexo. Os primeiros três procedimentos apresentados correspondem à tradução direta e, os outros, à oblíqua. Segue uma síntese de cada um apresentado juntamente com a descrição de sua aplicação:

---

<sup>5</sup> O termo "metalingüística" aqui é empregado por Vinay & Darbelnet "conforme usado na década de 50, para indicar uma relação global do sistema lingüístico com os outros sistemas de comportamento na cultura em que se inserem". (Cf. Crystal, 1988.) (N. da A.)



- 1) o empréstimo, segundo Vinay & Darbelnet, é o procedimento mais fácil de todos, pois consiste em copiar, ou utilizar a própria palavra da LO, no texto da LR. Segundo Vinay & Darbelnet, este procedimento deve ser usado quando não houver, na LR, um significante que tenha o mesmo significado daquele empregado no texto de origem. Eles citam como exemplo o termo inglês "coroner" no enunciado: "The coroner spoke", traduzido para o francês por "Le coroner prit la parole". O empréstimo é justificado por não existir na língua francesa um termo para expressar o cargo de magistrado, equivalente à expressão anglo-saxônica "coroner".<sup>6</sup> Vinay & Darbelnet esclarecem que existem empréstimos antigos já reconhecidos no léxico, constituindo, portanto, uma servidão. Ao tradutor interessam os empréstimos novos;
- 2) o decalque é apresentado como o segundo procedimento de tradução direta. Vinay & Darbelnet o consideram um caso particular de empréstimo, por estender-se aos sintagmas, enquanto os anteriores se limitam a palavras isoladas. Há dois tipos de decalque: a) o decalque de expressão, que introduz novos modos de expressão, respeitando, porém, a estrutura sintática da LR, como em: "Season's greetings" em inglês que resulta em "Compliments de la saison" em francês, b) o decalque de estrutura, que introduz uma construção sintática nova à LR, como no caso de "Science-fiction", do inglês, que resulta "Science-fiction" em francês (sendo que a língua francesa exigiria a pós-posição do adjetivo);
- 3) a tradução literal palavra-por-palavra é o terceiro procedimento de tradução direta. Vinay & Darbelnet entendem que este procedimento deve ser utilizado sempre que a tradução resulte em um texto correto que respeite as

---

<sup>6</sup> Em português significa "Juiz investigador de casos de morte suspeita" (Cf. MICHAELIS Dicionário Inglês-Português Português-Inglês. São Paulo: Melhoramentos, 1987.) (N. da A.)

características formais, estruturais e estilísticas da LR. Ex.: "Where are you?" em inglês e "Où êtes-vous?" em francês. Para Vinay & Darbelnet, a tradução literal é, a princípio, um procedimento completo, único e reversível, pois a tradução inversa teria como resultado exatamente o texto original;

- 4) a transposição é o quarto procedimento técnico de tradução e o primeiro da tradução oblíqua. Consiste na substituição, no plano formal, de uma parte do discurso por outro, sem alterar o conteúdo da mensagem, como por exemplo, "dès son lever" em francês, que deve ser traduzido por "as soon as he gets up" ou "got up" em inglês. O substantivo "lever" na língua francesa foi traduzido em inglês pelo verbo "to get up". Neste caso, a transposição foi obrigatória, já que a estrutura do inglês não consegue expressar esta mensagem com um substantivo. Vinay & Darbelnet esclarecem que há, também, a transposição facultativa como em "après qu'il sera revenu" ou "après son retour", ambos traduzidos em inglês por "after he comes back" ou "after his return". Quando a transposição é facultativa, o tradutor deve utilizar a forma que proporcionar maior ganho estilístico;
- 5) a modulação é apresentada por Vinay & Darbelnet como o segundo procedimento da tradução oblíqua. Este procedimento envolve uma mudança do ponto de vista ou do foco. Justifica-se quando a tradução literal ou a transposição resultariam num enunciado formalmente correto, mas incompatível com o gênio da LR. A modulação pode ser obrigatória ou facultativa. Vinay & Darbelnet apresentam como exemplo de modulação obrigatória a expressão inglesa: "The time when...", correspondente à francesa "Le moment où...". No caso da modulação obrigatória, a frequência de uso, sua aceitação e a inscrição no dicionário ou na gramática, fazem com que qualquer pessoa que conheça perfeitamente a LO e a LR, não tenha nenhuma dúvida quanto à escolha. No entanto, no caso da modulação facultativa, chamada também livre, não haverá, ainda, inscrição no dicionário ou na gramática, o procedi-

mento será adotado toda vez que for necessário para expressar o enunciado na LR exatamente como faria um falante nativo daquela língua. Ao se procurar, através da modulação livre, a solução que a língua espera, esta, na verdade, não será mais tão facultativa. O exemplo apresentado é “It is not difficult to show...” traduzido por “Il est facile de démontrer...”; assim, uma modulação livre transforma-se numa modulação obrigatória ao tornar-se freqüente, ou ao ser percebida como a única solução possível. Esta transformação, de facultativa para obrigatória, completa-se quando a expressão é dicionarizada e reconhecida pelas gramáticas. A partir deste momento, a falta de modulação passa a ser considerada erro;

- 6) a *equivalência* é o terceiro procedimento da tradução oblíqua. Vinay & Darbelnet já demonstraram que dois textos podem expressar a mesma situação utilizando meios estilísticos e estruturais totalmente diversos. Há, neste caso, uma equivalência, processo que é utilizado principalmente na tradução de provérbios, idiotismos, clichês, locuções substantivas e adjetivas. A tradução dos provérbios ilustra bem o processo da equivalência, conforme o exemplo fornecido por Vinay & Darbelnet em que “Like a bull in a china shop”, foi traduzido em francês por: “Comme chien dans un jeu de quilles”;<sup>7</sup>
- 7) a *adaptação* é o último procedimento de tradução oblíqua que Vinay & Darbelnet apresentam. É utilizada em casos onde a situação extralingüística a que se refere a mensagem da LO não é prevista pela cultura da LR, devendo assim ser expressa através de uma outra situação, que o tradutor considera equivalente e plausível no contexto cultural da LR. Assim, por exemplo, o enunciado em inglês: “He kissed his daughter on the mouth”, seria adaptado em francês para: “Il serra tendrement sa fille dans ses bras”. O beijo,

---

<sup>7</sup> Em português: “como um touro numa loja de cristais”. (N. da A.)

que o pai dá à filha nos lábios, seria substituído, na tradução francesa, por um abraço, pois a cultura dos falantes de francês não prevê um comportamento como este. Não realizar as adaptações quando necessário, leva à produção de um texto correto, porém com um tom indefinido, algo que soa falso e revela, invariavelmente, que se trata de uma tradução.

Vinay & Darbelnet lembram também os problemas decorrentes de traduções realizadas por tradutores que não puderam ou não ousaram aventurar-se na tradução oblíqua como, por exemplo, efetuar alterações intelectuais, culturais e lingüísticas de documentos, manuais, artigos de jornais, legendas de filmes etc., problemas que se perpetuam ao longo da existência.

Os autores concluem esclarecendo que, numa mesma frase, podem ser utilizados mais de um procedimento técnico da tradução, e que determinadas traduções são submetidas, às vezes, a uma técnica complexa, difícil de se definir. Por exemplo, uma placa numa porta, com o termo inglês "Private" será traduzida em francês por "Défense d'entrer". Ocorre neste caso uma transposição (o adjetivo inglês "private" se transforma em sintagma nominal), uma modulação (passa-se de uma constatação a uma ordem) e uma equivalência, a tradução remete à situação expressa na LO, sem se preocupar com a aderência à estrutura da mesma.

Após a descrição da teoria lingüística que embasa o estudo da tradução, os autores organizam a obra em três partes, cada qual correspondente a um dos três planos de realização da tradução, ou seja, o plano lexical, o sintático e o da mensagem. Vinay & Darbelnet aplicam então os procedimentos de tradução acima descritos a cada um destes três planos.

A primeira parte é dividida em quatro capítulos que tratam respectivamente do plano real ou concreto e do plano abstrato, dos valores semânticos, dos aspectos lexicais e do léxico e a memória.

No **primeiro capítulo** da primeira parte, Vinay & Darbelnet esclarecem que a representação lingüística se realiza tanto no *plano real* ou *concreto*, através da palavra-imagem, quanto no plano

abstrato, através da palavra-signo. Os autores apresentam como exemplo a frase em inglês "He swam across the river", em francês será "Il traversa la rivière à la nage". Em inglês, este enunciado se organiza através da palavra-imagem, que é "river" e, em francês, através da palavra-signo, uma vez que "nage" está subordinada ao termo abstrato "traverser". Esta terminologia foi desenvolvida por Malblanc ao comparar o francês com o alemão (MALBLANC:1944). Sempre no âmbito do plano concreto *versus* o abstrato, Vinay & Darbelnet apontam algumas diferenças estilísticas que caracterizam o francês e o inglês. A princípio, o inglês prefere utilizar termos concretos com definições precisas de lugar e posições, e os correspondentes franceses tendem a serem mais abstratos. Por exemplo, "here" traduz-se por "ici", mas a língua inglesa não se satisfaz somente com a palavra "here", precisando de uma definição melhor e utilizará, então, "up here, down here, in here, out here, over here, back here", desconcertando, à priori, o francês, que não tem o hábito de especificar tanto a realidade. Outro exemplo apresentado pelos autores é a tradução do verbo "être", que em sentenças como: "Le tableau est au mur" e "Le livre est sur la table", o inglês utilizará uma palavra-imagem como: "The picture hangs on the wall" e "The book lies on the table". Vinay & Darbelnet apresentam muitos outros exemplos que confirmam o fato de a língua inglesa fazer maior distinção nos campos das percepções auditivas, visuais e psíquicas do que a francesa. Lembram, porém, que há alguns casos, apesar de raros, em que o francês é mais concreto do que o inglês como, por exemplo, o termo "bell" do inglês, que em francês pode ser: "cloche, clochette, sonnette, grelot, timbre" etc. Vinay & Darbelnet alertam que o inglês, por praticidade e falta de precisão, tende à generalização, empregando palavras que podem ser utilizadas em diversas situações, como: "conditions, facilities, development", ao contrário do francês que utiliza, para cada caso, o termo apropriado.

No **segundo capítulo** da primeira parte, os autores tratam dos *valores semânticos*, lembrando que os dicionários fornecem o significado das palavras, mas não explicam as diferenças de emprego. Vinay & Darbelnet alertam que um erro de tradução pode originar-se da falta, por parte do tradutor, de capacidade de

diferenciação entre dois termos que parecem, à primeira vista, intercambiáveis. Os autores tentam, neste capítulo, listar tais diferenças, que são tratadas a nível lexical. Mostram divergências de extensão das palavras de uma língua para a outra, esclarecendo que não há razão para duas palavras equivalentes em duas línguas diferentes terem a mesma extensão semântica. Vinay & Darbelnet voltam ao exemplo do "mouton" citado anteriormente.

Em relação à extensão semântica, os autores esclarecem que, quando uma língua faz uso de um termo com extensão semântica menor, pode-se falar em *particularização*; em oposição, quando há uma extensão semântica maior, pode-se falar em *generalização*. Dentre os exemplos de palavras em que o francês estabelece uma distinção e o inglês não, os autores citam: "guichet, fenêtre, devanture" em francês e "window" em inglês. O inverso (palavras em que o inglês estabelece uma distinção e o francês não), pode ser exemplificado por: "experience" e "experiment" em inglês e "expérience" em francês.

Em seguida, os autores analisam as palavras portadoras de significado *concreto* ou *próprio* e *abstrato* ou *figurado*. Lembram que algumas palavras, envelhecendo, perdem o significado concreto e guardam apenas aquele abstrato, o que pode confundir o tradutor iniciante já que os dicionários, nem sempre, assinalam as etapas da evolução. A palavra inglesa "motherly", por exemplo, tem um significado apenas figurado, ao passo que a palavra "maternal" é portadora tanto de significado próprio quanto de significado figurado.

Vinay & Darbelnet tratam então das *palavras de valor intelectual* e/ou *sentimental*, e lembram que certas palavras podem ter valor só intelectual e outras só sentimental, sendo que as últimas, as de valor sentimental, só podem ser utilizadas quando envolver o lado da sensibilidade. A maioria das palavras pode expressar tanto o valor sentimental, quanto o intelectual, de acordo com o contexto. Por exemplo, a palavra francesa "petit" abarca tanto o valor intelectual quanto aquele sentimental, no entanto, isto não ocorre no inglês, que utiliza dois adjetivos, "small" com conotação estritamente intelectual, e "little" para expressar o valor sentimental.

Os autores tratam em seguida dos vazios, lembrando que, apesar de estarem presentes em todas as línguas, eles não são, necessariamente, os mesmos em línguas diferentes. Uma dada situação pode não existir na LR ou até mesmo existir e não ser valorizada. Há casos, também, em que a situação existe nas duas línguas, no entanto, uma cultura tem necessidade de nomeá-la e a outra não.

Os autores abordam também os *falsos amigos*, que são palavras correspondentes em etimologia e forma, que por terem evoluído em duas culturas diferentes, adquiriram significados diferentes. Os falsos amigos se apresentam sob três aspectos diferentes: 1) aspecto semântico: quando há uma diferença no sentido. Um exemplo é "actual" em inglês, que corresponde a "réel" em francês, e seu correspondente formal francês "actuel" é traduzido para o inglês como "present"; 2) aspecto estilístico: quando os falsos amigos têm quase que o mesmo significado, mas há uma diferença de ordem estilística, a nível de valores sentimentais, que podem ser: pejorativos, laudativos ou neutros, valores intelectuais ou em relação ao meio. Por exemplo: "hostile", em francês, tem sempre uma conotação sentimental e em inglês pode assumir um valor intelectual, como em: "hostile forces", que é traduzido para o francês por "forces ennemies", e 3) aspecto estrutural: tratados por Vinay & Darbelnet no primeiro capítulo da terceira parte da obra.

Vinay & Darbelnet ressaltam que uma grande diferença estilística entre o inglês e o francês reside na preferência do inglês por palavras simples, de raiz germânica, em situações onde o francês adota palavras cultas, de origem greco-latina. São exemplos: "Plan quinquennal" em francês *versus* "Five-year plan" e "Eau potable" *versus* "Drinking water".

No **terceiro capítulo** da primeira parte, Vinay & Darbelnet tratam do *aspecto lexical* no nível: a) da *noção do aspecto*; b) do *aspecto intelectual*; e c) do *aspecto sentimental*.

A noção do aspecto existe tanto no léxico quanto na gramática. Vinay & Darbelnet lembram que BALLY (1944) reconhecia a presença do aspecto nos sufixos franceses "-age" e "-ment". Assim sendo, o aspecto é uma categoria semântica, que se manifesta com mais freqüência no nível intelectual e sentimental.

O aspecto no nível intelectual pode expressar: duração, frequência, pontualidade; pode ser incoativo (marca o começo da ação), iterativo (se aproxima do durativo e se confunde quando a ação se repete, como no ato de “martelar”), gradual, habitual ou crônico, terminal, coletivo, estático. São exemplos de manifestação do aspecto a nível intelectual: “monter à cheval” que terá um aspecto de duração quando significar “aller à cheval” e um aspecto incoativo quando significar “monter en selle”.

O aspecto no nível sentimental pode expressar: intensidade ou argumentação, atenuação ou diminuição, desenvoltura, perfeccionismo e caráter honorífico. É expresso por palavras que representam algo ou uma qualidade elevada a um alto índice de intensidade. Os autores assinalam que o verbo inglês “to sprawl”, por ser mais expressivo que “to spread”, será traduzido em francês por “s’étaler” ou, até mesmo, por “s’étaler largement”, e não por “s’étendre”. Os autores pretendem demonstrar que o aspecto é uma realidade lexical que interfere na tradução, uma vez que o léxico possui, também, seu superlativo etc., o que justifica um estudo deste gênero, pois o que é determinante é o sentido e não a forma.

No **quarto capítulo** da primeira parte, Vinay & Darbelnet tratam do *léxico* e da *memória*, lembrando que as palavras devem ser consideradas não só individualmente, como também em suas associações. Eles esclarecem que há dois tipos de associação: 1) a *associação sintagmática*, que agrupa as palavras em sintagmas na cadeia do discurso e está ligada à sintaxe, e 2) a *associação mnemônica*, que associa as palavras à memória e trata do léxico desvinculado da sintaxe. Uma outra categoria mencionada é aquela das *expressões paralelas*, que é formada por palavras que não são nem sinônimas nem antônimas, mas têm com estas algo em comum e representam os aspectos peculiares de uma idéia ou de alguma coisa genérica. A categoria de expressões paralelas remete a um termo geral, as palavras que a compõem estão no mesmo plano e não formam nunca uma gradação do tipo “frio”, “morno” e “quente”. Vinay & Darbelnet apresentam como exemplo de expressão paralela “forces armées” por “aéronautique”.

Os autores retomam o procedimento técnico da modulação, empregado quando é impossível realizar diretamente a passagem da



LO para a LR. Lembram que este procedimento acarreta uma mudança do ponto de vista e age sobre as categorias do pensamento. Vinay & Darbelnet fornecem como exemplos de *modulação lexical* as palavras francesas "pompier" e "bateau-pompe", que antigamente evocavam o meio de apagar um incêndio. Seus equivalentes ingleses "fireman" e "fire-boat" se originam da coisa a ser combatida e, apesar disso, o resultado semântico é o mesmo. Com exceção de pequenos detalhes técnicos, no exemplo acima, as palavras em francês, quanto as em inglês, evocam a mesma imagem.

Vinay & Darbelnet lembram que a modulação lexical pode ser definida pela contraposição de pontos de vista, como aquele da causa e efeito, do meio e resultado, da parte e o todo, de uma parte por outra, da transformação do ponto de vista, da troca da idéia, do abstrato e o concreto, como no caso de "Le dernier étage" em francês e seu equivalente inglês "The top floor".

O segundo plano a ser abordado por Vinay & Darbelnet é aquele da *distribuição*, entendida como relação sintagmática. Para demonstrar como a distribuição incide na estilística e, portanto, na tradução, Vinay & Darbelnet se apoiam na distinção feita por GALICHET (1949:48) entre espécies ou classes e categorias, que permitem uma nova classificação dos fatos morfológicos e sintáticos de acordo com o significado, fato intrínseco à estilística comparada. Este autor considera espécie ou classe o que a gramática tradicional chamava de partes do discurso. Para ele, a vantagem de utilizar este termo é de formar um agrupamento mais racional. Desta forma a classe nominal inclui o nome e o pronome; a classe dos adjuntos, o adjetivo e o advérbio; a classe das relações, a preposição e a conjunção. Uma outra noção que interessa às classes, é aquela das funções gramaticais, que é extremamente importante para o tradutor, sobretudo na realização de uma tradução oblíqua. As diferenças constatadas pelos gramáticos são, para os estudiosos da estilística e para o tradutor, os reflexos de um comportamento lingüístico que deve ser considerado na medida do possível.

Nesta segunda parte do livro, Vinay & Darbelnet propõem o estudo de problemas estilísticos decorrentes da não correspondência de classes e categorias entre as línguas francesa e inglesa,

exemplificando como tal problema é tratado na tradução. Os autores revêem, primeiramente, os problemas relacionados com as classes nominal, verbal e aquelas secundárias, como os adjuntos. Em seguida são estudadas as categorias principais comuns ao francês e ao inglês como: gênero, número, tempo, voz, modo e aspecto.

No **primeiro capítulo** da segunda parte, Vinay & Darbelnet tratam da *transposição*, ou seja, a substituição, no plano formal, de uma parte do discurso por outra, sem alterar o significado da mensagem. Ressaltam que este é, sem dúvida, o procedimento de tradução mais freqüente. Em seguida, relatam as várias substituições possíveis entre duas línguas, como aquela de um advérbio por um verbo; de um verbo por um substantivo ou preposição; de um substantivo por um advérbio ou um particípio e vice-versa; de um adjetivo por um substantivo ou um verbo; de uma locução preposicionada ou advérbio por adjetivo. São alguns exemplos: "He merely nodded" e "Il se contenta de faire oui de la tête"; (procedimento de transposição com mudança de classe de advérbio para verbo); "Before he comes back" e "Avant son retour" (verbo por nome); "In the early XIX<sup>th</sup> centure" e "au début du XIX<sup>e</sup> siècle" (adjetivo por nome). Vinay & Darbelnet observam que um bom exemplo de transposição e de modulação encontra-se nos avisos e cartazes como em "Staff only" traduzido por "Reservé au personnel".

No **segundo capítulo - A** da segunda parte, Vinay & Darbelnet tratam da tendência do francês de empregar o substantivo mais freqüentemente do que o inglês. O substantivo em francês ocupa um lugar privilegiado, não surpreendendo, portanto, o fato de que um verbo no imperativo em inglês seja substituído por um substantivo em francês, como em: 1) "No Parking" e "Défense de stationner"; 2) "Wet Paint" e "Attention à la peinture"; 3) "Slippery when wet" e "Chaussée glissante par temps humide".

A tendência geral em países bilíngües, onde as línguas se influenciam, é de traduzir os textos com base na estrutura da língua preponderante, resultando num decalque ou, neste caso específico, num anglicismo. Foi exatamente isto que gerou a reflexão de Vinay & Darbelnet e que resultou nesta obra de estilística comparada. Os autores haviam estranhado ao se depararem com as traduções: 1) "Ne stationnez pas"; 2) "Frais peinturé" e 3) "Glissant si humide".

Seu estranhamento, pois, tinha fundamento, a tradução não estava respeitando a tendência francesa de substantivação.

Vinay & Darbelnet lembram ainda que um número significativo de verbos em inglês só pode ser traduzido para o francês por locuções verbais, da mesma forma que o adjetivo inglês se transforma em locução adjetiva em francês e o advérbio em locução adverbial. Além do mais, a preposição inglesa torna-se locução preposicional em francês e o substantivo assume, muitas vezes, o papel de adjetivo qualificativo.

No **segundo capítulo - B**, os autores tratam da distribuição das palavras na oração. Demonstram que, ao descrever a realidade, o inglês acompanha geralmente a evolução dos fatos, como se fosse o desenvolvimento de um filme de ação. O francês, no entanto, enuncia antes o resultado e, em seguida, a maneira como a ação se desenvolveu. Trata-se do ritmo específico de cada língua, como na tradução da sentença francesa "Il a regardé dans le jardin" (resultado) "par la porte ouverte" (meio), que no inglês será "He gazed out of the open door" (meio) "into the garden" (resultado). A distribuição das palavras nas duas línguas é praticamente invertida, e é este fato que os autores denominam "chassé-croisé", algo tipo "ordem cruzada".

No **segundo capítulo - C**, os autores abordam o *reforço*, entendido como o ato de reforçar uma palavra que, sozinha, não expressa o sentido pleno da LO. Apresentam tipos de reforço que fazem uso de um substantivo, verbo, adjetivo, ou uma preposição, como em "Passengers to Paris" equivalente a "Voyageurs à destination de Paris"; "A man in a blue suit" traduzido por "Un homme vêtu d'un complet bleu"; "This is your receipt" e sua tradução "Reçu du client".

Em seguida os autores tratam dos marcadores, os elementos que identificam as classes. Trata-se essencialmente dos artigos, dos adjetivos demonstrativos e possessivos e dos pronomes pessoais. Enquanto o francês prefere utilizar o artigo definido todas as vezes que as coisas ou as pessoas representam uma categoria ou um conceito, o inglês opta pelo indefinido como no exemplo "I have an easy conscience" e a tradução "J'ai la conscience tranquille". Considerando a freqüente omissão do artigo definido em inglês,

quando usado, adquire um significado particular e pode até corresponder ao adjetivo demonstrativo do francês.

No **terceiro capítulo** da segunda parte, Vinay & Darbelnet tratam dos problemas estilísticos decorrentes das diferenças das categorias de *gênero, número, tempo, voz, modo e aspecto* em francês e em inglês. Em relação ao *gênero*, os autores entendem que se trata de um problema que interessa à estilística comparada apenas de forma indireta, pois, na maioria dos casos, o gênero é definido pela própria língua e o tradutor deve conhecê-lo. Os autores apresentam alguns casos que podem ser problemáticos, decorrentes de termos epicenos, da explicitação dos pronomes, do processo de personificação e derivação.

Em relação ao *número*, Vinay & Darbelnet lembram que, apesar da formação parecida nas duas línguas, não há correspondência absoluta quanto ao emprego. O inglês, por exemplo, utiliza palavras no singular com significado plural, que em francês têm que ser traduzidas no plural, como por exemplo: "Advice": "Des conselhos; Furniture: Des meubles". O inglês prefere o plural para definir as partes de um conjunto, enquanto que o francês contenta-se com o singular, como por exemplo: "The stairs: l'escalier".

Quanto à *caracterização*, Vinay & Darbelnet afirmam que o inglês é muito mais rico em adjetivos e advérbios do que o francês. Isso se deve em parte a motivos estruturais, uma vez que o inglês forma derivados com mais facilidade e pode utilizar um substantivo com a função de adjetivo. Além do mais, o emprego dos adjetivos é mais flexível no inglês. Por exemplo, no francês, os adjetivos que não têm valor qualificativo adquirem a forma de locução adjetiva, como em "le consul de France". Já o inglês não apresenta nenhuma restrição para constituir um adjetivo e dirá: "the French consul". Quanto aos advérbios, o inglês utiliza uma só palavra, reafirmando assim seu caráter sintético, enquanto que o francês utiliza uma locução, como por exemplo: "angrily" e "avec colère".

O *grau de comparação* revela diferenças que caracterizam as duas línguas. Quando a comparação se limita a dois elementos, o inglês utiliza o comparativo e não o superlativo como o francês. Desta forma, "aîné" será traduzido tanto por "elder" quanto por "eldest". Além do mais, o inglês utiliza o adjetivo no grau compa-

rativo, enquanto que o francês o deixa no grau positivo. O inglês dirá portanto: "The upper Rhine", "The lower part of the wall", "Sooner or later", o francês, ao invés, dirá: "Le haut Rhin", "Le bas du mur", "Tôt ou tard".

A noção de *tempo*, e a forma de expressá-lo, também difere, apesar da lista de tempos verbais ser parecida, com exceção das formas progressivas. O emprego do futuro ilustra bem esta diferença. Em ambas as línguas o futuro tem duas formas, a clássica, como em "I shall do" : "Je ferai" e o futuro progressivo, como "I am going to do" : "Je vais faire". Em francês utiliza-se o futuro progressivo quando a ação se realiza logo após seu enunciado. Desta forma, se alguém se apresenta para visitar um amigo e pergunta se pode vê-lo, se lhe for dito: "Je vais lui dire que vous êtes là", significará que o amigo será logo informado sobre a chegada da visita; no entanto, se for respondido: "Je lui dirai que vous êtes venu", a visita, sendo francesa, ficará bastante preocupada com o tempo da espera até ser recebida. O inglês, mesmo tendo as duas formas do futuro, não faz, neste caso, nenhuma diferença e a resposta, seja qual for a intenção do falante, começará sempre por: "I'll tell him ..."

Em relação à voz, Vinay & Darbelnet constatam que o inglês privilegia o uso da voz passiva e o francês da forma pronominal. O uso freqüente da voz passiva em inglês está relacionado com a estrutura da língua, pois o verbo não precisa de ser transitivo para adotar a forma passiva, como em: "The doctor was sent for" : "On envoya chercher le docteur". Isto explica-se também pela objetividade inglesa, que ao constatar um fato, o inglês o relata sem interpretá-lo e sem atribuir-lhe a causa ou definir o agente, como tendem a fazer os franceses. Os autores apresentam três possibilidades de tradução da passiva inglesa para o francês. 1) Transformação para a forma ativa com sujeito impessoal como em "You are wanted on the phone : On vous demande au téléphone"; 2) utilização da forma pronominal como em "It is not done : Cela ne se fait pas"; e 3) manutenção da forma passiva como em "All these signs of rapprochement between the Moslem world and the West are viewed with satisfaction everywhere but in Israel": "Tous ces signes de rapprochement entre l'Islam e l'Occident sont vus partout d'un bon oeil sauf dans l'Etat d'Israël". Os verbos

pronominais adotados com mais frequência pelo francês, podem ser traduzidos em inglês pela voz ativa ou passiva.

A *modalidade*, segundo Vinay & Darbelnet, expressa a postura do falante em relação ao seu enunciado, ou seja, se o mesmo o considera um fato, uma suposição, uma necessidade, etc. A modalidade varia, naturalmente, de uma língua para outra. Os verbos modais, por exemplo, não têm o mesmo uso em inglês e francês. Um exemplo é a forma de expressar a possibilidade, onde o verbo “pouvoir” pode ser traduzido tanto por “can” como por “may” : “Il peut venir” e “He can come” ou “He may come”. Para expressar a idéia do inglês “may”, o francês utilizará as formas “il se peut que...”, ou “Il est possible que...” e/ou “peut-être...”. Um outro exemplo é a não tradução do verbo “can”, quando este está associado aos verbos de percepção, como em “I can hear him”, que no francês é “Je l’entends”.

Em seguida, Vinay & Darbelnet confrontam o emprego dos verbos modais “devoir” em francês e “must” em inglês, mostrando como cada um expressa a probabilidade, a certeza, a negação e a ordem.

Os autores tratam também do *aspecto verbal* e ressaltam como o inglês e o francês expressam os aspectos progressivo, durativo, habitual, permanente, ocasional e o emprego do particípio. O tempo imperfeito em francês, por exemplo, expressa o desenrolar de uma ação sem especificar o começo e o fim, ressaltando pois o aspecto durativo. Uma vez que a língua inglesa não reconhece facilmente esta nuance, os falantes do inglês têm dificuldade em estabelecer quando o seu passado deve ser traduzido em francês para o tempo imperfeito ou para o pretérito perfeito. Existem inclusive três ou quatro verbos que conseguem realizar a distinção entre imperfeito e passado – simples ou composto – em francês, mudando uma palavra ao traduzir para o inglês. São exemplos: “Il voulait s’enfuir” : “He wanted to run away” e “Il voulut s’enfuir” : “He tried to run away”.

Com referência ao particípio presente, Vinay & Darbelnet constatarem que, quando há simultaneidade de ação, ambas as línguas podem utilizar o gerúndio e o particípio presente para expressar uma das duas ações, como em “Il s’est foulé la cheville en descendant l’escalier” : “He sprained his ankle in going down the

stairs". No entanto, é necessário muita atenção quando o inglês utilizar o particípio presente de forma idiomática, pois neste caso, o francês utiliza uma oração coordenada, como em "He left his bags in the luggage office, giving his real name" : "Il laisse ses valises à la consigne et donna son vrai nom". Muitas vezes, o particípio passado do inglês é traduzido por uma oração relativa ou por uma subordinada, como em "The door was jammed by a fallen beam" : "La porte était coincée par une poutre qui était tombée".

No **quarto capítulo** da segunda parte, Vinay & Darbelnet abordam os sintagmas e lembram que, para traduzi-los, geralmente, é necessário alterar a estrutura, como nos seguintes casos: "A benignant middle-aged officer in the uniform of an infantry colonel..." : "Un officier entre deux âges et d'aspect débonnaire, en uniforme de colonel d'infanterie...". No caso da *elipse* em inglês, o francês opta pela representação, enunciando o complemento do verbo, enquanto o inglês o subentende. São exemplos: "We must tell him" : "Il faut le lui dire".

O terceiro plano da estilística comparada, apresentado pelos autores, é a *mensagem*, que consiste na soma dos significados do enunciado com base numa realidade extralingüística, que mostra as reações psicológicas dos interlocutores. Nesta **terceira parte** da obra, Vinay & Darbelnet estudam a mensagem no contexto lingüístico e situacional. Trata-se de sete capítulos que abordam os seguintes assuntos: 1) *mensagem e situação*; 2) *traços prosódicos*; 3) *ordenação*; 4) *articulação*; 5) *modulação*; 6) *equivalência e alusão*; e 7) *adaptação e metalingüística*.

No **primeiro capítulo** desta terceira parte referente à *mensagem e situação*, os autores lembram que o sentido de um enunciado se manifesta de maneiras variadas, podendo ser classificado em três tipos: 1) o sentido estrutural, que resulta da combinação de elementos lexicais e estruturais; 2) o sentido global, definido pelo contexto, pois há casos em que a estrutura sozinha não consegue explicitar a totalidade da mensagem; e 3) casos em que a tradução não depende unicamente da estrutura e do contexto mas, também, da situação.

Os autores alertam sobre o perigo que os falsos cognatos, ou falsos amigos, representam para a compreensão da mensagem, que

foram analisados por Vinay & Darbelnet no nível semântico e estilístico na parte da obra relativa ao léxico (segundo capítulo da primeira parte). Eles assinalam também um outro tipo de *falsos cognatos* que se manifesta no *nível estrutural*, que são as expressões que não significam aquilo que a análise de seus elementos parece indicar. Nestes casos, o sentido global difere do estrutural. São exemplos: "Dear Sir" do inglês que equivale a "Monsieur" e não a "Cher Monsieur"; "Be sure that..." que corresponde a "Assurez-vous que..." e não a "Soyez sûr que...".

Sempre em relação à compreensão da mensagem e à situação, Vinay & Darbelnet lembram que a situação não está nos dicionários e somente seu estudo e entendimento permitem decidir o significado de uma mensagem. Aqui reside a tarefa da estilística comparada: trazer à luz as interpretações diferentes de fatos idênticos, analisados por dois grupos lingüísticos distintos. Os autores até chegam a afirmar que, quando uma frase se deixa traduzir literalmente, significa que há algo em comum entre as duas línguas no plano cultural, conceitual e filosófico. Para Vinay & Darbelnet, este é o problema mais delicado que o tradutor enfrenta, havendo, para resolvê-lo, somente o recurso do conhecimento do homem, de sua filosofia e de seu meio.

Os *traços prosódicos* constituem um elemento ativo da mensagem e se encontram em todos os níveis da análise lingüística. Estão no plano fonético, em que a intonação constitui um elemento diferenciador graças à variação melódica; no lexical, sobretudo pelo papel desempenhado pela negação "ne" em francês; no plano sintático, através da concordância dos tempos e, enfim, no plano estilístico, através da modulação e da compensação.

Outros traços prosódicos mencionados pelo autores são a *pontuação*, a *diluição* e a *concentração* como "ne...pas" e "not", a *amplificação*, que é um tipo de reforço, e a *economia*, que se refere à opinião comum de que o inglês é mais conciso que o francês. Não podemos esquecer que a tendência de um texto traduzido é de ser mais longo do que seu original, isso acontece tanto por prudência quanto por incapacidade do tradutor.

Em seguida, Vinay & Darbelnet tratam da *compensação*, definida como um procedimento que garante uma tradução sem



perdas de conteúdo e que resguarda o tom do conjunto, recuperando aquilo que não foi possível expressar através dos mesmos meios utilizados na LO. Este procedimento oferece ao tradutor uma certa liberdade de ação, essencial a uma boa tradução.

Os autores abordam também a questão da *retradução* e da noção de *margem*. Lembram que quando um tradutor adota procedimentos de amplificação, compensação e/ou outros, não o faz de forma automática, pois se trata de uma opção voluntária e não obrigatória. Para avaliar a exatidão de uma tradução, o tradutor poderá delimitar as UTs na LO e, ao analisar a tradução, as encontrará na LR, freqüentemente em outra ordem ou com outra distribuição. Se o texto foi submetido a um processo de compensação, amplificação etc., não é garantido que a retradução leve exatamente ao texto original. O sentido, porém, continuará o mesmo. Em outras palavras, ao fazer o caminho inverso, o tradutor pode estar perante duas opções e não escolher exatamente aquela que o leva de volta ao texto original. Vinay & Darbelnet admitem que o tradutor que refaz a tradução tem uma certa margem de liberdade, sem afetar, no entanto, o sentido global da mensagem. Às vezes, a escolha reflete preferências pessoais, bagagem cultural do tradutor, etc.

Vinay & Darbelnet lembram que é importante diferenciar a noção de *margem* daquela de *divergência*. Dois tradutores, escrevendo na mesma época, encontrarão soluções parecidas; separados por séculos, no entanto, encontrarão soluções aparentemente divergentes. Trata-se de um problema de mudança lingüística e caberá ao pesquisador de lingüística histórica provar que as soluções são, na verdade, idênticas.

Os autores abordam a seguir o problema da tradução das *metáforas* e esclarecem que há duas possibilidades. A primeira é de correspondência total, ou quase total, das metáforas de uma língua para outra, como em: "His life hangs by a thread" : "Sa vie ne tient qu'à un fil". Isto ocorre freqüentemente quando as culturas das duas línguas têm tradições em comum e, sobretudo, quando se trata de clichês. A segunda possibilidade é de um tipo de metáfora cuja tradução literal não é possível. Neste caso será necessário recorrer ao procedimento de tradução da equivalência; desta forma será

garantida a transmissão do significado da metáfora, como em: "As like as two peas" : "Comme deux gouttes d'eau."

O **terceiro capítulo** da terceira parte trata da *ordenação* ou da *distribuição dos elementos lingüísticos*. Os autores apontam para a ordem gramatical, que é específica para cada língua, e para a ordem psicológica, que põe em evidência a fala e, às vezes, também a língua. Uma alteração na ordem dos elementos lingüísticos pode alterar o sentido. Trata-se de uma manifestação externa de uma realidade psicológica interna, que pode ser chamada de várias formas, como: visão interior, representação subjetiva e, em determinados contextos, personificação ou animismo. A língua francesa, por exemplo, prefere representar as coisas através de um sujeito, enquanto as línguas alemã e inglesa são mais objetivas, como por exemplo: "Today is Thursday" e "Nous sommes jeudi aujourd'hui".

No **quarto capítulo**, Vinay & Darbelnet tratam da *articulação* no enunciado e das palavras funcionais, como as preposições, conjunções e advérbios, analisados a partir de sua função dêitica, ou seja, na situação espaço-temporal.

No **quinto capítulo** os autores abordam o tema da *modulação* na mensagem que, na estilística comparada, representa uma mudança do ponto de vista. Esta mudança não é condicionada somente pela estrutura, pois, se assim fosse, deveria ser considerada um fenômeno fixo, e, no entanto, em quase sua totalidade, a modulação se justifica por fatores metalingüísticos. Vinay & Darbelnet entendem que a modulação ressalta as duas posturas mentais divergentes sobre uma mesma situação. Desta forma, o verbo inglês "to fill" não poderá ser traduzido em francês por "avoir le ventre pleine", pois por tabus culturais esta expressão é considerada vulgar, e o tradutor deverá optar por uma mudança do ponto de vista. Sendo assim, a propaganda "Coca-Cola refreshes without filling" ou "Coca-Cola does not fill", foi submetida a uma modulação ao ser traduzida para o francês, resultando em "La boisson légère, qui rafraîchit". O uso do procedimento da modulação distingue o bom tradutor daquele menos experiente, que não sente a necessidade ou não tem coragem de se aventurar a utilizar esta técnica.

No **sexto capítulo** Vinay & Darbelnet tratam da *equivalência* e da *alusão*. A equivalência, assim como a modulação, pertence à

categoria da tradução oblíqua e decorre de uma mudança do ponto de vista em relação à LO. No entanto, vai muito além da palavra. A equivalência nasce, na verdade, da complexidade da situação expressa pela LO, que não nos permite efetuar as operações habituais de tradução, exigindo que o tradutor dê conta de uma situação, utilizando outros meios estilísticos e estruturais. A UT deverá se abandonar em favor da compreensão, ou seja, o procedimento de tradução da equivalência abandona por completo o nível estrutural para considerar somente aquele metalingüístico. Vinay & Darbelnet exemplificam com "Take one" que, considerando-se apenas a UT, poderia ser traduzido como "Prenez-en un", tradução esta aceitável. Numa loja, porém, perante uma pilha de caixas, a tradução será: "Echantillon gratuit", ou seja, amostra grátis.

A *alusão*, é um procedimento que remete a acontecimentos históricos, a valores culturais e sociais específicos, exigindo do tradutor um contato quotidiano com a cultura e a civilização da LO.

No **sétimo capítulo** da terceira parte, Vinay & Darbelnet destacam o procedimento da *adaptação* e os  *fatos metalingüísticos*. Os autores retomam a questão da relação entre o mundo exterior, tal qual ele é concebido, e a forma lingüística utilizada para expressar os pensamentos e a cultura. Vinay & Darbelnet confirmam a existência desta relação e destacam que seu reconhecimento é fundamental, o que não é novidade, pois já havia sido formulado ou, pelo menos ventilado anteriormente por Vossler, Cassirer, von Humboldt, Bally e Malblanc. Os termos utilizados para expressar essa relação da concepção do mundo com a língua ou, da "Weltanschauung" com a estrutura lingüística, foram diversos. Para Vinay & Darbelnet, o termo talvez mais comum seja aquele que faz referência ao "gênio" da língua. Para os autores é a metalingüística que une os fatos sociais, culturais e psicológicos às estruturas lingüísticas, havendo portanto uma interação entre o universo e a língua.

Uma vez aceita a idéia de que uma língua é ao mesmo tempo o espelho de uma cultura e seu instrumento de análise, não é de se admirar que as divergências entre duas línguas se manifestem de maneira mais numerosa a nível metalingüístico. Por conseqüência, quanto maior for a divergência cultural entre duas línguas, mais difícil será a tradução. Os autores remetem a Nida ao lembrar que,

por exemplo, alguns povos indianos não têm, em seu léxico, as palavras irmão ou irmã, não tomam vinho e, assim, por razões culturais, não entendem passagens essenciais da Bíblia. Para estes casos, Nida propõe que a tradução seja feita através da *adaptação*, que permite preservar o sentido, buscando os significantes em outros campos semânticos. Neste contexto, os etnólogos estão sempre procurando abordagens diferentes de uma mesma realidade para atender a determinadas culturas, como por exemplo, a forma de expressar cores, a noção do tempo, o sistema de medidas etc... É comum, também, suprir as lacunas metalingüísticas com lacunas lingüísticas, como no caso de "mie" em francês que, em inglês, poderá ser traduzido apenas por "soft part of the bread", uma vez que o pão inglês é produzido de tal forma que o consumidor dispensa a especificação lingüística entre "mie" (miolo) e "croûte" (casca), como fazem os franceses. Vinay & Darbelnet consideram, portanto, legítimo procurar uma explicação de certos fenômenos lingüísticos, sobretudo daqueles inerentes à estilística, fora da estrutura lingüística pura e simples.

Vinay & Darbelnet concluem a obra tecendo comentários em relação às reflexões de André Gide sobre a tradução, manifestadas no prefácio da tradução do primeiro ato do *Hamlet*. Os autores expressam seu ponto de vista, abordando cada um dos itens avaliados por Gide.

Retomam a questão de se efetuar uma tradução literal ou livre, concluindo que, na verdade, não se trata de escolher entre uma tradução literal e uma livre, mas sim entre uma tradução exata e uma inexata. Ressaltam ainda que, graças à contribuição da estilística comparada, deveria ser possível não se afastar de uma tradução literal, a não ser quando fosse necessário para atender às exigências da LR. Isto significa que a tradução literal deve ser privilegiada, e que a tradução indireta deve ser adotada somente por motivos de ordem estrutural ou metalingüísticos, garantindo, desta forma, a preservação do significado.

Em seguida Vinay & Darbelnet confirmam ser verdade que não se deve traduzir palavras, e sim mensagens que, muitas vezes, não se restringem às palavras, mas abrangem uma frase inteira. Isto não significa, no entanto, que o recorte do enunciado para a

definição da UT deva necessariamente coincidir com as frases. Os autores lembram que, ao propor os sete procedimentos técnicos da tradução, apresentaram quatro que se afastam da tradução literal para adotarem aquela indireta. Nestes casos, é indispensável que o tradutor saiba qual é o limite máximo permitido de afastamento. E, para isto, Vinay & Darbelnet, concordando com Gide, declaram que o tradutor deve dominar tanto a LO quanto a LR, sendo que, em princípio, esta última deveria ser sua língua materna.

Vinay & Darbelnet concluem ter as mesmas preocupações e pontos de vista de Gide, com exceção da escolha dos métodos de tradução. Enquanto Gide confia na inspiração e na arte, Vinay & Darbelnet preferem procedimentos de tradução cuidadosamente elaborados, que resultam da comparação metódica entre duas línguas. Para eles, um estudo estilístico comparado, como este entre o francês e o inglês, deve se apoiar em distinções fundamentais, como: de um lado, a oposição e interação entre as estruturas e os pontos de vista, que são tanto causa quanto efeito das estruturas, e, de outro, a oposição entre palavra-imagem e palavra-signo, que permitiu elucidar um grande número das divergências constatadas entre o francês e o inglês. Vinay & Darbelnet destacam que esta distinção revelou-se extremamente útil e eles, autores, devem isso a Malblanc.

Os autores completam sua obra de estilística comparada do francês e inglês com um apêndice, que trata da importância, para o tradutor, de reunir uma ampla documentação para pesquisa. Exemplificam como pode ser feito o recorte do texto para definir as UTs e, finalmente, apresentam sete textos em inglês e sua tradução francesa com os comentários dos procedimentos de tradução adotados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique française*. 2ª ed. Berna: Francke, 1944.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- GALICHET, G. *Physiologie de la langue française*. Paris: P.U.F., 1949. Collection "Que sais-je?" n. 392.
- MALBLANC, A. *Pour une stylistique comparée du français et de l'allemand*. Paris: Didier, 1944.
- MICHAELIS. *Dicionário Inglês - Português/Português - Inglês*. São Paulo: Melhoramentos, 1987.
- DARBELNET, J., VINAY, J.-P. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Méthode de traduction. Paris: Didier/Beauchemin, 1960.

# VÁZQUEZ-AYORA: INTRODUCCIÓN A LA TRADUCTOLOGÍA\*

José Luiz Vila Real Gonçalves \*\*

É importante destacar que a obra aqui resumida é bastante extensa, podendo ser considerada como um manual sobre questões teóricas e práticas a ser consultado por tradutores (principalmente por tradutores do inglês para o espanhol). Por esta razão e dada a natureza sucinta deste trabalho, procurou-se aqui sintetizar os pontos principais contidos na obra e omitiu-se a grande maioria dos exemplos apresentados.

Na **Introdução** (p.1-7), o autor explicita abordar a tradução como um ramo da lingüística aplicada através da análise gerativo-transformacional e a define como transferência de idéias de uma língua-cultura para outra. Vázquez-Ayora descreve, ainda nesse capítulo introdutório, a organização dos capítulos subseqüentes: os primeiros dedicam-se ao enfoque lingüístico (análise), parte mais extensa; há um capítulo que trata do discurso (no qual se trata a fundo da questão da macroestrutura textual); depois são abordados os procedimentos de tradução; e, por fim, os últimos capítulos tratam da revisão e crítica de traduções. O autor ressalva que essa obra é relativamente ambiciosa por ser um dos poucos estudos feitos

---

\* VÁZQUEZ-AYORA, Gerardo. *Introducción a la traductología - Curso básico de traducción*. Georgetown: Georgetown University, 1977.

\*\* Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da UFMG.

em língua espanhola no campo da tradução, o que, em relação a língua inglesa, já se encontra em fase bastante adiantada; por isso, argumenta, não está isenta de erros.

Comenta que o objetivo da obra não é atender a especulações de lingüistas ou gramáticos, mas tão somente oferecer subsídios práticos ao tradutor. Coloca-se como meta dessa “a explicação dos fenômenos e do processo da tradução por meio da teoria lingüística.” (VÁZQUEZ-AYORA, 1977:3).<sup>1</sup> Pretende também libertar a tradução do literalismo milenar e provar a possibilidade científica da tradução. Adota o termo **TRADUTOLOGIA** para definir os estudos de tradução então propostos; este termo foi primeiramente proposto por Brian Harris,<sup>2</sup> que visava o estudo prático e teórico da tradução.

A grande contribuição teórica se dá pela proposição da Gramática Gerativo-Transformacional como instrumento de análise para o tradutor e a contribuição prática deve-se principalmente à mudança em relação à unidade de tradução – o texto passa a ser visto como um sistema. Os teóricos que embasam as perspectivas abordadas na obra são: a) Saussure, Martinet, Chomsky, o grupo do MIT, Fillmore, Katz, Postal, Fodor, Chafe, Lakoff, entre outros (teorias lingüísticas); b) Stockwell, Chafe, Di Pietro, Hadlich, entre outros (análise contrastiva); c) Nida, Bally, Greimas, Guiraud, Cressot, Enkvist, Turner, Castagnino, García de Diego, e outros (estilística).<sup>3</sup> Neste último grupo, com exceção de Bally e Greimas, a atenção estava voltada para a teoria da literatura e para a poética, cujos objetivos divergem dos da tradutologia. Em relação aos procedimentos técnicos, temos como principais formuladores Bally, Panneton, Malblanc, Vinay e Darbelnet, Bart, A. Clas e Rey, entre outros.

Propõe que o ensino de tradução deverá compreender a análise lingüística e a execução estilística de forma integrada e que o tradutor deverá ter amplo conhecimento das línguas e literaturas com as quais trabalha.

---

<sup>1</sup> Esta e todas as citações são traduções minhas.

<sup>2</sup> Sem referência no original.

<sup>3</sup> Todos esses autores são apresentados no original sem as respectivas datas de publicação. As referências completas encontram-se na Bibliografia.



No **capítulo 1** (p.8-24), intitulado **Análise Preliminar do Texto**, o autor propõe como procedimento básico, antes de se traduzir, uma análise que divida o texto em “unidades de pensamento”; só depois disto devem se transferir as idéias. Na seção **1.1., Unidades de Análise** (p.8-16), afirma que a palavra não pode ser considerada a unidade de tradução; esta é chamada de unidade de pensamento ou unidade lexicológica que, segundo Henry van Hoff, é “a menor combinação de palavras que contribuem para a expressão de um único fragmento de mensagem e cujo grau de interdependência é tal que não pode ser traduzido isoladamente” (VÁZQUEZ-AYORA, 1977:9-10).

O autor classifica as unidades de tradução com base nos seguintes critérios: **1.** de acordo com a sua função: a) funcionais – quando desempenham a mesma função gramatical, b) semânticas – pertencem a mesma unidade de sentido, c) dialéticas – são aquelas que articulam o raciocínio, d) prosódicas – são aquelas cujos elementos participam de uma “mesma entonação”; **2.** de acordo com as palavras do texto: a) simples – cada palavra corresponde a uma unidade, b) diluídas – são aquelas em que várias palavras formam uma unidade lexicológica (a medida que), c) fracionárias – são partes de palavras; ou **3.** de acordo com critérios variáveis: a) grupos unificados (frases feitas, etc.); b) agrupamento por afinidade (locuções de intensidade, locuções verbais, perífrases usuais, etc) (VÁZQUEZ-AYORA, 1977:13-14).

Na seção **1.2., Segmentação do Texto** (p.16-21), são propostos dois tipos de segmentação de textos: a) segmentação lexicológica ou de sentido: segmenta o texto em unidades mínimas de sentido; e b) segmentação em unidades maiores: segue a prática tradicional de que o enunciado é composto de uma hierarquia sintática (sintagmas).

Na seção **1.3., Transferência e Verificação** (p.22-24), propõem-se os seguintes procedimentos: depois de identificadas as unidades de tradução, passa-se para a busca de correspondências e, em seguida, à fase de reestruturação dos significados analisados. Propõe-se finalmente a verificação através da tradução inversa, a qual deve resultar em uma versão semelhante ao texto da Língua Original (LO), permitindo-se uma certa margem de liberdade.

O capítulo 2, **Linguística Aplicada à Tradução** (p.25-67), aborda teorias linguísticas relacionadas à tradução.

Na seção 2.1., **Questões Gerais** (p.25-32), destaca a importância do signo linguístico saussuriano para a tradutologia – o significante e o significado são colocados paralelamente à forma e ao sentido perseguido pelo tradutor. Entretanto, concebe o signo linguístico não como a palavra, mas como uma unidade de sentido maior [unidade de pensamento/tradução]. Argumenta que um signo linguístico na LO nem sempre encontrará um correspondente na Língua de Tradução (LT) que tenha o mesmo campo semântico; poderá haver acúmulo ou diluição de significados ou ocorrência de sentido figurado de um em relação ao outro.

Baseando-se em Mounin, o autor propõe que a arbitrariedade do signo não se limita às unidades menores somente, mas estende-se também aos grandes signos (expressões inteiras). Chama também a atenção para a importância do contexto para a tradução, uma vez que este delimita e define o significado das palavras – aqui destaca a relação entre língua e fala: a significação se concretiza efetivamente através da fala (em oposição à língua), a qual só se realiza dentro de um contexto.

Destaca que o tradutor lidará necessariamente com dois tipos de operações no processo tradutório: as operações obrigatórias, que o autor chama de “tirantias da língua” por não darem nenhuma margem à criatividade ou subjetividade do tradutor – são operações que têm necessariamente que ser executadas; e as operações opcionais, que o autor denomina “liberdades da língua” e que apresentam mais riscos para o tradutor.

Na seção 2.2. (p.32-37), trata da **Análise da Experiência**. Observa que as línguas/culturas têm formas particulares de perceberem determinados fenômenos que muitas vezes não são percebidos por outras línguas/culturas, o que em muitos casos gera problemas para a tradução. Ressalva que existem, entretanto, os universais linguísticos, que são características comuns a todas as línguas e que facilitam o trabalho do tradutor.

Na seção 2.3., **As Novas Tendências** (p.37-53), o autor propõe a introdução da análise gerativo-transformacional no modelo teórico da tradução. Afirma que, através da estrutura

profunda, seria possível captar o significado essencial de qualquer enunciado.

O autor afirma que o tradutor precisa não só da 'competência gerativa', mas sobretudo do 'desempenho gerativo'<sup>4</sup> na LT.

Alerta que o excesso de exposição do tradutor à LO pode ocasionar interferências lingüísticas – fenômeno indesejável à boa tradução. Afirma também que a análise contrastiva é importante porque mostra diferenças e semelhanças entre as línguas envolvidas na tradução.

Para o autor, segundo o modelo gerativo-transformacional (GT), a transferência deve ocorrer no 'nível pré-nuclear' (neste nível a distorção é mínima). Na página 49, encontra-se um diagrama, denominado pelo autor como Modelo Transformacional da Tradução, que sintetiza o processo de transferência proposto na obra. O autor afirma que, nesse modelo, o processo mais complexo refere-se à reestruturação devido à multiplicidade de possibilidades estilísticas do aspecto gerativo da LT.

Na seção 2.4., **Situação Atual da Semântica** (p.53-67), são tratados aspectos semânticos importantes para a tradução. Chama a atenção para o fato de que a significação é o insumo e o produto da tradução, portanto a semântica constitui uma disciplina de suma importância para a tradutologia, apesar de ter sido menosprezada e pouco desenvolvida por muito tempo. Observa que não se deve confundir significação ou sentido com significado (fase conceitual do signo lingüístico saussuriano).

O autor destaca que a significação apresenta aspectos 'afetivos' e 'intelectuais' (conotativos X denotativos) – chama a atenção nesse ponto para o fato de que a sinonímia limita-se ao aspecto denotativo; é preciso atentar para o aspecto 'afetivo' da significação, que geralmente é identificado contextualmente, e para a significação 'exocêntrica' (expressões idiomáticas, frases feitas, modismos, jargões, etc). Face a isso, tem-se a linguagem literária que caracteriza-se pela transgressão das regras de subcategorização

---

<sup>4</sup> Lembramos que os termos 'competência gerativa' e 'desempenho gerativo' partem da noção de *competência* e *desempenho*, proposta por Saussure (1969), aliada ao conceito de gerativismo, proposto por Chomsky (1957). (N. do A.)

semântica, o que pode gerar, numa primeira análise, aberrações lógicas. Por isso o tradutor precisa ter condições gerativas e criativas.

Propõe nesta seção dois tipos de semântica: uma léxica (que trataria da significação dos monemas [unidades lexicais] em separado) e uma combinatória (que estaria relacionada com a estruturação sintática – daí se afirmar que a semântica e a sintaxe não podem ser tratadas separadamente, isto é, uma é dependente da outra e ambas são mutuamente interferentes. Destaca, ainda, que as diferenças metalingüísticas entre as culturas fazem com que a tradução ocorra não só no nível lingüístico, mas principalmente no nível cultural. O autor conclui que a teoria GT também não dá conta da descrição semântica.

Define o tradutor como estilista-comparativista. As transformações ocorridas no processo de reestruturação são de grande importância para a estilística. Assim chama de “geratividade” o processo de transformação de estruturas fundamentais (profundas) em estruturas elaboradas (de superfície) através de técnicas de reordenamento, adição e supressão (em resumo, decodificação de mensagens).

O autor argumenta que, em geral, o tradutor só é capaz de inovar na sua língua materna. Isto equivale a dizer que sua “geratividade” é mais eficiente na língua de tradução que seja materna.

No **capítulo 3**, intitulado **A Estilística** (p.68-101), Vázquez-Ayora afirma que a estilística trata do que é opcional, enquanto a gramática trata do que é obrigatório na tradução.

A seção **3.1., A Estilística Diferencial** (p.68-81), propõe que na gramática GT a estilística corresponderia ao processo de transformações que ocorrem entre a estrutura profunda e a superficial. O autor diferencia estilo de estilística: o estilo refere-se a traços pessoais (retórica + estética = estilo), enquanto a estilística refere-se a um universo maior, comum a toda uma comunidade lingüística.

Faz também a distinção entre estilística interna e diferencial: a estilística interna estuda “as virtualidades expressivas de uma língua mediante a oposição dos elementos afetivos e intelectuais” (VÁZQUEZ-AYORA, 1977:76); “a estilística diferencial trata de descobrir os procedimentos próprios e privativos de uma língua opondo-os aos de outra.” (VÁZQUEZ-AYORA, 1977:76). A estilística

diferencial pretende não só mostrar as alternativas para o tradutor como também “colocar a exatidão estilística das traduções, isto é, a equivalência estilística” (VÁZQUEZ-AYORA, 1977:81). Assim, através da análise GT, o tradutor analisará as opções estilísticas do TLO e procurará reproduzi-las (reestruturá-las) no TLT.

Na seção 3.2., **Representação Lingüística do Espanhol e do Inglês** (p.81-86), refere-se a Malblanc, que afirma existirem dois planos de representação lingüística: o Intelectivo (+ conceitual) e o da Realidade (+ concreto). O autor destaca que a língua espanhola é mais subjetiva, psicológica, anárquica e arbitrária; enquanto a inglesa é mais objetiva e descritiva.

Na seção 3.3., **Estruturas do Espanhol e do Inglês** (p.86-101), o autor destaca que

O que temos buscado desde o início tem sido evitar a exposição de princípios lingüísticos que não tenham relação explícita com a tradução, concentrando nossa atenção na estilística contrastiva a fim de explicarmos o funcionamento dos atos de língua que nos levarão à escolha acertada de equivalências semânticas (VÁZQUEZ-AYORA, 1977:87).

Assim, “o que queremos demonstrar nesta obra é exatamente que é preciso descer à estrutura profunda e fazer as transformações necessárias até que se chegue aos equivalentes semânticos na estrutura superficial” (VÁZQUEZ-AYORA, 1977:88).

Chama-se a atenção para os contrastes estruturais entre o inglês e o espanhol: imperfeito X subjuntivo, *be* X *ser/estar*, *you* X *tu/usted*. O autor conclui que, para se equilibrarem essas diferenças estruturais, deve-se recorrer à tradução oblíqua, uma vez que a tradução literal não dá conta de produzir a equivalência frente a essas diferenças.

No **capítulo 4, Anglicismos de Freqüência** (p.102-140), destaca que a freqüência com que determinadas palavras ou estruturas são usadas podem constituir os Anglicismos de Freqüência. Tais palavras ou estruturas podem até não ser estrangeiros, mas se usados acima de determinada freqüência representam uma perturbação no canal de comunicação da LT.

Na seção 4.1., **Anglicismos de Estrutura** (p.103-115), destaca que, com relação à ordem, deve-se observar “o gênio” da LT: o inglês quase sempre segue uma ordem fixa, enquanto o espanhol varia bastante. A posposição do verbo constitui um anglicismo de frequência no espanhol. Também são apresentados como geradores de problemas desse tipo: a modulação durativa (uso do tempo composto *estar ...ndo*), a tradução de *enough to*, a voz passiva, hipotaxe versus parataxe (o espanhol usa mais a hipotaxe, enquanto o inglês usa mais a parataxe), a tradução do morfema *as*, das expressões *or both, among other things, in form of*, etc.

Na seção 4.2., **Anglicismos de Léxico** (p.116-140), propõe-se que o tradutor deve encontrar alternativas para os casos em que ocorram advérbios de modo adjacentes, uso excessivo de possessivos, uso de artigos, uso excessivo de adjetivos (maior densidade no inglês). Chama a atenção aqui para a questão da ordem inversa dos adjetivos em relação ao substantivo – nem sempre esta é a melhor opção.

Destaca ainda que o inglês tende à substantivação, enquanto o espanhol tende à “verbalização” – deve-se fazer a transposição substantivo/verbo na tradução inglês/espanhol; nem sempre *may* deve ser traduzido por *pode* ou *é possível*; deve-se evitar a associação automática entre pares de palavras da LO e da LT.

No **capítulo 5, LINGÜÍSTICA E METALINGÜÍSTICA** (p.141-162), o autor ressalva que, se o tradutor usar o recurso da análise GT indiscriminadamente, poderá ocorrer a destruição do TLO e a distorção ou falsificação da mensagem original no TLT. Ou seja, pode ocorrer a excessiva decomposição da forma em significados e, em decorrência disso, pode ocorrer perda de informações importantes em relação à forma.

Na seção 5.1., **Contexto, Situação e Metalingüística** (p.142-154), são apresentados os seguintes conceitos:

**Contexto lingüístico** – define os contornos semânticos das unidades lexicológicas. Ex.: *He got sick X He got to the club.*

**Contexto semolático** – um termo na cadeia sintagmática interfere na significação de outro, ou vice-versa, ou exige a presença de um termo específico. Ex.: *He's a tiger X It's a tiger.*

*Contexto situacional* – individualiza e completa o contexto da mensagem. É um ponto intermediário entre mensagem e situação.

*Situação* – contexto “prático”, real.

Afirma que o contexto e a situação são atos de fala, não de língua; sem situação não há tradução. Assim, será considerado um bom tradutor aquele que tiver um bom conhecimento das duas línguas (LO e LT) e dos contextos/situações que estiver traduzindo.

A *metalingüística*, segundo o autor, é a influência dos sistemas culturais sobre a língua; “a metalingüística nos mostra o vínculo da língua com a concepção de mundo” (VÁZQUEZ-AYORA, 1977:152). Assim, para resolver os problemas das divergências sócio-culturais, o tradutor deve conhecer a etnologia das culturas envolvidas no processo de tradução – quanto mais distantes as culturas, mais difícil será a tradução entre elas.

Na seção 5.2., **Dicionário e Léxico** (p.154-162), observa-se que o tradutor não deve confiar cegamente nas opções apresentadas pelo dicionário; deve, pois, procurar palavras que tenham aceitação entre os falantes da LT. Mesmo não se tratando de anglicismo, um termo pode ser rejeitado em determinados contextos pelos falantes da LT. É preciso fazer-se a análise semotática de um termo, uma vez que o dicionário carece de contextualização<sup>5</sup>. Destaca que os dicionários monolíngües são os mais úteis ao tradutor, principalmente aqueles que apresentam acepções, alusões, frases feitas.

O autor propõe que um dicionário deveria constituir-se a partir de uma teoria lingüística; assim a teoria GT e as regras de seleção e subcategorização poderiam servir de base para a elaboração de um bom dicionário. Chama a atenção para o fato de que existe entre os leigos o mito de que o dicionário contém todas as soluções para os problemas de tradução, contudo sabemos que a significação constitui-se da soma de 3 fatores: contexto, situação e *metalingüística*. Na página 162, apresenta bases lingüísticas para a produção de um dicionário: classificação de termos contrastados

---

<sup>5</sup> Acreditamos que esta situação tenha mudado bastante atualmente, uma vez que já encontramos dicionários, monolíngües ou bilíngües, que apresentam uma contextualização para suas definições.

com seus “contrários lógicos”, consignação de “locuções fraseológicas” ou “contextuais”, classificação completa de “categorias contextuais”, etc.

O capítulo 6 (p.163-187), irá tratar da **AMBIGÜIDADE E REDUNDÂNCIA**.

Na seção 6.1., **Ambigüidade** (p.163-182), são descritos os conceitos de *ambigüidade léxica* (relaciona-se com a polissemia e a homonímia; geralmente é solucionada pelo contexto lingüístico) e *homonímia construcional* ou *ambigüidade sintática* (aquela em que uma estrutura superficial corresponde a mais de uma estrutura profunda).

Para se solucionarem as ambigüidades léxicas e sintáticas propõe-se: fazer a segmentação do texto em unidades de análise; empregar a transformação inversa para encontrar as relações lógicas das estruturas pré-nucleares; analisar as diversas classes de significação léxicas e sintáticas; substituição por termos sinônimos; contraste com antônimos; distinção entre sujeitos “ativos” e “passivos”; análises para identificação de termos implícitos ou ausentes; identificação e distinção das classes semânticas profundas dos monemas. Conclui que não se deve traduzir lexemas isolados, mas sim idéias, por isso é preciso que se tenha o conhecimento da situação.

Na seção 6.2., **A Redundância** (p.182-187), esta é vista como um fenômeno oposto à ambigüidade. Segundo o autor, os dois podem representar problemas para a tradução: a ambigüidade peca pelo escrúpulo de concisão, enquanto que na redundância o tradutor peca pelo excesso de zelo, a fim de encobrir as suas deficiências.

Afirma que a redundância é um fenômeno natural das línguas usado geralmente contra ruídos de comunicação, não sendo simplesmente uma forma mais dispendiosa de se comunicar. Portanto é um recurso válido na tradução. Portanto, o espanhol, sendo uma língua mais ‘afetiva’, apresenta mais redundâncias que o inglês, que é mais direto e objetivo. A redundância deve ser vista, pois, como um elemento expressivo de uma língua. Portanto, deve ser considerada na atividade tradutória. Destaca que, para a tradutologia, o aspecto negativo da redundância é a “repetição



defeituosa” (pleonasma – repetição de palavras que ocorrem no TLO; tautologia – repetição ou circularidade de conceitos).

No **capítulo 7, O DISCURSO** (p.188-250), este é enfocado como uma sintaxe-textual ou extra-oracional, isto é, como a integração entre as orações na constituição da unidade textual.

Na seção **7.1., Condição Atual do Estudo do Discurso** (p.189-195), destaca que a grande dificuldade encontrada em relação ao discurso é a inexistência de uma gramática extra-oracional, o que faz com que o discurso seja regido por procedimentos facultativos. Portanto “a estilística vem a ser a composição do discurso” (VÁZQUEZ-AYORA, 1977:189). A gramática GT teve valiosa influência na Análise do Discurso porque estabeleceu os campos semânticos do texto, assim como fizera com os lexemas, entretanto, afirma o autor, “Os dados da gramática GT são ainda insuficientes para o estudo das relações internas do texto. As regras com as quais contamos até o presente são poucas e menos gerais, e só podemos estudar algumas delas” (VÁZQUEZ-AYORA, 1977:193). Nessa concepção, a oração deixou de ser uma unidade com sentido completo e passou a ser considerada como um elemento de uma cadeia: relações semelhantes às observadas dentro da microestrutura da oração foram constatadas no nível da estrutura textual. Para demonstrar que a oração não é a unidade de sentido, o autor apresenta um parágrafo inorgânico, no qual se colocam orações sem elementos coesivos; tal parágrafo carece de sentido. O autor destaca que o discurso opera em diversos níveis: sociológico, cultural, psicolingüístico (em resumo, *metalingüístico*), respondendo a uma cultura particular – estilo – e a uma cultura geral – estilística.

Ressalva que o pouco desenvolvimento da teoria semântica dificulta o trabalho da estilística contrastiva na tradutologia. O autor acrescenta que as apreciações literárias são de pouco valor para a tradutologia, devido ao pouco rigor científico das mesmas.

Na seção **7.2., A União Interoracional e a Totalidade do Discurso** (p.195-207), destaca que os dispositivos que unem as orações são sintáticos e semânticos e não devem interromper o “movimento do período” quando traduzidos; devem, pois, conservar esse movimento e a harmonia resultante da associação das experiências com as circunstâncias. A situação constitui o marco geral que determina a forma de união.

Segundo o autor, a união entre orações pode ser assindética (sem conectores), paratática (coordenação) e hipotática (subordinação) – esta última forma é a que apresenta mais problemas para o tradutor. Como dito, o espanhol usa mais a hipotaxe, enquanto o inglês usa mais a parataxe. Observa que, apesar da grande flexibilidade do espanhol (liberdades sintáticas), deve-se respeitar o que é normativo (tirantias sintáticas) para que não se produzam estruturas estranhas à LT.

Na seção que trata da totalidade e continuidade do discurso, o autor destaca que o discurso é um “universo semântico maior” (VÁZQUEZ-AYORA, 1977:205). Nesse ponto, mais uma vez, ele defende que não se podem traduzir orações isoladas, mas deve-se fazer a análise de uma estrutura maior (acima da oração – parágrafo ou passagem), transferindo-a de modo a preservar as qualidades do original (aqui o autor remete-se a Nida).

Na seção **7.3., Ordem e Extensão do Discurso** (p.207-218), destaca que a flexibilidade de ordem dos sintagmas e orações é bem maior no espanhol que no inglês, portanto, ao traduzir, deve-se observar uma ordem que respeite o espírito (o “gênio”) da LT, não se devendo traduzir servilmente a ordem da LO. O autor chama a atenção para a intercalação de elementos, que, em certos casos, pode sobrecarregar a memória temporal do leitor e desviar-lhe o raciocínio. Observa que cada língua tem seu modo particular de organizar o discurso, fazendo-o de acordo com suas perspectivas de tempo e espaço, causa e conseqüência, antecedente e conseqüente; portanto não se deve transplantar mecanicamente a ordem da TLO para o TLT. Um dos parâmetros de tolerância, em relação à extensão do período, seria a retenção ou memória temporal. Este parâmetro determinaria a quantidade de intercalações possíveis dentro de um período. Segundo o autor, a extensão, em si, não é um fator primordial, mas o seria a criação de um ambiente que permitisse ao leitor realizar a “síntese” textual.

Na seção **7.4., Efeito Temático** (p.218-229), afirma que o tema constitui elemento de coesão na organização do discurso, por isso não deve ser ignorado ou menosprezado pelo tradutor. O autor usa uma passagem de Julio Cortázar para fazer uma análise do efeito temático (VÁZQUEZ-AYORA, 1977:219-221).

São apresentadas formas de movimento temático: repetição, alusão ou referência, sinonímia, comparação, hiponímia contrastiva, hiponímia amplificada, participação do mesmo nível do paradigma e metáfora sustentada (VÁZQUEZ-AYORA, 1977:223-228).

Na seção 7.5., **Densidade Sintática** (p.229-233), propõe que quanto maior a complexidade sintática de uma oração, ou entre orações, maior a densidade sintática, o que representa maior quantidade de transformações entre as estruturas profunda e superficial no processo tradutório. O autor destaca que nem sempre o equivalente de tradução se obtém através de uma estrutura com a mesma forma e densidade sintática do TLO.

Na seção 7.6., **O Relevo** (p.233-250), argumenta que “Há posições sintáticas que concentram o foco de atenção em maior ou menor grau, enquanto outras o ocultam ou fazem-no passar para o *background*” (VÁZQUEZ-AYORA, 1977:237). Por isso, traduzir não é somente transferir uma idéia de uma língua para outra, mas transferi-la com seus matizes estilísticos e literários. O autor defende que o relevo não pode ser considerado independentemente da expressividade (proporção de afetividade da língua); no processo de tradução, deve-se ter muito cuidado para não se mudar o relevo. Algumas vezes o tradutor deverá se valer da compensação para equilibrar algumas mudanças de relevo – deve-se tomar cuidado com a hipertradução, que muitas vezes dá relevo excessivo a algum elemento de importância relativamente pequena no TLO. Além disso, muitas vezes o deslocamento de termos sintáticos e a inversão verbo/sujeito se faz necessária para a obtenção da fluência na LT.

O capítulo 8 (p.251-384), trata dos **Procedimentos Técnicos de Execução**.

A seção 8.1., **Escolas de Procedimentos Técnicos**, p.251-256), pretende apresentar um esquema das principais vertentes de procedimentos técnicos na tradução. Assim, apresenta as seguintes escolas:

**A norte-americana** (Nida e Tarber), cuja teoria apresenta três componentes básicos: análise, transferência e reestruturação. Esta escola também faz uso da teoria GT;

**A franco-canadense** (Saussure, Bally, Martinet, tendo como precursores Malblanc e Panneton), teve grande difusão devido aos

trabalhos de Vinay e Darbelnet, Bart, e A. Clas no Canadá, e de Rey, Bonnerot e outros na França. Prega também a análise como passo fundamental do processo tradutório. A base da análise são as unidades de tradução e as noções da estilística comparada. Em relação à Escola anterior, não fazem uso dos princípios da gramática GT, mas apresentam procedimentos técnicos mais definidos e objetivos para a prática da tradução;

**A corrente da presente obra**, que reúne a análise GT e a semântica estrutural da primeira Escola com a taxonomia da segunda.

A seção **8.2., Tradução Literal X Tradução Oblíqua**, (p.256-266), apresenta o contraste entre as duas. Propõe que a tradução literal é aquela em que existe um paralelismo léxico e sintático, permitindo-se alguns ajustes mínimos, chamados pelo autor de “normalização sintática”. Na tradução oblíqua esse paralelismo não é observado. O autor defende que, sempre que possível, pode-se fazer uso da tradução literal, uma vez que ela é um procedimento tão válido quanto qualquer outro, apesar do tabu em relação a ela. É importante destacar que no início da obra o autor criticou o literalismo **subserviente**. Sobre a tradução oblíqua, pesa o mito da tradução livre ou da infidelidade, que é outra visão extremada e estereotipada.

São apresentadas as seguintes modalidades de tradução oblíqua:

**Transposição:** Ex. *before you come back* – *antes de su retorno*. A transposição é um procedimento que permite a alternatividade estilística e pode ser obrigatória ou facultativa. É um dos procedimentos mais recorrentes e importantes na tradução;

**Modulação:** mudança de ponto de vista, que é justificável quando a tradução literal altera o espírito da LT. (Ex. *Not bad – Bueno*). A modulação é uma inversão de categorias lógicas, enquanto a transposição é uma mudança puramente sintática;

**Equivalência:** considerada um caso extremo de modulação. Quando uma expressão ou passagem da LO parece já ter sido vista na LT, estamos entrando no campo da equivalência, que busca a visão exocêntrica e o efeito total. Ex. *Every cloud has a silver lining* – *No hay mal que por bien no venga*;

**Adaptação:** ocorre mais no plano do conteúdo do que da expressão (adequação de um conteúdo às particularidades culturais da LT, que nesse caso não apresenta equivalências à situação da LO – estações climáticas em regiões muito diversas, tonalidades de neve para culturas tropicais, incesto para determinadas culturas africanas, etc);

**Amplificação:** ocorre quando um termo ou expressão do TLO tem maior densidade semântica que o suposto equivalente. Desse modo, o termo da LO deve ser amplificado na LT para que cubra toda a extensão semântica. Ex. *We are dancing to the accordion* – *Bailábamos al son del acordeón*;

**Explicitação:** tipo de expansão diferente da amplificação, por ser um processo de explicitação do que está implícito no TLO, por diversas razões. Entretanto, como em qualquer outro procedimento, não se deve lançar mão desse recurso à revelia, pois pode-se comprometer a equivalência estilística da tradução. Ex. *la escoba de la bruja* – *the witchesbroom disease*;

**Omissão:** operação contrária à explicitação, ou seja, a eliminação do que é redundante no TLT em relação a LT. Ex. *marble-topped table* – *mesa de mármore*;

**Compensação:** a teoria da compensação se baseia nos seguintes problemas: a dificuldade de se encontrar a equivalência acertada e natural do conteúdo ou de matizes no TLT. Segundo o autor, a compensação deve ser buscada somente depois que se tenha atingido a equivalência semântica. Assim a compensação caracteriza-se pela busca da equivalência estilística.

No **capítulo 9, Procedimento Geral de Tradução** (p.385-403), o autor propõe duas etapas como procedimento geral da tradução: a) **a preparação do projeto de tradução** e b) **a revisão ou avaliação**. A primeira etapa divide-se em leitura do texto, análise de sua especificidade funcional, execução da tradução e consulta durante o processo. A segunda etapa será constituída de leitura da tradução, leitura do original, comparação entre os dois e leitura final.

Na seção **9.1., A Tradução** (p.385-391), o autor destaca que o bom tradutor não nasce pronto, mas deve preparar-se através dos conhecimentos lingüísticos pertinentes à Tradutologia, os quais irão

ajudá-lo na análise do TLO e na solução de possíveis problemas; além disso, deve possuir um bom acervo cultural e intelectual, assim como uma boa documentação que lhe dê suporte para pesquisas.

Depois das fases de análise e documentação, argumenta o autor, o tradutor passará ao projeto de tradução, que seria uma primeira tradução, menos elaborada e com mais interferências da LO. Nessa fase o mais importante é que a análise seja apurada e transmitida para a primeira tradução. Após alguns dias, o tradutor retoma o projeto e o elabora novamente, procurando eliminar os problemas de interferência. Não importa se o processo todo seja executado por uma ou duas pessoas, o mais importante é que ele seja feito em duas etapas isoladas.

Na seção 9.2., **Crítica, Avaliação e Revisão** (p.391-403), o autor argumenta que o revisor precisa ter uma visão ampla que opere principalmente sobre as macroestruturas; além disso, deve ter todas as habilidades do tradutor e estar alerta para as fronteiras da LT. Em seguida detalha as etapas da revisão que foram comentadas no início do capítulo.

O autor afirma que a tradução dos títulos deve ser feita ao final do trabalho de tradução para que sintetizem bem a visão global do texto.

Um método proposto pelo autor para se avaliar traduções é a tradução inversa (a tradução de uma tradução de volta para a LO) – esta deverá aceitar uma margem de liberdade em relação ao TLO, não devendo chegar a distorções em relação ao original.

Finalmente, propõe o Comitê de Estilo como a forma mais eficaz de revisão; em tal Comitê trabalhariam, juntos, tradutores, estilistas e especialistas na assunto referente à tradução realizada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. Paris: Klincksieck, 1951.
- \_\_\_\_\_. *Linguistique générale et linguistique française*. Paris: Francke Berne, 1965.
- CASTAGNINO, Raúl H. *El análisis literario*. Buenos Aires: Nova, 1967.

- CRESSOT, Marcel. *Le style et ses techniques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1971.
- CHAFE, W. L. *Language as symbolization*. Lg. 43. 57-91, 1967.
- . *Meaning and the structure of language*. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.
- CHOMSKY, Noam. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- DI PIETRO, Robert J. *Le langage et la pensée*. Paris: Rowley Mass., Newbury House, 1971.
- ENKVIST, Nils E. *Linguistics stylistics*. The Hague: Mouton, 1973.
- FILLMORE, C. J. *Indirect object construction in English and the ordering of transformation*. The Hague: Mouton, 1965.
- FILLMORE, C. J. The case for case. In: BACH, E. & HARMS, R. (ed.). *Universals in linguistic theory*. New York: Holt, 1968.
- GARCÍA de DIEGO, Vicente. *Leciones de lingüística española*. Madrid: Gredos, 1951.
- GREIMAS, A. J. *Sémantique structurale*. Paris: Larousse, 1966.
- GUIRAUD, Pierre. *La stylistique*. Paris: Que sais-je?, 1954.
- . *La sémantique*. Paris: Que sais-je?, 1955.
- . *La grammaire*. Paris: Que sais-je?, 1958.
- . *Essais de stylistique*. Paris: Klincksieck, 1970.
- HADLICH, R. L. *A transformational grammar of Spanish*. N. J.: Prentice-Hall, 1971.
- KATZ, J. *Semantic theory*. New York: Harper and Row, 1966.
- KATZ, J. & FODOR, J. *The structure of semantic theory*. Lg. 39. 170-210, 1963.
- KATZ, J. & POSTAL, P. M. *An integrated theory of linguistic descriptions*. Cambridge: MIT Press, 1964.
- LAKOFF, G. The role of reduction in grammar. In: FILLMORE, C. & LANGENDOEN, D. T. (ed.). *Studies in linguistic semantics*. New York: Holt, 1969.
- . On generative semantics. In: STEINBERG, D. D. & JACOBOWITZ, L. A. (ed.). *Semantics*. New York: Cambridge University Press, 1971.
- STOCKWELL, R., BOWEN, J. & MARTIN, J. *The grammatical structures of English and Spanish*. Chicago: The University of Chicago Press, 1965.
- STOCKWELL, R. & BOWEN, J. *The sounds of English and Spanish*. Chicago: The University of Chicago Press, 1965.
- TURNER, G. W. *Stylistics*. Middlesex: Penguin Books, 1973.

# HELOÍSA BARBOSA: *PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DA TRADUÇÃO\**

José Luiz Vila Real Gonçalves \*\*

Na **Introdução, capítulo 1** (p.11-17), a autora comenta que a obra constituiu-se a partir de sua prática como tradutora e professora de tradução, sendo uma tentativa de recharacterização e recategorização dos procedimentos técnicos da tradução propostos inicialmente por Vinay e Darbelnet (1977).

A autora, concordando com Bordenave (1987:2), define a tradução como “a atividade humana de transferir significados de um código lingüístico para outro” (BARBOSA, 1990:11).

Barbosa argumenta que foram levantadas as seguintes áreas de tensão na literatura consultada: possibilidade ou não da tradução, tradução literal *versus* tradução livre e tradução literária *versus* tradução técnica. A primeira é descartada, visto que a prática da tradução existe de forma efetiva; as outras duas são abordadas por representarem uma questão central para a prática da tradução.

Diante das questões levantadas em relação aos procedimentos técnicos da tradução e em vista das limitações dos modelos existentes até então, a autora propõe a tarefa de “reelaboração” desses modelos a fim de responder à pergunta: “Como traduzir?”.

---

\* BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução: Uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 1990.

\*\* Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da UFMG.



Em seguida, a autora apresenta o esquema de organização da obra. No capítulo 2, intitulado Modelos de Tradução, é feita uma revisão comentada sobre os diversos modelos sobre a prática da tradução – Vinay e Darbelnet (1977): tradução direta X indireta, Nida (1964): equivalência formal X dinâmica, Catford (1965): quatro modelos, Vázquez-Ayora (1977): tradução literal X oblíqua e Newmark (1981): tradução semântica X comunicativa. Verificadas as insuficiências e discrepâncias entre os modelos apresentados, no capítulo 3, é feita a recharacterização dos procedimentos técnicos vistos nos modelos anteriores, que sempre separavam esses procedimentos em dois extremos opostos – tradução literal X não literal – o que reproduzia a tensão entre os dois modos de traduzir. No capítulo 4, são feitas duas propostas de recategorização dos procedimentos teóricos da tradução. A primeira é abandonada por falta de subsídios para viabilizá-la. Na segunda, os procedimentos são categorizados de acordo com o grau de divergência entre a Língua Original (LO) e a Língua de Tradução (LT). No capítulo 5, é apresentada a conclusão.

O **capítulo 2, Modelos de Tradução** (p.19-62), enfoca a tensão entre tradução literal e tradução livre existente desde os primórdios da atividade tradutória. A autora destaca que foi essa tensão que motivou a descrição de procedimentos técnicos que orientassem a prática da tradução, uma vez que as traduções literais ao extremo tornam-se incompreensíveis e a tradução livre ao extremo deixa de ter a equivalência que se pretende na tradução e passa a ser uma paráfrase ou recriação. Assim, tais procedimentos seriam um estatuto do que é permitido fazer dentro da atividade tradutória.

Na seção 2.1. (p.22-56), é feita uma **Análise dos Modelos:**

**2.1.1. Modelo Vinay-Darbelnet (1977) Tradução Direta versus Tradução Oblíqua** (p.22-32). Modelo calcado na teoria lingüística saussuriana e na estilística. A noção de arbitrariedade do signo é um elemento que lhes dá base teórica para justificar a tradução não literal.

A seguir, é apresentado uma reprodução do quadro da página 23 que sintetiza os procedimentos técnicos propostos pelo modelo Vinay-Darbelnet:

TRADUÇÃO DIRETA	EMPRÉSTIMO DECALQUE TRADUÇÃO LITERAL
TRADUÇÃO OBLÍQUA	TRANSPOSIÇÃO MODULAÇÃO EQUIVALÊNCIA

(BARBOSA, 1990:23.)

Vinay-Darbelnet consideram o empréstimo um caso de não tradução ou negação da tradução devido à ausência de um termo equivalente na LT.

O decalque é um caso particular de empréstimo que se estende aos sintagmas. Há os decalques de expressão (*season's greetings – compliments de la saison*) e de estrutura (*science-fiction – science fiction*). Existe ainda a **aclimação** (adaptação à ortografia/fonética da LT), que é considerada por alguns autores como decalque. Também não constitui procedimento de tradução, segundo Vinay-Darbelnet.

A adaptação, por eles proposta, é definida por Barbosa como uma equivalência de situação quando não existe correspondência entre determinadas situações da LO e da LT.

**2.1.2. Equivalência Formal versus Equivalência Dinâmica – O Modelo Nida (1964 e 1966) (p.32-35).** Teoricamente, este modelo busca subsídios na gramática gerativo-transformacional, na semântica e na pragmática, especificamente no trabalho de Katz e Fodor (1962, 1963) e também nas funções da linguagem descritas por Jakobson (1980). Nida (1964) propõe 3 etapas em um “modelo operacional”: 1) redução do texto original a seus núcleos mais simples semanticamente; 2) transferência dos significados simplificados da LO para a LT; e 3) geração de uma expressão estilística e semanticamente equivalente na LT.

Segundo o modelo Nida (1964), a equivalência formal é centrada na forma e no conteúdo do TLO (texto da língua original),

enquanto a equivalência dinâmica é centrada na expressão da mensagem, isto é, busca mais o efeito equivalente da mensagem no TLT (texto na língua de tradução) sem se preocupar tanto com a forma (teoria da comunicação).

**2.1.3. Os Quatro Modelos de Catford** (p.35-43). Catford (1965) recorre à teoria lingüística proposta por Halliday (1961, 1964) e Firth (1970) e define tradução como a “substituição de material textual numa língua por material textual equivalente noutra língua.” (Cf. Catford, 1980:2).

1º Tradução plena X parcial – aqui o empréstimo é definido como transferência, constituindo tradução parcial;

2º Tradução total X restrita – a tradução total ocorreria nos planos fonológico, morfológico, lexicológico, sintagmático e textual, enquanto na restrita ocorreria em apenas um desses planos;

3º Tradução limitada X não limitada;

4º Tradução literal X livre.

Modelo das Transposições – refere-se às perdas de correspondência formal entre o TLO e o TLT. Existiriam as transposições de ordem (de gramática a léxico e vice-versa) e as de categoria (de estrutura, de classe, de unidade e intra-sistema).

**2.1.4. Tradução Literal versus Tradução Oblíqua – O Modelo de Vázquez-Ayora (1977)** (p.43-48). Como os modelos anteriores, este começa com a descrição lingüística, embasando-se na gramática Gerativo-Transformacional (GT) e na semântica estrutural, além da estilística a partir de Bally.

A diferença desse modelo para o de Vinay-Darbelnet é que, na tradução literal não se abordam os procedimentos de empréstimos e decalques, e na tradução oblíqua acrescentam-se procedimentos complementares: amplificação, explicitação, omissão e compensação. Em suma, é um modelo bastante semelhante ao de Vinay-Darbelnet.

**2.1.5. Tradução Semântica versus Tradução Comunicativa – O Modelo de Newmark (1981)** (p.48-56). Esse modelo distingue-se dos apresentados antes por não se iniciar com a descrição de uma teoria lingüística, mas tratando da revisão da literatura sobre tradução. Segundo Newmark, dependendo da função da linguagem e da tradução, o foco estará mais centrado na LO / no autor

(tradução semântica) ou na LT / no leitor (tradução comunicativa – princípio do efeito equivalente).

Na página 53, a autora apresenta um quadro que sintetiza os modelos teóricos abordados por Newmark. A seguir, é apresentada a reprodução do respectivo quadro.

<b>TRADUÇÃO SEMÂNTICA</b>	transferência (empréstimo) decalque tradução um-por-um (literal) —transposição—
<b>TRADUÇÃO COMUNICATIVA</b>	modulação equivalência cultural expansão omissão compensação sinonímia lexical rótulo tradutório definição paráfrase contração reconstrução de períodos

(BARBOSA, 1990:53.)

Segundo Barbosa, a grande contribuição de Newmark (1981) deve-se à inclusão dos conceitos de função da linguagem, tipo de texto e finalidade da tradução.

Na seção 2.2. (p.56-62), a autora faz um resumo dos modelos abordados e avalia que a falha desses modelos está em partirem da tradução literal como primeira possibilidade de tradução. Destaca que eles foram criados com a finalidade de se afastarem da tradução literal. Barbosa destaca a importância da perspectiva de Nida (1964) (princípio do efeito equivalente) como primeiro passo para se justificar o afastamento da tradução literal. Chama ainda a atenção

para a importância da perspectiva das funções da linguagem de Newmark (1981).

Nas páginas 57 e 58, são apresentados os quadros "Procedimentos Técnicos da Tradução" e "Modelos de Tradução e Procedimentos Técnicos de Tradução" respectivamente. Através desses quadros, a autora pretende sintetizar os modelos abordados até então e, especialmente no segundo, na coluna denominada *Procedimentos Técnicos da Tradução*, recategoriza os diversos procedimentos apresentados anteriormente.

No **capítulo 3**, intitulado **Proposta de Caracterização dos Procedimentos Técnicos da Tradução** (p.63-77), a autora argumenta que, devido às discrepâncias entre os modelos descritivos de procedimentos técnicos da tradução e à divergência terminológica entre eles, é necessário propor-se uma nova caracterização de tais procedimentos.

São propostos 13 procedimentos técnicos: 1. tradução palavra-por-palavra, 2. tradução literal, 3. transposição, 4. modulação, 5. equivalência, 6. omissão *versus* explicitação, 7. compensação, 8. reconstrução de períodos, 9. melhorias, 10. transferência (estrangeirismo, transliteração, aclimação, transferência com explicitação), 11. explicitação, 12. decalque e 13. adaptação.

No **capítulo 4**, **Duas Propostas de Recategorização dos Procedimentos Técnicos da Tradução** (p.79-101), observa que, nos modelos analisados no capítulo 2, as categorizações parecem organizar os procedimentos dos mais "fáceis" até os mais "difíceis", ou da menor unidade (item lexical) até uma maior (sintagma ou segmento de texto). Em uma das categorizações propostas na obra de Barbosa, parte-se do princípio da proximidade das estruturas entre as duas línguas.

A seção 4.1. (p.83-91), refere-se à primeira tentativa de categorização, na qual a autora usou o critério "frequência de ocorrência" dos procedimentos técnicos. Entretanto, esta tentativa não foi frutífera, uma vez que, dependendo do tipo de texto analisado, a discrepâncias entre as ocorrências foram muito grandes. Barbosa comenta que abre-se aqui uma possibilidade para futuras pesquisas.

Na seção 4.2., **Categorização pela Convergência ou Divergência Lingüística e Extralingüística** (p.91-100), a autora apresenta sua proposta efetiva. Nessa proposta, os procedimentos técnicos da tradução se distribuem ao longo de quatro eixos: 1) convergência do sistema lingüístico, da realidade extralingüística e do estilo; 2) divergência do sistema lingüístico; 3) divergência do estilo; e 4) divergência da realidade extralingüística. Abaixo, reproduzimos o quadro da página 93, que sintetiza essa proposta:

**PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DA TRADUÇÃO**

<i>Convergência do Sistema Lingüístico, do Estilo e da Realidade Extralingüística</i>	<i>Divergência do Sistema Lingüístico</i>	<i>Divergência do Estilo</i>	<i>Divergência da Realidade Extralingüística</i>
Tradução palavra-por-palavra			
Tradução literal			
	Transposição		
	Modulação		
	Equivalência		
		Omissão vs. Explicação	
		Compensação	
		Reconstrução	
		Melhorias	
			Transferência
			Transferência com Explicação
			Decalque
			Explicação
			Adaptação

(BARBOSA, 1990:93.)

Na seção 4.3. (p.100-101), é apresentado um resumo dessa proposta. A autora argumenta que os procedimentos técnicos estão listados dos mais simples aos mais complexos, dos que lidam com unidades menores aos que lidam com unidades maiores, dos que ocorrem diante da maior convergência àqueles que ocorrem diante da maior divergência entre as línguas envolvidas. Assim, Barbosa pretendeu eliminar a dicotomia tradução literal *versus* tradução

livre, propondo quatro eixos para a distribuição de tais procedimentos, sem que esses eixos ou procedimentos apresentem uma divisão estanque.

Na **Conclusão, capítulo 5** (p.103-111), a autora faz um resumo dos anteriores e destaca algumas conclusões importantes deste trabalho.

Ela considera que os procedimentos técnicos da tradução refletem as operações lingüísticas que o tradutor realiza ao traduzir (questão que não foi tratada pelos modelos anteriores abordados na obra), não sendo apenas uma série de “receitas” de como se traduzir.

Recapitulando a contribuição dos diversos modelos tratados na sua obra, Barbosa argumenta que Nida (1964) e Vázquez-Ayora (1977) – apesar da abordagem Gerativo-Transformacional ser a que mais se aproxima do que ocorre na mente do tradutor quando este está traduzindo (processos psico-cognitivos) – trouxeram pouca contribuição para a prática da tradução. Nida (1964), aplicando o modelo da comunicação, retirou o autor da sua posição onipotente, introduzindo a figura do leitor e do tradutor como agentes do processo comunicativo; Catford (1965), ao aplicar o modelo lingüístico de Halliday (1961, 1964), traz pouca contribuição por usar exemplos pouco comuns e propor procedimentos pouco ou nunca usados na prática; Newmark (1981) contribui com a teoria das funções da linguagem, mas não sai do eixo dicotômico (tradução semântica *versus* tradução comunicativa).

Para Heloísa Barbosa, a solução para essa tensão dicotômica apresenta-se na conceituação da teoria das funções da linguagem, da tipologia dos textos e da finalidade das traduções. A partir dessa perspectiva é que o tradutor decidirá “como” traduzir.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORDENAVE, Maria C. R. Fundamentos de uma metodologia de ensino da tradução. Trabalho apresentado no 3º Encontro Nacional de Tradutores, Porto Alegre, 1987. Mimeografado.

- CATFORD, J. C. *A linguistic theory of translation*. Oxford: Oxford University, 1965.
- FIRTH, J. R. *The tongues of man and speech*. Londres: Oxford University, 1970.
- KATZ, Jerrold J. & FODOR, Jerry. What's wrong with the philosophy of language? In: *Inquiry*, 5:3, Oslo: Oslo University, 1962.
- \_\_\_\_\_. The structure of a semantic theory. In: *Language* 39:170-210, 1963.
- NEWMARK, Peter. *Approaches to translation*. Oxford: Pergamon, 1981.
- NIDA, E. *Toward a science of translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*. Leiden: Brill, 1964.
- \_\_\_\_\_. Principles of translation as exemplified by Bible translating. In: BROWER, Reuben A. *On translation*. Nova York: Oxford University, 1966.
- VÁZQUEZ-AYORA, G. *Introducción a la traductología: curso básico de traducción*. Washington: Georgetown University, 1977.
- VINAY, J.-P. & DARBELNET, J. *Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction*. Paris: Didier, 1977.



OUTROS PERCURSOS DA  
TRADUÇÃO COMO CIÊNCIA

# EUGENE NIDA: *TOWARD A SCIENCE OF TRANSLATING*\*

Glória Maria de Mello Carvalho  
Maria Carmen Dayrell G. da Costa  
Meire de Mello Correia  
Patrizia Collina Bastianetto\*\*

Na **introdução e capítulo 1** (p.1-10), o autor explicita seu público-alvo, e esclarece que os exemplos bíblicos podem ser válidos para qualquer tradutor. É que, como esclarece no capítulo 1 (p.4), dentre todos os tipos de tradução, nenhuma supera, em dificuldades, àquela da Bíblia, pelos problemas que esta encerra, pela variedade textual (poesia, leis, provérbios, diálogos) e lingüística (tradução direta ou indireta do grego e do hebraico para mais de 1.200 línguas e dialetos); pela abrangência histórica (do século III a.C. até o presente) e pela diversidade das culturas no mundo que conhecem a Bíblia); por sua extensão, pelo número de seus tradutores, pelos

---

\* NIDA, Eugene. *Toward a science of translating*. Leiden: E. J. Brill, 1964.

\*\* Glória Maria de Mello Carvalho: Aluna de disciplina isolada do Mestrado em Estudos Lingüísticos (Linha D, Tradução) da Faculdade de Letras da UFMG, Tradutora e Professora de Tradução no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP; Maria Carmen Dayrell G Costa: Mestranda no Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da UFMG; Tradutora, Professora de Língua Inglesa; Meire de Mello Correia: Tradutora e Professora de Língua Inglesa; Patrícia Collina Bastianetto: Professora Assistente de Língua e Literatura Italiana e mestranda do Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da UFMG.

pontos de vista divergentes; e pelo acúmulo de dados e procedimentos utilizados.

Ainda no **capítulo 1** (p.1-10), o autor ressalta que, todos os problemas de tradução têm um fato fundamental em comum, que reside na diferença radical de uma língua para outra, o que leva alguns a insistirem na impossibilidade de se comunicar de forma adequada em uma língua, o que foi enunciado anteriormente em outra. Os lingüistas e os antropólogos descobriram que há mais unindo o gênero humano do que separando-o e que, mesmo entre línguas e culturas muito diferentes, há uma base para a comunicação, o que não elimina, todavia, as diferenças fundamentais entre as línguas.

O autor elabora aspectos conflitantes, o primeiro sendo o que o tradutor enfrenta entre a aderência ao estilo da língua de origem (LO), e o conteúdo e vice-versa; além disso, o tradutor lida com um meio de comunicação que se renova lenta e constantemente para atender às mudanças contínuas do mundo. Um outro é a definição de ser a tradução ciência ou arte. Se em termos da *ciência da tradução* ela pode ser considerada passível de uma descrição científica, há, em contrapartida, aqueles que insistem que a tradução é uma arte e desconsideram os princípios e procedimentos técnicos de sua realização.

Discorrendo sobre a tipologia da tradução de Jakobson (intra lingual, interlingual e intersemiótica), acrescenta que a tradução, todavia, está sujeita a severas restrições impostas pelos contextos lingüísticos, culturais ou pelos meios de comunicação e, principalmente na poesia, a restrições estilísticas.

Quanto à linha teórica, cita o primeiro trabalho significativo na Europa no campo da semântica antropológica, o de Wilhelm von Humboldt (1836) que insistia na presença de uma relação psicológica e filosófica profunda entre a língua, por um lado, e o pensamento e a cultura, do outro. Ainda na Europa, Ferdinand de Saussure foi quem, na sua opinião, exerceu a influência mais importante no desenvolvimento da teoria do significado, com seus conceitos sobre as estruturas lingüísticas que forneceram uma base para se lidar construtivamente com os problemas semânticos. Nos Estados Unidos, cita a contribuição de Sapir e Whorf, mais

especificamente a visão de Whorf de que a língua, com suas formas específicas de expressão, determina a forma de pensar e de ver o mundo e que os mesmos fatos são diferentes para cada povo, pois seus instrumentos lingüísticos lhe fornecem formas diferentes de expressá-los. Wittgenstein (1953), que declarou que “toda filosofia é filosofia da língua” trouxe uma contribuição importante para o entendimento dos símbolos e de seus significados.

O autor relata que alguns psicólogos também desenvolveram teorias sobre a estrutura do comportamento humano na sua relação com as estruturas lingüísticas. Contribuição adicional emerge dentre alguns psiquiatras, sobretudo Jung e Fromm, que evidenciaram a importância dos símbolos verbais, aos quais foi atribuída uma carga emotiva muito maior do que se imaginava ser possível. Por outro lado, os filólogos contribuíram para os estudos contemporâneos da literatura, uma vez que focalizaram a produção literária dentro de um contexto cultural, ao invés de deterem-se em reconstruções irrelevantes.

Nida destaca que sua obra propõe-se a uma abordagem descritiva do processo tradutório, tendo como base os diversos tipos de estudo que são, diretamente ou não, relacionados com a semântica e com a correspondência lingüística.

O autor lembra que a tradução ultrapassa os limites da “taxonomia gramatical” pois, respaldando-se em Chomsky, entende ser a língua não um conjunto fixo de frases, mas um mecanismo dinâmico, capaz de gerar um número infinito de elocuições. Essa visão gerativa da língua assume uma importância fundamental para o tradutor pois, ao traduzir de uma língua para a outra, ele deve ir além da simples correspondência das estruturas e tentar descrever o mecanismo que lhe permite decodificar, transferir e transformar a mensagem, em sua totalidade, para a estrutura de outra língua.

No **capítulo 2** (p.11-29), o autor trata da prática da tradução no mundo ocidental, situando-a como uma atividade que remonta ao terceiro milênio a.C. na Ásia Menor e lembra que havia repartições governamentais onde trabalhavam escribas especializados na tradução de comunicados oficiais em várias línguas, sendo que parte do trabalho desses antigos tradutores consistia na compilação, em

tábulas cuneiformes, de listas de palavras com seus correspondentes em línguas diferentes. Para gregos e romanos, a prática da tradução era comum, a exemplo de Lívio Andrônico, Nívio e Ênio; por outro lado, Quintiliano, Cícero, Horácio, Catulo e Plínio trataram dos problemas da tradução. Infelizmente, a tradução da Bíblia não recebeu o mesmo tratamento dos clássicos, pois nesta privilegiou-se a tradução palavra por palavra e não o sentido. O autor nos lembra que São Jerônimo, com o qual praticamente se encerra o período antigo da tradução, foi um dos mais sistemáticos e disciplinados, tendo defendido abertamente seus princípios sobre a tradução.

Na Europa Ocidental, durante a Idade Média, a prática da tradução limitou-se, quase exclusivamente, a textos religiosos, traduzidos para o latim clássico, apesar de algumas exceções como: o venerável Bede no século VIII na Inglaterra, o centro de tradução do grego clássico para o árabe em Bagdá no século IX, o centro de tradução e sua aprendizagem em Toledo no século XII, etc. Durante a Renascença, as traduções intensificaram-se ainda mais, sendo feitas na língua nacional de cada povo e não mais no latim eclesiástico e destinando-se, assim, a um público mais numeroso. Lutero destaca-se como a figura mais representativa no campo da tradução durante o século XVI, pela primeira tradução completa da Bíblia para o alemão e por sua conhecida Epístola sobre a tradução, de 1530, ("Sendbrief vom Dolmetschen").

Todavia, o autor ressalta que Dolet foi o primeiro a formular uma teoria sobre a tradução, calcada em cinco princípios fundamentais para o tradutor, tendo a tradução, nos séculos XVII e XVIII, passado por uma grande liberdade (o período das "Les Belles Infidèles"). Por volta de 1790, Tytler publicou uma obra sobre os princípios da tradução, admitindo acréscimos por necessidade e omissões em casos de redundância.

O século XIX voltaria a valorizar a exatidão do significado e a fidelidade literal ao texto, sendo Mathew Arnold, na Inglaterra, o maior representante dessa tendência. Já o século XX vivenciou uma mudança radical nos princípios da tradução, pois novos conceitos de comunicação desenvolveram-se num mundo que se tornou cada vez menor. A teoria da tradução e sua prática evoluíram-se de forma significativa em várias partes do mundo.

O autor reitera a importância de Saussure na Europa e, mais recentemente, de Hjelmslev, assim como de outros membros do Círculo Lingüístico de Copenhague, sendo que o trabalho mais significativo especificamente de lingüística aplicada à tradução foi desenvolvido, porém, pelo Círculo Lingüístico de Praga, sob a orientação de Trubetskoy. Nos Estados Unidos, reitera a contribuição de Sapir, Whorf e outros que se preocuparam com os problemas relativos à língua e à cultura, contribuindo de forma expressiva para o campo da semântica e, conseqüentemente, da tradução. Um exemplo é o "Summer Institute of Linguistics" (fundado em 1935), que se ocupou dos problemas específicos da tradução da Bíblia, para mais de 200 línguas em treze países diferentes, exercendo grande influência na adoção de modernas abordagens lingüísticas em relação aos problemas tradutórios e comunicativos.

O autor ressalta que, apesar das mudanças de postura ocorridas nas diversas épocas e países em relação à teoria da tradução, permaneceram dois pontos de conflito: a tradução literal *versus* tradução livre e a questão de se dar maior ênfase à forma ou ao conteúdo. O conflito da primazia da forma sobre o conteúdo torna-se particularmente importante quando a forma da mensagem é especializada, como no caso da poesia, que não pode ser reescrita em prosa, pois a melodia do texto original deve, de alguma forma, ser reproduzida através de uma outra melodia.

O autor lembra que a questão de se privilegiar a tradução literal ou a livre, a forma ou o conteúdo, foi tratada por Forster (1958), que lidou com essas dificuldades em termos de "níveis" de tradução, relacionados às unidades básicas que entram no processo de tradução. Para Forster, na Idade Média, a unidade mínima de tradução era a palavra e, mais tarde, a sentença; um conceito mais desenvolvido, no entanto, entende todo o texto como sendo a legítima unidade de tradução.

No **capítulo 3** (p.30-56), o autor aborda a questão da natureza do significado e lembra que qualquer reflexão sobre os princípios e procedimentos de tradução passa pelo conhecimento da forma que a língua utiliza para expressar o significado como um código comunicativo. Para ele, um código constitui-se, fundamentalmente,

de símbolos ou signos que, por convenção pré-estabelecida, representam e transmitem a informação do emissor dos sinais até o receptor dos mesmos, realizando-se, então, o processo de comunicação. Um código pode ser formado por signos diferentes como sons (código lingüístico), escrita (código gráfico), gestos, cartazes etc. Integrado ao processo comunicativo, um código torna-se um sistema que transforma um tipo de mensagem em outro, garantindo sua transmissão. A língua se apresenta sob a forma de signos ou códigos lingüísticos através de palavras organizadas em determinados tipos de combinações de acordo com normas gramaticais.

Em seguida, o autor trata da abordagem tradicional do significado, que, no seu entender, não é adequada para uma investigação completa do significado. Propõe que o significado seja abordado em termos das visões centrípeta, centrífuga e linear. A centrípeta é voltada para o centro, ou seja, para o "denominador comum do significado", aquela em que as pessoas imaginam que haja um único sentido para cada palavra; na centrífuga, o sentido da palavra parece libertar-se e ir para várias direções, tornando difícil sua apreensão, havendo palavras com significados aderentes a ambas.

O autor apresenta a seguir algumas das abordagens científicas do significado, descartando abordagens do passado que associavam o significado à "imagem mental", ou seja, o sentido real de uma palavra corresponderia à imagem mental associada àquele símbolo. Outras abordagens para o entendimento do significado incluem, por exemplo, a análise do aspecto sintático, que trata das relações entre os símbolos, cujo significado está na combinação dos mesmos; a do aspecto semântico, que trata das relações entre os símbolos e seus significados, isto é, o que uma pessoa imagina ser o significado de uma palavra; ou, ainda, a do aspecto pragmático, que trata das relações dos símbolos com o comportamento do ouvinte ou da análise do significado através da reação das pessoas aos símbolos. Ressalta novamente os trabalhos de Sapir e Whorf, relacionados com os símbolos e que analisaram as palavras não somente na frase, mas em todos os aspectos do comportamento humano, bem como a contribuição de Humboldt e seus discípulos que estudaram a língua e a visão do mundo, procurando entender determinados aspectos culturais a partir de certas estruturas lingüísticas. Outros estudiosos

ênfatarem o contexto semântico, ou seja, a situação em que era utilizado um determinado léxico, e demonstraram como contextos diferentes geravam também significados completamente diferentes.

Em seguida, o autor identifica três dimensões descritivas do significado, que se relacionam tanto com o campo semântico e o uso individual das palavras quanto com o contexto e as condições em que tais palavras ocorrem. Estas dimensões são mais facilmente descritas em termos de contrastes: significado situacional *versus* comportamental; significado lingüístico *versus* extralingüístico; e significado intrínseco ao organismo (cognitivo) *versus* extrínseco (físico). Essas três dimensões do significado não são, em nenhum aspecto, categorias estanques, pois se entrelaçam continuamente. A adoção das três dimensões tem a vantagem de propiciar uma descrição mais precisa da relação entre o ato comunicativo e o contexto cultural em que ele ocorre, além de permitir uma análise mais adequada da maneira pela qual objetivos comunicativos diferentes geram significados diferentes.

Nida entende que no ato comunicativo é essencial o objetivo a ser alcançado, denominado de evento comunicativo que se realiza através do emissor, da mensagem e do receptor. A intenção da comunicação pode ser avaliada analisando-se a importância conferida ao emissor, à mensagem ou ao receptor, ou a esses três elementos combinados. Dependendo das combinações que dão ênfase ora a um elemento, ora a outro, ou a mais do que um, o tradutor poderá encontrar algumas dificuldades. Por exemplo: em uma construção na forma ativa como em "John hit Bill", há ênfase no sujeito e na ação; sua equivalente na forma passiva, "Bill was hit by John", dá ênfase ao receptor da ação. O autor observa que é possível manipular o enfoque sobre o sujeito e o objeto ao alterar a estrutura da oração.

Em seguida, o autor lembra a complexidade da tradução de textos metalingüísticos, uma vez que a metalinguagem, ou os termos gramaticais, produzem referentes lingüísticos mais diferentes entre si que os termos de cultura.

No **capítulo 4** (p.57-69), o autor aborda o significado lingüístico, subdividindo-o em significado lingüístico das formas e



significados diferentes em tipos aparentemente similares de frases, núcleos e transformações. No primeiro caso, ele deve ser cuidadosamente diferenciado de outros tipos de significado, pois não se refere a nada extrínseco à língua, como fazem os significados referencial e emotivo, mas sim às relações significativas que existem dentro da língua. No caso do significado referencial essas relações são as co-ocorrências observadas entre os símbolos e as referências culturais. No caso do significado emotivo, trata-se das relações entre símbolos e reações psicológicas dos participantes da comunicação.

No segundo caso, embora as construções compostas de classes semelhantes de palavras tenham, muitas vezes, significados semelhantes, isso não é a regra. Por exemplo, nas frases seguintes: "his car, his failure, his arrest" e "his goodness", a relação entre "his" e os substantivos seguintes é, em cada exemplo, bem diferente. Pode-se descrever "his car" como significando "A possui B". "His failure" é equivalente a "A representa B", enquanto que "his arrest" é equivalente a "A é a realização da ação B" e "his goodness" pode ser descrita como "B qualifica A". Com base na gramática tradicional, expressões como "his car, his failure, his arrest" e "his goodness" são tratadas da mesma maneira por compartilharem a forma "his" e o sintagma nominal. O meio mais eficaz para se lidar com esses problemas de relações de significados diversos, entre tipos de expressões estruturalmente semelhantes, é recorrer à gramática gerativa através da análise transformacional, que permite a análise e definição de expressões ambíguas.

Um exame cuidadoso das numerosas transformações e das relações significantes entre as partes revela que há quatro classes funcionais de símbolos lexicais: palavras-objeto, palavras-evento, palavras-entidades abstratas e palavras-conceito relacional. De fato, um único item lexical pode funcionar de várias maneiras diferentes, dependendo do contexto particular em que é empregado. Em qualquer língua, muitas palavras funcionam em apenas uma classe, mas algumas podem facilmente ocorrer em mais de uma. Por exemplo, em "A stout man collapsed" e em "He tried to man the ship", o termo "man" pertence ora à classe de palavras-objetos e ora àquela de palavras-evento.

O autor lembra que o *núcleo*, em qualquer língua, constitui a estrutura mínima da qual tudo mais deriva e que as línguas mostram semelhanças surpreendentes, como por exemplo, uma notável semelhança de estrutura de núcleo e um alto grau de paralelismo entre classes formais de palavras e classes funcionais básicas.

O autor argumenta que, ao invés de tentar estabelecer transferências de uma língua para outra, é mais eficiente, cientificamente e na prática: 1) reduzir o texto de origem para os seus núcleos estruturalmente mais simples e semanticamente mais evidentes; 2) transferir o significado da LO para a LR (“receptor language”) em um nível estruturalmente simples; e 3) gerar, na LR, a expressão estilística e semanticamente equivalente.

No **capítulo 5** (p.70-119), o autor aborda os significados referencial e emotivo, subdividindo-o em: técnicas para a descrição dos significados referenciais de séries de palavras relacionadas, técnicas para a descrição dos referenciais de séries de palavras isoladas, expressões semanticamente endocêntricas e exocêntricas, o uso de contrastes estruturais para a análise do significado, o papel do contexto, os componentes essenciais de uma teoria semântica e regras de projeção. Enquanto os significados referenciais são extralingüísticos, extra-somáticos e contextuais, os emotivos são extralingüísticos, somáticos e comportamentais.

Para se analisar uma estrutura semântica é necessário um sistema que reúna o domínio e o contexto, e que relacione palavras isoladas a grupos maiores. Uma análise dos significados da simbologia das palavras revela que muitas têm domínios relacionados, como, por exemplo: urso, mamífero, animal. É importante, também, que os significados emotivos sejam relacionados aos referenciais.

As estruturas semânticas de grupos de palavras relacionadas foram descritas inicialmente das seguintes maneiras: cadeias; hierarquias e componentes de enredo.

Uma *cadeia de significados* relacionados pode ser encontrada, por exemplo, em várias gradações de cores. Embora a análise de cadeias possa ser útil para “delinear” a relação existente em certas estruturas semânticas, esse procedimento não é de grande importância, já que poucos grupos de palavras apresentam essa relação.

No uso coloquial e na escrita formal é comum haver uma *hierarquia* entre palavras de mesmo significado. Certas características gerais da estrutura hierárquica são de importância considerável para quem queira analisar os significados de grupos de palavras relacionadas: 1) ao ascender na estrutura hierárquica, os termos geralmente se tornam menores e os domínios mais abrangentes; 2) a mesma palavra pode ocorrer em níveis diferentes. (O que, segundo o autor, constitui um problema complexo para o tradutor, que deve se certificar de encontrar equivalente apropriado no nível certo); 3) a identidade de domínios, em termos de extensão e nível, determina o grau de sinonímia entre palavras; 4) classificações tendem a sobrepor-se em muitos pontos; 5) há diferenças na classificação entre pessoas da mesma comunidade lingüístico-cultural; 6) as classificações tendem a ser imediatas e não sistemáticas, especialmente no uso popular; e 7) todas as classes de palavras podem estar incluídas em tal estrutura hierárquica.

A estrutura hierárquica de símbolos lexicais revela, também, certas características importantes sobre a língua e cultura de um povo: 1) toda cultura tem sua maneira distinta de relacionar termos em uma estrutura hierárquica; 2) a abundância de termos e a complexidade de classificação para qualquer área semântica, geralmente, depende do foco da cultura como um todo, ou da concentração da atenção em pessoas que formam uma subcultura distinta; 3) o nível hierárquico das palavras pode mudar; 4) línguas diferem mais uma da outra quando se eleva a estrutura hierárquica; 5) há dois tipos básicos de divisões em estrutura hierárquica: a) a horizontal – que marca as sucessivas camadas do vocabulário específico para o genérico e b) a vertical – que revela algumas das divisões básicas, como por exemplo, o animado versus inanimado, pessoal *versus* impessoal; 6) na forma da língua de uso popular, a proporção do vocabulário genérico em relação ao não genérico é aparentemente a mesma em quase todas as línguas; e 7) a estrutura hierárquica de símbolos relacionados é extremamente importante para a visão de mundo das pessoas, pois é através da língua que elas manifestam suas experiências.

Há cinco procedimentos básicos para se fazer uma *análise componencial* de um grupo de palavras relacionadas: 1) determinar

o corpus de dados; 2) definir, com precisão, a relação entre os termos envolvidos: por exemplo, “tio” – se é irmão da mãe ou do pai; 3) identificar os traços distintos que definem as diferenças de significado, por exemplo: diferenças de gênero; 4) definir cada termo por meio de suas características, por exemplo: o pai como ascendente direto; e 5) relacionar as características distintas com o número total de símbolos classificados.

Há três maneiras fundamentais para se descrever os domínios do significado referencial de unidades lexicais isoladas. É possível: 1) nomear a classe, geralmente contrastando-a com outras classes; 2) identificar os membros individuais da classe, geralmente listando-os, ou 3) descrever as características distintas da classe. O primeiro significado pode ser chamado de *categoria* ou significado generalizado. O segundo, *definição*, é baseado na listagem de símbolos da classe e pode também ser chamado de significado particular. O terceiro tipo de significado é baseado em características suficientes e necessárias da classe ou, em outras palavras, no *significado abstrato da classe*.

Para se descrever os domínios de significado referencial de unidades lexicais isoladas há três tipos de técnicas: 1) derivacional, 2) componencial e 3) distribucional. A derivacional é aquela em que os significados de termos são explicados a partir de *cadeias* ou *árvores* de significados, mostrando como um significado de um termo é derivado de outro. A técnica componencial é um método no qual pode-se agrupar significados relacionados de um modo significativo. Uma característica da análise componencial de grande importância para qualquer teoria semântica, é o fato de que certas divisões básicas empregam uma estrutura binária. Os componentes tendem a revelar a estrutura da árvore subjacente de grupos de categorias contrastantes hierarquicamente organizados. Esses componentes são às vezes traduzidos como *marcadores semânticos*. A técnica distribucional consiste em determinar a distribuição natural dos elementos que compõem a estrutura lingüística.

Quanto à *metáfora*, ela surge do processo de selecionar um ou mais componentes do significado de um termo e ampliá-los para abranger algum assunto que não esteja dentro do domínio de tal palavra. As línguas podem usar o mesmo termo com significado

metafórico bem diferente, diferindo muito, também, em seus estilos de expressões figurativas e na presteza com que admitem novas formas de fala.

A *teoria semântica* requer um dicionário e um grupo de regras para descrever como os elementos lexicais combinam dentro de expressões significativas, sendo ele capaz de distinguir o que é diferente em expressões que pertencem à mesma classe gramatical, mas são semanticamente diferentes, como por exemplo: "the girl hit him" e "the boy hit him". Além do mais, é necessário reconhecer expressões que são gramaticalmente as mesmas, morfemicamente diferentes e semanticamente mais ou menos equivalentes, por exemplo: "the cops shot him" e "the policeman shot him".

As *regras de projeção* são semelhantes àquelas utilizadas para a descrição das estruturas formais. Possibilitam a determinação de como o falante gera e o receptor interpreta os elementos semânticos da elocução. Essas regras aplicam-se apenas às combinações de unidades lexicais nas elocuições, pois elucidam o significado das palavras no contexto. Na prática, as regras de projeção essencialmente: determinam o significado lingüístico apropriado para cada grupo sucessivo de constituintes imediatos; equiparam as estruturas semânticas das unidades lexicais para determinar a extensão e tipos de concordância ou paralelismo; e adicionam significados emotivos que possam ser relevantes à interpretação da elocução.

No **capítulo 6** (p.120-144), o autor aborda a *Dimensão Dinâmica na Comunicação*. Segundo ele, a língua é um código que funciona para finalidades específicas e a transmissão de mensagens deve ser analisada como uma dimensão dinâmica. Cinco fases constituem qualquer ato comunicativo: o assunto; os participantes; a fala ou o processo de escrita; o código utilizado (a língua e todos os seus recursos); a mensagem (a maneira como o assunto é codificado em símbolos e a sua organização). Durante o processo de comunicação ocorre, ainda, o "ruído", fator que tende a distorcer a mensagem, por exemplo, um erro de ortografia, a deterioração do meio de comunicação, ou, ainda, o nervosismo.

Para Nida, o processo de produção de uma mensagem consiste das seguintes etapas: seleção do tópico; codificação do

tópico em símbolos e organização destes; transmissão desses símbolos. O processo de recepção de uma mensagem também envolve três etapas: receber, decodificar e responder (ou reagir) ao sinal. A mensagem envolve dois aspectos distintos: o sinal, que inclui todos os aspectos formais da mensagem, e o conteúdo, isto é, o significado do signo. Deve-se considerar, ainda, o canal de comunicação, ou seja, a mensagem falada ou escrita, linguagem formal ou informal.

O autor aborda, em seguida, a *Teoria da Informação*, ou seja, a cibernética aplicada à tradução. *Informação*, em cibernética, deve ser pensada em termos de imprevisibilidade (por exemplo, se uma pessoa qualifica tudo como “maravilhoso”, a palavra não transmite uma carga significativa de informação porque é muito previsível). Uma mensagem em que haja um alto grau de imprevisibilidade pode ser mais significativa, mas isso depende do seu conteúdo e não da imprevisibilidade formal. As línguas possuem um alto grau de redundância ou previsibilidade, o que é importante por eliminar certos perigos do “ruído”. Um outro fator de impacto importante é a “distância psicológica”.

Segundo Nida, em geral, as línguas apresentam um grau de redundância de 50%, que corresponde à previsibilidade. Muitos tradutores excedem o grau de imprevisibilidade – os 50% restantes – ao seguirem literalmente as formas da LO. Surgem, então, as dificuldades do leitor, pois não se pode esperar que os receptores de uma tradução possuam todas as informações lingüísticas e culturais do receptor da LO. A introdução de algum tipo de redundância na tradução pode suprir essas informações.

No caso da tradução literal, cuja intenção é transmitir as informações do texto original com igual número de palavras, a *carga de comunicação* será aumentada e o canal do decodificador ficará, inevitavelmente, mais estreito, mas poderá ser ampliado com a inclusão de redundâncias. O autor afirma que “as boas traduções tendem a ser mais longas do que seus originais”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Entre as páginas 132 e 142, Nida descreve aspectos da mensagem que sobrecarregam o canal do decodificador, como a ortografia, formação de palavras, temas, etc., bem como técnicas para a análise da carga de comunicação.

Receptores diferentes possuem capacidades diferentes de decodificar mensagens. Neste sentido, Nida afirma que:

Uma boa tradução, avaliada a partir da resposta do público a que se destina, deve representar um desafio e também fornecer informações. Esse desafio não deve concentrar-se apenas na dificuldade de decodificação, mas também no aspecto novo da forma: novas maneiras de transmitir verdades antigas, novos *insights* para interpretações tradicionais e novas palavras em combinações inusitadas. (1964:144).

O **capítulo 7** (p.145-155), trata do papel do tradutor, abordando os requisitos indispensáveis para se desempenhar a função de tradutor. O primeiro requisito é um conhecimento satisfatório tanto da LO quanto da LR. Além disso, o tradutor deve conhecer o assunto que traduz, ter uma empatia com o texto e possuir dons estilísticos e sensibilidade.

O autor enfatiza que não se sabe precisamente o que acontece na mente do tradutor enquanto traduz, e que conhecer duas línguas não é garantia de que se possa traduzir porque “em certas pessoas parece não haver ligação entre os dois conjuntos de experiências que proporcionam os contextos culturais para a utilização das duas línguas” (1964:146).

O modelo etnolingüístico de tradução é outro aspecto abordado no capítulo. Ao se tentar descrever os fatores interlinguais e interculturais do processo tradutório, é importante lembrar que “sempre há diferenças culturais entre sociedades de épocas muito distantes e que, nas sociedades contemporâneas, há níveis de diversidade cultural radicalmente diferentes” (1964:148). Quando um tradutor, cuja língua materna é o inglês, traduzir textos bíblicos, do grego ou do hebraico, para outra língua, o que ocorre é um processo de “filtragem” do original através da sua vivência com a língua inglesa. É impossível evitar esta “contaminação lingüística”. O receptor, por sua vez, reage à mensagem no contexto cultural em que vive. O importante, então, é a relação dinâmica dos vários receptores com as mensagens. Eles deveriam reagir às mensagens do Novo Testamento como fizeram os receptores dessas mesmas mensagens em outras línguas e culturas.

Segundo o autor, o tradutor pode desempenhar um dos três papéis: 1) pioneiro: o tradutor faz uma primeira versão, geralmente sem ajuda, e a lê para diversas pessoas; com base na reação dos ouvintes, faz as modificações necessárias e ajustes finais; 2) parteiro: o tradutor atua como “assistente técnico” junto a falantes nativos que fazem a tradução; 3) componente de equipe: neste caso, há uma distribuição de tarefas; cada componente da equipe é, teoricamente, especialista em um dos aspectos (estilo, crença dos nativos, etc.). Trata-se de uma situação aparentemente ideal, porém inexecutável e indesejável porque as tarefas não são executadas de forma a se complementarem, prejudicando o resultado final; outra forma de trabalho em equipe amplamente utilizada inclui a presença de um “tradutor revisor”.

Os perigos da subjetividade no processo tradutório constituem o alerta final do capítulo. Embora o tradutor não possa evitar um certo grau de envolvimento pessoal no trabalho que realiza, a honestidade intelectual exige que ele não interfira na mensagem; ainda assim sua personalidade se manifestará de alguma forma. O auto-conhecimento é da maior importância para o tradutor, que tendo consciência de seus pontos fracos, de seus pontos fortes e de seu potencial saberá evitar as falhas.

O **capítulo 8** (156-192), que aborda os *Princípios de Correspondência*, trata dos tipos de tradução e, principalmente, da equivalência. O autor afirma que a tradição leva-nos a pensar em termos de tradução livre ou literal mas, na verdade, há muitas outras alternativas.

Há três fatores básicos que determinam as diferenças nas traduções: a natureza da mensagem; o(s) objetivo(s) do autor e, por extensão, do tradutor; e o público. Entretanto, é preciso lembrar que, em alguns casos, a tradução envolve línguas e culturas comparativamente próximas. Mas há os casos de línguas de troncos diferentes e culturas próximas e vice-versa. Os perigos para o tradutor encontram-se nas diferenças culturais e nas semelhanças superficiais, como no caso dos *falsos amigos*.

Nida adverte que uma tradução aceitável em uma época não o será em outra, pois as línguas e as preferências estilísticas mudam



constantemente. Além disso, as opiniões sobre a tradução confirmam que não há regras absolutas, mas apenas probabilidades.

O autor fornece, então, duas orientações básicas para o processo tradutório. Segundo ele, há dois tipos de equivalência fundamentalmente diferentes: a formal e a dinâmica. A tradução com a equivalência formal (doravante EF) preocupa-se, geralmente, em aproximar, ao máximo, na LR, a mensagem da LO. O objetivo é reproduzir, da maneira mais literal e significativa possível, a forma e o conteúdo do original. Isso permite ao leitor uma identificação com uma pessoa do contexto da LO e uma compreensão melhor de seus costumes, de sua maneira de pensar e de se expressar. A tradução com equivalência dinâmica (doravante ED) pretende que a relação do receptor com a mensagem traduzida seja a mesma do receptor da LO, "o equivalente natural mais próximo da mensagem da língua fonte". Mas é importante salientar que não se trata de outra mensagem, e sim de uma tradução que, como tal, deve refletir o significado e a intenção da fonte. Seu objetivo é a naturalidade de expressão, não sendo necessário que o receptor compreenda os padrões culturais da LO para entender a mensagem.

Os dois tipos de tradução são bem distintos, mas quando um texto fica entre dois extremos, surgem sérias dificuldades. Há três áreas principais de tensão: equivalências formais e funcionais; equivalências opcionais e obrigatórias; nível de decodificabilidade. Essas áreas de tensão passam por problemas lingüísticos e culturais e a tradução tem de ajustar a mensagem ao contexto (por exemplo, imagens que nada significam em uma língua ou cultura ("branco como a neve" onde não há neve), a maneira de se expressar ironia, etc.). É preciso, também, considerar o que é obrigatório na LR e situações em que há várias opções. Nesse caso, a *carga de comunicação* determina a escolha. Quanto ao nível de decodificabilidade, este depende da carga de comunicação, que consiste de elementos formais e semânticos. Se os receptores não estiverem diante de um texto que possam decodificar de forma satisfatória, ficarão cansados, entediados ou perplexos. A ED tem por objetivo um maior grau de decodificabilidade.

O autor alerta para o fato de que há sérias restrições de natureza lingüística e cultural ao grau permissível de ED na

tradução. As lingüísticas incluem as formas literárias (poesia, narração, provérbios, etc.) e o veículo de transmissão (música, filme, etc.). As culturais incluem as atitudes em relação à *fidelidade*, pressões advindas de traduções já existentes, diversidade de dialetos na língua de recepção e publicações bilíngües.

Nida afirma, em seguida, que há três critérios básicos para a avaliação de traduções: a eficiência geral do processo de comunicação, que pode ser avaliada em termos de recepção máxima com um esforço mínimo de decodificação; a compreensão da intenção, diretamente proporcional à sua universalidade e pretende abrigar os conceitos tradicionais de *exatidão*, *fidelidade* e *correção*; e a equivalência da resposta, que está voltado para as culturas fonte e receptora. A partir dos critérios básicos de avaliação, Nida passa a tratar de um método eficaz para se descrever diferenças entre traduções, composto de três estágios: *transferência literal*, *transferência mínima* e *transferência literária*.

No **capítulo 9** (p.193-225), o autor distingue dois tipos de correspondências e contrastes existentes entre a LO e a LR: o estrutural e o dinâmico. O tipo estrutural é subdividido ainda em formal (engloba os problemas fonológicos, morfológicos e sintáticos) e lexical (trata tanto de palavras isoladas como de frases semanticamente exocêntricas). O tipo dinâmico também pode ser subdividido em formal e lexical. No entanto, neste tipo, os problemas não estão relacionados as unidades específicas, mas com a carga de comunicação nelas contida.

Existem três tipos de *correspondência estrutural formal fonológica* entre a LO e a LR. O primeiro se refere à transliteração de unidades lexicais emprestadas, já que como duas línguas diferentes não têm os mesmos sons, transferir uma palavra de uma para a outra envolverá, inevitavelmente, em algum tipo de ajuste, que pode ser tanto no som quanto na transcrição das letras usadas para identificar os nomes. O segundo tipo de correspondência estrutural formal fonológica consiste nos jogos de palavras fonologicamente similares que são praticamente impossíveis de serem reproduzidos. O terceiro tipo se refere aos estilos que envolvem combinações forma-som, como nas aliteraões, rimas e acrósticos, que são impossíveis de serem reproduzidos na LR.

A *correspondência estrutural formal morfológica* engloba a correspondência entre estruturas de palavras de línguas diferentes, tendo três traços principais: a complexidade da formação das palavras – quando se traduz de uma língua com mais flexões para uma menos inflectida há um ganho no número de palavras, embora não haja nenhum ganho no conteúdo da informação. O inverso gera uma redução na quantidade de palavras, mas também, sem perda de conteúdo semântico. Em ambos os casos, as unidades são apenas redistribuídas de forma diferente; as diferenças entre classes de palavras já que, tanto o número quanto o conteúdo semântico das classes de palavras difere de uma língua para outra; e as categorias expressas por diversas classes de palavras, pois a maneira como estas classes são combinadas também varia de uma língua para outra. Os tradutores devem reorganizar as estruturas formal e semântica da mensagem, a fim de atender às exigências da LR.

Nida distingue três tipos de problemas quanto às categorias morfológicas. O primeiro é o carácter obrigatório ou opcional das categorias. O maior problema surge com as categorias opcionais, que são requeridas de acordo com o contexto e caberá ao tradutor determinar quando usá-las ou não. A segunda dificuldade se refere à extensão de ocorrência das categorias. Aquelas mais difundidas na língua (o singular e plural no inglês) não representam problemas para a tradução, por ser fácil identificar qual forma deverá ser usada. Já as estruturas mais específicas, podem causar dúvida (“who” *versus* “which”, em expressões como “A group of people who came” ou “which came?”). O terceiro problema é a frequência de uso das categorias, que pode diferir de uma língua para outra.

O autor aponta algumas dificuldades que podem ser encontradas no contraste das categorias morfológicas das línguas: 1) número: pode causar dificuldades por ser obrigatório para algumas línguas e opcional para outras; 2) tempo verbal: a noção de tempo pode ser diferente de uma língua para outra e os tempos verbais não possuem limites de tempo bem definidos (o presente simples do inglês pode ser usado para expressar presente, futuro e até mesmo passado); 3) aspecto: define a natureza da ação (completa *versus* incompleta, começando *versus* terminando, etc.), que pode diferir de uma língua para outra; 4) voz: os problemas

mais freqüentes são de dois tipos: a forma ativa *versus* passiva, pois algumas línguas preferem usar a passiva e outras nem mesmo a têm, e as dificuldades causativas, devido à necessidade de certas línguas de especificar quem é o agente da ação; 5) modo: define o "background" psicológico da ação, indicando possibilidade, necessidade ou desejo, conceitos às vezes precários em algumas línguas; 6) a classificação dos objetos (animado *versus* inanimado, vivo *versus* morto, etc.) pode causar ambigüidade na tradução; 7) gênero: mesmo havendo diferenças no uso desta categoria de uma língua para outra, as regras sintáticas para o gênero são normalmente bem definidas, e qualquer erro é facilmente detectado; 8) caso: serve para marcar a relação entre as palavras dentro da estrutura. A maioria das línguas não têm caso e esta relação é identificada pela ordem ou por palavras funcionais; 9) pessoa: existem inúmeras diferenças sutis que podem causar ambigüidade ou obscuridade na hora da tradução; 10) posse: algumas línguas têm duas formas de expressá-la, a íntima e a não íntima, que outras não têm, além de existirem ainda, diferenças quanto à obrigatoriedade ou não de se explicitar a posse.

Quanto à *correspondência estrutural formal sintática*, o autor destaca a questão da tradução palavra por palavra, que pode resultar em combinações sintáticas estranhas ou, até mesmo, não fazer sentido ou transmitir um significado errado. Nida analisa algumas estruturas sintáticas a nível de sintagma, oração, sentença e discurso, que tendem a causar problemas na tradução. A nível de sintagma, são citadas as expressões coordenadas ("God and Father") e os sintagmas preposicionados, que podem expressar conceitos diferentes de uma língua para outra. A nível da oração, o autor ressalta que a ordem dos componentes da oração, os tipos de oração (transitiva, intransitiva, etc.) e a forma como as orações são combinadas podem variar de uma língua para outra. Com relação ao discurso, Nida destaca que todas as línguas possuem vários tipos de discurso, mas que as estruturas formais que os caracterizam podem ser completamente diferentes.

No que se refere à *correspondência estrutural lexical*, três aspectos negativos são destacados: as correspondências literais, que podem ser interpretadas erroneamente; as expressões "fabricadas", ou seja, aquelas que os tradutores criam na tentativa de encontrar

uma equivalente à da LO e que nem sempre representam a correspondência correta; as palavras emprestadas que são utilizadas na LR, cujo significado deverá ser cuidadosamente examinado.

O autor também aborda a *correspondência de estilo*, que é extremamente importante na tradução, pois o efeito total da combinação dos diversos elementos formais não pode ser esquecido. A definição de qual deverá ser usado vai depender do assunto, do público e do contexto.

O autor aborda, a seguir, os três tipos de *correspondência dinâmica formal*, sendo eles: o fonológico, o morfológico e o sintático. O *fonológico*, envolve dois problemas: a ineficácia do sistema ortográfico da LR (inexistência de uma distinção adequada de fonemas) que deverá ser compensada nas estruturas sintáticas ou morfológicas e o grau de aceitação da LR quanto à incorporação de palavras ou sons. O *tipo morfológico*, também envolve duas dificuldades básicas: a tendência dos tradutores de incluírem na estrutura de palavras de línguas sintéticas muito mais do que necessário e a criação de estruturas de palavras com base em modelos que, embora possíveis, são improváveis e contribuem para um aumento considerável da carga de comunicação. Assim sendo, o autor aconselha ao tradutor tentar reproduzir estruturas paralelas e não uma fidelidade absoluta. A *correspondência sintática*, envolve a comparação de estilos e alguns ajustes em estruturas específicas. Uma correspondência dinâmica adequada não exige que tudo que existe na LO deva ser reproduzido na LR.

Em relação à *correspondência dinâmica lexical* deve-se levar em conta a necessidade de uma redundância calculada no texto da LR. Isso porque, pressupõe-se que o leitor da LO possua uma determinada quantidade de informações que lhe permita interpretar as estruturas lexicais do texto de origem, que não pode ser esperada dos receptores da LR.

No **capítulo 10** (p.226-240), o autor analisa as *técnicas de ajustes*, cujo principal objetivo é produzir equivalentes corretos, além de facilitar a reprodução da mensagem da LO. Para Nida, algumas alterações na forma são inevitáveis e mudanças radicais devem ser evitadas. O autor apresenta a seguir as técnicas de ajustes

adotadas em um processo tradutório em termos de: inclusões, subtrações e alterações.

As *inclusões* mais comuns e importantes são: a) especificação das partes do discurso omitidas pelas expressões elípticas, pois muitas vezes, o que está omitido em uma língua deverá ser explicitado em outra; b) especificações obrigatórias, visando sanar alguma ambigüidade resultante na LR ou para evitar referências erradas pelo leitor da LR; c) reestruturação gramatical, que, freqüentemente, causa um aumento lexical; d) elementos semânticos importantes que estejam implícitos na LO podem requerer uma representação explícita na LR; e) respostas para as perguntas retóricas; f) inclusão de termos classificadores (“city Jerusalem”); g) conectivos, isto é, repetição de segmentos do texto anterior; h) categorias da LR que não são utilizadas pela LO; i) duas palavras semanticamente suplementares ao invés de uma (“asked and said”), que em algumas línguas são praticamente obrigatórios em determinados contextos.

Quanto às *subtrações*, as principais são: a) duas palavras semanticamente suplementares ao invés de uma, que não são aceitáveis em algumas línguas e devem ser omitidos ou substituídos; b) elementos que foram incluídos no texto original para explicitar uma referência aos participantes poderão ser excluídos, já que as referências não são expressas da mesma forma em todas as línguas; c) conjunções, que podem ser omitidas de acordo com as regras de cada língua; d) conectivos que, em muitos contextos, podem simplesmente ser omitidos; e) categorias usadas pela LO que não têm correspondente na LR; f) vocativos, que deverão ser omitidos para evitar distorção da intenção ou do significado, pois nem sempre há correspondência, entre as línguas, na forma de se dirigir às pessoas; g) fórmulas da LO que não fazem sentido na LR poderão ser excluídos (“in the name of the Lord” pode ser substituído por “by the Lord” em alguns contextos).

O autor ressalta que tanto as inclusões quanto as subtrações não alteram o conteúdo semântico da mensagem, apenas modificam a forma como a informação é comunicada, com o objetivo de alcançar a maior equivalência possível.

As *alterações* mais comuns são com relação a: a) sons, que se realizam através da transliteração e podem acarretar dificuldades, pois a forma resultante pode adquirir na LR um sentido diferente do original; b) categorias, ou seja, mudança da forma dentro da categoria (ex: do singular para plural, da voz ativa para passiva) e o emprego de expressões que não têm função correspondente na LO; c) classe de palavras (de substantivo para verbo); d) ordem, pois a ordenação é um fator importante para que a tradução seja natural; e) estrutura da oração e da sentença – os problemas mais sérios aparecem na transformação de formações hipotáticas, ou subordinadas, para paratáticas (na língua chol, a expressão do inglês “be transformed by renewal of your mind” é traduzida por “make yourselves good; make your hearts new”); f) problemas semânticos relacionados a palavras isoladas – freqüentemente, a estrutura semântica da LR obriga o tradutor a escolher um termo hierarquicamente inferior por não existir um equivalente ao da LO ou vice-versa. Uma alteração também pode ser necessária, quando a palavra tem o mesmo nível hierárquico daquela da LO, mas ocupa uma posição diferente por diferenças culturais; g) inexistência de uma expressão idiomática correspondente na LR, devendo ser feita uma pequena adaptação, sem alteração do conteúdo semântico.

No **capítulo 11** (p.241-251), o autor aborda os *procedimentos tradutórios*, dividindo-os em duas categorias: os técnicos e os organizacionais. Os *técnicos* se referem ao processo seguido pelos tradutores na conversão de um texto da LO para a LR, que é composto de três fases: a análise das línguas fonte e receptora, a análise do texto original e a determinação dos equivalentes apropriados

Os procedimentos *organizacionais* abordam a organização do trabalho, que pode ser feito por uma equipe ou por uma só pessoa. A seguir, são citados os passos seguidos por tradutores consagrados para uma tradução feita individualmente: 1) leitura de todo o documento; 2) obtenção de informações sobre o documento; 3) comparação com outras traduções existentes; 4) elaboração de um esboço das unidades de tradução; 5) revisão do primeiro esboço após algum tempo; 6) leitura em voz alta para averiguação do estilo

e do ritmo; 7) estudo das reações dos receptores com base na leitura do texto por outra pessoa; 8) análise da tradução por outros tradutores competentes; e 9) revisão do texto para publicação.

Na tradução conjunta, há três tipos de equipe: a editorial, que realmente faz o trabalho; a revisora, formada por especialistas cujas opiniões têm grande influência sobre a tradução, e a consultora, que aprova o trabalho. Os procedimentos tradutórios para um trabalho em equipe podem ser descritos da seguinte forma: 1) divisão do trabalho entre os membros da equipe editorial; 2) tradução das partes designadas a cada um; 3) avaliação do trabalho individual por membros da equipe editorial; 4) análise, pelo tradutor, das sugestões recebidas; 5) submissão à equipe revisora do rascunho resultante; 6) estudo de todas as mudanças e sugestões feitas pela equipe revisora; 7) preparação, pela secretária da equipe editorial, de uma cópia revisada; 8) submissão, à equipe consultora, da cópia revisada; 9) estudo de todas as sugestões feitas pela equipe consultora; 10) preparação do trabalho final; 11) publicação de algumas partes do trabalho final; 12) análise da reação do público às partes publicadas; 13) refinamento do trabalho final; 14) publicação da tradução completa; 15) inclusão de correções nas publicações posteriores; 16) revisão do texto no mínimo cinco anos após sua publicação.

No **capítulo 12** (p.252-264), o autor aborda a *tradução automática* (doravante TA), ressaltando que, apesar de todas as suas importantes contribuições, muito trabalho, teórico e prático, terá ainda que ser feito para que o computador seja capaz de processar todas as dificuldades de uma comunicação interlingual. Nida esclarece que a TA até então<sup>2</sup> se restringia à tradução de textos curtos em assuntos específicos e, ainda assim, era necessária uma revisão. O autor afirma ainda que, embora a tradução automática possa ser útil em muitos tipos de textos, existem certas limitações quanto ao seu uso em traduções literárias, pois é impossível inserir no computador todos os dados que lhe permita resolver os inúmeros

---

<sup>2</sup> É oportuno lembrar, que esta obra foi publicada em 1964 e que a TA já evoluiu muito após esta data.



problemas semânticos e formais que, muitas vezes, dependem de um conhecimento geral do universo. Nida destaca também que, mesmo com limitações, a TA contribuiu enormemente para a teoria da tradução, por ter reforçado a necessidade de uma descrição mais explícita dos processos lingüísticos, por confirmar a exigência de se fazer uma referência constante à estrutura da língua, pois o computador só é capaz de manipular combinações estruturalmente relacionadas, e em terceiro, por reafirmar a necessidade de se ter um modelo estatístico mais adequado para as estruturas lingüísticas, tanto em termos de freqüência de uso quanto de probabilidade de uma forma seguir outra.

Nida esclarece que, para que a TA seja uma ferramenta útil, ela deverá ser capaz de traduzir estruturas, além de analisar combinações de palavras que não tenham aparecido anteriormente. Daí a necessidade de se criar técnicas aptas a lidar com todos os tipos de estruturas, pois se o computador tiver os tipos de seqüências possíveis armazenados na memória e a habilidade de identificar unidades e manipular probabilidades, ele será capaz de analisar combinações e estabelecer os “especificadores”, tornando possível a produção de uma estrutura correspondente na LR. O nível de coesão entre as palavras, o tipo de dependência e a referência cruzada não podem ser esquecidos.

O autor conclui que programar uma máquina para analisar a estrutura da LO, transferi-la para os padrões da LR e gerar uma forma adequada na LR está além da capacidade do computador. Nida finaliza, reconhecendo as limitações da TA no que se refere à capacidade de armazenamento, inteligência (computadores só fazem o que lhes é pedido) e falta de uma linguagem apropriada para se “falar” com a máquina. Para ele, os computadores serão capazes de fazer alguns tipos de tradução no futuro, mas ainda assim, será necessária uma revisão do homem, pois a sensibilidade do tradutor não poderá nunca ser automatizada.

# PETER NEWMARK: A *TEXTBOOK OF TRANSLATION*\*

Marie-Anne Henriette Jeanne Kremer e Silva\*\*

Esse livro foi publicado pela primeira vez em 1988 e, segundo sugestão do autor, deve ser lido em conjunto com a sua obra anterior intitulada *Approaches to translation*, da qual constitui uma expansão e uma revisão.

Apesar do título, esse não é um livro de exercícios convencional; contudo, em sua segunda parte, Newmark supre o leitor com exemplos de análises de tradução, traduções comentadas e críticas de tradução. As várias teorias apresentadas são somente generalizações das práticas tradutórias, não pretendendo o autor ter uma palavra final sobre o assunto. É um livro didático, um guia prático, repleto de sugestões e detalhes que objetivam ser úteis ao tradutor e aos alunos de graduação e pós-graduação. Oferece um curso sobre princípios e metodologia para a tradução e sugere diretrizes gerais para a tarefa.

Apresenta a teoria da tradução, tópico relativamente novo, cujo termo seria "Translatology" no Canadá, "Traductología" na Espanha, "Übersetzungswissenschaft" na Alemanha e "Translation Studies" na Holanda e Bélgica. Num sentido restrito, a teoria da tradução trata do método tradutório apropriado para cada tipo de texto, dependendo assim de uma teoria funcional da língua. A sua alma são os problemas da tradução, não consistindo uma teorização filosófica ou psicológica da tradução.

---

\* NEWMARK, Peter. *A textbook of translation*. New York: Prentice Hall, 1988.

\*\* Mestranda em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG, tradutora.

Ainda nas linhas gerais da introdução, Newmark relata as tensões que podem constituir problema no ato tradutório. Ele enumera o escritor, as normas, a cultura, o ambiente e a tradição tanto da LO (Língua Original) quanto da LT (Língua de Tradução), a sonoridade, o sentido, a ênfase, a naturalidade, a linguagem figurada e a literalidade, a elegância e a consistência, a concisão e a precisão, e por fim, a verdade e o tradutor.

## 1. Trabalhando o texto

No segundo capítulo de seu livro, intitulado "A Análise de um Texto", Newmark sugere uma leitura inicial do texto a ser traduzido para se avaliar, principalmente, a sua intenção, qualidade, autoridade, o seu aspecto cultural, o modo com que foi escrito, o público-alvo e o tipo de patronagem<sup>1</sup> para possibilitar a seleção do método de tradução apropriado.

Dando continuidade ao estudo do processo tradutório, no terceiro capítulo (1988: 19-38), o autor lança a sua própria teoria da tradução. Em suma, postula que o tradutor deve exercer o seu ofício observando, paralelamente, quatro níveis: 1) o nível do Texto da Língua Original (doravante TLO) onde são feitas certas "conversões", tanto no nível gramatical quanto no lexical 2) o nível referencial onde é preciso velar pela veracidade da imagem transferida 3) o nível da coesão ou a gramaticalidade que regula e sustenta a compreensão geral do texto 4) o nível da naturalidade que reflete a linguagem apropriada em dada situação. Assegura que o nível de naturalidade é o elo entre a teoria e a prática da tradução e que, se for aceita essa teoria do ato tradutório, qualquer lacuna entre a teoria e a prática da tradução pode ser transposta.

Newmark recomenda precisão por parte do tradutor, que não tem autoridade de modificar palavras que poderiam ser simplesmente traduzidas "um-por-um".<sup>2</sup> Defende a tradução literal pois, no

---

<sup>1</sup> N.A.: termo posteriormente introduzido por Lefevere e que se harmoniza com o pensamento de Newmark (cf. resenha de Lefevere neste volume).

<sup>2</sup> N.A.: a tradução "um-por-um" é explicada no Capítulo 5 do livro (cf. parte 5 abaixo).

seu entender, é o método tradutório mais eficaz e que melhor reflete o texto original, ao qual ele se declara fiel. A unidade de tradução é, para o autor, a sentença, uma vez que ela é a unidade básica do pensamento, constituindo o segmento sujeito-verbo-objeto. Se sentenças longas e estruturas complicadas são parte essencial do texto, caracterizando a escrita do autor, elas devem ser preservadas da mesma forma no Texto da Língua de Tradução (doravante TLT).

Após uma exposição minuciosa das dificuldades e soluções objetivas encontradas na combinação dos quatro níveis acima mencionados, o autor enfatiza que a maior dificuldade no processo tradutório reside no componente lexical, e não gramatical, do texto. Apresenta um diagrama em que exemplifica os quatro tipos de significado, a saber, o físico ou material, o figurativo, o técnico e o coloquial. Alerta para o fato de que os termos técnicos podem consistir nas piores armadilhas da tradução, apesar de sua aparente monossemia (o autor menciona o termo "enjoliveur", que não significa "embelezar" mas "calota"), e que cada língua oferece lacunas lexicais e duplicações virtuais. Sugere, ainda, atenção à transposição de nomes próprios que podem sofrer mudanças ao longo da história geo-política e mercadológica, como por exemplo, em 1997, Hong Kong será Chianggang e uma droga pode ter nomes diversos dependendo do país em que é comercializada. Quanto à revisão, é necessário que seja comparada a pragmática do texto de partida e o de chegada, mas ao mesmo tempo, deve-se permitir alguma redundância para facilitar a leitura e verificar se não houve perda substancial de significado ao longo do texto.

Newmark adota a teoria funcional de Bühler que, a seu ver, melhor classifica as funções da língua com vistas ao ato tradutório. As funções expressiva, informativa e vocativa englobam as principais finalidades de utilização da língua, e a cada uma delas o autor dedica comentários e exemplos e todo um capítulo em que ele propõe métodos de tradução para as mesmas. As outras três funções da língua propostas por Jakobson, que são a função estética, a fática e a metalingüística, são comentadas paralelamente. A partir da função estética, o autor insere a questão da linguagem metafórica, à qual ele também dedica um capítulo à parte devido a sua importância na escala de dificuldades tradutórias.

Comenta que a metáfora é o elo entre a função expressiva e a estética, ligando a realidade extralingüística com o mundo mental através da língua.

## 2. A tradução de metáforas

Em seu trabalho, Newmark confere grande importância à tradução de metáforas. Argumenta que, enquanto o problema central da tradução é a escolha do método tradutório de um texto, o problema específico mais importante é a tradução de metáforas, que, para ele, abrange toda expressão figurada. A sua definição objetiva do tropo é uma das importantes contribuições que o autor faz ao estudo da língua, ou seja, a metáfora pode formar-se através do sentido transferido de uma palavra física (e.g. nascer = originar), ou constituir-se da personificação de uma abstração (e.g. a modéstia me proíbe), ou descrever uma coisa em termos de outra (e.g. um sorriso luminoso). Acrescenta que a metáfora pode ser uma palavra, uma sentença, um provérbio, uma alegoria ou mesmo todo um texto e, em seu conteúdo, uma ilusão para falsear uma intenção. Em sua didática, explana, também ilustrando com exemplos, a composição da metáfora e a sua terminologia e, em seguida, faz um levantamento de tipos de metáfora, a saber, a metáfora morta, clichê, padronizada, adaptada, recente e original. Ressalta que, normalmente, a metáfora cultural é mais dificilmente traduzida do que a universal ou pessoal, e que a metáfora original encontrada em textos expressivos e de autoridade deve ser traduzida literalmente, mesmo se for subjetiva.

## 3. Os métodos tradutórios

Neste capítulo, Newmark coloca o seu ponto de vista quanto ao ato decisório do tradutor frente ao desafio maior, que seria decidir entre a ênfase na LO ou na LT. Ele introduz a sua maior contribuição à teoria da tradução fazendo a distinção entre a **tradução semântica** e a **tradução comunicativa**, termos cunhados por ele com referência à ênfase na LO e na LT, respectivamente. Reconhecendo a antiga dicotomia entre a tradução literal e a tradução livre, já testemunhada no século I A.C., o autor relata, resumidamente, que entre a tendência a uma ou outra ao longo dos tempos, já houve posicionamentos

extremos como o de Tyndale e Dolet, que defendiam que a verdade fosse dita, compreendida e livremente traduzida, e como o de Walter Benjamin e Vladimir Nabokov para quem, segundo o autor, a tradução deveria ser o mais literal possível. Newmark postula que essas discussões eram teóricas, sendo desprezados a finalidade do texto, a natureza dos leitores, o tipo de texto, fatores que ele coloca como fundamentais para a escolha de um método ou outro. Num diagrama em V, o autor expõe a sua abordagem do problema:

### Ênfase na LO

Tradução palavra-por-palavra  
 Tradução literal  
 Tradução fiel  
 Tradução semântica

### Ênfase na LT

Adaptação  
 Tradução livre  
 Tradução idiomática  
 Tradução comunicativa

Após a explanação de cada um dos métodos, o autor conclui que somente a tradução semântica e a tradução comunicativa conseguem alcançar os dois objetivos da tradução: **precisão e economia**. A tradução semântica é realizada ao nível lingüístico do autor, é utilizada em textos expressivos, refletindo o pensamento individual do autor, evidenciando as nuances do significado e interpretando o TLO. Já a tradução comunicativa é realizada ao nível lingüístico do leitor, é utilizada em textos informativos e vocativos, sua mensagem é centrada no fator social, seu estilo é natural e recursivo, com o objetivo de explicar o TLO. Expõe o fato de que a tradução comunicativa, centrada no nível de linguagem e no conhecimento do leitor, tende a criar um efeito equivalente maior do que a tradução semântica baseada no nível do escritor, ou seja, a última é, no seu entendimento, geralmente inferior ao original, pois há perda cognitiva e pragmática, enquanto que a comunicativa geralmente supera o seu original.

Quanto ao processo de tradução, alerta para o perigo de se traduzir mais de uma sentença ou duas antes de se ler os primeiros dois ou três parágrafos. Quanto mais difícil lingüística, cultural ou referencialmente for o texto, tanto mais preliminar deverá ser o trabalho anterior à tradução da sentença, pois se um erro ocorre na

interpretação de uma palavra-chave, todo um parágrafo ou mesmo um texto poderá ter seu significado comprometido. Relata que a única regra que ele conhece é a da "equivalência igual": palavras correspondentes devem ter aproximadamente a mesma frequência tanto no TLO quanto no TLT.

#### **4. Outros procedimentos tradutórios**

Enquanto os métodos tradutórios são relacionados a textos inteiros, os procedimentos tradutórios referem-se a sentenças e outras unidades menores da língua. O autor relaciona e discute cada um dos procedimentos como a transferência, a naturalização, a equivalência cultural, a equivalência funcional, a equivalência descritiva, a sinonímia, o decalque (que ele prefere denominar "through-translation"), a transposição, a modulação, a tradução oficial ou reconhecida, o rótulo tradutório, a compensação, a análise componencial, a redução e a expansão, a paráfrase. Devido à importância que o autor confere à tradução literal, um capítulo à parte sobre o assunto tece comentários e explora as circunstâncias em que ela deve ocorrer.

#### **5. A distinção entre a tradução literal e outras**

Uma relevante contribuição de Newmark à teoria da tradução é a sua economia de opções, o que incrementa o caráter científico da mesma. O autor acredita que a teoria da tradução, para ser considerada uma ciência, ainda que parcialmente, deve reduzir suas opções quanto às preferências estéticas, deve rejeitar tanto as livres escolhas e a paráfrase aleatória da tradução livre e eliminar o preconceito contra a tradução literal. Esta ele defende abertamente por ser o procedimento básico de tradução, tanto na comunicativa quanto na semântica. Pondera, no entanto, que acima do nível da palavra, esse tipo de tradução fica cada vez mais difícil de ser realizada. Acredita que ela é correta e não deve ser evitada, na condição de que ela garanta a equivalência referencial e pragmática com relação ao texto original.

Diferencia a tradução literal da tradução palavra-por-palavra, sendo que esta última transfere a estrutura gramatical, a ordem das

palavras e o sentido primário de todas as palavras da LO para a LT. Já a tradução “um-por-um” admite que cada palavra da LO tenha uma palavra correspondente na LT; contudo, o seu sentido primário pode divergir. A tradução literal transcende ambas, não permitindo, por exemplo, a interferência gramatical da LO na LT.

Para Newmark, nenhuma língua ou cultura é tão primitiva a ponto de não aceitar os termos e conceitos de um determinado assunto: a tradução sempre é possível. Ele condena a modificação, a recriação desnecessária das traduções, em detrimento da força da tradução literal, o que deixa clara a sua postura de fidelidade ao autor ou ao TLO. Observa que o elemento figurativo da língua milita contra a tradução literal quando seu teor é cultural ou quando se trata de uma metáfora padronizada, cuja tradução precisa manter a naturalidade e observar o grau de mudança de significado e de tom. Por outro lado, a tradução literal é favorecida quando o objeto de tradução é um universal ou original. Entretanto, observa que há restrições para a sua aplicação – se uma unidade perfeitamente natural da LO produzir uma tradução literal estranha na LT, esta acarretará um erro.

Newmark condena Gadamer por declarar que nenhuma tradução é tão compreensível quanto o seu original. Lembra-nos que, se houver dificuldades em se traduzir determinada palavra, ainda há o recurso da análise componencial, que ele descreve e comenta em capítulo à parte. Adverte que a análise componencial na tradução é diferente daquela aplicada na lingüística, onde ela significa análise dos vários sentidos de uma palavra atomizados em componentes de sentido que podem ser universais ou não. Na tradução, o processo básico é comparar a palavra na LO com a da LT, apontando-se primeiro seus componentes em comum, e depois seus componentes diferenciados pelo sentido, para se transpor as lacunas lexicais, tanto lingüísticas quanto culturais, entre uma língua e outra.

## 6. Informações complementares

Em seu extenso livro, muitas outras relevantes considerações são abordadas, tais como a aplicação da gramática de caso à tradução (Capítulo 12), a análise do discurso e a unidade de



tradução (Capítulo 6), o tópico tradução e cultura (Capítulo 9), a tradução de neologismos (Capítulo 13), a tradução técnica e literária (Capítulos 14 e 15), a crítica tradutória (Capítulo 17) e a bibliografia de referência e sua utilização (Capítulo 16). Apesar de englobarem conceitos importantes ao estudioso da tradução, enfatizamos nesta síntese aqueles que se revelam uma contribuição distintiva do autor, destacados nas partes 1 a 5.

# CONTEXTUALIZANDO A TRADUÇÃO

# CONTEXTUALIZANDO A TRADUÇÃO: INTRODUÇÃO

Else Ribeiro Pires Vieira \*

[ Surgem, ao final da década de setenta, e desenvolvem-se nas décadas subseqüentes, formulações na teoria literária, na teoria crítica e na semiótica que permitiram ou contribuíram potencialmente para que os Estudos da Tradução transcendessem a unidade operacional da palavra para a macro-estrutura da História e da Cultura, incorporando, ainda, o papel do leitor no processo. É também fato notório que a insatisfação com as teorias centradas no texto, ou seja, com a imanência subjacente a um dos segmentos do Formalismo Russo, ao Estruturalismo francês e ao "New Criticism" americano levou, especificamente, ao desenvolvimento de tais teorias que contemplam as questões de pragmática e contextualização. Todavia, a consideração do leitor e do pólo receptor não é recente na teoria literária, como revelam, por exemplo, os conceitos de catarse de Aristóteles e o de "ostranenie" de Shklovsky. Ainda assim, foi apenas nas últimas décadas que se esboçaram formulações teóricas mais amplas em torno do problema. ]

O caráter fragmentário e pontual de algumas contribuições leva à seleção, para exame, de apenas três segmentos teóricos, apresentados nos três capítulos subseqüentes deste volume: a teoria da recepção (formulada por Jaus e Iser da Escola de Constância), a teoria dos poli-sistemas (apresentada por Itamar Even-Zohar e elaborada por Gideon Toury, ambos da Escola de Telavive) e a

---

\* Professora adjunta de Literatura Inglesa e de Teoria de Tradução, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da UFMG, Tradutora.

teoria das refrações ou reescrita (formulada por Lefevere). Esses segmentos teóricos descrevem a articulação do texto com, respectivamente, o leitor e a história, o poli-sistema literário, e o co-sistema de reescritas associado às estruturas de poder e os agentes de continuidade numa cultura. Cumpre ressaltar que a teoria da recepção é geral, ao passo que as teorias dos poli-sistemas e das refrações são associadas, geralmente, aos Estudos da Tradução. O objetivo da análise é heurístico, no sentido de levar à escolha de uma teoria que amplie a discussão da contextualização da tradução. †

Holub esclarece que, além da vertente estruturalista da Rússia para a França, há uma vertente paralela dos formalistas russos para os teóricos alemães da recepção. Poderíamos acrescentar uma terceira vertente, de Leningrado a Telavive, que resultou na teoria dos poli-sistemas lançada em 1970 por Itamar Even-Zohar e que recebeu contribuições posteriores, na sua aplicação específica aos Estudos da Tradução, de Gideon Toury, *inter alia*, e uma reformulação por André Lefevere.

A Escola de Leningrado, associada aos nomes de Jububinsky, Shklovsky, Ejxembaum, Zirmunsky, Tynianov, Tomashevsky, etc., com vistas a um estudo científico da literatura, tendia a enfatizar a história literária em detrimento das questões lingüísticas, na busca de propriedades universais ou pelo menos gerais (FOKKEMA, 1976:154). A visão deste grupo, principalmente a de Tynianov, é que a literatura é dinâmica, ou seja, o texto literário não constitui um fato estático e isolado, mas parte de uma tradição e de um processo comunicativo (FOKKEMA, 1976:165). Essa interrelação é expressa por três conceitos interligados – a função, a evolução e o sistema:

A função de cada obra é sua correlação com outras (assim como a função da literatura como um todo é a sua correlação com outras séries culturais) (...). Se considerarmos que a evolução é uma mudança nas interrelações entre os membros de um sistema, ou seja, uma mudança das funções e dos elementos formais, então a evolução quer dizer uma "mudança" de sistemas (...). A verdadeira comparação de fenômenos literários diferentes deve ser feita com base em funções e não em formas (...). O estudo da evolução literária só é possível se a literatura for considerada como uma série relacionada a outras séries e sistemas (...). Um sistema da

série literária é antes e acima de tudo um sistema de funções da série literária em constante correlação com outras séries (O'TOOLE, SHUKMAN, 1977: 32-33).

O conceito de evolução literária, retomado pelo Estruturalismo de Praga e, posteriormente, pela teoria da recepção e a teoria dos poli-sistemas, recebe também grande contribuição do conhecido conceito de "ostranenie" de Shklovsky. Todavia, apesar da raiz comum (Formalismo Russo e Estruturalismo de Praga), os teóricos da recepção e dos poli-sistemas diferem no seu uso respectivo da mesma fonte. Por exemplo, os teóricos alemães enfatizam a diminuição da percepção, pelo leitor, de um recurso automatizado e a decorrente necessidade de técnicas de desfamiliarização para aumentar a sua percepção. Já os teóricos de Telavive enfatizam os efeitos, sobre o sistema literário como um todo, de um gênero literário não mais capaz de funcionar adequadamente e a decorrente necessidade de inovação. Em outras palavras, os teóricos alemães consideram os efeitos sobre o leitor e os teóricos de Telavive os efeitos sobre a dinâmica do sistema literário. Essa ênfase diferente também levou-os a usar diferentes fontes adicionais, no primeiro caso a hermenêutica de Gadamer e a fenomenologia de Ingarden, e, no segundo caso, a semiótica da cultura de Lotman, dentre outros, além de desenvolvimentos recentes da teoria dos sistemas. Lefevere também parte da teoria dos sistemas, mas a utilização posterior de Wittgenstein, Foucault, da sociologia da literatura e da história cultural emprestam à sua teoria uma orientação diferente das Escolas de Constância e de Telavive, como veremos.

Verificaremos, ainda, que cada uma dessas teorias oferece valiosas contribuições, em graus variáveis, mas que todas padecem de uma certa incompletude. A potencialidade da teoria de Jauss para se contemplar a tradução enquanto interpretação historicamente situada é de grande importância, pois as traduções, de imediato, instauram uma descontinuidade histórica. Todavia, sua teoria carece de bases empíricas. A teoria de leitura de Iser, se aplicada à tradução, contribui com uma distribuição equitativa de poder entre autor e leitor, mas seu constructo do leitor implícito revela-se problemático. Seu outro constructo, o do repertório, é, também, potencialmente,

esclarecedor para a análise de traduções. Contudo, esse repertório é inscrito no texto e, assim, parece faltar o passo à frente que leve da história inscrita no texto à história contemporânea à recepção do texto. Em suma, falta a Iser o passo do ficcional ao mundo concreto. Even-Zohar e Toury fornecem um constructo que contempla a relação entre a literatura traduzida e a receptora. No entanto, o sistema literário para eles não inclui a dimensão humana e torna-se difícil conceber um sistema literário sem editores, tradutores e leitores. Lefevere, ao articular a literatura, o sistema de reescritas e os agentes de continuidade de uma cultura, ou seja, a literatura interagindo com a cultura, contempla o componente político. Ele permite também que a cultura constitua a unidade operacional de análises. Todavia, seria necessário que ele elaborasse a questão do leitor, além da tipologia do leitor profissional e não profissional.

A potencialidade de se contemplar a historicidade da tradução a partir de Jauss, a equilibrada consideração do texto, produtor e leitor em Iser, uma base teórica para se trabalhar as relações entre o sistema da literatura traduzida com a literatura receptora em Even-Zohar e Toury, a interação da tradução com a cultura e suas estruturas de poder em Lefevere revelam serem as contribuições desses teóricos individualmente válidas e necessárias para os Estudos da Tradução. As suas respectivas incompletudes apontam, por outro lado, para a sua complementaridade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASSNETT, Susan & LEFEVERE, André. Introduction: Proust's Grandmother and the Thousand and One Nights. The 'Cultural Turn' in Translation Studies. In BASSNETT, Susan & LEFEVERE, André (eds). *Translation, history & culture*. Londres & Nova York: Pinter Publishers, 1990. p.1-13.
- FOKKEMA, D.W. Continuity and change in Russian formalism, Czech structuralism, and Soviet semiotics. *PTL: A journal for descriptive poetics and theory of literature*, Tel Aviv, v.1, p.153-196, 1976.
- HOLUB, Robert C. *Reception theory: a critical introduction*. London: Methuen, 1984.
- SHUKMAN, Ann & O' TOOLE (org.). *Russian poetics in translation: Formalist Theory*. Oxford: Holdam Books Limited, 1977, v.4.

# HISTÓRIA E LEITOR: A POTENCIALIDADE DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO PARA A CONTEXTUALIZAÇÃO DA TRADUÇÃO

Else Ribeiro Pires Vieira\*

São dois os principais teóricos da Teoria da Recepção, ambos, originalmente, da Escola de Constância, cuja potencialidade para a contextualização da tradução aqui se examina: Jauss, que formulou a teoria da Estética da Recepção calcada na hermenêutica, e Iser que elaborou uma teoria de leitura embasada na fenomenologia. Examinemos, primeiramente, a Estética da Recepção de Jauss e a aplicabilidade de sua teoria à tradução, mais especificamente a visão do pensamento qua interpretação, a idéia de mediação e a historicidade do significado.

## 1. O diálogo da obra com a história e o leitor: Jauss

O surgimento da Estética da Recepção, Jauss argumenta, faz parte de um questionamento geral da a-historicidade do Estruturalismo, preso às premissas de um universo lingüístico fechado. Em oposição a ele, a Estética da Recepção compartilha com o pós-

---

\* Professora adjunta de Literatura Inglesa e de Teoria de Tradução, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da UFMG, Tradutora.

estruturalismo a visão da obra aberta, a recusa do logocentrismo e a reintrodução da visão do texto literário no seu papel de transformação social. Todavia, o pós-estruturalismo deveria, na percepção de Jauss, ser seguido por um passo adiante que levasse do sujeito que escreve ao sujeito que lê e avalia (JAUSS, 1980:18).

O objeto da Estética da Recepção é a história literária definida como um processo que sempre envolve três agentes: o autor, a obra e o público. A recepção, neste esquema, é definida como um ato duplo que abrange tanto o efeito produzido pela obra de arte quanto o modo como ela é recebida pelo público, ou seja, sua resposta (JAUSS, 1980:15). Jauss rejeita o ideal de objetividade defendido por metodologias positivistas anteriores. Por outro lado, como observa Holub, ele se apóia bastante nos formalistas russos – na sua combinação de significância artística e histórica e na sua noção de uma série literária diacrônica, à qual ele acrescenta aspectos sincrônicos (HOLUB, 1984:64-65). A sincronia, sob a ótica da recepção, esclarece a questão importante de quais obras de arte são aceitas e quais são recusadas (JAUSS, 1980:21). Na sua tentativa de escrever uma nova história literária, tanto a diacronia quanto a sincronia são relevantes para Jauss, porque a *“historicidade da literatura aflora exatamente na interseção da diacronia e da sincronia”* (JAUSS, 1982:37). Além do mais, por sua ênfase na historicidade, Jauss acrescenta uma dimensão maior ao seu trabalho ao aderir à hermenêutica, notadamente a de Gadamer, que tem suas raízes na visão existencialista de Heidegger. Nessa visão, o ser humano é constituído pela história e o tempo constitui a própria estrutura da vida humana (EAGLETON, 1984:63). Gadamer, utilizando o pensamento de Heidegger para a teoria literária, argumenta que a significação depende da situação histórica do intérprete (SELDEN, 1985:112). Os significados, conforme apresentados pelos autores, são constantes no desenrolar da história, mas as significações mudam por envolverem o leitor. Gadamer argumenta que as intenções do autor não esgotam a questão do significado de uma obra de arte. À medida que ela se desloca de um contexto histórico ou cultural, novas significações emergem, significações essas que podem não ter ocorrido ao autor ou ao público contemporâneo. Essa descontinuidade histórica advém do fato de toda interpretação ser situacional,



moldada e limitada pelos critérios históricos e relativos de uma cultura dada (EAGLETON, 1984:67-71).

Ainda de acordo com Gadamer, a interpretação de uma obra de arte anterior constitui um diálogo entre o passado e o presente. O que a obra nos diz depende do tipo de pergunta que formulamos a partir da nossa posição de vantagem na história e da nossa habilidade de reconstruirmos a pergunta para a qual a obra constitui uma resposta. É porque a obra constitui também um diálogo com a sua própria história. A compreensão é produtiva e ocorre quando há uma fusão do nosso horizonte de significados e o da obra (EAGLETON, 1984:71-72). O horizonte, para Gadamer, é o *"alcance da visão que inclui tudo que pode ser visto a partir de um ponto de vantagem dado"* (HOLUB, 1984:59).

Embora Jauss se afaste da concentração exclusiva de Gadamer nas obras do passado, sua hermenêutica informa a estética da recepção. Todavia, Jauss se vale também da hermenêutica na filosofia e na jurisprudência. Assim, ele postula três momentos integrados para o ato hermenêutico, a compreensão (*"Verstehen"*), a interpretação (*"Auslegen"*) e a aplicação (*"Anwenden"*). O princípio hermenêutico assegura que a interpretação é sempre parcial. Em oposição à hermenêutica literária até aquela época, esta deveria transcender a mera reconstrução do passado e ser aplicada a cada instante da interpretação (JAUSS, 1980:17; 1982:139).

O papel ativo do sujeito receptor na atualização sucessiva dos significados das obras no desenrolar da história também pressupõe uma escolha e uma parcialidade face à tradição passada – entre a apropriação e a recusa do passado, entre a sua preservação e a sua renovação (JAUSS, 1980:20). Contudo, não são apenas as formas de atualização de obras canônicas que emprestam dinamismo histórico à Estética da Recepção. Os estilos, os gêneros e os períodos também reaparecem no horizonte mutável da significação e devem ser interpretados à luz das posições mutáveis do intérprete (JAUSS, 1980:21).

Dois aspectos da teoria de Jauss devem já estar claros. Primeiramente, as interpretações não são fixas, uma vez que os leitores em épocas diferentes ao longo da história trazem uma bagagem diferente para a tarefa de interpretação. Em segundo lugar,

a interpretação constitui uma fusão de elementos textuais com a bagagem do leitor. Esse dinamismo histórico da teoria de Jauss representaria uma grande contribuição se o postulado metodológico da fusão não fosse colocado em termos tão nebulosos. O problema é que a fusão depende dos conceitos centrais de horizonte e horizonte de expectativas, que são precariamente definidos. Como esclarece Holub, parece que Jauss se apóia em usos anteriores do termo na Alemanha, mas as referências anteriores também são prejudicadas por uma falta de especificidade. Além do mais, há tantas variações do termo, igualmente não definidas (*“uma estrutura de horizonte”*; *“horizonte de experiência de vida”*; *“horizonte material das condições”*) que o leitor se confunde (HOLUB, 1984:59).

O entendimento de Eagleton é que Jauss utiliza o termo “horizonte” para se referir ao contexto de significados culturais no qual uma obra literária foi produzida (EAGLETON, 1984:73). O entendimento de Selden é que o “horizonte de expectativas” é usado por Jauss para descrever os critérios que os leitores usam para julgar os textos literários numa época dada (SELDEN, 1985:114). Holub tenta uma definição provisória, na qual o “horizonte de expectativas” deve se referir a um sistema inter-subjetivo ou estrutura de expectativas, um “sistema de referências” ou uma conformação mental que um sujeito hipotético traz para qualquer texto (HOLUB, 1984:59). Esta coleção de entendimentos nos permite definir a interpretação como a fusão dos significados culturais de uma obra com a bagagem cognitiva, histórica e axiológica de um leitor. Todavia, o próprio Jauss explica que o horizonte de expectativas está sugerido na própria obra e, como tal, não constitui parte da estrutura do leitor – é quando ele descreve o que quer dizer “significado” sob a ótica da recepção:

(...) o sentido de uma obra se constitui sempre de novo, como o resultado de uma coincidência de dois fatores: o horizonte de expectativa (ou o código primário) sugerido pela obra, e o horizonte da experiência (ou código secundário) suprido pelo receptor (JAUSS, 1980:15).

Torna-se difícil decidir se seguimos o próprio Jauss ou os seus exegetas. Em outro momento, Jauss afirma que a distância estética é a distância entre o horizonte de expectativas e a obra ou "*a mudança de horizontes*" (JAUSS, 1982:25), o que sugere que o horizonte de expectativas se encontra fora da obra. De qualquer forma, a nebulosidade em torno de um conceito central pode gerar contradições e lançar impecilhos à viabilidade metodológica da teoria.

Duas fases distintas informam a Estética da Recepção de Jauss. Na sua primeira formulação, a teoria era calcada numa estética autónoma da arte. Assim, ela considerava obras que, por seu valor de inovação, transcenderam o horizonte de expectativas do primeiro público (JAUSS, 1980:22).<sup>1</sup> Essa ótica, que liga Jauss à teoria da percepção através da desfamiliarização de Shklovsky, sugere uma espécie de "*estética da negatividade*". De acordo com Holub, tal estética levou Jauss a reconsiderar sua própria negatividade anterior:

o que incomoda Jauss na teoria de Adorno é que ela permite uma função social positiva para a arte somente quando a obra de arte nega a sociedade específica na qual foi produzida. Desta forma, ele não deixa espaço para a literatura afirmativa e progressiva, uma vez que a literatura em geral é definida por sua oposição às práticas sociais (HOLUB, 1984:70).

Assim, reformulando sua teoria para acomodar a comunicação literária em todas as suas funções, Jauss introduz a questão do prazer. A partir daí, a práxis estética é vista em suas três atividades: a produção ou "poiesis", a recepção ou a "aesthesis" e a comunicação ou "catharsis".<sup>2</sup>

Há um último aspecto a ser considerado na teoria de Jauss, que é a sua visão da função social da arte que, por sua vez, liga-se ao

---

<sup>1</sup> A propósito, desta vez o uso de "*horizonte de expectativas*" sugere que ele é externo à obra.

<sup>2</sup> Essa é a visão subjacente ao seu ensaio de 1980 que é usado no decorrer dessa seção (JAUSS, 1980:22), juntamente com a tradução inglesa de seus artigos, em 1982.

conceito de distância estética. Informado por uma visão da recepção como um macrocosmo, Jauss explica a função social da arte:

A distância entre a literatura e a história, entre o conhecimento estético e o histórico, pode ser diminuída se a história literária não descrever simplesmente o processo da história geral refletido nas suas obras uma outra vez, mas quando descobrir no decorrer da "evolução literária" essa função propriamente de formação social que pertence à literatura, na medida em que ela compete com as outras artes e forças sociais pela emancipação da humanidade de seus grilhões naturais, religiosos e sociais (JAUSS, 1982:45).

## 2. A aplicabilidade da teoria de Jauss à contextualização da tradução

Potencialmente, a Estética da Recepção de Jauss é bastante esclarecedora para a análise da tradução no contexto. De imediato, sua tentativa de superação da a-historicidade do estruturalismo e congêneres é igualmente válida para superar a imanência da tradutologia calcada na unidade operacional da palavra. Na mesma linha de raciocínio, pode-se dizer que o seu princípio metodológico de análise dentro da dialética de produção e recepção seria igualmente válido para a análise da tradução. Além do mais, Jauss concebe a recepção como um processo duplo, pois ela envolve tanto a resposta do leitor quanto o efeito da obra de arte, o que torna sua teoria bem abrangente. Como tal, ela levanta questões importantes, como a mencionada anteriormente, de quais e porque as obras de arte e, conseqüentemente, as traduções, são aceitas ou recusadas. Também a sua visão de que a atualização das obras de arte acarreta uma escolha face à tradição, entre preservá-la ou renová-la pode ser particularmente interessante para a análise do panorama tradutório atual no Brasil, quando duas tendências são discerníveis (cf., por exemplo, o projeto tradutório vanguardista dos irmãos Campos e de Silviano Santiago, e o de tradutores mais conservadores como Péricles Eugênio da Silva Ramos, Ivan Junqueira, etc.).

Há também uma lógica em se considerar as bases hermenêuticas dessa teoria para os Estudos da Tradução. Sua aplicação relati-

viza, de imediato, o mito da invisibilidade do tradutor/tradução, pois a hermenêutica prioriza a interpretação que se desenvolve não de forma linear mas circular, como um movimento permanente para trás e para frente. Ademais, em oposição à tradição cartesiana cuja tarefa principal é a recuperação do começo perfeito, a premissa da mediação questiona a existência de um princípio neutro e perfeito para o pensamento; inversamente, pelo conceito de círculo hermenêutico, o pensamento começa com os preconceitos existentes, o que novamente relativiza a dita neutralidade e transparência da tradução entendida enquanto leitura de um original. Também se faz presente a questão da temporalidade em todo ato de interpretação – o que é interpretado já pertence ao passado e a interpretação apresentada dá a ele um novo significado que influencia sua compreensão futura.

Ainda com base em Jauss, vários aspectos importantes da tradução no contexto poderiam ser contemplados: quais as traduções que foram aceitas e quais foram recusadas? Dada a premissa da mediação, qual é o horizonte de experiência histórica que o tradutor enquanto leitor traz para a sua interpretação do original? Onde se situa o ponto de encontro do horizonte do original e o do tradutor ou público receptor? Quais as perguntas que o leitor da tradução pode fazer à obra de arte a partir da sua posição de vantagem na história? À luz dos diferentes contextos de produção e recepção, o que a obra de arte responde ao leitor da tradução? Mas, se a obra de arte é também um diálogo com a sua própria história, o que a história da qual emerge o original compartilha com a história receptora da tradução? Dada a função social da literatura, quais são os efeitos do texto traduzido sobre a história receptora? Todavia, as tentativas de se responder a algumas dessas questões esbarra no problema das bases empíricas da teoria de Jauss. Ele alega que não é suficiente analisar a história da obra de arte, a exemplo dos formalistas russos, mas ela deve ser analisada na história (JAUSS, 1982:18). Mas ele *“ainda não sofre por não ter se tornado um empirista”* e aceita que a sua *“solução ainda não forneça o modelo para a já esperada pesquisa empírica da recepção”* (JAUSS, 1982:144). Suas esclarecedoras icléias abrem perspectivas, mas há uma certa dificuldade em usá-las enquanto instrumentos descritivos.

Uma outra dificuldade metodológica relaciona-se a uma ampla e vaga conceituação. Por exemplo, a teoria acrescenta a importante dimensão do leitor; todavia, este leitor é definido por existir na história, e nós ficamos a desejar que ele forneça coordenadas de como trabalhar esse leitor.

No caso de pesquisas individuais e de médio alcance, há também a necessidade de se fazer recortes teóricos e delimitar trajetórias de pesquisa específicas em meio à grandiosidade do projeto de Jauss que, em termos ideais inclui:

1. uma historiografia da arte baseada nas funções históricas de produção, comunicação e recepção (JAUSS, 1982:62);
2. uma concepção do significado e forma da obra literária no desenrolar histórico da sua compreensão e mais a sua inserção na série literária (JAUSS, tese 5, 1982:37);
3. uma análise da produção literária na interseção da diacronia e da sincronia (JAUSS, tese 6, 1982:37);
4. uma análise da obra de arte na sua relação com a história geral (JAUSS, tese 7, 1982:39).

Um outro problema relacionado à historicidade de Jauss é seu divórcio da história efetiva. Seu leitor, de cuja posição de vantagem na história deve-se descrever a literatura, na sua onipotência na aceitação e recusa de obras literárias não contempla a história efetiva e a sociologia da literatura que revelam que os agentes de continuidade (como editoras, as instituições educacionais, etc.) interagem na canonização ou não de autores e na modelação das expectativas do leitor; aliás, esse é um aspecto que Lefevere contempla em sua teoria, como veremos em capítulo específico adiante.

Em conclusão ao exame da aplicabilidade da teoria de Jauss à análise de traduções no contexto, podemos dizer que certas dificuldades não obliteram o valor de suas intravisiões. Após a leitura de Jauss, torna-se difícil voltar às análises anteriores, fora da história e desprovidas de um leitor e de um contexto de recepção. Há também que se enfatizar que a historicidade para a qual ele nos sensibiliza é particularmente importante para a tradução que instaura, de imediato, a descontinuidade histórica e evidencia ser a interpretação uma fusão de significados culturais. Enfatiza-se, sobretudo, a sua contribuição de sensibilizar-nos para o diálogo da obra com os desdobramentos da história.

### 3. A interação entre a obra e o leitor: a teoria de leitura de Iser

Uma orientação fenomenológica informa a crítica baseada na resposta do leitor formulada por Iser que, todavia, compartilha com Jauss o desafio à autonomia e à autoridade da obra de arte e a conseqüente valorização do leitor e da pragmática literária. A premissa básica de Iser é ser a leitura interativa, no sentido de um texto só passar a existir quando for lido. Assim, ele deve ser estudado através dos olhos do leitor e o processo de leitura deve ser descrito como *"a transformação, pelo leitor, dos sinais enviados pelo texto"* (1989:4). Ao contrário de teóricos mais radicais como Fish, para o qual nada é dado e o leitor supre tudo (FREUND, 1987:149), Iser busca uma distribuição eqüitativa da autoridade, no sentido de que o *"texto propõe ou instrui, e o leitor dispõe ou constrói"* (FREUND, 1987:142-147), porque *"o significado deve ser claramente o produto de uma interação entre os sinais textuais e os atos de compreensão do leitor"* (ISER, 1978:9).

Negando a visão da arte como representação, Iser alega que nós reconhecemos na literatura muitos elementos que integram a nossa experiência, mas eles constituem um mundo familiar reproduzido de forma não familiar, por apresentarem reações e atitudes com relação ao mundo em que vivemos (1989:6). Este argumento Iser elabora em *A realidade da ficção* (ISER, 1978). Se a obra literária não pode ser totalmente identificada com os objetos do mundo externo ou com as experiências do leitor, essa ausência de identificação é que gera um grau de indeterminação que o leitor contrabalançará através do ato de leitura (1989:7). A principal característica do texto literário é a sua posição intermediária entre o mundo externo dos objetos e o mundo da experiência do próprio leitor (ISER, 1989:8). Os textos, Iser argumenta, não são totalmente precisos (ou "esquematizados" na terminologia de Ingarden, cuja teoria Iser incorpora); pelo contrário, eles apresentam vazios ou áreas de indeterminação que constituem um elemento básico da resposta estética, pois eles incitam alguma forma de participação por parte do leitor (1989:9-10). Exemplos de indeterminação incluem técnicas de corte nos romances seriados, as interrupções, etc. Dados os vazios, a imaginação do leitor pode construir um padrão do texto e, assim, a leitura se torna um ato de geração de significados (ISER, 1989:17). Além do mais, o

texto literário caracteriza-se pelo fato de não explicitar sua intenção. Assim, o mais importante dos seus elementos está ausente, o que é preenchido pelas projeções guiadas da imaginação do leitor (ISER, 1989:29).

A interação, para Iser, é uma influência recíproca, um aspecto que ele explora em "A interação entre o texto e o leitor" (1979:83-132). De acordo com a teoria da interação, é a imprevisibilidade ou a contingência que formam a base da interação face a face. Na sua ambivalência produtiva, a contingência surge da interação e ao mesmo tempo a alimenta (ISER, 1979:84-85). Contudo, a interação texto-leitor difere da interação face a face porque o texto não pode sintonizar com o leitor que, por sua vez, não pode obter do texto a confirmação explícita de que a sua compreensão está correta. Todavia, Iser argumenta que é legítimo considerar a relação texto-leitor como uma forma de interação. Se a contingência gera a interação diádica, os vazios e as negações que geram a assimetria fundamental entre texto e leitor desencadeiam a comunicação no processo de leitura. O equilíbrio nessa relação assimétrica só pode ser alcançado pelo preenchimento dos vazios constitutivos através das projeções do leitor. Assim, os vazios e as negações geram a assimetria mas ao mesmo tempo desencadeiam a comunicação (ISER, 1979:91-92).

Conforme dito anteriormente, o conceito de vazios e indeterminações de Iser é tributário do conceito de pontos de indeterminação de Ingarden, mas os dois teóricos diferem, pois Ingarden admite apenas uma forma de concretização, ao passo que Iser defende que há uma ampla gama de pontos de indeterminação e, conseqüentemente, de concretizações (ISER, 1979:102).

#### **4. Contribuições da teoria de leitura de Iser para uma contextualização da tradução**

Pode-se dizer que a abordagem fenomenológica de Iser constitui, potencialmente, um instrumento válido para a descrição de traduções, por romper com as abordagens normativas e centradas na origem. De imediato, sua distribuição equitativa de autoridade entre o texto e o leitor, se transposta para a tradução,



representa uma ruptura com o poder e superioridade do original e a decorrente visão do caráter derivativo e subserviente da tradução, associada ao pensamento convencional. Além do mais, se considerarmos o tradutor no seu papel de leitor e, como tal, produtor de significados, o constructo teórico de Iser permite que sua voz seja ouvida, o que caracteriza a tradução como um espaço polifônico. Rompe-se assim, novamente, a visão questionável da transparência ou invisibilidade do tradutor. Uma outra contribuição pertinente é que, de acordo com Iser, o processo de leitura pode ser descrito como a transformação, por parte do leitor, dos sinais fornecidos pelo texto, o que permite conceber-se a tradução também como transformação e o tradutor como transformador. A tradução seria, assim, uma re-apresentação do original e não uma reprodução mimética.

Todavia, surge um obstáculo quando Iser explicita o papel do leitor no processo de interação, se considerarmos a aplicabilidade da teoria à descrição de traduções. É que a espinha dorsal da teoria é a existência de vazios no texto que o leitor preenche através de atos de projeção ou ideação. O conceito é válido como um ponto de partida para a análise da interação do leitor com o texto literário. Mas é pouco provável que o tradutor, enquanto leitor, vá preencher os vazios do texto através dos seus atos de ideação. Por exemplo, se, ao final de um capítulo de um romance seriado, o autor do original deixar um vazio, um recurso para criar suspense com relação aos capítulos seguintes, é bem pouco provável que o tradutor vá preencher esse tipo de vazio. É inegável, sob a ótica fenomenológica, que o tradutor traz a sua bagagem cognitiva para os seus atos de compreensão do texto. Contudo, o constructo teórico de vazios e indeterminações não parece assistir à descrição do papel do tradutor na sua especificidade.

## 5. O conceito de repertório de Iser

Resta-nos examinar se o conceito de repertório assiste aos Estudos da Tradução na descrição da articulação entre texto e contexto. No seu capítulo específico sobre o repertório, Iser explica que este representa todo o território familiar dentro de um texto,

o que pode assumir a forma de referências a obras anteriores, a normas históricas e sociais ou à toda a cultura, o que o Estruturalismo de Praga denominou “realidade extratextual” (ISER, 1978:74). Nesses elementos, Iser inclui também a tradição literária incorporada a essas normas (ISER, 1978:79), o que confere ao repertório uma dimensão intertextual, por sua vez reforçada pela inclusão das alusões. Essas alusões, removidas do seu contexto original, são despragmatizadas e repragmatizadas num novo contexto.

Nessa tentativa de afastamento das abordagens ontológicas do texto literário, Iser sugere abordagens funcionais; assim, ele argumenta que não se deve perguntar qual é o significado de um texto mas qual o seu efeito sobre o leitor, estabelecendo-se, desta forma, uma pragmática literária (ISER, 1978:53-54). Sob essa ótica, a realidade extratextual despragmatizada e repragmatizada *“impõe uma dimensão não familiar da história arraigada”*, o que gera *“um abalo do ritmo monótono do cotidiano”*, *“deformando”* a sua *“aparente imutabilidade”*, que se transforma em algo ilusório (ISER, 1978:82). Dentro da mesma linha de raciocínio, Iser argumenta que a linguagem ficcional apresenta convenções, mas ao contrário dos atos lingüísticos que organizam as convenções verticalmente, ela rompe com a estrutura vertical do passado para o presente, organizando-a horizontalmente, ou seja, ela despragmatiza as convenções selecionadas (1978:61). Nessa organização horizontal, o texto combina e nivela normas de sistemas diferentes que, na vida real, mantêm-se separadas; através dessa combinação seletiva, o repertório oferece informações sobre os sistemas, através das quais pode-se formar um quadro da natureza humana. Assim, embora a linguagem literária não tenha referências empíricas, ela fornece instruções para que o próprio leitor construa a situação e crie um objeto imaginário (ISER, 1978:62-65).

O repertório, Iser esclarece, incorpora tanto a origem quanto a transformação de seus elementos, porque as convenções, as normas e a tradição são sempre modificadas pelo fato de terem sido removidas do seu contexto original. Nesse sentido, ele compartilha com Barthes a visão da natureza paradoxal da obra literária, por representar e ao mesmo tempo resistir à história (ISER, 1978:70-73). Ora, se o repertório consiste na recodificação das normas sociais e

históricas, ele permite ao leitor contemporâneo perceber o que ele não percebe no cotidiano, como também às gerações subsequentes apreenderem uma realidade alheia à sua (ISER, 1978:74). Em última instância, Iser argumenta que o texto literário permite ao leitor reagir à sua própria realidade, que pode ser assim remodelada. Através desse processo, a experiência anterior do leitor pode submeter-se a uma reavaliação análoga – daí os efeitos dos significados pragmáticos: *“a correção imaginária de realidades deficientes”* (ISER, 1978:85).

Embora haja um tom um pouco messiânico, reminescente de Jauss, na colocação de Iser sobre o efeito pragmático do repertório, é inegável que suas percepções podem levar a uma reflexão sobre os aspectos pragmáticos da tradução. Se a tradução, pelo próprio fato da transposição do contexto, envolve um processo de despragmatização e repragmatização, pode-se afirmar que ela gera uma recodificação das normas sociais e históricas, permitindo ao leitor perceber o que não se percebe no cotidiano, ou seja, pelo fato de a tradução operar um distanciamento, pode-se levantar a hipótese de que ela aumentará a percepção e, conseqüentemente, a postura de reflexão e criticidade do leitor. Todavia, Iser revela certas tensões no seu tratamento da realidade extratextual. De imediato, apesar de sua polêmica anti-formalista, sua realidade extratextual está inscrita no texto, e o que o leitor traz da sua própria realidade para o ato de leitura é colocado em termos bem vagos. Talvez isso se explique por uma outra tensão na teoria de Iser, ou seja, o próprio leitor. No decorrer do seu trabalho, Iser elabora o constructo de um leitor textualizado, o chamado “leitor implícito”, que está inscrito no próprio texto. Contudo, quando ele elabora a questão da realidade extratextual através do constructo do repertório, ele desliza para o leitor contemporâneo, que manipula vagamente, com uma certa simplicidade e com menos confiança. Essas tensões e simplificações no que se relaciona ao contexto e à história sugerem que Iser talvez não tenha conseguido superar o formalismo. Assim sendo, é difícil para a sua teoria acomodar o contexto. Se o seu leitor e o repertório estão inscritos no texto, a literatura permanece, para ele, um sistema fechado. É que falta ao seu constructo do repertório o passo à frente que elabore melhor a articulação da história recodificada no texto

com a história efetiva e não recodificada na qual se inscreve o leitor contemporâneo.

O título de obra mais recente de Iser, *Prospecting: from reader to literary anthropology*, de 1989, sugere que uma orientação cultural informará a teoria reformulada. Todavia, não há propriamente uma reformulação e a teoria permanece dentro dos moldes de suas publicações anteriores. O último capítulo, dedicado especificamente à questão da antropologia literária, acrescenta pouco ao rompimento dos limites do texto literário. O argumento de Iser é que há uma necessidade de a teoria literária desenvolver sua própria heurística literária, e não fazê-lo a partir de outras disciplinas calcadas na antropologia. Esta antropologia permitiria que se respondesse questões relativas à necessidade da ficção (ISER, 1989:262-284). Todavia, essa declaração representa uma admissão de necessidade e não uma proposta em si que poderia dar mais profundidade à sua discussão da contextualização. Assim sendo, o tratamento do problema permanece embrionário.

## 6. Conclusão

Considerando as tensões e dificuldades da crítica centrada no leitor no decorrer deste texto, algumas das quais já feitas por Freund (1977:96-97), podemos concluir pela necessidade de desenvolvimentos dessa teoria(s) enquanto instrumento heurístico. Todavia, importantes intravisiões das teorias de Jauss e Iser apontam para uma importante contribuição nos níveis da reflexão e da potencialidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUCZYNSKA-GAREWICZ, Hanna. Peirce's semiotics and Heidegger's hermeneutics: two concepts of interpretation. In: DEELY, John (org.) *Semiotics 1985*. New York: University Press of America, 1986. p.467-478.
- EAGLETON, Terry. *Literary theory: an introduction*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.

- FREUND, Elizabeth. *The return of the reader: reader-response criticism*. London: Methuen, 1987.
- HOLUB, Robert C. *Reception theory: a critical introduction*. London: Methuen, 1984.
- ISER, Wolfgang. *The act of reading: a theory of aesthetic response*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1978.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Sel., trad., introd., Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.83-132
- ISER, Wolfgang. *Prospecting: from reader response to literary anthropology*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1989.
- JAUSS, Hans Robert. Esthétique de la réception et communication littéraire. In: CONGRESS OF THE INTERNATIONAL COMPARATIVE LITERATURE ASSOCIATION, 9, 1980, Innsbruck. *Proceedings...* Innsbruck: Verlag des Institutes für Sprachwissenschaft der Universität Innsbruck, 1980. (Ed. Zoran Konstantinovic, Manfred Naumann, H. Robert Jauss).
- JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Sel., trad., introd., Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JAUSS, Hans Robert. *Toward an aesthetics of reception*. Transl. Timothy Bahti. Brighton: The Harvester Press, 1982.
- SELDEN, Raman. *A reader's guide to contemporary theory*. Brighton: The Harvester Press, 1985.

# **A INTERAÇÃO DO TEXTO TRADUZIDO COM O SISTEMA RECEPTOR: A TEORIA DOS POLI-SISTEMAS**

Else Ribeiro Pires Vieira \*

A orientação histórica dos formalistas de Leningrado, o Estruturalismo de Praga e a semiótica russa fornecem os alicerces da teoria dos poli-sistemas desenvolvida por Itamar Even-Zohar da Escola de Telavive e elaborada posteriormente por Gideon Toury, também de Telavive, e cuja contribuição específica à contextualização da tradução aqui se examina. Sua formulação sintética e final, nove anos após o seu lançamento, é apresentada por Itamar Even-Zohar em 1979, coincidentemente dois anos após Jauss ter revisto sua formulação inicial da estética da recepção.

## **1. Even-Zohar: a interação dinâmica entre sistemas**

A insatisfação com o registro e a classificação positivista levou Even-Zohar a propor uma abordagem, na sua visão, funcional e relacional. Ele argumenta que os fenômenos semióticos não são conglomerados de elementos. Vistos como um sistema, eles são agregados dinâmicos. Além do mais, um sistema não consiste apenas em sincronia e diacronia: ele é também heterogêneo. Ele é assim,

---

\* Professora Adjunta de Literatura Inglesa e de Teoria de Tradução, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da UFMG, Tradutora.

raramente um uni-sistema, mas necessariamente um poli-sistema – um sistema múltiplo, um sistema de vários elementos que se interceptam e se sobrepõem, utilizando simultaneamente diferentes opções, ainda assim funcionando como um todo estrutural cujos membros são interdependentes (EVEN-ZOHAR, 1979:290).

Foi com o intuito de enfatizar o caráter dinâmico e heterogêneo dos sistemas que Even-Zohar cunhou o termo “poli-sistema”, em lugar de meramente “sistema”. Um poli-sistema, então, seria uma rede fechada de relações na qual os seus membros assumem um determinado valor através de seus respectivos opostos. Mas ele é também uma estrutura aberta composta de várias redes simultâneas de relações (EVEN-ZOHAR, 1979:291). Em outras palavras, o termo “poli-sistemas” ressalta a idéia de uma multiplicidade de relações na heterogeneidade da cultura.

A integração, Even-Zohar argumenta, é uma condição *sine qua non* para uma compreensão adequada de qualquer campo semiótico. Dessa forma, a língua padrão é explicada em conexão com as variedades não-padrão; a literatura traduzida é considerada na sua conexão com a literatura original, etc. (EVEN-ZOHAR, 1979:292). Embora a teoria dos poli-sistemas rejeite julgamentos de valor e seleções elitistas, como, por exemplo, de obras primas apenas, ela admite a existência de hierarquias culturais. É com base em Tynianov, mais especificamente na sua visão da estratificação dinâmica de um sistema e das mudanças geradas pela luta permanente de um e outro estrato, que Even-Zohar postula relações centro-periferia. Nessas relações, através de movimentos centrífugos e centrípetos, os fenômenos são levados do centro para a periferia e vice-versa. Todavia, a hipótese é de que há vários centros e várias periferias, bem como processos de transferência, por exemplo, da periferia de um sistema para a periferia e, depois, para o centro de outro sistema – são as chamadas “conversões” (EVEN-ZOHAR, 1979:293). Uma das perguntas que a teoria dos poli-sistemas tenta responder é o porquê e o modo de ocorrência dessas conversões.

Even-Zohar se vale também de Shklovsky, para levantar hipóteses sobre o *status* respectivo dos vários estratos. Dada a desigualdade entre os vários estratos, uns se tornam canonizados

enquanto outros permanecem não-canonizados – a automatização do estrato canonizado permite que o não-canonizado o substitua. Colocando essa hipótese em termos poli-sistêmicos, Even-Zohar explica que as conversões se dão em decorrência da crescente inabilidade das propriedades canonizadas e situadas no centro de atender a necessidades funcionais (1979:295).

Uma cultura se mantém, Even-Zohar argumenta, apenas se houver tensões dinâmicas. Por analogia com um sistema natural que requer equilíbrio térmico, por exemplo, ele esclarece que os sistemas culturais precisam de um equilíbrio para não entrar em colapso. Assim, os sistemas canonizados de qualquer poli-sistema estagnariam se não existisse o antagonico não-canonizado, e é essa tensão que permite a evolução do sistema. Por outro lado, na percepção de Even-Zohar, a estagnação constitui um distúrbio operacional, porque, a longo prazo, o sistema não pode arcar com as necessidades mutáveis da sociedade (1979:296).

Even-Zohar equipara também o sistema canonizado de prestígio ao centro de todo poli-sistema. Mas a canonização ou não é um fato do sistema sócio-cultural ou extra-literário mais abrangente, uma vez que é o grupo que dirige o poli-sistema que determina a canonização de um certo número de obras. Os sistemas podem ser também descritos por outras oposições, como primários/secundários (ou inovadores/conservadores), estáveis/instáveis, etc.

Acredita Even-Zohar que todas essas oposições binárias conferem dinamismo à teoria dos poli-sistemas, ao contrário do que ocorre com as abordagens neo-positivistas, desde que essas oposições sejam vistas à luz das tensões geradas por sua luta pelo domínio. É essa feição essencialmente dinâmica que o levou a postular que o seu objeto de estudo não pode ser restrito a textos individuais; como uma rede de relações, é necessário que se trabalhe com uma multiplicidade de textos (EVEN-ZOHAR, 1979:304-305).

A teoria dos poli-sistemas é suficientemente abrangente para acomodar estudos descritivos da literatura tendo a cultura como unidade operacional. Ela tem sido, também, bastante profícua para os Estudos da Tradução. Na realidade, pouco antes dessa sintética apresentação da teoria, aqui utilizada, o próprio Even-Zohar



publicou um artigo sobre a função da literatura traduzida dentro do poli-sistema literário (1978). É esse o tópico que passamos a considerar.

## 2. A interação entre a literatura traduzida e a não traduzida

Even-Zohar esclarece que o sistema da literatura traduzida correlaciona-se de duas formas com a literatura receptora, ou seja, no princípio de seleção de obras pela literatura receptora e na adoção de normas, comportamentos e estratégias específicas como resultado de sua relação com outros co-sistemas (1978:118). Além do mais, ele concebe a literatura traduzida não só como um sistema em si, mas também um sistema participando plenamente da história do poli-sistema (EVEN-ZOHAR, 1978:119). A literatura traduzida pode ser inovadora, conservadora, simplificada, estereotipada, etc. e pode-se dizer que ela participa ou não de mudanças. Se ela tiver um papel primário, será uma parte integrante das forças inovadoras, introduzindo novos modelos de realidade, uma nova linguagem poética, novas matrizes, técnicas, etc., e o princípio de seleção subjacente é o seu papel inovador potencial.

A literatura traduzida, ainda de acordo com Even-Zohar, constitui uma força primária ou inovadora sob certas circunstâncias: quando uma literatura for periférica ou frágil, ou ambos, ou quando houver reviravoltas, crises ou vácuos numa literatura. Se, por outro lado, a literatura traduzida mantiver uma posição secundária, ela não exercerá influência sobre os processos principais e será moldada às normas já convencionalmente estabelecidas por um tipo dominante; ela se torna, assim, uma força conservadora e uma forma de preservação do gosto tradicional (EVEN-ZOHAR, 1978:120-123). A posição da literatura traduzida influencia também as normas, comportamentos e estratégias tradutórias. Se for primária, é provável que ela violará as convenções da literatura receptora, aproximando-se, assim, do original em termos de adequação; se for secundária, ela não buscará a adequação com relação ao original, mas procurará modelos para os textos estrangeiros no acervo nacional (EVEN-ZOHAR, 1978:125).

### 3. A contribuição da teoria dos poli-sistemas para uma contextualização da tradução

O impacto da teoria dos poli-sistemas sobre os Estudos da Tradução foi enorme. Durante uma década, aproximadamente, vários estudos de caso esclarecedores utilizaram este arcabouço teórico explicitamente ou foram por ele inspirados (Barras, 1978; Shire, 1978; Perry, 1981, Yahalom, 1981; Shavit, 1981; Van Gorp, 1981; Lambert, D'Hulst & Van Bragt, 1985; Tymoczko, 1986; Paker, 1986, etc.).

A contribuição de Even-Zohar vai além; como observa Susan Bassnett, a teoria dos poli-sistemas *"serviu para inserir os Estudos da Tradução na história da cultura e não na lingüística e na pedagogia"* (BASSNETT, 1989:1). Pode-se dizer, também, que essa teoria – consistente, bem substanciada, não prescritiva, dinâmica e abrangente – expressa atitudes que esperavam um primeiro expositor. De fato, como observa Theo Hermans, o trabalho de Even-Zohar está diretamente ligado à mudança do paradigma para o estudo das traduções literárias a partir de meados de 1970. Essa mudança paradigmática envolve

uma visão da literatura como um sistema complexo e dinâmico; uma convicção de que deve haver uma articulação contínua entre modelos teóricos e estudos de caso práticos; uma abordagem das traduções literárias que seja descritiva, voltada para o pólo receptor, funcional e sistêmica; um interesse pelas normas e restrições que orientam a produção e a recepção de traduções, pela relação entre a tradução e outras formas de processamento de textos, e pelo lugar e papel das traduções tanto no interior de uma literatura, quanto na interação entre literaturas (HERMANS, 1985:10-11).

Essa mudança de paradigma revelou-se extremamente benéfica à disciplina emergente dos Estudos da Tradução, permitindo que ela se desenvolvesse e superasse a estagnação das abordagens anteriores para a descrição de traduções. Estas abordagens tendiam a se respaldar na unidade operacional da palavra e a serem normativas e centradas no autor. Contudo, o

transcorrer do tempo já nos permite avaliar a teoria de Even-Zohar além do mérito de haver antecipado uma resposta à necessidade histórica de uma mudança de paradigma. Uma análise mais apurada dos estudos de caso acima mencionados sugere que a teoria dos poli-sistemas é um instrumento útil à descrição do papel das traduções apenas quando ela for uma força inovadora, geralmente associada às grandes mudanças históricas e literárias. Maria Tymoczko, por exemplo, demonstrou que a tradução exerceu um papel central e decisivo na transição, no século XII, do épico para o romance, uma transição em si associada a mudanças aceleradas na estrutura medieval (TYMOCZKO, 1986). Saliha Paker também analisou o papel importante da literatura européia traduzida para o surgimento da literatura turca moderna, uma mudança que teve suas origens no processo de ocidentalização da Turquia ao final do século XVIII (PAKER, 1986). Também Gideon Toury demonstra a posição primária da literatura traduzida para o hebraico entre 1930 e 1945, um período que marca o fim da transposição do centro da literatura hebraica da Europa para a Palestina (TOURY, 1980:122-140). Ele também demonstra um outro momento em que a tradução exerceu não só um papel inovador mas foi também uma força modeladora do sistema literário hebraico:

Durante o primeiro período do renascimento do hebraico como uma língua a ser usada na escrita secular, isto é, ao final do século XVIII e durante o século XIX, a nova literatura, com um desenvolvimento gradativo, padecia de sérias fragilidades (...), devido à sua ausência de tradição prévia ininterrupta: não havia certos gêneros, técnicas narrativas e coisas semelhantes. Para os escritores hebreus isso se manifestava como lacunas reais com relação a poli-sistemas mais desenvolvidos da literatura européia circundante; uma das formas de preencher essas lacunas era pela tradução de textos autênticos de outras literaturas (TOURY, 1980:143).

Todavia, parece menos provável que a teoria dos poli-sistemas produza trabalhos tão esclarecedores e interessantes quando o sistema tradutório for secundário e marginal e dissociado de uma grande transição histórica, o que sugere ser sua aplicação restrita a

casos bem específicos. Sob outra perspectiva, essa teoria, quando aplicada à prática, envolve a análise de conglomerados de sistemas tanto no eixo sincrônico quanto no diacrônico e tal volume de pesquisa não se justifica para a mera constatação de que a tradução exerceu um papel secundário e conservador. Todavia, deixo essa percepção em aberto porque a literatura vigente não registra trabalhos cuja conclusão seja a do papel secundário da tradução, o que em si pode ser sintomático de sua aplicabilidade restrita ou da necessidade de elaboração maior da relação entre a literatura traduzida e a não traduzida, quando a primeira tiver um papel secundário.

O pressuposto do eixo diacrônico também pode dificultar a aplicação da teoria dos poli-sistemas à descrição de fenômenos mais recentes. É que é necessário um distanciamento histórico para a obtenção de dados sobre os efeitos da tradução sobre a literatura receptora, a menos que estejamos lidando com casos óbvios e palpáveis de lacunas nos sistemas, como o caso da literatura hebráica retrocitado.

Alguns problemas intrínsecos também dificultam a sua aplicação. O uso de um modelo das ciências naturais, mais especificamente um modelo da termodinâmica, para a descrição dos mecanismos regulatórios dentro do poli-sistema, torna a apresentação da teoria muito abstrata, havendo um descuido concomitante de exemplos concretos, como observa Lange (1987:535).

Minha maior restrição ao modelo da termodinâmica é que, dentro desse arcabouço, não há espaço na teoria dos poli-sistemas para a dimensão humana. Se ela é aplicada à descrição da tradução, um fenômeno semiótico, desconsidera-se o escritor, o tradutor e os leitores, ou seja, os produtores e receptores dos signos. Além do mais, ela não explicita o papel dos agentes envolvidos no processo de reescrita (editores, antologistas, historiógrafos literários, etc.), um aspecto que Lefevere desenvolve claramente, como veremos em capítulo posterior. A deflexão para a ciência e a tecnologia foi o que permitiu que uma escola de semiótica nova e original surgisse na extinta União Soviética, como observa Shukman (1978:189), e Even-Zohar respalda-se em Lotman, um de seus principais expoentes. Extrapola o meu objetivo analisar a semiótica de Lotman, mas é fato notório que ele utiliza o arcabouço da teoria da informação e da

comunicação, o que se torna evidente pelo número de oposições binárias nos seus textos (cultura/não-cultura, organizado/não-organizado, correto/incorreto, humano/não-humano) (LOTMAN, USPENSKY, 1978). Contudo, o próprio Lotman não parece ter excluído a dimensão humana de seu modelo. Por outro lado, Even-Zohar parece ter absorvido a tendência à formalização nos termos da ciência, mas não a dimensão humana. Essa tendência pode ter levado sua teoria a se apoiar bastante em oposições binárias (que constitui também uma característica dos Formalistas Russos Tynianov e Skhlovsky nos quais ele também se apoia), embora de forma relacional. Todavia, as oposições binárias destituídas da dimensão humana podem se transformar num leito de Procusto quando usadas para descrever um fenômeno eminentemente humano que é a cultura.

Além disso, o modelo respaldado em oposições binárias, por se proteger da interferência de uma gama de variáveis humanas, pode levar facilmente a um raciocínio maniqueísta e a generalizações apressadas. Um exemplo seria a descrição feita por Even-Zohar das posições da literatura traduzida dentro do poli-sistema literário, como primária ou secundária. Essa dicotomia parece não ter validade universal, o que se observa pelo padrão das traduções no Brasil nas últimas décadas.

Por outro lado, o raciocínio funcional e relacional de Even-Zohar, herdado dos formalistas e dos semioticistas russos, pode ser prejudicado pela exclusão da dimensão humana. Se o segmento a-histórico do formalismo russo demonstrou a interconexão de elementos numa obra autônoma, Even-Zohar elabora uma hipótese, embora em escala maior, da interconexão de sistemas dentro de um poli-sistema auto-regulador. Assim sendo, seu dinamismo é inegável, mas questiona-se se ele consegue escapar à imanência de um sistema, embora abrangente, ou seja, a mega-estrutura de um poli-sistema.

Podemos concluir que a teoria dos poli-sistemas, na sua presente formulação, constitui um avanço mas não uma resposta ao problema da contextualização da tradução. Por outro lado, ela nos sensibiliza para questões importantes como a literatura traduzida se constituir em um sistema que exerce uma função e

interage com o poli-sistema, seja ele a literatura ou a cultura como um todo. É também metodologicamente válida a percepção de Even-Zohar de que uma tradução deve ser examinada dentro do conjunto de traduções.

#### 4. A tradução centrada no pólo receptor: Toury

Uma formalização maior e uma radicalização da teoria dos poli-sistemas, na sua aplicação específica aos Estudos da Tradução, podem ser observadas com Gideon Toury, também da Escola de Telavive. O próprio Toury argumenta que os estudos descritivos da tradução devem aspirar a uma sistematicidade cujo pré-requisito é o desenvolvimento de um método explícito, com bases teóricas, que permita generalizações válidas e testáveis sobre a tradução literária como um todo (TOURY, 1980:90). Ele esclarece que há um número crescente de publicações nos Estudos da Tradução, mas que *“a esperada teoria geral da tradução ainda constitui uma necessidade”*. Foi essa lacuna que o levou a publicar, sob forma de livro, uma série de artigos que representam a busca dessa teoria (TOURY, 1980:7). Distanciando-se de estudos especulativos, essa abordagem focaliza traduções realmente existentes: o produto e não o processo da tradução. Assim, a discussão volta-se para o pólo receptor e as soluções por ele encontradas (TOURY, 1980:7).

Essa discussão do pólo receptor relaciona-se a dois conceitos principais subjacentes à teoria de Toury : teleologia e norma. Se o ponto de partida é o produto, a determinação da posição da tradução nos sistemas receptores deve preceder à descrição das relações entre o texto traduzido e o original. Na verdade, Toury assume uma postura radical ao declarar que *“os textos traduzidos são ... fatos de apenas uma língua e de apenas uma tradição textual: a receptora”* (TOURY, 1980:82). Os objetivos de uma tradução são definidos pelo pólo receptor, por ser ele o que toma a iniciativa da transferência inter-textual e interlingual. Essa postura acarreta um deslocamento da ênfase nas questões de gênese para as teleológicas, e da investigação de formas isoladas para a análise funcional das formas em conjunto. Assim sendo, um estudo sistemático da tradução focalizará a tradução literária no seu ambiente imediato, a literatura receptora (TOURY, 1980:35).

As teorias precedentes da tradução, Toury argumenta, são centradas na origem e, como tal, de natureza *“inevitavelmente diretiva e normativa, por considerarem a tradução como uma reconstrução do texto original”*. Ele reforça seu argumento dizendo que a tradução literária constitui um fenômeno empírico que adquire sua identidade por sua posição dentro do sistema literário receptor (TOURY, 1980:35-37). Ele ressalta, ainda mais, que qualquer teoria de tradução ancorada na perspectiva de reconstrução do original *“será inevitavelmente de natureza diretiva e normativa por focalizar o ato da tradução que, de fato, procede do original; assim, as traduções são descritas pelo que elas não são”*, ou seja, equivalentes (TOURY, 1980:40).

Parece-me que Toury faz uma certa confusão aqui: não é a consideração do original que gera a normatividade, mas sim o conceito de fidelidade que se utiliza. No momento em que passamos a conceber a tradução como reescrita, a visão da tradução como cópia especular deixa de fazer sentido, juntamente com o caráter normativo. Assim torna-se um *a priori* o fato de as traduções, de alguma forma e em graus diferentes, transformarem o original. Aliás, a mera transposição nos eixos temporal e espacial imprime um novo estatuto ontológico ao texto original. As questões decorrentes seriam, então, como e porque, em determinada época, uma cultura ou tradutor dados transformaram um texto e quais são os efeitos da transformação.

## 5. Uma avaliação de problemas potenciais na visão de Toury

A postura radical de que as traduções são fatos apenas do sistema receptor parece problemática: tomada literalmente, essa postura acarretaria a eliminação da fonte e impediria uma possível descrição das traduções como fenômenos bidirecionais em decorrência da reversibilidade do signo. Ela, tornaria, também, inviáveis as leituras reversas da Tradução de Benjamin e Derrida, além de não explicar a práxis tradutória revolucionária da dupla apropriação dos irmãos Campos e de S. Santiago (cf. Capítulos 1 e 2 de Vieira 1992). É que a bidirecionalidade e uma leitura reversa pressupõem duas direções e, se se prioriza apenas a teleologia,

nenhuma reversibilidade é possível. Sob uma outra ótica, a tradução permite não só a sobrevivência de uma obra, mas também sua canonização em níveis transnacionais e transculturais, o que constitui um fato importante para a cultura originária, uma vez que ela também sobrevive através das suas obras traduzidas. Parece-me que uma colocação menos radical daria maior flexibilidade à teoria de Toury, por exemplo, se ele sugerisse a inversão da posição de vantagem, o que possibilitaria o exame das traduções também sob a perspectiva da cultura receptora.

Indo além, o centramento no texto traduzido e na cultura receptora em detrimento das relações entre o pólo produtor e o receptor impede o uso de conceitos operacionais enriquecedores, como a paródia e o pastiche, ou a visão da tradução como metáfora do original, ou o conceito de signo de Peirce, como também o dialogismo de Bakhtin e a intertextualidade de Kristeva, porque todos eles pressupõem um referente, excluído por Toury.

Ainda com relação à essa problemática eliminação, poderíamos dizer que ela impede, parcialmente, o tratamento da dimensão política da tradução. Se a tradução permite a articulação política de imagens de poder, a eliminação da cultura e do texto originário inviabiliza o exame de hierarquias de poder. Questiona-se, também, a validade de uma teoria geral da tradução, que é o objetivo perseguido por Toury.

Há ainda um segundo conceito principal, o de norma, subjacente não só à sua teoria da tradução mas também ao seu próprio conceito operacional do texto literário, como *"qualquer enunciado lingüístico escrito que se conforma a um determinado conjunto de normas pertinentes a uma determinada cultura e que, conseqüentemente, ocupa um lugar no sistema literário desta cultura"* (TOURY, 1984:74). A consideração das normas como conceito focal nos Estudos da Tradução literária revela o débito de Toury ao Estruturalismo de Praga.<sup>1</sup> Mas Toury explicita seu débito

---

<sup>1</sup> Cf. Vodicka no seu propósito de reconstrução da norma literária e da hierarquia de valores na literatura de um determinado período (MATEJKA, TITUNICK, 1976:197-209).



também aos sociólogos e psicólogos que consideram as normas *“como a tradução de valores gerais e idéias compartilhadas por uma determinada comunidade com relação ao que é certo e errado, adequado e inadequado”* (TOURY, 1980:51). Assim, ele explica vários tipos de normas: iniciais, preliminares, operacionais, matriciais, etc. Além do mais, a norma adotada pelo tradutor determina sua abordagem na tradução de um texto específico; se ele aderir às normas do original ou da língua-fonte ou do poli-sistema literário como um todo, sua tradução será adequada (terminologia também usada por Even-Zohar), o que pode gerar incompatibilidade no pólo receptor; inversamente, a adoção das normas do pólo receptor determina sua aceitabilidade neste pólo. (TOURY, 1980:55). Toury também exclui a noção de não-equivalência na tradução, por ser contraditório dizer que um determinado texto é uma tradução e ao mesmo tempo não-equivalente à fonte. Todavia, a meu ver, a visão de que a equivalência é um *a priori* terá menor validade se excluirmos os significados e as significações. Assim, com Peirce e Ménard, eu discordaria de Toury, pois ao considerarmos significados e significações, a própria mudança de contexto requer uma reformulação da noção de equivalência.

Talvez seja a excessiva formalização da teoria de Toury, a visão subjacente da tradução como comportamento regulado por normas e a busca de universais do comportamento tradutório que a tornam problemática. Já foi mencionado que a generalização sobre a tradução (a vertente universalista) pode ser perigosa por levar a meias verdades (KEELEY, 1989:54). Por outro lado, essa orientação Universalista só faz sentido se adotarmos a visão da tradução como comportamento e a visão da literatura e da cultura como normas. Caso contrário, uma teoria geral faria desaparecer inevitavelmente, as especificidades culturais. Ela impediria, também, a detecção da afirmação cultural através da diferença, o que traria problemas para a descrição da tradução nas culturas periféricas.

A formalização ainda maior da teoria dos poli-sistemas com Toury pode torná-la mais restritiva, dificultando ser ela uma resposta à questão da contextualização das traduções. No caso específico das traduções brasileiras vanguardistas, é bem pouco provável que elas

possam ser adequadas à uma teoria “laboratorial” da tradução, uma teoria que busca o “*conceito total de tradução subjacente a um corpus*” e “*generalizações testáveis sobre a tradução literária como um todo*” (TOURY, 1980:90, 112).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRAS, Tine. The function of translated literature within a national literature: the example of sixteenth-century Spain. In: HOLMES, J.S. et al (ed.) *Literature and translation: new perspectives in literary studies*. Leuven: Acco, 1978. p.181-203.
- BASSNETT, Susan. Translation, tradition, transmission. *New comparison*, Coventry, n.8, p.1-2, Autumn 1989.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. The position of translated literature within the literary polysystem. In: HOLMES, J.S. et al (ed.) *Literature and translation: new perspectives in literary studies*. Leuven: Acco, 1978. p.117-127.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem theory. *Poetics today*, Tel Aviv, v.1, n.1/2, p.287-310, 1979.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Translation theory today: a call for transfer theory. *Poetics today*, Tel Aviv, v.2, n.4, p.1-7, Summer/Autumn 1981.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Depletion and shift: the process of de-iconization. In: BOUISSAC, P. (ed.) *Iconicity: essays on the nature of culture - Festschrift for Thomas A. Sebeok*. Tübingen: Stauffenburg-Verlag, 1986. p.339-351.
- HERMANS, Theo (ed.) *The manipulation of literature: studies in literary translation*. Londres: Croom Helm, 1985. p.7-15: Introduction: translation studies and a new paradigm.
- KEELY, Edmund. Collaboration, revision and other less forgivable sins in translation. In: BIGUENET John, SCHULTE Rainer. *The craft of translation*. Chicago: Chicago University Press, 1989. p.54-69.
- LAMBERT, J, D'HULST, L, VAN BRAGT. Translated literature in France 1800-1850. In: HERMANS, Theo (ed.) *The manipulation of literature: studies in literary translation*. London: Croom Helm, 1985. p.149-163.
- LANG, Georg G.E. Periphery as paradigm: creole literature and the polysystem. *Poetics today*, Tel Aviv, v. 8, n. 34, p.529-537, 1987.

- LOTMAN, J. et al. Thesis on the semiotic study of cultures (As applied to Slavic texts). In: SEBEOK, Thomas A. *The tell tale sign: a survey of semiotics*. Lisse: The Peter de Ridder Press, 1975.
- MATEJKA, L., TITTUNIK, R. (ed.). *Semiotics of art*. Cambridge: MIT Press, 1976.
- PAKER, Saliha. Translated European literature in the late Ottoman literary polysystem. *New comparison*, Coventry, v. 1, p.57-66, Summer 1986.
- PERRY, Manakhem. Thematics and structural shifts in autotranslations by bilingual Hebrew-Yiddish writers: the case of Mendele Mokher Sforim. *Poetics today*, Tel Aviv, v. 2, n. 4, p.181-191, Summer/Autumn 1981.
- SHAVIT, Zohar. Translation of children's literature as a function of its position in the literary polysystem. *Poetics today*, Tel Aviv, v.2, n.4, p.171-179, Summer/Autumn 1981.
- SHIRE, Helena M. The function of translated literature within a national literature: the example of renaissance England and Scotland. In: HOLMES, J. S. et al (ed.) *Literature and translation: new perspectives in literary studies*. Leuven: Acco, 1978. p.177-180.
- SHUKMAN, Ann. Soviet semiotics and literary criticism. *New literary history* - Soviet semiotics and criticism: an anthology, v. , n. , p.189-197, 1978.
- TOURY, Gideon. The nature and role of norms in literary translation. In: HOLMES, J. S. et al (ed.) *Literature and translation: new perspectives in literary studies*. Leuven: Acco, 1978. p.83-100.
- TOURY, Gideon. *In search of a theory of translation*. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1980.
- TYMOCZKO, Maria. Translation as a force for literary revolution in the twelfth-century shift from epic to romance. *New comparison*, Coventry, n. 1, p.7-27, Summer 1986.
- VAN GORP, Hendrick. Traductions et évolution d'une genre littéraire: le roman picaresque en Europe au 17ème et 18ème siècles. *Poetics today*, Tel Aviv, v. 2, n. 4, p.209-219, Summer/Autumn 1981.
- VIEIRA, Else Ribeiro Pires. *Por uma teoria pós-moderna da tradução*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1992. p.14-53.
- YAHALOM, Shelley. Le système littéraire en état de crise: contacts inter-systémiques et comportement traductionnel. *Poetics today*, Tel Aviv, v. 2, n. 4, p.143-160, Summer/Autumn 1981.

# ANDRÉ LEFEVERE: A TEORIA DAS REFRAÇÕES E DA TRADUÇÃO COMO REESCRITA

Else Ribeiro Pires Vieira \*

Se os teóricos de Telavive (notadamente Even-Zohar e Toury) priorizam o referencial do pólo receptor, concebendo a tradução como um sistema interagindo com vários outros sistemas semióticos deste pólo e como uma força modeladora de sua literatura, André Lefevere compartilha, em parte, concepções análogas, todavia acrescentando a tal trajetória novas direções e introduzindo novas dimensões, como a de poder. Ele enfatiza o papel dos agentes de continuidade cultural, do contexto receptor na transformação de textos e criação de imagens de autores e culturas estrangeiras, bem como o da tradução na criação de cânones literários. Ou seja, as traduções, produzidas dentro dos limites ideológicos e poetológicos da cultura receptora, têm também um efeito retroverso ao criarem imagens da cultura originária e cânones transculturais.

O papel da tradução na criação de imagens relaciona-se diretamente à inversão do aforisma convencional de que os tradutores são traidores, agora reescrito como "*tradutores têm que ser traidores*", e à metáfora óptica da refração. Lloyd esclarece que a metáfora da refração foi introduzida por Lefevere para descrever

---

\* Professora Adjunta de Literatura Inglesa e de Teoria de Tradução, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da UFMG, Tradutora.

os efeitos da tradução *stricto sensu* e de outras formas de transferência intercultural:

A raiz óptica da metáfora já fornece um útil corretivo à imagem especular da equivalência, e os trabalhos de Lefevere apresentam diversos exemplos característicos das formas pelas quais os textos canonizados são refratados – e “conhecidos” – através de uma série de adaptações e versões dentro de um sistema cultural, ou pelas quais os textos “estrangeiros” são refratados através da tradução (LLOYD, 1982:143).

Todavia, a feliz escolha, a meu ver, da metáfora da refração está presente apenas nas suas publicações do princípio da década de 80, tendo sido precedida pelo termo “metaliteratura” e substituída, a partir de meados de 80, por “reescrita”. Lamento que a metáfora óptica tenha sido abandonada, pois ela se harmoniza bem com o conceito igualmente óptico de imagens e com a pós-modernidade tradutória na sua ruptura da visão da literatura como reflexo ou da tradução como representação especular do original (cf. VIEIRA 1992, 1994).

Essa variação terminológica pode ser atribuída ao padrão de evolução do pensamento de Lefevere. Ao contrário dos teóricos de Telavive que lançaram uma hipótese altamente formalizada, a teoria de Lefevere revela um desenvolvimento diferente. Poder-se-ia dizer com Teresa de Lauretis sobre Eco (1977: 367), que a teoria de Lefevere também é uma obra aberta, um trabalho que se desenvolve em estágios sucessivos, cada um a expansão e reorganização dos trabalhos anteriores. Assim sendo, uma compreensão melhor da sua teoria requer uma apresentação dos estágios principais do seu desenrolar.

### 1. Pressupostos da primeira fase

As publicações de Lefevere ao final da década de 70 (LEFEVERE, 1977a, 1977b e 1978) rejeitam as abordagens respaldadas nas ideologias lógico-positivistas e na hermenêutica. Sua proposta envolve a redefinição da tarefa dos estudos literários pela

integração dos conceitos de jogos de linguagem de Wittgenstein, disciplina e metaliteratura (LEFEVERE, 1977b:50). Este filósofo fornece a ele um arcabouço operacional de cultura como jogo de linguagem, não uma definição em si: "*a cultura na qual nascemos é o jogo de linguagem no qual crescemos*", ou seja, ele representa a totalidade de técnicas, convenções, recursos, etc., historicamente desenvolvidos por seus participantes (LEFEVERE, 1977b:3). Mais especificamente, a literatura, Lefevere argumenta, é também um jogo de linguagem de uma cultura.

Todavia, a literatura (ou a produção da literatura) mais do que simplesmente um jogo; ela é uma disciplina. O que a literatura se propõe a fazer é a descrição da experiência nas suas dimensões pessoais e sociais; ao fazê-lo, esta recebe e compartilha conhecimento. A literatura, a disciplina não científica que produz obras literárias, deve ser distinguida da "metaliteratura", a disciplina que faz declarações sobre a literatura e que abarca a tradução e o comentário, sendo que o comentário envolve também o estabelecimento e a editoração de textos (LEFEVERE, 1977b:51-52). O conhecimento literário, que inclui a experiência, a literatura e a metaliteratura, descreve a natureza e o crescimento desse conhecimento.

O conhecimento literário "cresce" em três níveis: as experiências são descritas de formas novas, novos procedimentos são introduzidos e a metaliteratura se desenvolve (LEFEVERE, 1977b:53). Há, porém, forças extrínsecas poderosas que podem alterar a evolução desse crescimento. Foram os formalistas russos que tentaram elaborar uma teoria evolucionária da literatura, mas suas tentativas foram interrompidas pelo stalinismo (LEFEVERE, 1977b:56). Ainda muito influenciado por idéias de evolução nessa fase inicial, Lefevere acrescenta que se pode contribuir de duas formas para o crescimento do conhecimento literário: negativamente, pela participação no processo de seleção natural, e positivamente, tornando a literatura acessível pelo reestabelecimento do seu significado, através do comentário ou da tradução (LEFEVERE, 1977b:58).

Apesar do tom darwinista desses trabalhos iniciais de Lefevere, eles são importantes por apresentarem, de forma embrionária, os

dois eixos principais a serem expandidos mais tarde: a visão de que a literatura não pode se dissociar da metaliteratura e da cultura e que há forças extrínsecas atuantes. Também em forma embrionária, aparece a percepção de que, em termos funcionais, a tradução e a crítica se aproximam, pois ambas adaptam um texto a uma audiência (LEFEVERE, 1983:10).

## 2. A teoria das refrações e o conceito de sistema

É no início da década de 80 que os termos “refração” e “sistema” substituem, respectivamente, “literatura” e “jogo de linguagem”. As refrações, ele argumenta, exercem um papel muito importante na evolução das literaturas:

a obra de um autor ganha exponibilidade e exerce influência principalmente através (...) das refrações. Os escritores e suas obras são sempre compreendidos e concebidos (...) ou (...) refratados através de um certo espectro, da mesma forma que a obra em si pode refratar obras anteriores através de um certo espectro (LEFEVERE, 1982a:4).

As refrações, ele explica, exercem grande influência mas foram pouco estudadas. Dentre outras razões, é porque as abordagens da literatura arraigadas no Romantismo concebem o texto como algo sagrado no qual não se pode interferir. A noção de sacralidade do texto se relaciona à noção de gênio, o autor “*que tem uma fagulha divina*” e qualquer intromissão passa a ser sacrilégio (LEFEVERE, 1982b:11). Todavia, as refrações (ou seja, a adaptação de uma obra literária a um público diferente, com a intenção de influenciar a forma como o público lê a obra) constituem um fato e se manifestam na tradução, crítica, historiografia, ensino, antologias, etc. (LEFEVERE, 1982a:4).

Por outro lado, as refrações representam o original para a maioria das pessoas que são expostas apenas tangencialmente à literatura e elas influenciam a forma de recepção ou de concretização de uma obra pelo leitor (LEFEVERE, 1982a:16,18). É através das refrações críticas que um texto se estabelece dentro de um sistema; é através da combinação de tradução e refrações críticas

(introduções, notas, comentários sobre a tradução, artigos sobre ela) que uma obra literária produzida fora de um sistema assume seu lugar no novo sistema; é também através de refrações no meio educacional que a canonização é atingida e mantida (LEFEVERE, 1982a:17). Além do mais, os originais *lato sensu* refratam outros originais, um fenômeno estudado pelas teorias de intertextualidade e que exerce papel importante na composição de textos literários (LEFEVERE, 1982b:17).

Apesar de importante na composição e disseminação de uma obra e no desenvolvimento das literaturas, as refrações foram pouco estudadas pela razão adicional de não haver um arcabouço teórico para a sua análise. Contudo, Lefevere argumenta, "*esse arcabouço existe se as refrações forem consideradas parte de um sistema, se o espectro que as refrata for descrito*" (LEFEVERE, 1982a:5). A partir daí, o conceito de sistema passa a informar o trabalho de Lefevere, na sua tentativa de considerar os fatores extratextuais nas descrições literárias (LEFEVERE, 1982a:4; 1984:91; 1985:222; 1992: capítulos 2 e 3).

O conceito de sistema apresentado por Lefevere nega a autonomia do texto, no que concerne à sobrevivência, pois ele

afasta-se do *corpus* de textos canônicos sacralizados enquanto noção central da teorização literária, por simplesmente dessacralizar o texto como tal. Não se nega, de forma alguma, naturalmente, que certos textos literários exercem um papel importante numa literatura e na sociedade na qual ele se inscreve. O que se nega que esses textos (...) existam apenas na sua forma "única" (LEFEVERE, 1982b:12).

A questão do significado de uma determinada obra é também abandonada em favor de uma análise das condições sob as quais os significados são produzidos e dos controles aplicados às refrações (LEFEVERE, 1984:89). É aí que, Lefevere argumenta, o constructo heurístico de sistema é de grande valia. A palavra "sistema" não traz conotações deterministas, mas sugere que a literatura "*não é uma coleção de textos mais ou menos canônicos, pacientemente aguardando explicação e tradução*", mas que "*a literatura consiste também de pessoas que fazem alguma coisa com esses textos: pessoas que escrevem, distribuem, lêem, em suma, refratam os textos*" (LEFEVERE, 1984:89).



Lefevere admite seu débito a análises anteriores da literatura em termos de sistema, encontradas no Formalismo Russo (principalmente Tynianov), Vodicka, Guillén, Tanaka, Schmidt, na crítica marxista e sociológica, na crítica centrada no leitor, e na escola de Telavive (LEFEVERE, 1984:91). Como dito, embora Lefevere adote a teoria dos poli-sistemas, ele imprime uma orientação diferente a essa teoria. Even-Zohar confere dinamismo à sua teoria pela interação dos vários sub-sistemas literários, cada um buscando a posição de domínio nos eixos sincrônico e diacrônico. Lefevere, por outro lado, confere dinamismo à sua teoria pelo conceito de crescimento que é o resultado da interação de fatores intrínsecos e extrínsecos. Ao invés de sub-sistemas literários conflitantes, percebemos em Lefevere que a metaliteratura ou as refrações exercem um papel ancilar. É que elas propiciam o crescimento e a sobrevivência dos textos ou determinam seu ostracismo, e o resultado desse papel ancilar é que as refrações empurram uma literatura numa certa direção.

### 3. A tradução como reescrita e sua articulação com mecanismos de poder no sistema

Em meados da década de 80, Lefevere gradualmente substitui o termo “refrações” por “reescrita” e expande o constructo teórico de sistema. O termo “sistema”, ele argumenta, não tem nenhuma conotação sinistra ou kafquiiana, como o Sistema com letra maiúscula. Como um termo neutro, ele “*designa um conjunto de elementos interrelacionados que por acaso compartilham certas características que os distinguem de outros elementos não pertencentes ao sistema*” (LEFEVERE, 1985:223-224).

Os sistemas operam sob um mecanismo de controle compartilhado por dois elementos, um interno e outro externo ao sistema. O elemento externo é representado por refratores ou reescritores (intérpretes, críticos, revisores, professores de literatura, etc.) que reprimem certas obras que contrariam a visão predominante do que deve ser a literatura (a poética) ou do que deve ser a sociedade (a ideologia). Com maior freqüência, todavia, eles adaptam uma obra literária até que ela corresponda à poética ou à ideologia da sua época (LEFEVERE, 1985:226).

O segundo elemento externo ao sistema literário é denominado "patronagem", ou seja, os "*poderes (pessoas, instituições) que auxiliam ou impedem a escrita, leitura ou reescrita da literatura*" (LEFEVERE, 1985:227). A patronagem se interessa normalmente pela ideologia literária e tende a delegar a autoridade aos reescritores no que diz respeito à poética. A patronagem envolve outros elementos, como o ideológico, o econômico e o de *status* (LEFEVERE, 1985:227). A patronagem pode ser exercida por pessoas, classes sociais, editores, a mídia, etc., que geralmente atuam através de instituições que regulam a escrita e a distribuição da literatura: academias, periódicos de crítica, o estabelecimento educacional, etc. (LEFEVERE, 1985:228).

Além da patronagem e da poética, outros tipos de restrições exercem influência sobre toda a escrita e reescrita da literatura (exemplos de reescritas são a interpretação, crítica, historiografia, antologização, tradução, etc.). Uma dessas restrições é o chamado "universo de discurso", ou seja, os conceitos, pessoas, lugares e coisas que afloram nos textos; a outra é a própria língua na qual o texto é reescrito, e, em terceiro lugar, no caso específico de traduções, o próprio original (LEFEVERE, 1983:232-233). Lefevere ressalta também que pelo menos uma dessas restrições regula as atividades de reescrita literária. A reescrita, por sua vez, influencia os destinos da obra. A historiografia, por exemplo, faz, com a obra, como um todo, o que a crítica faz com textos individuais – ou a encaixa na corrente ideológica ou poetológica ou a reduz a escritas menores. Na mesma linha de raciocínio, a antologização tende a refletir os julgamentos da história literária e a moldar o gosto do público, principalmente o dos estudantes que são apresentados aos autores através de antologias (LEFEVERE, 1985:234).

A tradução, Lefevere argumenta, é a principal forma de reescrita, porque ela está sujeita a todas as modalidades de restrições; há também o efeito cumulativo, porque a maioria das traduções, além de ser sempre acompanhada por uma introdução (em si, uma forma de crítica), é publicada geralmente em antologias, etc. (LEFEVERE, 1985:234). Isso quer dizer, naturalmente, que os textos traduzidos são, na realidade, reescritos de diversas formas ao passarem de uma literatura à outra.

O tratamento da tradução face à literatura receptora também é mais elaborado em Lefevere, em comparação à dicotomia primária/secundária. Já nos trabalhos da fase intermediária, Lefevere inclui, na descrição, os elementos de autoridade e poder. Se, por exemplo, a literatura receptora tiver uma auto-imagem positiva, ela tenderá a naturalizar os textos estrangeiros ditando as normas; caso contrário, a literatura receptora que não tiver uma auto-imagem positiva aceitará a literatura original como uma influência potencialmente liberadora (LEFEVERE, 1985:236-237).

A tradução, um sinal visível da abertura de um sistema, potencialmente abre o caminho para a subversão e a transformação, embora não o faça isoladamente, mas em conjunto com outras modalidades de reescrita – daí todo o empenho em se regulamentar a tradução, mesmo depois da poética normativa ter desaparecido na cultura ocidental (LEFEVERE, 1985:237). A tradução é potencialmente subversiva, porque os tradutores podem se apoiar na autoridade de um escritor considerado grande para ir contra as restrições locais (LEFEVERE, 1985:238).

As traduções (e outras formas de reescrita) são responsáveis pelo estabelecimento de um cânone; como tal, elas exercem papel importante na evolução e interpenetração de literaturas (LEFEVERE, 1986:91); ela exerce também um papel na manipulação de palavras e conceitos que constituem o poder numa cultura (LEFEVERE, 1985:241).

A consideração do poder e da autoridade tende a se acentuar nos trabalhos de Lefevere. Ela se torna notadamente marcante no seu artigo de 1990, sobre a genealogia da tradução no Ocidente, quando ele enumera as categorias básicas da história da tradução, dentre elas: a autoridade do indivíduo ou da instituição que comissionam e, posteriormente, publicam a tradução; a autoridade do texto a ser traduzido; a autoridade do escritor do original; a autoridade da cultura receptora da tradução; a imagem que uma tradução cria do original, seu autor, sua literatura e cultura, etc. (LEFEVERE, 1990:14-15).

A mesma preocupação informa a distinção que Lefevere introduz, nos seus últimos trabalhos, entre *translatio* e *traductio*. A *translatio*, segundo ele, sintetiza o ideal da tradução fiel, “*lão*

*estimada pelas autoridades da cultura originária cuja intenção é buscar a imagem "correta" do texto-fonte numa língua diferente". Mas a *translatio* só seria possível num vácuo, porque ela ignora "as conotações ideológicas e poetológicas dos verdadeiros significantes" (LEFEVERE, 1990:18). A *traductio* (uma palavra latina que, segundo ele, nunca existiu), que significa "transportada", abarca tanto os componentes lingüísticos quanto os ideológicos do processo de tradução. A *traductio* aflora numa cultura que se considera autoritária e central com relação a outras; ela pode ser usada também por tradutores individuais, insatisfeitos com algumas feições dessa cultura e que desejam usurpar a autoridade dos textos pertencentes a uma outra cultura autoritária para atacar essas feições com um certo grau de impunidade (LEFEVERE, 1990:18-19).*

Elaborando algumas idéias anteriores, nos seus últimos trabalhos Lefevere fornece o que parece ser o relato mais abrangente do papel das traduções já apresentado na área. Dentre os seus papéis, a tradução preenche uma necessidade, pois o público terá acesso ao texto; permite a expansão de uma língua; confere autoridade a uma língua; introduz novos recursos na literatura receptora; pode constituir uma ameaça à identidade de uma cultura; pode ser usada como meio de subversão de autoridade; pode exercer um papel importante na luta entre ideologias rivais ou poéticas rivais; pode conferir uma certa imunidade na medida em que os ataques à poética dominante podem passar como traduções; pode conferir a autoridade inerente à uma língua de autoridade a um texto originalmente escrito em outra língua que não tem essa autoridade – por exemplo, o teatro de Strindberg não pertenceria à literatura mundial se ele não tivesse sido lançado em francês, uma língua de autoridade; por um efeito cumulativo, ela estabelece um cânone translingüístico e transcultural (LEFEVERE, 1990:14-24).

O estudo feito por Lefevere dos papéis da tradução leva à refutação parcial da visão de que ela é fato apenas do sistema alvo, constituindo também fatores transculturais. Essa dupla referencialidade pode ser relacionada à virada cultural dos Estudos da Tradução que Lefevere e Bassnett defendem com base em Snell-Hornby. Não é a palavra e nem o texto, mas a cultura que passa a ser a unidade operacional da tradução e o seu objeto do seu estudo

passa a ser o texto imbricado na cadeia de signos tanto da cultura-fonte quanto da cultura-alvo (BASSNETT, LEFEVERE, 1990:4, 8, 12).

Concordando que a cultura seja a unidade operacional dos trabalhos de Lefevere, argumento, contudo, que a cultura para ele não se dissocia das estruturas de poder e autoridade; assim, é evidente que uma dimensão está presente no seu pensamento mas não explicitada na terminologia; sugiro “*a virada política e cultural*”, que faz mais justiça ao trabalho de Lefevere.

Há também uma abertura para a pós-modernidade nessa dimensão política dos seus trabalhos, embora ela não seja explicitada. A literatura se expande, ele argumenta, e é o conhecimento acumulado e aumentado que vai atingir o leitor comum, apenas tangencialmente exposto às obras de arte. Os indivíduos e as instituições criam refrações e é essa a realidade de uma era dominada pela reprodutibilidade técnica das imagens. Dentro dessa dialética de produção e recepção, as perguntas a serem formuladas são como e porque um determinado refrator em determinada época transformou um texto e quais são os efeitos dessa transformação.

Essa “virada político-cultural”, a meu ver, informada pela articulação entre a reescrita, as estruturas de poder e os agentes de continuidade numa sociedade, evidencia-se em esclarecedores estudos de caso em seu livro sobre a tradução enquanto reescrita (LEFEVERE: 1992a). Neste livro, ele reapresenta e consolida seu conceito básico de reescrita e o constructo teórico de sistema. Vários capítulos são também dedicados especificamente à tradução e outros à historiografia, antologização, crítica e editoração – todas entrelaçadas enquanto formas de reescrita e no seu papel de criação de imagens de uma obra, escritor ou cultura.

Concomitantemente, a questão da criação de imagens, presente nos seus trabalhos durante dez anos, é nele relacionada às considerações do leitor e do público. Não se trata de um constructo teórico já elaborado do leitor, como em Eco, Iser ou Riffaterre. Trata-se de um leitor do cotidiano – ele tende, a meu ver, a se aproximar do “leitor comum” sugerido pela terminologia de Julio Pinto (1989:25). Para Lefevere, o leitor do mundo cotidiano atual “*não é exposto à literatura como ela foi escrita, mas como ela*

*foi reescrita (...) por leitores profissionais*", em resumos, antologias, versões simplificadas, obras de referência, histórias literárias, etc. (1992a:6-8). Ao contrário da teoria de Iser, a preocupação com a forma de concretização de uma obra pelo leitor não está presente nos trabalhos de Lefevere; afastando-se dos processos mentais envolvidos na interpretação, ele enfatiza as condições sociais e formais da interpretação; o público alvo e as condições de reescrita tornam-se suas preocupações principais. Conseqüentemente, os originais e suas reescritas são comparados dentro de um referencial em que as instituições e a sociedade ou sociedades que as criaram assomam mais distintamente do que na maior parte do discurso literário profissional (1992a:2). Lamento, todavia, que Lefevere não tenha elaborado mais o papel do leitor nas suas análises das condições de produção de significados.

#### 4. Uma inflexão por veredas didáticas e textuais

Bifurcando para propósitos didáticos, Lefevere faz também uma apresentação sintética e simplificada dos conceitos e constructos que constituem a espinha dorsal de seu pensamento (1992b). Contudo, o que distingue este trabalho não é apenas a orientação pedagógica mas a consideração da tradução enquanto fenômeno de cultura (o produto) e também enquanto fazer (processo). Assim, o tradutor ou o aluno-tradutor são flagrados no processo de tradução. Por outro lado, se a macro-unidade operacional da cultura permanece, os desafios à tradução a nível lexical (capítulo 2) e textual (capítulo 3) são também contemplados.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASSNETT, Susan, LEFEVERE, André (ed.) *Translation, history and culture*. Londres: Pinter, 1990. p.1-13: Introduction: Proust's grandmother and the thousand and one nights: the "cultural turn" in translation studies.
- LEFEVERE, André. *Literary knowledge: a polemical and programmatic essay on its nature, growth, relevance and transmission*. Assen: Van Gorcum, 1977.

- LEFEVERE, André. The growth of literary knowledge. *PTL: a journal for descriptive poetics and theory of literature*, Tel Aviv, v.2, p.33-64, 1977.
- LEFEVERE, André. Translation: the focus of the growth of literary knowledge. In: HOLMES, J. S. et al. *Literature and translation: new perspectives in literary studies*. Leuven: Acco, 1978.
- LEFEVERE, André. Programmatic second thoughts on "literary" and "translation" or where do we go from here? *Poetics today*, Tel Aviv, v.2, n.4, p.39-50, Summer/Autumn 1981.
- LEFEVERE, André. Mother Courage's cucumbers: text, system and refraction in a theory of literature. *Modern language studies*, v. 12, p.3-20, 1982.
- LEFEVERE, André. Literary theory and translated literature. *Dispositio: Revista hispánica de semiótica literaria*, Michigan, v. 7, n. 19/20/21, p.3-20, 1982.
- LEFEVERE, André. That structure in the dialect of men interpreted. *Comparative criticism: an annual journal*, Cambridge, v. 6, p.87-100, 1984.
- LEFEVERE, André. Translation: its genealogy in the West. In: BASSNETT, Susan, LEFEVERE, André (ed.) *Translation, history and culture*. Londres: Pinter Publishers, 1990. p.14-28.
- LEFEVERE, André. *Translation, rewriting, manipulation: textures of power and the power of texts*. London: Pinter, 1991.
- LEFEVERE, André. Why waste our time on rewrites? The trouble with interpretation and the role of rewriting in an alternative paradigm. In: HERMANS, Theo (ed.) *The manipulation of literature: studies in literary translation*. Londres: Croom Helm, 1985. p.215-243.
- LEFEVERE, André. Why the real Heine can't stand up in/to translation: rewriting as a way to literary influence. *New comparison*, Coventry, n. 1, p.83-92, Summer 1986.
- LEFEVERE, André. *Translation, rewriting & the manipulation of literary fame*. Londres: Routledge, 1992.
- LEFEVERE, André. *Translating literature: practice and theory in a Comparative Literature context*. New York: The Modern Language Association of America, 1992.
- LLOYD, David. Translator as refractor: towards a re-reading of James Clarence Mangan as translator. *Dispositio: Revista hispánica de semiótica literaria*, Michigan, v. 7, n. 19/20/21, p.141-162, 1982.

- PINTO, Julio C. Machado. *The reading of time: a semantico-semiotic approach*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1989.
- VIEIRA, Else Ribeiro Pires. *Por uma Teoria Pós-Moderna da Tradução*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1992.
- VIEIRA, Else Ribeiro Pires. "A postmodern translational aesthetics in Brazil". *Translation Studies - an interdiscipline: selected papers from the Translation Studies Congress, Vienna, 9-12 Sept. 1992*. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p.65-72.
- VIEIRA, Else Ribeiro Pires. "Eine postmoderne bersetzungstheorie". In: *Translationswissenschaft in Brasilien. Neue Ansätze - Tendenzen - Perspektiven*. Ed. Michaela Wolf. Int. Hans Vermeer. Série Studien zur Translation, Ed. Mary Snell-Hornby. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996 (no prelo).



# **MARY SNELL-HORNBY: *TRANSLATION STUDIES – AN INTEGRATED APPROACH\****

Marie-Anne Henriette Jeanne Kremer e Silva\*\*

Por meio da abordagem integrada para os Estudos da Tradução, proposta por Snell-Hornby, flexibilizam-se as relações interdisciplinares e atenuam-se as dicotomias que informam o pensamento sobre a tradução desde a antigüidade. Manifestando-se favorável à autonomia dos Estudos da Tradução na grade curricular acadêmica, a autora atesta os méritos culturais da disciplina como parte integrante das comunicações globais.

No prefácio ao livro, Snell-Hornby aponta a difícil relação entre a Lingüística e os Estudos da Tradução, especialmente no tocante à tradução literária, e ao fato de que somente um limitado número de questões da Lingüística é relevante para a tradução. Argumenta, todavia, que há abordagens e métodos originados na Lingüística que foram adaptados com sucesso para a tradução. Algumas dessas abordagens, conceitos e métodos são apresentados em seu livro, com vistas ao preenchimento da lacuna existente entre o estudo da tradução na literatura e na Lingüística.

---

\* SNELL-HORNBY, Mary. *Translation Studies - an integrated approach*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1988.

\*\* Mestranda em Estudos Lingüísticos na Faculdade de Letras da UFMG, tradutora.

## 1. Introdução

Ao apontar a tendência à mudança de perspectivas da “ciência da tradução”, a autora reivindica um status autônomo para a disciplina Estudos da Tradução, que, no entanto, careceria de uma especificação de seu conteúdo, incluindo tanto a tradução literária quanto a de linguagem especial; o estudo de Hornby é uma tentativa de progresso nesse sentido. Ilustra seu trabalho com várias exemplificações para fins didáticos, sendo que, só indiretamente, ele pode ser direcionado para o campo dos Estudos Literários, como também não pretende ser uma contribuição à Lingüística. Os Estudos da Tradução abrangem uma variedade de outras disciplinas, incluindo a psicologia, a etnologia e a filosofia, não sendo, entretanto, uma subdivisão de nenhuma delas. Da mesma forma, apesar de eventualmente valer-se de conceitos e métodos relevantes desenvolvidos pelo estudo da língua, esta matéria não se transforma automaticamente num ramo da Lingüística, que se dedica à teoria e à descrição da língua propriamente dita. Para os Estudos da Tradução, o importante é a utilidade do método, o potencial inserido num conceito; seu trabalho pauta-se, pois, por uma perspectiva interdisciplinar.

Devido à tradicional dicotomia dos Estudos Literários e Estudos Lingüísticos, a teoria da tradução e, até hoje, os Estudos da Tradução foram impedidos de se situarem de maneira definida na grade curricular das universidades. Portanto, não é de se admirar que a tradução tenha pouco prestígio e que essa nova disciplina seja vista com ceticismo no meio acadêmico.

## 2. Os Antepassados

No primeiro capítulo, a autora faz uma retrospectiva histórica, relatando que o conceito considerado de maior influência na tradução é a antiga dicotomia palavra x sentido, que até hoje assedia os Estudos da Tradução. Ao longo do tempo, também foram debatidos os méritos da tradução “fiel” e daquela considerada “livre”, que culmina com as chamadas “belles infidèles”. Embora com o tratado intitulado “Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens” (Dos diversos métodos de tradução) Schleiermacher ofereça a alternativa “ou ... ou”, a antiga dicotomia não se dissolve,

pois ele favorece a "Verfremdung" (a tradução "fiel" ao original). Mantidos até hoje nos Estudos da Tradução foram os conceitos "das eigentliche Übersetzen" (a verdadeira tradução) e "das blosse Dolmetschen" (a simples tradução/interpretação) mencionados no mesmo tratado.

À parte, a teoria da tradução ainda apresentou meios de diferenciação e de categorização dos tipos de tradução. Dryden, em seu "Preface to Ovid's epistles, translated by several hands" (1680), por exemplo, fez a distinção entre metáfrase ou tradução palavra-por-palavra e o seu oposto, a imitação. Entre os dois extremos, que segundo ele devem ser evitados, situa-se a paráfrase, que expressa o pensamento ou o sentido do texto original sem submissão às palavras. Dryden ainda admite que o tipo de tradução varia segundo a qualidade do autor do texto original envolvido e que, na prática, o tradutor tende a permitir-se maior liberdade em seu ofício do que os teóricos ou críticos admitiriam. Recomenda, no entanto, uma virtuosa média ponderada de acordo com as necessidades do autor ou obra a ser traduzida.

Após discorrer sobre as formulações de princípios e regras elaborados por Etienne Dolet que se aproximam das "leis da tradução" de Alexander Tytler no século XVIII, a autora ressalta que os três teóricos virtualmente chegaram às mesmas propostas básicas. Dryden, por sua vez, na percepção da autora, formulava observações globais sobre a tradução restringindo-se somente a um corpus, a tradução de poesia, em detrimento de uma teoria geral da tradução. Esse tipo de abordagem encontra respaldo, ainda hoje, na Escola de Leipzig, por exemplo, que, através da "Übersetzungswissenschaft", ou Ciência da Tradução, defende um estudo rigorosamente científico da tradução, adotando perspectivas e métodos de ciências exatas. Contribuições relevantes, também na linha lingüística, foram dadas por Eugene Nida (cf. síntese desse autor neste volume) e por J.C. Catford, que, todavia, não forneceram uma sólida teoria da tradução.

Um traço comum das escolas de teoria da tradução baseadas na lingüística é a centralização no conceito de equivalência, o que desviou o foco da teoria da tradução da tradicional dicotomia fiel/livre para um pressuposto "tertium comparationis" interlingual, por muitos anos considerado essencial em qualquer definição de

tradução. Ao final dos anos 70, Nida e Taber descrevem variações deste tema central e, dez anos mais tarde, Koller ainda afirma a necessidade da equivalência na tradução. Mas, aos poucos, o conceito de unidade de tradução foi surgindo, pois era necessário definir-se a unidade para equivalência, ou seja, se o foco seria direcionado para a palavra, para os segmentos de palavras ou para unidades maiores.

De maneira geral, a unidade da tradução foi entendida como um segmento coeso, situado entre o nível da palavra e da sentença. Todavia, a base teórica da equivalência pressupõe um grau de simetria entre línguas e o próprio termo evidencia uma assimetria entre "Äquivalenz" em alemão e "equivalence" em inglês, exemplificando a ilusória correspondência lingüística proposta pelas relações interlinguais. Contrapondo-se a essas idéias, Roman Jakobson declara, em seu ensaio "On linguistic aspects of translation" (1959), que "a equivalência na diferença é o problema maior da língua e a preocupação central da lingüística. Como qualquer outro receptor de mensagens verbais, o lingüista age como seu intérprete." A teoria da tradução alemã tende a ver a "equivalência na diferença" de Jakobson como um tipo de equivalência cientificamente rigorosa, mas, na verdade, ela é uma frase profundamente paradoxal, significando a tensão dialética, que é o problema central da tradução: este será o ponto crucial para a abordagem integrada de Snell-Hornby.

Uma outra abordagem da tradução surge com a segunda maior escola de pensadores da Europa composta, principalmente, por André Lefevere (cf. resenha desse autor neste volume), José Lambert e Theo Hermans, dos Países Baixos, incluindo ainda a inglesa Susan Bassnett-McGuire e alguns acadêmicos israelitas como Gideon Toury. Em 1985, alguns componentes desse grupo publicaram uma antologia de ensaios intitulada *The manipulation of literature: studies in literary translation*, em que Theo Hermans faz a seguinte introdução: "Do ponto de vista da literatura-alvo, toda tradução implica um grau de manipulação do texto original visando a um certo propósito" (1985:9), em que se percebe uma visão oposta daquilo que é representado pela escola com orientação lingüística: não se trata de uma equivalência intencional, mas de assumida manipulação. Ao contrário da Escola Alemã, a "Escola da Manipu-

lação” trabalha mais com a Literatura Comparada e confina-se exclusivamente à tradução literária. Sua abordagem baseia-se no conceito de poli-sistema literário, especialmente no conceito de Even-Zohar, da Escola de Telaviv (cf. resenha neste volume), para quem a literatura não é estática, mas altamente dinâmica. Os acadêmicos de Israel enfatizam que a tradução freqüentemente desempenha um papel inovador e criativo dentro dos sistemas literários, portanto, ela é vista essencialmente como uma parte do sistema literário e integrante da cultura-alvo, e não meramente como uma reprodução de outro texto. A partir desse conceito, os acadêmicos da “Manipulação” desenvolvem seus próprios preceitos, métodos e modelos teóricos, dando maior importância ao texto da língua traduzida, em contraposição às atitudes normativas e avaliadoras da teoria tradicional de tradução e da tradutologia. Pergunta-se, no entanto, se o elemento da avaliação e julgamento pode ser completamente dispensado, uma vez que esse ponto de vista coloca os acadêmicos da “Manipulação” numa posição extremista.

Mediante o novo quadro em que se apresentam as mesmas antigas falhas, a autora conclui que são três as reincidências que impedem a solução do problema: a dicotomia histórica entre “fiel x livre”, “palavra x sentido”, ou “orientado para a fonte x orientado para o alvo”. Essas três reincidências têm, basicamente, a mesma identidade mesmo para o novo paradigma desenvolvido nos Países Baixos; os mesmos princípios básicos para se executar uma boa tradução vêm sendo formulados com aproximadamente as mesmas palavras pelo menos desde a Renascença. Em segundo lugar, todos os teóricos, seja da linha lingüística ou da literária, formulam teorias para a sua própria área de tradução, exclusivamente. Não existe um esforço em se preencher lacunas entre a tradução literária e a “outra” tradução. Em terceiro lugar, nem a perspectiva dos estudos literários nem os métodos de lingüística forneceram até hoje qualquer auxílio substancial para o progresso dos Estudos da Tradução. Seria necessária uma reorientação básica no pensamento, uma revisão das formas tradicionais de categorização e, também, uma abordagem integrada que considere a tradução como um todo, e não somente algumas de suas formas ou partes.

### 3. A Proposta de Integração de Snell-Hornby

Após delinear esse quadro, Snell-Hornby introduz a sua própria abordagem para os Estudos da Tradução, que se contrapõe à clássica teoria da categorização desafiada por algumas ciências cognitivas como a psicologia. Neste sentido, Snell-Hornby traz à luz deste estudo o trabalho em psicologia de Eleanor Rosch e o seu desenvolvimento, dentro da lingüística, por George Lakoff. A clássica teoria da categorização é apresentada por Lakoff em seu estudo *Categories and cognitive models* (1982) que formula claras limitações entre as categorias sem qualquer tipo de casos limítrofes ou de miscigenação. Essa abordagem objetivista e reducionista é bem ilustrada pelo método da análise componencial, que, até muito recentemente, dominava a semântica lexical. Tome-se, por exemplo, a palavra *solteiro*, reduzível aos componentes + macho + adulto, - casado. Os experimentos de Rosch (1973) desabonam este tipo de análise e formulam uma teoria de categorização natural, segundo a qual os seres humanos categorizam-se na forma de protótipos, ou seja, a categoria natural tem um foco ou um “núcleo”, cuja nitidez vai se perdendo ao aproximar-se das bordas. Os fundamentos de Rosch advogam que a palavra *solteiro* não pode ser reduzida à soma de três simples componentes, mas passa a depender de um protótipo condicionado por fatores socioculturais. Em outras palavras, o Papa pode ser um adulto do sexo masculino não-casado, mas não é representante do protótipo *solteiro*: ele é um “caso limítrofe”, desfocado do núcleo (o termo utilizado pela autora é “blurred edge”) da categoria *solteiro*, no sentido de que as categorias básicas situam-se entre superordinadas e subordinadas, que não dependem dos objetos propriamente ditos, mas da maneira como as pessoas interagem com eles, percebem esses objetos e fazem uso deles. Esse pensamento estimulou pesquisas em etnobiologia desenvolvidas por Brent Berlin, que conclui que este “nível etnogenérico” (“folk-generic level” na sua terminologia) é baseado na psicologia em vários aspectos, e principalmente: “Neste nível, as coisas são apreendidas *holisticamente*, como um “gestalt” único, ao passo que, para a identificação num nível mais baixo, detalhes específicos precisam ser destacados.” (Lakoff, 1982:20, grifos de Snell-Hornby).

É esse princípio holístico de “gestalt” que será essencial nesta abordagem integrada da tradução que, por tempos, foi considerada uma mera questão de palavras isoláveis. O princípio primordial para a Escola de Psicologia de Gestalt, cujos expoentes são Max Wertheimer, Wolfgang Köhler e Kurt Kofka, é que o todo é mais do que a mera soma das partes e uma análise das partes não fornece a compreensão do todo. Mas foi somente nos anos 70, através de outras disciplinas, tais como a sociologia (sociolingüística), a filosofia moral, a etnologia e a psicologia, e com o desenvolvimento da lingüística de texto, que uma abordagem mais holística da língua foi viabilizada. A língua como parte do mundo: é essa a noção básica da abordagem integrada adotada por Snell-Hornby.

Em seu estudo, a autora substitui a tipologia rígida da tradição objetivista e reducionista pela *prototipologia*, um sistema de relações dinâmico e à maneira de “gestalt”, pelo qual os vários itens representam um foco idealizado, prototípico e o sistema de grade possibilita a ocorrência de áreas desfocadas e sobreposições. As formas miscigenadas fazem parte do sistema conceitual, não são uma exceção, constituindo a sutil diferenciação não levada em conta pela tipologia delimitadora. Basicamente, o diagrama elaborado por Snell-Hornby representa uma linha horizontal que traz a noção de transição gradual, ao passo que o plano vertical representa um modelo estratificado de critérios relevantes para a tradução que, de acordo com o princípio de “gestalt”, traça uma linha desde seu nível superior mais geral (A) até o seu nível inferior mais específico (F).

Com essa estrutura prototípica, foram erigidas as fundações para o conceito dos Estudos da Tradução vistos como uma disciplina integrada e independente que cobre todos os tipos de tradução, da literária à técnica. Vista por esse ângulo, a tradução tem alcance em muitas disciplinas, mas não equivale à soma total de suas áreas sobrepostas e não depende de nenhuma delas. Assim, tanto o tradutor como o teórico da tradução preocupam-se mais com o universo entre as disciplinas, as línguas e as culturas. Enquanto a lingüística gradualmente expande seu campo de interesse do micronível ao macronível, os Estudos da Tradução, que se dedicam essencialmente ao estudo de textos contra um fundo cultural, deveriam adotar a perspectiva inversa, ou seja, uma análise “de cima para baixo” (“top-down”).

#### 4. Língua e Cultura

Assumida a nova postura, a autora passa a discutir a tradução como um evento intercultural. Postula que, contrariamente à abordagem tradicional da Lingüística, que traçava uma linha divisória entre a língua e a assim chamada “realidade extralingüística”, a língua não é considerada como um fenômeno isolado, mas como parte da cultura que é hoje entendida na teoria da tradução como referência a todos os aspectos da vida humana condicionados socialmente. Com Wilhelm von Humboldt, (1767-1835) a conexão entre os fatores língua e cultura e os fatores língua e comportamento foi definitivamente traçada. Ao mesmo tempo, a língua é uma expressão da cultura e da individualidade do falante, que percebe o mundo através da língua. Cem anos mais tarde, estas idéias foram retomadas pela hipótese de Sapir-Whorf, ou o princípio da relatividade lingüística, que sustenta a idéia de que o pensamento não precede a língua, mas é condicionado por ela, o que teve grande influência na tradução. Contrapõe-se a essa uma outra hipótese que é o princípio dos universais da língua, propagado por Chomsky e pela escola da gramática gerativa, o que nos coloca novamente frente a uma dicotomia de dois extremos, sendo que, mais uma vez, é necessário que se determine qual ponto na escala é válido para cada caso. Essa “escala de traduzibilidade” remete ao contínuo dos tipos de texto e critérios relevantes para a tradução mencionados anteriormente em forma de diagrama. Assim, textos literários, especialmente aqueles encaixados numa cultura de passado distante, tendem a ser menos facilmente traduzidos do que aqueles que lidam com os “universais” da ciência moderna. Assim, se a língua é parte integrante da cultura, é preciso que o tradutor tenha proficiência nas duas línguas e nas duas culturas.

A hermenêutica, isto é, a teoria da interpretação dos sentidos das palavras, especialmente na Alemanha, esteve ligada à teoria da tradução por muito tempo. De igual importância para a tradução literária foi uma teoria desenvolvida recentemente denominada “Rezeptionsästhetik” (Estética da Recepção) de Iser, que investiga o papel do leitor. Para o propósito de seus estudos, a autora enfatiza que o papel do tradutor como leitor é ser ativo e criativo. O conceito de “Horizontverschmelzung” (1960), ou “fusão de horizontes”, do



filósofo alemão Hans-Georg Gadamer, muito influenciou a abordagem da tradução de Paepcke (especialmente 1978, 1980, 1981) e o trabalho de Stolze (1982, 1984 e 1986), que também coadunam-se com o princípio holístico da “gestalt”, como descrito no trabalho de Snell-Hornby.

A autora sintetiza que os traços dominantes das abordagens mais recentes apresentadas na Alemanha por Hönig e Kussmaul, Reiß e Vermeer e Holz-Mänttari foram: a focalização da cultura em vez da transferência lingüística; a tradução vista não como um processo de transcodificação, mas como um ato de comunicação; a diretriz é a função do texto traduzido (tradução prospectiva), e não de fidelidade às prescrições do texto original (tradução retrospectiva); o texto é considerado parte integrante do mundo, e não um espécime isolado da língua.

Snell-Hornby conclui que não existe “a” tradução por si, tampouco a tradução perfeita, mas ela depende diretamente da função prescrita pela parte contratante. Hönig e Kussmaul elaboram seu critério básico para a avaliação qualitativa de uma tradução: o “grau necessário de diferenciação”, que representa o ponto onde “a função do texto original e os determinantes socioculturais se interceptam”. Eles apresentam não o critério generalizante de “preservar o máximo possível do original”, mas o critério específico “tanto quanto necessário para que a função do texto atinja a sua meta”. Também Vermeer (cf. resenha desse autor neste volume) discutiu os conceitos de “Funktionskonstanz” (constância da função) e “Funktionsveränderung” (modificação da função), cuja “Skopostheorie” (Teoria da Funcionalidade),<sup>1</sup> como a teoria de Hönig e Kussmaul, baseavam-se na função do texto traduzido.

A dicotomia que até hoje tem importância para os estudos lingüísticos e para a teoria da tradução é a distinção feita entre “langue” e “parole”, que foi revista juntamente com a teoria da tradução nos anos 70. Coseriu retomara a questão já em 1951 em seu estudo “Sistema, norma y habla” colocando entre os dois extremos, sistema e texto, um terceiro conceito – a norma prototípica e não-marcada. Tal norma aplica-se não somente à língua, mas a todos os

---

<sup>1</sup> (Cf. Alves neste volume).

níveis da vida social e varia de uma comunidade – ou cultura – à outra.

Para o estudo da tradução de Snell-Hornby, esse ponto é muito relevante: uma das escolhas mais difíceis para o tradutor literário é decidir como tais extensões criativas da norma da língua-fonte podem ser traduzidas para a língua-alvo, sem que as regras da aceitabilidade lingüística sejam infringidas.

A autora considera dois conceitos complementares – dimensão e perspectiva – em sua relação com o texto. A dimensão focaliza os aspectos internos da língua, referindo-se às diretrizes lingüísticas realizadas nos itens lexicais, nos recursos estilísticos e nas estruturas sintáticas, tornando-se um problema para a tradução quando há multidimensionalidade na expressão lingüística como a encontrada em metáforas e trocadilhos. Já a perspectiva focaliza a relação do texto com os fatores externos, sociais e culturais, refletindo o ponto de vista do falante, narrador ou leitor em termos de cultura, atitude, tempo, espaço: esse aspecto é articulado na paródia e na sátira, e invariavelmente na tradução. Mais uma vez, não se faz referência à dicotomia, mas às facetas complementares e sobrepostas de uma totalidade integrada.

## 5. Lingüística e Tradução

Snell-Hornby atesta o atraso que a gramática transformacional conferiu ao desenvolvimento de uma teoria geral da tradução. Por outro lado, argumenta que o surgimento da sociolingüística e estudos interculturais, que dão proeminência à língua como uma infinita rede de relações, foram elementos positivos na constituição dos Estudos da Tradução. Atesta a autora ainda que um legado para a tradução foi o conceito de Perspectiva Funcional da Sentença (FSP – Functional Sentence Perspective) e seus conceitos de tema e rema de F. Danes e J. Firbas, que se tornaram fundamentais para a análise de texto. Mas, de maneira geral, a interação mais frutífera entre a Lingüística e a teoria da tradução veio com o redimensionamento pragmático dos anos 70 ou, indiretamente, por meio de outras disciplinas como a filosofia da linguagem (Wittgenstein e Gadamer), a filosofia moral com a teoria do ato discursivo de Austin e Searle,

a psicologia com experimentos como os de Rosch e a sociologia na forma de sociolinguística.

## 6. A Análise de Texto

Segundo a autora, ao se fazer uma análise de texto, cabe investigar a complexa relação entre a tradução e a língua no texto, tensão dialética descrita por Steiner como “palavra contra texto”. Com o desenvolvimento da lingüística de texto e a gradual emergência dos Estudos da Tradução como uma disciplina independente, houve uma crescente consciência de texto, não mais como uma cadeia de sentenças separadas, mas como uma estrutura complexa, multidimensional, constituindo mais do que a mera soma das partes – um “gestalt” – pelo qual uma análise de suas partes não pode fornecer a compreensão do todo, partindo do macronível (texto) para o micronível (signo). Sendo esse o ponto de partida para o tradutor, a análise do texto deve começar pela identificação do texto em termos de cultura e situação como “Teil eines Weltkontinuums” (Parte do mundo em continuidade) de Vermeer. O próximo passo seria a análise da estrutura do texto, começando pela macroestrutura e chegando ao nível da coesão lexical, incluindo a relação entre o título e corpo principal do texto. Finalmente, seriam desenvolvidas estratégias para a tradução do texto baseadas em conclusões obtidas por uma análise anterior. É importante traçar-se a rede de relações determinada pela importância dos itens segundo sua relevância e função dentro do texto. A autora exemplifica seu método de análise de texto exaustivamente através de textos literários, jornalísticos e de letrados públicos.

Snell-Hornby ainda sugere que a semântica prototípica de “Scenes-and-Frames” (cenas e “frames”), de Charles Fillmore (1977), adapta-se aos conceitos da abordagem integrada, por postular “uma visão integrada da estrutura da língua, de seu comportamento, de sua compreensão, de sua variação e de sua aquisição”, sendo a forma lingüística relacionada à experiência e à resposta do leitor, o que nos remete à Estética da Recepção. Esse procedimento difere-se substancialmente das teorias de tradução baseadas na equivalência lingüística, que Fillmore denominaria uma mera sobreposição de “frames.”

Nesse ponto do trabalho, a autora investiga a complexa relação entre a função comunicativa e as formas da língua natural, trabalhando autênticos textos informativos encontrados na vida pública nas línguas inglesa e alemã, utilizando a teoria do ato de fala de Austin e Searle. Forma e função coexistem numa tensão dinâmica e o importante para a tradução é o fato de que esta tensão varia de uma cultura para outra, portanto de uma língua para outra. Em sua análise, é obedecida a gradação que parte do macronível do tipo de ato discursivo para chegar ao micronível do léxico.

Após exemplificações, conclui que toda análise de texto depende do contexto e que sintaxe e semântica, gramática e significado, estrutura e palavra são, de fato, interdependentes. Afirma que, para o tradutor, o principal problema reside na freqüente discrepância entre lexemas vistos isoladamente e sua utilização como palavras em contexto. Além disso, certas nuances de significado não podem ser discernidas através de simples consulta ao dicionário.

A abordagem diferenciada das relações interlingüísticas baseadas em protótipos, campos semânticos e descrição (SNELL-HORNBY, 1983) revolucionaria a lexicografia bilingüe, que até hoje tem sido atomística no tratamento das palavras.

É clara a tendência atual de favorecer-se a função do texto de tradução como parte da cultura de chegada postulada por Vermeer, Hönig e Kussmaul, Toury e Hermans. A autora, no entanto, prefere abandonar a dicotomia polarizada para favorecer o espectro com suas áreas de tensão dinâmica, apresentando a hipótese de que a ênfase e a diretriz devem variar de acordo com o tipo de texto, perfil estilístico e restrições não-lingüísticas.

Um traço comum a todos os atuais teóricos da tradução, de Paepcke a Newmark e Holz-Mänttari, é a ênfase na situação do texto original e a função da tradução: "A língua como texto de uma situação, como parte de uma cultura com uma determinada função" como proposto pela própria autora (SNELL-HORNBY, 1986), que passa a examinar a relação entre a situação e o tipo de texto original por um lado, e função e tipo de texto de tradução por outro lado.

## 7. Conclusão

Na conclusão do livro, a autora observa que foi preciso “limpar o caminho”, redefinindo conceitos inadequados (dicotomias e categorias compartimentadas), preconceitos ( “a tradução é uma questão de palavras”) e idéias fixas ( a fixação sobre a equivalência e equivalentes de dicionário), para preenchermos o espaço, agora mais fértil, com a abordagem integrada.

Indubitavelmente, os Estudos da Tradução são uma disciplina promissora, do futuro. Sem a tradução, o mundo de hoje, com o rápido intercâmbio de informações, seria impensável. Mas há que se derrubar preconceitos, até mesmo dos próprios acadêmicos, para estabelecer-se o reconhecimento da independência desta disciplina. Há fatores que influenciam negativamente a qualidade da tradução profissional, como por exemplo, a falta de treinamento de tradutores literários. Seria ainda necessária a melhoria do padrão da crítica da tradução, reconhecidamente arbitrária e casual.

Mas, apesar de todos os empecilhos, os Estudos da Tradução estão tomando porte com a missão de propiciar as comunicações e melhorar os contatos culturais internacionais.

# A VERTENTE FUNCIONAL E A COGNITIVA

# A TIPOLOGIA TEXTUAL DE KATHARINA REIß\*

Eliana Amarante de Mendonça Mendes \*\*

A maior contribuição de Katharina Reiß para os Estudos da Tradução é a elaboração de uma tipologia textual desenvolvida principalmente em sua tese de livre-docência defendida na Universidade de Mainz, na Alemanha, intitulada *Texttyp und Übersetzungsmethode. Der operative Text (Tipo de texto e método de tradução. O texto operativo)*, publicada em 1976.

Em um seu trabalho anterior, intitulado *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik. Kategorien und Kriterien für eine sachgerechte Beurteilung von Übersetzungen (Possibilidades e limites da crítica da tradução. Categorias e critérios para um julgamento objetivo de traduções)*, publicado em 1971, Reiß já havia lançado as bases para a elaboração de sua tese, desenvolvendo uma tipologia textual centrada nas funções da linguagem e nas funções comunicativas dominantes no texto, estabelecendo ainda a dimensão da linguagem de cada tipo de texto.

Assim, nessa sua tipologia, o texto de função representativa enfatiza o conteúdo e a dimensão da linguagem é lógica. Nos textos de função expressiva, a ênfase recai na forma e a dimensão da lingua-

---

\* REIß, Katharina. *Texttyp und Übersetzungsmethode. Der operative Text*. Kronberg/ Ts: Scriptor Verlag, 1976.

\_\_\_\_\_. *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik. Kategorien und Kriterien für eine sachgerechte Beurteilung von Übersetzungen*. München: Hueber, 1971.

\*\* Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da UFMG.

gem é estética e, nos textos de função apelativa, a ênfase é no apelo e a dimensão de linguagem é dialógica.

O objetivo central de sua tese é estudar detalhada e objetivamente a tradução dos textos por ela chamados de operativos. Para caracterizar esses textos operativos, Reiß primeiramente reelabora sua tipologia textual, relacionando-a com os métodos de tradução.

Para Katharina Reiß, "...*der Texttyp (bestimmt) die zu wählende Übersetzungsmethode*" (o tipo de texto define o método de tradução a ser escolhido), isto é, existe uma relação entre tipologia textual e tradução – as decisões referentes à tradução dependem do tipo de texto em questão.

É esta premissa, então, que vai nortear todo o trabalho de Reiß.

A autora relata que, para chegar ao estabelecimento dessa premissa, partiu primeiramente de sua práxis como professora de tradução para iniciantes onde sentiu a falta de um tratamento adequado para a avaliação de traduções.

Na bibliografia sobre tradução pesquisada pela autora, ela não conseguiu resposta para seus questionamentos, uma vez que a dicotomia fidelidade/liberdade, vinculada à dicotomia tradução utilitária/tradução literária era predominantemente a tônica nas discussões sobre tradução. No entender de Reiß, pensar a tradução apenas em termos dessas dicotomias é uma simplificação insustentável, uma vez que a realidade se apresenta bem mais complexa.

Após ter constatado que os textos têm uma função comunicativa e que seus objetivos são ou informar, ou expressar a individualidade de um sujeito ou, ainda, alterar o comportamento do leitor, busca então, com base nesses pressupostos, o estabelecimento de sua tipologia textual.

Para apoiar esses pressupostos, Reiß buscou em Ferdinand de Saussure a concepção de linguagem como comunicação e a oposição *langue/parole*, uma vez que os textos estão no plano da *parole* – da realização concreta – e devem ser considerados no contexto.

De Bühler (1934), Reiß buscou as três funções básicas da linguagem: a função representativa, a função expressiva e a função apelativa. A tipologia textual de Reiß baseia-se nessa categorização.

Segundo Reiß, embora as funções normalmente coocorram num mesmo texto, uma delas é a predominante, havendo uma



organização hierárquica das mesmas. O caráter do texto é determinado pelas funções predominantes.

A teoria da comunicação tem um papel preponderante no modelo de Reiß, uma vez que ela entende que a tradução é sempre feita para ser recebida por um destinatário – “...*kann als zweisprachiger – Kommunikationsvorgang aufgefaßt werden*” – (pode ser encarada como um processo de comunicação bilíngüe). É então necessário observar onde está a tônica do processo comunicativo:

- se está no objeto do discurso – caso em que a tônica é a transmissão de informação;
- se está no emissor – caso em que a tônica é ainda a transmissão de um certo tipo de conteúdo;
- ou se está no receptor, caso em que a tônica é alterar de algum modo o comportamento do receptor.

Para Reiß, os textos são, então, *sachorientiert* (orientados para o objeto), *senderorientiert* (orientados para o emissor), ou *verbaltensorientiert* (orientados para a alteração de comportamento do receptor).

Refinando, então, suas reflexões, estabelece que nos textos *sachorientiert* a linguagem é utilizada para representar o mundo; nos textos *senderorientiert* é utilizada para enriquecer o mundo e que, nos textos *verbaltensorientiert* ela é usada para modificar o mundo.

Do cruzamento das três funções básicas da linguagem e dos três componentes do processo de comunicação e, considerando a primazia de uma ou de outra função e de um ou de outro componente, Reiß chega à classificação de textos adotada em sua tese.

Segundo a autora existem portanto três tipos de texto:

1. O texto informativo, cuja função textual é transmitir informação e é orientado para o referente;
2. O texto expressivo, cuja função textual é a expressão artística e é orientado para o emissor;
3. O texto operativo, cuja função textual é alterar o comportamento do receptor e é orientado para o receptor.

Cada um desses tipos de texto exige um método de tradução diferente, um tipo de postura diferente frente à tradução. O papel

do tradutor é descobrir a função da linguagem e a função comunicativa do texto, descobrir a ordem hierárquica em que essas funções se manifestam no texto, determinar a partir disso o tipo de texto e preservar todas essas características na tradução.

No texto informativo, segundo Reiß, o tradutor deve buscar a invariância no plano do sentido, procurando preservar no texto alvo a forma interna do original, o tipo de discurso e sua adequação à informação transmitida, ajustando a forma externa à forma corrente na língua alvo. Segundo Reiß, o método de tradução deste tipo de texto é um método **simples, despretencioso e prosaico**.

No texto expressivo, o tradutor deve buscar uma analogia ao texto original, procurando também, na medida do possível, a invariância no plano do sentido. Diz ainda a autora que o tradutor deve usar léxico, sintaxe, estilo e estrutura para produzir, na língua de chegada, efeito estético análogo ao alcançado na língua de partida. Segundo Reiß, o método de tradução deste tipo de texto deve ser **identificante**.

No texto operativo, o tradutor deve buscar a invariância semântica, a analogia estilística e a manutenção do apelo transmitido pelo texto. Para traduzir um texto do tipo operativo, o tradutor deve levar em conta o contexto sócio-cultural e as características do receptor. Deve ser preservada a tensão interna do texto original caracterizada por uma não-coincidência entre tipo de discurso e objeto de discurso, adequando a forma externa às possibilidades expressivas da língua de chegada. O método de tradução para este tipo de texto é, segundo a autora, **adaptante**.

Apesar de afirmar que essa relação de pertinência entre função de texto e método de tradução é normal, é a função básica da tradução, Reiß admite que seu esquema pode, por vezes, não funcionar.

Pode ocorrer que a função comunicativa seja alterada – o texto de chegada pode ter uma função diferente da função do texto original – as funções comunicativas são hierarquizadas de forma diversa, alterando-se a função predominante, para atingir um objetivo diferente, dependendo da intenção comunicativa pretendida pela tradução, bem como do tipo de recepção.

Dois exemplos de alteração da função comunicativa são estudados por Reiß em seu trabalho, a saber:

1. A tradução tem uma função diferente da função do texto original, como no caso dos resumos, das resenhas, das peças teatrais, de adaptações de textos para fins de pesquisa ou para fins didáticos;
2. A tradução mantém a mesma função comunicativa, mas dirige-se a receptores diferentes dos receptores objetivados pelo original, como, por exemplo nas adaptações de obras literárias para leitores infanto-juvenis e nas adaptações de obras técnicas para leitores leigos.

O trabalho de Reiß, no nosso entender, constitui uma contribuição importante para os estudos da tradução, apresentando, a nosso ver, as seguintes virtudes:

- seu modelo consegue ampliar a tipologia textual para além dos limites da dicotomia texto literário/texto não-literário;
- adota uma concepção de tradução lingüística, porém numa postura lingüística renovada, vinculando o lingüístico-textual ao processo de comunicação, e, conseqüentemente, incorporando à avaliação da tradução os aspectos sócio-culturais.

A maior objeção que se pode fazer ao modelo de Reiß, no nosso entender, diz respeito à operacionalidade de seu modelo. Teoricamente é fácil aceitar que exista uma função predominante no texto e que essa função deva ser descoberta pelo tradutor, para que o mesmo possa escolher o método de tradução a ser utilizado. Na prática, entretanto, determinar essa função predominante ou mesmo a hierarquia das funções no texto pode, para certos textos, não ser tão fácil, se não impossível.

Um outro ponto problemático de seu modelo diz respeito ao que Reiß chama de *Übersetzungsmethode* (métodos de tradução), terminologia que consideramos inadequada para designar as diversas posturas que o tradutor pode assumir frente aos diversos tipos de texto. As denominações adotadas para seus “métodos de tradução”, tomadas a Goethe, parecem-nos também inadequadas, já que pouco esclarecedoras e desatualizadas.

A ênfase numa invariância semântica, mal conceituada no trabalho, e que poderia levar a se pensar numa postura muito

ortodoxa frente à tradução, revela-se, no correr do trabalho, na nossa opinião, relativizada e flexibilizada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REIS, Katharina. *Texttyp und Übersetzungsmethode. Der operative Text.* Kronberg/Ts: Scriptor Verlag, 1976.

\_\_\_\_\_. *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik. Kategorien und Kriterien für eine sachgerechte Beurteilung von Übersetzungen.* München: Hueber, 1971.

# **H. J. VERMEER: A TEORIA DA FUNCIONALIDADE (SKOPOSTHEORIE) E A SUPREMACIA DA FINALIDADE\***

Fábio Alves da Silva Jr.<sup>\*\*</sup>  
Ingeborg Scheible<sup>\*\*\*</sup>

## **1. Introdução**

Esse artigo propõe-se a analisar a contribuição de Hans J. Vermeer dentro dos Estudos Tradutórios, principalmente no que diz respeito aos seus esforços para apresentar uma Teoria Geral da Tradução centrada na sua função e finalidade e em sua relação específica com a cultura de chegada. Essa proposta de Vermeer já fora esboçada em 1983 no livro *Aufsätze zur Translationsstheorie* (*Artigos sobre a teoria da tradução*) e culminou com o lançamento da fundamentação de uma teoria geral da tradução apresentada juntamente com Katharina Reiß em 1984 na obra *Grundlegung einer allgemeinen Translationsstheorie* (*Fundamentos de uma teoria geral da tradução*), um clássico em língua alemã e verdadeiro divisor de

---

\* Resumo do livro *Grundlegung einer allgemeinen Translationsstheorie*, de 1984, com considerações complementares retiradas da obra *Esboço de uma teoria da tradução*, de 1985.

\*\* Pesquisador Recém-Doutor pelo CNPq junto ao Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Faculdade de Letras da UFMG, Doutor em Lingüística Aplicada pela Ruhr-Universität Bochum.

\*\*\* Mestranda no Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, da Faculdade de Letras da UFMG.

águas no âmbito da discussão acadêmica na Alemanha, visando ao estabelecimento de uma Ciência da Tradução autônoma, independente da Lingüística e da Lingüística Aplicada. A segunda edição de *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie* foi publicada sem modificações em 1991. Isso, segundo os autores, sugere a atualidade e o caráter clássico da obra. O leitor de língua portuguesa também se beneficiará dos trabalhos de Vermeer através do livro intitulado *Esboço de uma teoria da tradução*, escrito originalmente em português e publicado em Portugal pela Editora Asa (1985). Discute-se, a seguir, os fundamentos básicos da Teoria da Funcionalidade (*Skopostheorie*) e sua contribuição para a elaboração de uma Teoria Geral da Tradução.

## 2. A Teoria da Funcionalidade e a Supremacia da Finalidade<sup>1</sup>

Vermeer esclarece que a tradição alemã enfatizava muito, até o lançamento de sua *Teoria geral da tradução*, o aspecto lingüístico da tradução. Para Vermeer, contudo, a tradução faz parte da '*Ciência da cultura*' (cf. VERMEER, 1978) e o seu estudo cabe ao âmbito da Translatologia, que se ocupa de problemas tanto na área da tradução quanto da interpretação. A princípio, as transferências culturais deveriam ser colocadas em paralelo às transferências lingüísticas e a tradução seria tratada como um tipo especial de tipologia textual culturalmente condicionada. Porém, como essa consideração não acrescenta nada de novo à Teoria da Funcionalidade, Vermeer não trata a tradução sob o aspecto de um condicionamento cultural primário. A descrição da tradução foi dividida por ele em processo e produto, ocupando-se, sobretudo, do estudo de suas interdependências.

O trabalho de Reiß & Vermeer (1984) introduz na área dos Estudos Tradutórios, ou da Ciência da Tradução como preferem os autores, a *Skopostheorie*, ou seja, uma Teoria de Objetivos, também conhecida como Teoria da Funcionalidade. Segundo Vermeer "o

---

<sup>1</sup> Cf. HOLZ-MÄNTTÄRI (1984) e HÖNIG & KURMAUL (1982) para uma discussão complementar.

que importa é que a intenção de comunicar seja realizada no texto de chegada” (1985:6). Para tal fim, a tradução passa a ser considerada como uma função a partir de sua finalidade, retratada através da fórmula abaixo:<sup>2</sup>

*Translation = funktion (SKOPOS)* → Tradução = função (FINALIDADE)

Para Vermeer, a tradução é uma oferta de informação dentro de uma cultura de chegada e de seu código lingüístico a partir de uma oferta de informação originária de uma cultura de partida e de seu respectivo código lingüístico. Esse fato é expresso por Reiß & Vermeer (1984:105) através das seguintes fórmulas:

$Trl. = IA_z (IA_A)$  → TR = oferta de info. LC (oferta de info. LP)

$Trl. \text{ é } IA_A \times IA_z$  → TR = oferta de info. LP x oferta de info. LC

Em outras palavras, na primeira fórmula a tradução é igual à oferta de informação na língua de chegada (*Informationsangebot in der Zielsprache* -  $IA_z$ ) calcada na oferta de informação na língua de partida (*Informationsangebot in der Ausgangssprache* -  $IA_A$ ). Na segunda fórmula, a tradução espelha uma constante (é), que é o resultado da oferta de informação na língua de partida (*Informationsangebot in der Ausgangssprache* -  $IA_z$ ) multiplicada pela oferta de informação na língua de chegada (*Informationsangebot in der Zielsprache* -  $IA_A$ ).

Essa oferta de informação representa uma transferência lingüística oriunda de uma oferta de informação original na situação de comunicação de partida. Segundo Vermeer, “podemos estabelecer, portanto, como regra fundamental da tradução e interpretação que o receptor, dentro da sua situação de comunicação, deverá apreender a mensagem. Esta teoria opõe-se frontalmente à tradicional tradução à letra” (1985:7).

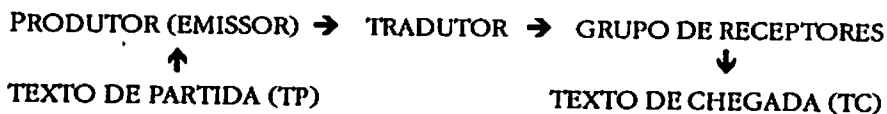
A Teoria da Funcionalidade não tem a pretensão de ser completa ou definitiva. Dentro do seu desenvolvimento foram

---

<sup>2</sup> Cf. REISS & VERMEER (1984:101) para a fórmula na versão original.

escolhidos aqueles aspectos que, talvez por não terem sido tratados suficientemente a fundo na literatura anterior, pudessem adquirir interesse e importância à luz da Teoria de Funcionalidade. Um dos aspectos recorrentes é sempre a interdependência entre língua e cultura. Entende-se que língua e cultura existem apenas numa relação de troca mútua. No caso da tradução, essa relação espelha-se na transferência de um texto em um situação de comunicação de partida com uma língua e cultura específicas para um outro texto, o texto de chegada, em uma situação de comunicação de chegada expressa através de uma outra língua e cultura.

O modelo de comunicação escolhido para orientar as discussões no âmbito da Teoria de Funcionalidade constitui-se da seguinte forma:



Para não tornar o modelo complexo, foram desprezadas outras instâncias de inferências, tais como mediadores. Evita-se, assim, a discussão sobre o papel das agências de tradução ou de outros agentes que funcionariam como uma espécie de emissores secundários. Para fins de simplificação, o modelo evita também especificar uma maior ou menor orientação da tradução em direção à cultura de partida ou à cultura de chegada.

Apresentando as bases de uma Teoria Geral da Tradução, os autores explicitam que a discussão foi desenvolvida sem se considerar aspectos de dependência cultural ou fazer referência a determinados pares de língua. Segundo eles, o pressuposto para a cientificidade de uma descrição é sua objetividade e sua validade intersubjetiva. O processo, quando repetido em igualdade de condições, deve apresentar sempre o mesmo resultado, ou o mesmo produto.

Em uma definição simplificada, Reiß & Vermeer (1984:3) apresentam os fundamentos de uma teoria que contém:

- A indicação de sua base, ou seja, neste caso, a supremacia da funcionalidade;



- A descrição de seu objeto de estudo, ou seja, neste caso, a descrição do reelecionamento da teoria da supremacia da funcionalidade com a tradução;
- A apresentação do quadro de regras dessa teoria.

Dentro desse quadro de regras, uma teoria da tradução se divide em três partes:

1. As regras gerais do objeto de estudo, ou seja, as condições de funcionamento da tradução;
2. As regras específicas no nível do objeto de estudo, ou seja, seus dados culturais, lingüísticos e textuais;
3. Suas meta-regras que dizem respeito à descrição do funcionamento da tradução.

A pergunta seguinte indaga sobre a aplicabilidade de uma Ciência da Tradução. Os autores defendem a elaboração de uma teoria que consiga:

- observar as leis que a regem;
- exemplificá-las;
- facilitar a compreensão, desenvolver e solidificar a capacidade crítica do tradutor.

Todavia, ainda segundo os autores, nenhuma teoria de tradução vai formar o respectivo tradutor. Ela pode, contudo, levar ao aperfeiçoamento do exercício da tradução, permitindo que o leigo venha a conhecer suas leis, proporcionando-lhe uma maior compreensão do processo tradutório. Em suma, os paradigmas culturais e/ou lingüísticos devem ser conhecidos antes de se proceder a uma tradução, mesmo naqueles casos em que as línguas de partida e de chegada possuam estruturas de superfície parecidas e se encontrem culturalmente próximas.

Com base nas reflexões acima, apresenta-se abaixo o corpo central da *Skopostheorie*, a Teoria da Funcionalidade, advogando sempre, segundo Vermeer, a supremacia da finalidade.

Uma finalidade implica necessariamente em fidelidade a uma ação determinada. Isso leva-nos ao conceito da Teoria de Ação (cf. HARRAS, 1978) e às suas ligações com a Ciência da Tradução. A finalidade de uma ação é alcançar um objetivo que sempre

consiste na mudança de um estado existente para um estado diferente, sendo que a expectativa com respeito a esse último é de que ele seja sempre mais favorável. A Teoria da Funcionalidade é uma variante da Teoria da Ação e se diferencia desta última enquanto parte de uma situação pré-determinada, concreta: o texto a ser traduzido. Antes mesmo que uma tradução seja feita, já existe uma ação. Trata-se, portanto, de decidir, a partir dela, (1) se, (2) o que e (3) como continuar com a ação já iniciada para dar prosseguimento ao processo tradutório e vir a gerar o produto visado: o texto de chegada.

A Teoria da Funcionalidade, sendo uma teoria de objetivos que advoga a supremacia da finalidade, tem seu nome definido a partir do grego *skopós* (alvo), que é usado pelos autores de maneira sinonímica com os termos finalidade, objetivo, função e escopo. A função dentro da Teoria da Funcionalidade tem dois significados distintos: a noção de finalidade/escopo e a função matemática de interdependência de grandezas nas quais se baseiam as fórmulas apresentadas no texto.

Através de exemplos práticos, os autores mostram o condicionamento cultural dos atos lingüísticos e extra-lingüísticos, estabelecendo que há normas para os atos e que, dentro delas, existe uma margem limitada para variantes de comportamento. Deduzem, assim, que as relações entre variantes e finalidade são específicas da respectiva cultura. Encontram-se aqui os casos de tradução nos quais possam ocorrer comportamentos específicos, positivos e/ou negativos, entre a cultura de partida e a cultura de chegada. Pode-se resumir dizendo que, *lato sensu*, toda ação é uma reação a uma situação; no caso específico da tradução temos uma reação à situação de comunicação de chegada, incluindo-se aqui tanto a cultura quanto a língua de chegada.

A discussão sobre a interrelação entre ação e finalidade prossegue com a análise do conceito de norma. Para Reiß & Vermeer, "normas são convenções explícitas ou tácitas, específicas de uma cultura" (1984:97). Assim, essas normas regulamentam comportamentos recorrentes em determinados tipos de situações, os quais se tornam a constante da ação. Tem-se, por conseguinte, que uma ação tem sentido quando, dentro de uma determinada

situação, ela se conserva dentro da adequação conforme os padrões, isto é, as normas dessa cultura.

Considera-se que os atos são duplamente intencionais tanto por adequarem-se à situação de comunicação de chegada dentro das normas da respectiva cultura quanto por pretenderem alcançar uma finalidade. Assim sendo, a ação pode ser definida como a função de dois fatores: a avaliação de uma determinada situação e a intenção gerada por ela, ou seja, a função da ação. Para Reiß & Vermeer (1984:98), essa função é definida pela seguinte fórmula:

$$H = f(\text{Sit}, \text{Int}) \rightarrow A (\text{ação}) = f (\text{função}) (\text{Situação}, \text{Intenção})$$

Em outras palavras, uma ação (*Handlung - H*) é igual à sua função, incluídos nela a situação de comunicação e sua intenção.

Os autores complementam a fórmula com o comentário que o fator mais relevante de uma tradução é sempre a função da ação. É lógico que, em casos de interação entre situações de comunicação diferenciadas, o número de variantes aumenta, pois não há uma sequência bem previsível no seu desenvolvimento. Além disso, apesar de haver uma certa flexibilidade em relação ao tipo de ação considerada, bem como de possíveis variantes dessa, o comportamento fora da norma vigente por parte de um dos interlocutores no decorrer do processo de comunicação pode gerar crises por intermédio do estranhamento que desequilibra as bases da comunicação ao esvaziar as expectativas de um dos parceiros do processo de comunicação para com seu interlocutor.

Aplicado à Ciência da Tradução, isso significa que, sob determinadas condições, a variação de uma tradução para com relação ao original é legítima. Tais condições encontram-se sempre vinculadas à especificidade cultural. Dentro desses limites, a variação dentro de uma tradução deve manter-se dentro da adequação admitida pela situação de comunicação de chegada. O que se faz ou como se age é secundário com vistas à finalidade de uma tradução e sua realização. Vermeer não entra na questão da manipulação dos textos,<sup>3</sup> levantada por outros teóricos de tradução,

---

<sup>3</sup> Cf. SNELL-HORNBY (1988) para uma discussão sobre a '*Manipulation School*'.

mas simplesmente afirma que há intenções e que os atos são direcionados por elas. Em suma, a finalidade é o fator dominante dentro da Ciência da Tradução.

A partir do escopo de uma tradução, uma ação é definida como bem sucedida quando ela pode ser explicada como adequada a uma situação específica. Nesse tipo de interação, o primeiro a exigir essa explicação será o emissor do texto a ser traduzido. Ele é que deve explicar sua intenção. Nem sempre, porém, a ação corresponde à intenção, mas esta pode persistir até a ação adequar-se às suas imposições. O receptor, por sua vez, tenta também conseguir uma explicação ou interpretação para o procedimento do emissor. Essas duas explicações ou interpretações podem, contudo, não corresponder entre si. Pode ainda ocorrer entre os participantes uma expectativa recíproca, chamada de co-orientação reflexiva. Resumidamente, o valor atribuído a uma ação é determinado pelo emissor através de sua intenção e pelo receptor através de interpretação da intenção do emissor. Sendo assim, a verdade de uma ação depende de uma teoria de valores orientada na finalidade e é, por conseguinte, uma verdade subjetiva ou relativa. Dentro da Ciência da Tradução, uma ação (nesse caso, uma tradução) é considerada bem sucedida quando o seu valor para o emissor não mostra divergências discrepantes em relação ao valor estabelecido pelo receptor para essa mesma ação/tradução.

Finalizando, Reiß e Vermeer concluem que a função de uma tradução é responsável pela adoção de um tipo específico de ação para sua realização no qual a finalidade da tradução é superior ao modo de execução. A tradução é basicamente uma interação onde essas finalidades seguem uma ordem hierárquica. A maneira como essa interação ocorre depende também das relações entre os participantes da interação. O receptor faz parte da finalidade da tradução como um constituinte especial. Em decorrência da determinação de sua finalidade, certas partes do texto de partida podem estar sujeitas a mudanças de peso antes, durante e depois de uma tradução. Podem também existir finalidades hierarquicamente distintas para as várias partes do texto. Enfim, a finalidade de uma tradução pode divergir da finalidade do texto de partida.

### 3. Conclusão

A contribuição de Vermeer no campo dos Estudos Tradutórios reveste-se de importância por ter sido ele um dos primeiros autores a advogar uma relação de interdependência entre tradução e cultura. Vermeer certamente contribuiu para o abandono da dicotomia fidelidade *versus* liberdade que orientou as reflexões sobre tradução a partir da célebre frase atribuída a Cícero: “*Non ut interpres ... sed ut orator*” (a tradução deve ser fiel, a tradução deve ser livre). Segundo Vermeer, o tarefa do tradutor passa a ser considerada a partir das finalidades esperadas de uma determinada tradução. As expectativas do emissor e a interpretação dessas pelo receptor passam a ser o fator direcionador das reflexões no âmbito da Ciência da Tradução.

KÖNIGS (1991) classificou a Teoria da Funcionalidade como uma abordagem de teorias de primeira ordem, de caráter indutivo e descritivo, que oferece fundamentação empírica e provas de validade intersubjetiva com relação ao seu objeto de estudo. Por outro lado, uma das críticas feitas ao trabalho de Vermeer (cf. GUTT, 1991) diz respeito ao fato de a Teoria da Funcionalidade, na verdade, não oferecer um conceito preciso do que seja tradução ao procurar explicar o processo tradutório, resumindo-se apenas à apresentação de uma classificação hierárquica de uma teoria de objetivos que advoga a supremacia da finalidade dentro dos Estudos Tradutórios. Entre um posicionamento e outro, o trabalho de Vermeer permanece com a característica de ter sido extremamente inovador em meados da década de 1980, abrindo espaço para uma nova abordagem dentro dos Estudos Tradutórios, válida ainda nos dias atuais. Como Reiß & Vermeer mencionam no prefácio à segunda edição de *Grundlegung einer allgemeinen Translationsstheorie*:

Seis anos são atualmente um tempo longo nas atividades científicas. Desde que a primeira edição deste livro foi publicada em 1984, muito trabalho foi feito no campo da Ciência da Tradução e Interpretação e alguns progressos foram alcançados. Se esse livro aparece ainda sem modificações, complementado apenas por uma bibliografia

atualizada, isso deve ser visto como um indicador da validade da teoria apresentada<sup>4</sup> (REIS & VERMEER, 1984/91:viii).

Essa afirmação deixa clara a importância conferida pelos autores à sua contribuição. A supremacia da finalidade e a Teoria da Funcionalidade continuam, ainda hoje, a direcionar grande parte das reflexões teóricas no campo dos Estudos Tradutórios, viabilizando a adequação da situação de comunicação de partida à situação de comunicação de chegada, ao fornecer instrumentos teóricos que justificam e comprovam essa interrelação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GUTT, E.-A. *Translation and relevance: cognition and context*. Oxford: Blackwell, 1991.
- HÖNIG, H. G. & KUBMAUL, P. *Strategie der Übersetzung. Ein Lehr- und Arbeitsbuch*. (2ª ed. 1991). Tübingen: Narr, 1982.
- KÖNIGS, F. G. Wie theoretisch muß die Übersetzungswissenschaft sein? Gedanken zum Theorie-Praxis-Problem, in *Taller de Letras 18*, 1990, p.103-120.
- HARRAS, G. Kommunikative Handlungskonzepte, oder: Eine Möglichkeit; Handlungsabfolge als Zusammenhänge zu erklären, exemplarisch an Teahertexten, in *Reihe Germanistische Linguistik 16*, Tuebingen, 1978.
- HOLZ-MÄNTTÄRI, J. *Translatorisches Handeln. Theorien und Methode*. Helsinki: Suomalainen Tiedeakatemia, 1984.
- HOLZ-MÄNTTÄRI, J. & VERMEER, H. J. Entwurf für einen Studiengang Translatork und einen Promotionsstudiengang Translatologie, in *Kääntäjä/Översättaren 3*, p.4-6, 1985.

---

<sup>4</sup> Sechs Jahre sind im heutigen Wissenschaftsbetrieb eine lange Zeit. Seitdem die erste Auflage dieses Buches 1984 erschien, ist in der Übersetzungs- und Dolmetschwissenschaft viel gearbeitet und mancher Fortschritt erzielt worden. Wenn dieses Buch dabei immer noch unverändert und lediglich durch eine kurze weiterführende Bibliographie ergänzt erscheinen kann, so darf dies wohl als ein Hinweis auf die Gültigkeit der vorgetragenen Theorie gelten.

- REIß, K. & VERMEER, H. J. *Grundlegung einer allgemeinen Translations-  
theorie*. (2<sup>a</sup> ed. 1991). Tübingen: Niemeyer, 1984.
- SNELL-HORNBY, M. *Translation Studies: an integrated approach*.  
Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1988.
- VERMEER, H. J. *Skopos und Translationsauftrag - Aufsätze*. Heidelberg,  
1990.
- VERMEER, H. J. *Kulturspezifität des translatorischen Handelns*. Vorträge  
anlässlich der GAL-Tagung 1979, Heidelberg, 1990.
- VERMEER, H. J. *Voraussetzungen für eine Translationstheorie*. Heidelberg,  
1986.
- VERMEER, H. J. *Esboço de uma teoria da tradução*. Porto: Asa, 1985.
- VERMEER, H. J. *Aufsätze zur Translationstheorie*. Heidelberg, 1983.
- VERMEER, H. J. Sprachen und Kulturanthropologie. Ein Plädoyer für  
interdisziplinäre Zusammenarbeit in der Fremdsprachendidaktik, in  
*Jahrbuch Deutsch als Fremdsprache*, 1978, p.1-21.

# **D. SPERBER & D. WILSON, E.-A. GUTT E F. ALVES: A TEORIA DE RELEVÂNCIA APLICADA AOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO\***

Fábio Alves da Silva Júnior\*\*

## **1. Introdução**

No decorrer das últimas três décadas, os Estudos de Tradução vêm procurando definir, sempre a partir de pontos de vistas bastante diferenciados, um conceito que consiga explicar clara e concisamente a natureza do objeto de estudo da área: a tradução. Nessas diversas tentativas encontramos linhas de atuação que priorizam, entre outras, uma abordagem exclusivamente contrastiva (cf. VINAY & DARBELNET, 1958), uma abordagem lingüística (cf. CATFORD, 1965), uma abordagem funcional (cf. HOUSE, 1977, REIß & VERMEER, 1984), uma abordagem textual (cf. NORD, 1988), uma abordagem integrada (cf. SNELL-HORNBY, 1988) ou uma abordagem psicolingüística (cf. KÖNIGS, 1988 e BELL, 1991). Nos últimos tempos, contudo, um novo tipo de abordagem vem ganhando

---

\* Resumo das seguintes obras: SPERBER, D. & WILSON, D. *Relevance, communication and cognition* (1988/1995); GUTT, E.-A. *Translation and relevance, cognition and context* (1991) e ALVES, F. *Zwischen Schweigen und Sprechen - Wie bildet sich eine transkulturelle Brücke?* (1995).

\*\* Pesquisador Recém-Doutor pelo CNPq junto ao Departamento de Letras Anglo-Germânicas, Faculdade de Letras da UFMG. Doutor em Lingüística Aplicada pela Ruhr-Universität Bochum.



espaço nas pesquisas e trabalhos na área de tradução. Trata-se de uma nova tentativa que procura integrar tanto os aspectos psicolinguísticos relativos aos mecanismos cognitivos envolvidos no processo tradutório quanto os aspectos culturais e pragmáticos referentes à transposição de um texto em uma língua de partida (LP) para um outro texto em uma língua de chegada (LC). O ponto de partida teórico para essa nova discussão é a Teoria de Relevância desenvolvida por Sperber & Wilson em *Relevance: communication and cognition* (1986/1995).

Na primeira parte deste artigo, procuro familiarizar o leitor com as bases da Teoria de Relevância, fornecendo-lhe uma explicação das várias definições e dos diferentes aspectos teóricos necessários para a compreensão do princípio de Relevância. A seguir, nas partes subseqüentes, examino a aplicabilidade da Teoria de Relevância para a área da tradução através da análise de duas obras distintas: *Translation and relevance – cognition and context* de Gutt (1991) e *Zwischen Schweigen und Sprechen – Wie bildet sich eine transkulturelle Brücke?* de Alves (1995). Procura-se, portanto, oferecer ao leitor de língua portuguesa informações em primeira mão sobre uma nova abordagem nos estudos tradutórios que, sem negar a validade das correntes anteriores, oferece-se como uma alternativa mais adequada para a elaboração de uma Teoria Unificada de Tradução.

## 2. A Teoria de Relevância de Sperber & Wilson

O livro de Dan Sperber e Deirdre Wilson, *Relevance – communication and cognition*, foi publicado inicialmente em 1986 pela editora Blackwell. Uma segunda edição, com poucas modificações, foi lançada em 1995 pela mesma editora. O projeto do livro originou-se a partir da orientação pragmática que os autores deram às suas pesquisas já a partir de 1975. Enquanto Wilson procurava mostrar como problemas semânticos podem ser solucionados mais adequadamente no nível pragmático, Sperber defendia a idéia que figuras de fala têm suas raízes na pragmática. Dessas idéias iniciais, surgiu a presente obra que encontra-se estruturada em quatro capítulos.

O capítulo 1, **Communication**, traça uma análise de modelos teóricos de comunicação. A seguir, no capítulo 2, **Inference**, os autores examinam o conceito de inferência, como ele é trabalhado pela pragmática, e levantam críticas às explicações correntes para o processamento cognitivo de mecanismos inferenciais. A partir dessa análise crítica, o capítulo 3, **Relevance**, introduz o princípio de Relevância desenvolvido pelos autores. Eles sugerem que:

Os processos cognitivos humanos (...) estão direcionados para alcançar o maior efeito cognitivo possível através do menor esforço de processamento. Para tal, o indivíduo deve focalizar sua atenção no que parece a ele ser a informação disponível mais relevante. Comunicar é solicitar a atenção de um indivíduo; então comunicar é sugerir que a informação comunicada é importante (Cf. SPERBER & WILSON, 1986: vi).<sup>1</sup>

Justificando esse posicionamento, os autores analisam, no capítulo 4, **Aspects of verbal communication**, a relação entre implicaturas e explicaturas dentro do contexto de situações de comunicação humana e aplicam a elas o princípio de Relevância e a noção de semelhança interpretativa. Eles concluem, assim, que o princípio de Relevância é capaz de explicar mais satisfatoriamente os mecanismos de processamento cognitivo inerentes à espécie humana.

A seguir, examinaremos detalhadamente a evolução conceitual proposta por Sperber & Wilson para o estabelecimento desse princípio.

O ponto de partida das considerações dos autores sobre a introdução do princípio de Relevância é a análise de dois modelos de processos de comunicação: o modelo de código de Shannon & Weaver (1949) e o modelo inferencial de Grice (1957, 1975).

---

<sup>1</sup> No original: Human cognitive processes (...) are geared to achieving the greatest possible cognitive effect for the smallest processing effort. To achieve this, the individual must focus his attention on what seems to him to be the most relevant information available. To communicate is to claim an individual's attention; hence to communicate is to imply that the information communicated is relevant.

Contudo, a partir da análise do funcionamento desses dois modelos, os autores deixam claro que nenhum deles consegue explicar, em sua totalidade, os processos de comunicação – principalmente os processos de comunicação lingüística utilizados pelo ser humano. Enquanto o modelo de código se mostra incapaz de explicar problemas de ambigüidade, mesmo em seus níveis mais simples, o modelo inferencial estabelece como pré-requisito um cooperação mútua entre emissor e receptor que nem sempre ocorre. As pesquisas de Sperber & Wilson procuraram, numa primeira fase, contrastar esses dois modelos para, a seguir, analisá-los não antagonicamente, mas sim como modelos complementares entre si. Desse amálgama teórico originou o princípio de Relevância.

Relevância, segundo os autores, é o resultado de um comportamento ostensivo por parte do emissor e de um comportamento inferencial por parte do receptor que, apoiados por uma manifestação mútua e situados em um certo ambiente cognitivo, geram um efeito contextual capaz de explicar o funcionamento de processos de comunicação. Em suma, a Relevância tem por objetivo alcançar, por meio desse comportamento ostensivo-inferencial, o maior efeito contextual através do menor esforço processual possível.

Para melhor esclarecer os detalhes dessa definição, introduzo abaixo uma explicação de cada um dos itens que, juntos, constituem a definição de Relevância:

**Comportamento ostensivo-inferencial:** o princípio de Relevância assume que a comunicação espelha um processo de comunicação assimétrico. O emissor divulga ostensivamente uma intenção comunicativa que deseja tornar manifesta ao receptor. O receptor, por sua vez, tem um comportamento exclusivamente inferencial ao se predispor a receber a mensagem enviada. Esse tipo de comportamento é definido como a relação entre uma suposição e um contexto.

**Ambiente cognitivo:** é o conjunto total de fatores que podem ser percebidos e/ou inferidos por um indivíduo. Apresenta-se como o resultado da composição do meio ambiente físico desse indivíduo com suas capacidades cognitivas, entendidas não apenas como fatos dos quais está consciente, mas também de fatos dos quais possa potencialmente vir a se conscientizar. Há um afastamento aqui da

visão freudiana e psicanalística de inconsciente e passa-se a diferenciar entre processos mentais no nível neuro-fisiológico, geralmente operados em paralelo (que, devido à sua velocidade de processamento, não podem ser percebidos conscientemente pelo indivíduo) e todos aqueles outros processos mentais, em sua grande maioria operados simbolicamente em série, que (embora não necessariamente conscientes em um dado momento) podem potencialmente emergir à consciência de um indivíduo.

**Manifestação mútua:** são todos os fatos pertencentes tanto ao ambiente cognitivo do emissor quanto ao do receptor.

**Efeito contextual:** é o resultado da troca entre informações novas e velhas com o menor desgaste processual possível.

Tem-se, então, a fórmula abaixo que explica sucintamente o princípio de Relevância desenvolvido por Sperber & Wilson:

#### **RELEVÂNCIA =**

**[comportamento ostensivo-inferencial + (ambiente cognitivo + manifestação mútua)] → efeito contextual**

O próprio nome Relevância é tido pelos autores como confuso ("fuzzy" no original). Sua definição coloquial é sempre múltipla, algumas vezes até mesmo controversa. Parte-se, porém, do princípio que existe uma intuição do que seja relevância e que o ser humano tem como característica inerente à espécie a capacidade de distinguir cognitivamente entre informações relevantes e não relevantes.

Esta visão de processos de comunicação diferencia-se dos princípios e máximas de Grice por não estabelecer como pré-requisito para um processo de comunicação bem sucedido um alto grau de cooperação entre emissor e receptor. Enquanto Grice estabelece que a comunicação deve ter um objetivo ou conjunto de objetivos comuns, ou pelo menos uma direção aceita mutuamente, ou seja 'a common purpose or a set of purposes, or at least a mutually accepted direction' (cf. GRICE, 1975:45), Sperber & Wilson (1986) prevêm apenas a existência de um comportamento ostensivo-inferencial para que a comunicação possa ocorrer. Em função desse comportamento ostensivo-inferencial, Relevância passa a ser

considerada como uma relação entre uma suposição e um contexto, isto é 'a relation between an assumption and a context' (Cf. SPERBER & WILSON, 1986: 125).

A literatura sobre pragmática explica a sequência de eventos comunicativos geralmente através da seguinte ordem de acontecimentos: o contexto é determinado, ocorre um processo de interpretação e a noção de relevância é avaliada. Desta forma, a noção de relevância é determinada somente após a ocorrência de mecanismos de processamento mental associados à contextualização e à interpretação de novas informações. Este é geralmente o conceito mais corrente de relevância. Contudo, Sperber & Wilson rejeitam essa interpretação. Para eles, o princípio de Relevância deixa de ser visto apenas como o resultado do uso cognitivo de mecanismos inferenciais. Ele passa a ser considerado como uma característica de processamento cognitivo inerente à espécie humana que permite a contextualização mais adequada possível no decorrer de processos comunicativos. O princípio de Relevância não estabelece previamente qualquer ênfase semântica de determinadas características lingüísticas. Funcionando paralelamente ao desenrolar de processos cognitivos, esse princípio direciona tanto as decisões de escolha semânticas para informações novas quanto orienta a utilização de informações velhas. Para os autores, como já foi mencionado, Relevância é o resultado da troca de informações velhas e novas através do menor esforço processual e com o maior efeito contextual possível.

Para esclarecer com mais detalhes o porquê dessa argumentação, os autores fazem referência à noção de implicatura e explicatura apresentada por Grice em sua teoria de atos de fala:

**Implicatura:** trata-se, segundo Grice, das conclusões, ou implicações, que podem ser alcançadas a partir de um enunciado através de princípios cooperativos. Elas podem ser tanto suposições contextuais quanto implicações contextuais.

**Explicatura:** trata-se, segundo Grice, das suposições contextuais que o emissor deseja divulgar através de formas proposicionais de caráter lógico-analítico.

Tomemos, então, alguns exemplos apresentados por Sperber & Wilson para explicar como a interação entre implicatura e

explicaturas pode funcionar mesmo na ausência de um princípio cooperativo:<sup>2</sup>

- (1) (a) People who are getting married should consult a doctor about possible hereditary risks to their children.
- (b) Two people both of whom have thalassemia should be warned against having children.
- (c) Susan has thalassemia.

Consideremos, agora, os efeitos que as suposições (2) e (3), ambas hipóteses com valores semânticos semelhantes, teriam no contexto abaixo:

- (2) Susan, who has thalassemia, is getting married to Bill.
- (3) Bill, who has thalassemia, is getting married to Susan.

Segundo os autores, duas condições são absolutamente necessárias para que o princípio de Relevância seja aplicado: (a) uma suposição é relevante em um dado contexto na medida que seus efeitos contextuais nesse contexto sejam grandes e (b) uma suposição é relevante em um dado contexto na medida que o esforço necessário para processá-la nesse contexto seja pequeno.

As frases (2) e (3) têm algum efeito contextual dentro do contexto da frase (1) e carregam consigo as implicações contextuais abaixo:

- (4) Susan and Bill should consult a doctor about possible hereditary risks to their children.
- (5) Susan and Bill should be warned against having children.

É óbvio que (5) é semanticamente mais imperativo que (4). Segundo os autores, é também claro que as implicações contextuais resultantes em (4) e (5) são resultado da interação entre implicaturas e explicaturas e que o princípio cooperativo não se aplica entre um emissor que produz o enunciado (1) e um receptor que o interpreta como (4) e/ou (5). Para Sperber & Wilson, é necessário que informações sejam processadas para que um efeito contextual seja atingido.

---

<sup>2</sup> (Cf. exemplos (11)/(15), op. cit.:125/26).

Contudo, os objetivos do efeito contextual devem ser sempre maiores que o esforço cognitivo necessário para processá-lo. A atividade mental de processamento de informações só é válida se esse esforço é recompensado com algum grau de relevância para o indivíduo que está processando a informação. Dessa forma, através da interação entre explicaturas e implicaturas, alcança-se uma semelhança interpretativa que é tida pelos autores como o elemento de ligação entre uma dada representação semântica, que opera simbolicamente, e sua forma proposicional com características lógico-analíticas.

À guisa de maiores esclarecimentos, apresento abaixo os conceitos de representação semântica, de forma proposicional e de semelhança interpretativa, como eles são definidos por Sperber & Wilson:

**Representação semântica:** trata-se das representações mentais que são o produto do módulo lingüístico da mente, não tendo ainda a estrutura lingüística, mas contendo primordialmente sua representação semântica.

**Forma proposicional:** trata-se do resultado do processamento simbólico de representações semânticas produzidas lingüisticamente de forma lógica e analítica. A comunicação verbal contém dois tipos diferentes de representações mentais, ou seja, as representações semânticas – o produto do módulo lingüístico – e as formas proposicionais, por assim dizer, representações semânticas processadas simbolicamente, cujo efeito comunicativo depende do contexto no qual estão inseridas.

**Semelhança interpretativa:** trata-se de um tipo de semelhança inerente a formas proposicionais distintas, que sendo oriundas de uma mesma representação semântica, têm qualidades lógicas e analíticas similares.

Sperber & Wilson argumentam que, geralmente, língua e comunicação são vistas como duas faces de uma mesma moeda. Uma característica essencial da língua é que ela é sempre usada em comunicação e uma característica essencial da comunicação é que ela envolve o uso de uma língua ou código. Trata-se, portanto, de

uma interação semelhante à do coração com a corrente sangüínea; nenhum dos dois pode ser descrito sem que se faça referência ao outro. O caráter inovador da Teoria de Relevância reside no fato de que os autores rejeitam essa idéia e procuram demonstrar que línguas podem existir sem que sejam usadas para comunicação. A língua não é o único meio necessário para que uma comunicação ocorra: existe comunicação não codificada. Mais importante ainda, para eles, é que a função essencial da língua não é a comunicação em si, mas sim o processamento de informações. Contudo, no caso de comunicações verbais, língua e comunicação interagem proximamente. Sperber & Wilson vêem comunicações verbais no processo comunicativo como resultado de dois tipos de processos: codificação e decodificação de um lado e comportamentos ostensivo e inferencial de um outro lado. As representações semânticas recuperadas a partir de decodificações só são úteis como fontes de hipóteses e evidências para um segundo tipo de comunicação, ou seja a comunicação inferencial. Para os autores, a comunicação inferencial, sustentada pelo princípio de Relevância, envolve a aplicação de regras inferenciais aplicadas a informações processadas conceitualmente e prescindindo de regras de decodificação com objetivos específicos. Essa linha de argumentação tem como resultado um posicionamento inovador, expressado pelos autores com as seguintes palavras:

A propósito, esta visão da comunicação verbal tem implicação sobre a origem das línguas humanas. O fato de as representações da língua natural serem meros instrumentos para a comunicação inferencial sugere que a comunicação inferencial teve que existir antes que as línguas externas desenvolvessem: as línguas externas humanas são de valor adaptativo apenas para uma espécie já profundamente envolvida na comunicação inferencial (Cf. SPERBER & WILSON, 1986: 176).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> No original: Incidentally, this view of verbal communication has implications about the origin of human languages. The fact that the semantic representations of natural-language expressions are merely tools for inferential communication suggests that inferential communication had to exist before external languages developed: human external languages are of adaptive value only for a species already deeply involved in inferential communication.



O princípio de Relevância torna possível fazer inferências precisas e não demonstrativas sobre a intenção informativa do comunicador. Com esse princípio, tudo o que se requer é que as propriedades do estímulo ostensivo coloquem os processos inferenciais no caminho certo. Para agir assim, eles não precisam representar ou codificar detalhadamente a intenção informativa do comunicador. Assim sendo, indicadores de força ilocucionária, tais como modo declarativo ou imperativo ou ordem vocabular interrogativa, devem apenas tornar explícita uma propriedade abstrata da intenção informativa do falante: a direção na qual a relevância do enunciado deve ser procurada.

Como observação geral sobre o trabalho de Sperber & Wilson, pode-se dizer que ele apresenta as bases de uma visão inovadora do relacionamento entre língua e comunicação. Dado o fato de que os Estudos de Tradução ocupam-se basicamente do estabelecimento dessa relação em contextos lingüística e culturalmente distintos, a Teoria de Relevância parece encontrar espaço teórico dentro das pesquisas na área. Alguns trabalhos recentes, ainda em pequena escala, possibilitam uma abordagem unificada dos aspectos psicolingüísticos, pragmáticos e culturais envolvidos nos estudos tradutórios. Nessa sequência, esse artigo examina nas suas seções seguintes, sempre à luz da Teoria de Relevância, duas obras que a utilizam como arcabouço teórico para suas reflexões no campo dos estudos tradutórios.

### **3. Advogando uma explicação unificada para os Estudos de Tradução – GUTT (1991)**

O livro de E.-A. Gutt é o resultado de sua tese de doutoramento defendida no University College London sob a orientação de Deirdre Wilson em 1989 e publicada como livro pela editora Blackwell em 1991, sob o título *Translation and relevance: cognition and context*.

Já no primeiro capítulo, Gutt manifesta sua insatisfação com as diversas tentativas de explicação do processo tradutório encontradas nas suas várias abordagens. Para o autor, seja no nível do conceito de equivalência (cf. CATFORD, 1965), seja no campo da análise textual (cf. NORD, 1988) ou nos estudos da funcionalidade

(cf. HOUSE, 1977) e do conceito de adequação (cf. REIS & VERMEER, 1984), tudo o que já foi feito na área de tradução permanece em um nível meramente classificatório, seja esta uma classificação tipológica ou hierárquica. O que todas essas abordagens realmente buscam – um conceito básico do que seja tradução – não logra ser bem sucedido. É com o objetivo de preencher essa lacuna conceitual que Gutt desenvolve, então, seu trabalho. Em sete capítulos, o autor traça um perfil das diferentes abordagens já estabelecidas academicamente e explica as razões de suas insatisfações, procurando encerrar o livro com um último capítulo apresentando sua proposta de unificação conceitual de tipos opostos de tradução (cf. tradução direta e indireta, op cit.: capítulo 7).

O capítulo 1, **The state of the art**, inicialmente esboça o estágio atual dos Estudos da Tradução e uma avaliação crítica dos mesmos, sendo de fundamental importância para o desenvolvimento da linha argumentativa da obra. Gutt examina os conceitos de equivalência, fidelidade, qualidade e funcionalidade e chama a atenção do leitor para o fato de que os Estudos de Tradução não têm uma teoria própria, citando o ecletismo da literatura na área como exemplo desse posicionamento. O autor defende o ponto de vista que essas abordagens múltiplas são apenas classificatórias, ignorando a relevância da troca de informações que ocorre em processos de comunicação e, particularmente, nos processos de tradução. As teorias existentes insistem em valorizar o caráter fiel ou adequado de um dado equivalente tradutório, esquecendo-se do fato que o valor mais importante de uma tradução está diretamente ligado aos interesses de uma troca simbólica dentro de um dado processo de comunicação. Nesse ponto a Teoria de Relevância encontra espaço dentro dos estudos tradutórios. Explicando as causas e efeitos cognitivos e o custo e benefício de processamentos mentais no âmbito de processos comunicativos, Gutt demonstra que a Teoria de Relevância consegue substituir todas as outras teorias apresentadas anteriormente ao conseguir explicar as bases do quadro comunicativo dentro das quais a troca de informações entre LP e LC pode ocorrer. Poder-se-ia também dizer que a diferença entre o conceito de funcionalidade, como apresentado até então, e a proposta de Gutt reside no fato que a proposta inicial necessita de um quadro de

categorias funcionais estabelecidas a priori. Essa nova proposta, por outro lado, abre mão de todas e quaisquer categorias e passa a analisar os aspectos funcionais a partir de sua relevância comunicativa contextualizada em uma situação específica.

No capítulo 2, **A relevance-theoretic approach**, Gutt apresenta as bases da Teoria de Relevância (cf. seção 1 desse artigo) e procura explicar como essa teoria pode ser aplicada aos estudos tradutórios. A idéia central é que a tradução é uma atividade comunicativa translingüística e seus resultados devem ser avaliados com base na otimização da mensagem a ser comunicada através de um custo reduzido, ou seja, através do menor esforço processual possível. Essa equação não pode ser estabelecida de ante-mão, mas depende, assim como uma tradução, do papel do emissor, do receptor e da natureza da troca comunicativa. Gutt apresenta três idéias novas para os Estudos de Tradução centrados na Teoria de Relevância: uso descritivo vs. uso interpretativo, explicaturas vs. implicaturas e semelhança interpretativa. Existe uma diferença fundamental entre a representação da realidade, isto é, sua descrição, e a nossa própria percepção dessa realidade, isto é, sua interpretação. Gutt advoga a idéia de que uma tradução não pode jamais ser um ato descritivo – como é defendido por várias correntes acadêmicas – mas deve ser entendida basicamente como um ato interpretativo por parte do tradutor. Cabe a esse tradutor estabelecer uma interação entre implicações contextuais (implicaturas) e implicações analíticas (explicaturas) e administrá-las na sua transposição do texto da LP para a LC, em função das expectativas do círculo receptor. Através dessa interação surge a noção de semelhança interpretativa proposta por Gutt como um novo marco nos estudos tradutórios, isto é, tanto o texto de partida quanto o texto de chegada devem ter implicaturas e explicaturas semelhantes. Os dois textos possuem, assim, uma semelhança interpretativa entre si.

Gutt desenvolve sua proposta nos capítulos seguintes, examinando-a criticamente com relação às abordagens tradicionalmente estabelecidas. No capítulo 3, **Covert translation**, ele critica, através de exemplos, os conceitos de funcionalidade, seja como equivalência ou adequação. A única coisa realmente importante é que uma tradução seja tão eficaz quanto o original e tal fato está

diretamente relacionado à interação entre implicaturas e explicaturas – e sua semelhança interpretativa – no texto de partida e de chegada. No capítulo 4, **Translating the meaning of the original**, o autor examina uma das discussões mais polêmicas da área, isto é, se a mensagem do original chega a ser mesmo transposta em uma tradução. Segundo Gutt, o maior problema está na crença teórica que existe uma mensagem original proposta pelo autor do texto para ser transmitida ao receptor. Esta mensagem é, na verdade, um resultado da troca comunicativa entre emissor e receptor. Este capítulo encontra ressonância nas discussões modernistas/pós-modernistas sobre crítica literária e estudos tradutórios. Gutt trabalha desconstruindo o texto original, advogando a idéia que o valor do texto é sempre o produto da sua interação com o receptor e reafirma a noção de que o princípio de semelhança interpretativa é o mais adequado para explicar a natureza do processo tradutório em todos os seus múltiplos aspectos. No capítulo 5, **Translation as interlingual interpretive use**, Gutt procura mostrar ao leitor os passos para atingir uma semelhança interpretativa entre as implicaturas e explicaturas do original e aquelas de uma tradução. Não se trata de uma tarefa fácil. A grande maioria dos trabalhos na área de tradução ocupa-se, nesse aspecto, com exemplos contrastivos, demonstrando a diferença qualitativa entre uma boa e má tradução. Gutt procura fugir dessa dicotomia defendendo o princípio de semelhança interpretativa e delegando ao tradutor a tarefa de estabelecer essa ponte entre o original e a tradução. No capítulo 6, **Translating what was expressed**, o autor concentra-se na tarefa de explicar as características e as razões de situações de comunicação nas quais a forma do texto original deve ser preservada. Na verdade, essa é também uma situação onde o tradutor deve decidir a partir da interação entre as implicaturas e explicaturas nos dois textos.

Finalmente, no último capítulo, **A unified account of translation**, Gutt apresenta a conclusão de sua proposta detalhada no decorrer do livro. Através de suas explicações, consegue-se perceber tanto traduções diretas quanto indiretas como sendo resultantes do mesmo tipo de processamento cognitivo dentro de situações de comunicação específicas. O autor ressalta a importância

que o princípio de Relevância desempenha na tentativa de fornecer subsídios teóricos para a elaboração de uma Teoria Unificada de Tradução. Através da noção de semelhança interpretativa, consegue-se explicar todos os tipos de tomada de decisão no decorrer do processo tradutório, abrindo-se mão de uma classificação tipológica ou hierárquica e concentrando-se basicamente na contextualização do processo, levando-se sempre em conta a geração do maior efeito contextual através do menor esforço processual possível.

O grande mérito do livro de Gutt é demonstrar, através de abstrações teóricas, a aplicabilidade do princípio de Relevância para um melhor esclarecimento do processo tradutório. Infelizmente, o livro foi publicado pela editora Blackwell apenas com edição de capa dura. O alto preço do exemplar e a sua tiragem limitada certamente dificultaram uma divulgação mais ampla do livro. Um outro aspecto importante a ser levado em consideração em possíveis críticas à obra de Gutt é que ela, ao concentrar-se apenas nos exemplos selecionados pelo autor, deixa de fornecer provas de validade intersubjetiva empiricamente fundamentadas. Essa lacuna, porém, foi devidamente examinada no trabalho de ALVES (1995), que é resenhado na próxima seção.

#### **4. Checando a validade intersubjetiva, empiricamente fundamentada, do princípio de Relevância no decorrer do processo tradutório – ALVES (1995)**

O livro de Fábio Alves é uma versão praticamente inalterada de sua tese de doutoramento em Sprachlehrforschung (Linguística Aplicada) defendida na Faculdade de Filologia da Ruhr-Universität Bochum, Alemanha no primeiro semestre de 1995 e publicada como livro no mesmo ano pela editora Dr. Kovac de Hamburgo com o título *Zwischen Schweigen und Sprechen: Wie bildet sich eine transkulturelle Brücke? (Entre o silêncio e a fala: como se constroi uma ponte transcultural?)*.

Organizado em seis capítulos, o livro tem como objetivo uma investigação de orientação psicolinguística sobre as características do processo tradutório observadas entre tradutores portugueses e brasileiros. O autor deixa claro na introdução da obra que se propõe

a conduzir uma investigação, fundamentada empiricamente, que seja didática e metodologicamente relevante para a formação de tradutores no par lingüístico português/alemão, oferecendo ainda a possibilidade de aplicação a outros pares lingüísticos.

No capítulo 1, Alves introduz as bases teóricas para o desenvolvimento de um modelo do processo tradutório. Inicialmente ele apresenta uma análise exaustiva das diferentes correntes teóricas no campo dos estudos tradutórios nos últimos trinta anos e conclui pela necessidade de adoção de uma abordagem que unifique aspectos psicolingüísticos e pragmáticos do processo tradutório. Para tanto, Alves se vale do modelo dos blocos *ad hoc* e restante (cf. KÖNIGS, 1987) e se propõe a analisar os dados de sua pesquisa para expandir esse modelo e acrescentar a ele o arcabouço teórico oferecido pela teoria de Relevância.

Dentro de sua opção epistemológica, o autor deixa claro que prioriza uma abordagem centrada em teorias de primeira ordem em oposição a abordagens centradas em teorias de segunda e terceira ordens. As teorias de terceira ordem surgem através da comparação de produtos sob aspectos não pertinentes à tradução, sendo essencialmente descritivas, incapazes de explicações, isolando apenas um dos muitos aspectos de uma tradução. Teorias de segunda ordem, por sua vez, ocupam-se de um objeto de estudo auto-concebido – e não sobre um objeto de estudo produzido por uma outra pessoa. Encontram-se focalizadas sobre o formulador da teoria e sua experiência pessoal, sendo basicamente dedutivas, sobretudo prescritivas e somente em parte capazes de explicar a formação de um produto específico. Não são comprovadas empiricamente e não apresentam provas de validade intersubjetiva. Finalmente, teorias de primeira ordem são:

teorias que se ocupam concretamente do objeto de tradução observado, ou de parte dele, abrangendo o maior número possível de variáveis pertinentes a esse objeto. Elas se formam de maneira indutiva e são sobretudo descritivas, e, em casos excepcionais, também prescritivas. São fundamentadas empiricamente e contribuem decididamente para o esclarecimento sobre a formação de um produto específico (KÖNIGS, 1990:111, tradução minha).

Examinando detalhadamente as diversas abordagens disponíveis na área dos estudos tradutórios, Alves deixa claro que apenas um pequeno número dessas teorias tem caráter de teorias de primeira ordem com critérios de intersubjetividade validados empiricamente. A grande maioria delas tem caráter dedutivo e prescritivo, com sua intersubjetividade apenas postulada. Diante da discussão inicial, o objeto de estudo na área de tradução, ao ser concreto, deve priorizar teorias de primeira ordem. O autor justifica, assim, sua opção epistemológica de trabalhar com fundamentação empírica buscando provas de validade intersubjetiva.

A partir desse posicionamento, Alves discorre sobre o conceito de estratégias de tradução e apresenta uma nova definição de estratégias, conscientes e/ou inconscientes,<sup>4</sup> retratada individualmente, com base nos processos cognitivos utilizados pelo tradutor, sob a forma de táticas de tradução para solucionar de maneira semelhante um ou mais problemas de tradução.

A seguir, os passos percorridos pelo tradutor durante o processo tradutório são descritos em um diagrama de fluxo que retrata a caminhada realizada durante a transposição de um texto de partida para um texto de chegada. O autor introduz um novo conceito de Unidade de Tradução, (UT), com orientação processual, e mostra as razões que inviabilizam a determinação de UTs como prescritas por alguns teóricos da área (Cf. F. ALVES, 1995:26). Dessa discussão emerge um conceito de UT extremamente flexível, determinado individualmente de acordo com um momento específico e voltado para a investigação processual de aspectos cognitivos do processo tradutório.

A partir desse primeiro processo de tomada de decisão – a escolha da UT a ser trabalhada –, o tradutor tem à sua disposição uma tradução automatizada no bloco *ad hoc* ou uma tradução trabalhada cognitivamente no bloco restante. Dentro do bloco *ad hoc*, o tradutor pode ainda resolver retrabalhar sua opção de

---

<sup>4</sup> Atente-se à nota (10) do livro, p.206, para uma visão de processos conscientes e inconscientes que se afasta da psicanálise e adota uma abordagem voltada para as ciências cognitivas.

tradução automatizada e voltar ao bloco restante. Esses são, porém, casos raros, pois investigações empíricas demonstram que as UTs trabalhadas automaticamente no bloco *ad hoc* têm uma enorme resistência a mudanças e tendem a ser mantidas, mesmo quando inadequadas, como tais no texto de chegada. No bloco restante, por sua vez, o tradutor pode trabalhar com apoio interno e/ou externo, seja pela recuperação de memória previamente armazenada, seja pela utilização de estratégias cognitivas para acessar e processar novas informações que lhe eram desconhecidas. Finalmente, a UT pode ser descartada em função de uma decisão pragmática contrária à sua inserção no texto de chegada ou retrabalhada contextualmente para uma maior adequação às necessidades funcionais da tarefa de tradução. O autor argumenta que todas as etapas decisórias, assim como os seus aspectos cognitivos, podem ser explicadas através da aplicação do princípio de Relevância para a análise do processo tradutório.

Com base na argumentação teórica do capítulo anterior, Alves apresenta no capítulo 2 sua proposta metodológica de investigação empírica do processo tradutório entre uma LP (alemão) e uma LC (português), sendo que essa mesma LC retrata diferenças culturais entre um grupo de 12 informantes portugueses e outro grupo de 12 informantes brasileiros. Cada um desses dois grupos foi dividido em quatro sub-grupos de três informantes, separando-os entre tradutores profissionais, profissionais de outras áreas com competência lingüística e tradutória adequada à tarefa, estudantes no meio e em final de formação. Cada um desses 24 informantes traduziu dois textos, idênticos para todos em sua apresentação, do alemão para o português. Todas as sessões de tradução foram gravadas, utilizando-se a técnica de protocolos ou relatórios verbais com os informantes "pensando em voz alta" enquanto dedicavam-se à tarefa de traduzir os textos. Essas sessões de gravação foram transcritas posteriormente e analisadas criteriosamente, buscando-se a identificação de semelhanças e diferenças no processamento cognitivo dos informantes portugueses e brasileiros. A pergunta que se procura responder é até que ponto os processos cognitivos refletem as características culturais, contextualizadas pragmaticamente, dos informantes. Em outras palavras, busca-se estabelecer



qual é a influência do contexto – português ou brasileiro – no processamento cognitivo de tradutores operando de uma mesma LP para uma mesma LC em universos culturais distintos.

O capítulo 3 examina, a partir da análise do *corpus*, a validade intersubjetiva do modelo do processo tradutório esboçado no primeiro capítulo. Alves segue os mesmos passos apresentados anteriormente, ilustrando-os, agora, com exemplos das transcrições das sessões de tradução. Utilizando exemplos de vários sub-grupos para a explicação de processos cognitivos em uma mesma etapa processual, o autor demonstra que, independente da qualidade do produto alcançada pelo informante, os aspectos cognitivos subjacentes encontram semelhanças que comprovam empiricamente as diferentes etapas descritas no diagrama de fluxo do processo tradutório.

Com o objetivo de aprofundar a discussão e checar a validade intersubjetiva do conjunto total de dados coletados, Alves desenvolve uma análise quantitativa no capítulo 4 e uma análise qualitativa dos dados no capítulo 5. O capítulo 4 introduz, na forma de gráficos e tabelas, uma avaliação de médias ponderadas dos diferentes aspectos do processamento cognitivo de todos os 24 informantes e dos dois textos traduzidos por eles, totalizando médias para todas as 48 traduções. Sem incorrer no erro de levantar previamente qualquer hipótese de resultado processual, esse capítulo classifica os informantes pela competência lingüística e tradutória, pelo uso do tipo de apoio externo e pela auto-avaliação dos informantes. Numa segunda parte, o autor detalha características processuais tais como a duração da tarefa de tradução, a duração da sessão de gravação, o tamanho e tipo do texto de chegada e o modo de verbalização das sessões de tradução. Chega-se, através dessa análise, à constatação que os sub-grupos portugueses e brasileiros apresentam profundas semelhanças nos aspectos processuais examinados, de acordo com o tipo de experiência e formação de cada um deles. Numa terceira e última parte, o capítulo 3 examina os dados coletados com relação aos diferentes aspectos do processamento cognitivo dos 24 informantes. Em todas as 48 transcrições, as verbalizações atestam o fato de que as decisões de tradução são tomadas com base no princípio de Relevância. Mesmo

quando inadequada, uma decisão de tradução só é tomada quando o tradutor encontra uma semelhança interpretativa entre a UT na LP e LC, resultante do maior efeito contextual alcançado pelo menor esforço processual possível. A média das verbalizações respaldadas pelo princípio de Relevância, ou seja, na contextualização pragmática da UT no texto de chegada, alcança mais de 50% dos dados coletados. Isso comprova empiricamente que as decisões de tradução são tomadas, em grande parte, com base no princípio de semelhança interpretativa.

Para ilustrar com maiores detalhes essa conclusão, Alves desenvolve uma análise qualitativa no capítulo 5, onde os dados coletados são examinados cognitivamente em sua totalidade através de sua classificação em categorias gramaticais. O autor divide o trabalho de análise em três categorias: lexical, morfológica e sintática. Examina-se, então, problemas de tradução de gênero e número, a tradução de nomes próprios e topônimos, a tradução de substantivos simples e compostos e combinações de adjetivos e substantivos. Na parte sintática, analisa-se os verbos na sentença e sua tradução, os aspectos sintáticos envolvendo a tradução de aliterações e provérbios e o papel da ordem vocabular. No decorrer da análise, em todas essas três categorias, fica claro a impossibilidade de dissociá-las da contextualização pragmática envolvendo a tradução da UT no texto de chegada. O capítulo 5 indica categoricamente que o princípio de Relevância atua subjacentemente a tomadas de decisão em todos os aspectos de uma dada tradução.

Finalmente, no capítulo 6, Alves examina as consequências didáticas e metodológicas do modelo de fluxo apresentado no capítulo 1 e examinado nos capítulos subseqüentes. Trata-se de um capítulo breve, no qual o autor sugere que o modelo deva, então, ser testado na formação de tradutores em outros pares lingüísticos além daquele analisado na obra. O modelo de fluxo do processo tradutório se oferece como opção conscientizadora. Alves argumenta que, ao elevar o seu nível de auto-conscientização com relação aos seus próprios processos cognitivos, o tradutor em formação termina também por aperfeiçoar a qualidade do seu texto de chegada. É exatamente essa a proposta do modelo de fluxo apresentado no livro.

O leitor de *Zwischen Schweigen und Sprechen: Wie bildet sich eine transkulturelle Brücke?* vai encontrar certamente no livro a possibilidade de familiarizar-se com a sua própria caminhada cognitiva ao longo do processo tradutório. A pergunta que permanece sem resposta diz respeito à aplicabilidade do modelo apresentado a outros pares lingüísticos. No presente momento, uma pesquisa sobre a expansão da aplicabilidade do modelo de fluxo vem sendo conduzida no par lingüístico inglês/português. Recomenda-se ao leitor interessado o acompanhamento dos resultados a serem divulgados no futuro próximo.

## 5. Conclusão

As três obras resumidas nesse artigo oferecem aos envolvidos na discussão teórica no âmbito dos estudos tradutórios a possibilidade de uma nova abordagem unificada para as pesquisas nessa área de estudos. O trabalho de Sperber & Wilson lança as bases de um novo princípio teórico, Relevância, que se propõe capaz de explicar no nível cognitivo todo e qualquer tipo de interação comunicativa envolvendo a troca e o processamento de informações entre seres humanos. O trabalho é claro e instigante.

Os críticos da Teoria de Relevância argumentam que o princípio defendido pelos autores é generalista e que lhe falta especificidade para explicar detalhadamente a solução de problemas de comunicação. Uma contra-argumentação dirá que o princípio, em si, pode ser postulado e, mesmo aos olhos dos críticos, é apresentado de forma elegante, com forte sofisticação em sua linha de argumentação lógico-analítica. Contudo, a crítica que lhe é feita é exatamente o mesmo argumento usado pelos teóricos que o defendem. O princípio de Relevância não pretende ser descritivamente exaustivo. Isso contradiz diretamente o objetivo dos autores ao postularem um princípio comunicativo que seja o mais abrangente possível.

No campo da tradução, a mesma questão parece encontrar ressonância entre os teóricos da área. Pergunta-se qual a validade de um princípio generalista que explica muito sem, contudo, elucidar os detalhes. O trabalho de Gutt serve para mostrar teoricamente que esse princípio generalista consegue se sobrepor

a várias tentativas de explicação do processo tradutório. Ao mostrar que mesmo soluções diversas para um dado problema de tradução (como o caso de traduções diretas e indiretas ou a discussão sobre fidelidade e funcionalidade) são, na verdade, respaldadas pelo mesmo princípio elaborado por Sperber & Wilson, Gutt abriu a possibilidade de que os estudos tradutórios encontrem uma abordagem que não mais classifica tipológica ou hierarquicamente os resultados obtidos pelo produto de uma tradução, mas consiga unificá-los e corroborá-los como atividades resultantes de um mesmo tipo de decisão processual. O trabalho de Alves, por sua vez, conseguiu mostrar empiricamente que as decisões tradutórias embasadas pelo princípio de Relevância são majoritárias em todos os grupos e sub-grupos envolvidos na pesquisa. Os resultados empiricamente fundamentados, demonstram que, mesmo em contextos culturais distintos e com produtos tradutórios diferenciados, o processo tradutório segue as mesmas linhas gerais que as especificadas pelo princípio de Relevância.

Como observação final, vê-se que o leitor interessado em pesquisas na área encontra, assim, no presente artigo três possibilidades distintas de aprofundamento no assunto: o princípio de Relevância em si; a expansão teórica do princípio de Relevância para os estudos tradutórios e a análise de resultados empiricamente fundamentados demonstrando que o princípio de Relevância conduz e orienta os processos de tomada de decisão de tradutores. Ainda é pequeno o número de pesquisadores na área de tradução que se ocupam de pesquisas orientadas pelo princípio de Relevância. Contudo, mesmo em nível incipiente, os resultados existentes parecem ser muito promissores. É de se esperar que a continuidade de pesquisas na área venha a contribuir para um maior desenvolvimento dessa abordagem dentro dos estudos tradutórios.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Obras resenhadas:

ALVES, F., *Zwischen Schweigen und Sprechen: Wie bildet sich eine transkulturelle Bruecke?* Hamburgo: Dr. Kovac, 1995.

GUTT, E.-A., *Translation and relevance: cognition and context*, Oxford: Blackwell, 1991.

SPERBER, D. & WILSON, D., *Relevance: communication and cognition*, 2a. edição. Oxford: Blackwell, 1986/1995.

### Obras citadas:

BELL, R., *Translation and translating: theory and practice*. Londres: Longman, 1991.

CATFORD, J. C., *A linguistic theory of translation: an essay in applied linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1965.

GRICE, H. P. Meaning, *Philosophical Review* 66, 1957, p.377-88.

GRICE, H. P., Logic and Conversation, reimpresso em *A.P. Martinich (ed.), The philosophy of language*. Oxford: Oxford University Press, p.159-70, 1975.

HOUSE, J., *A model for translation quality assessment*. Tuebingen: Narr, 1977.

KÖNIGS, F. G., Was beim Uebersetzen passiert. Theoretische Aspekte, empirische Befunde und praktische Konsequenzen. *Die neueren Sprachen*, 2, 1987, p.162-185.

KÖNIGS, F. G., Wie theoretisch muss die Uebersetzungswissenschaft sein? Gedanken zum Theorie-Praxis Problem, *Taller de Letras* 18, 1990, p.103-120.

NORD, C., *Textanalyse und Uebersetzen. Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer uebersetzungsrelevanten Textanalyse*. Heidelberg: Julius Groos, 1988.

REIß, K. & VERMEER, H. J. *Grundlegung einer allgemeinen Uebersetzungstheorie*. Tuebingen, Niemeyer, 1984.

SNELL-HORNBY, M., *Translation Studies: an integrated approach*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

SHANNON, C. & WEAVER, W., *The mathematical theory of communication*. Urbana: University of Illinois Press, 1949.

VINAY, J. P. & DARBELNET, J., *Stylistique Comparée du Français et de l'Anglais*. Paris: Didier, 1958.

# ROGER T. BELL: *TRANSLATION AND TRANSLATING – THEORY AND PRACTICE*\*

Meire de Melo Corrêa\*\*

Na introdução (p.xv-xx), o autor esclarece que *Translation and translating: theory and practice* originou-se da sua preocupação e perplexidade com relação à maneira como a tradução vem sendo tratada, de um lado, pelos teóricos da tradução e, por outro, pelos lingüistas. Insatisfeito com essa situação, Bell propõe, então, uma nova orientação para seu estudo.

O objetivo do livro é delinear os tipos de conhecimento e habilidades que o autor acredita constituírem a base da capacidade prática do tradutor e construir com elas um modelo do processo de tradução. Para tal, o autor divide o livro nas três partes abaixo sintetizadas: modelo, significado e memória.

## 1. Modelo

A primeira parte insere a tradução no contexto da lingüística aplicada e apresenta um modelo do processo de tradução. O **capítulo 1** (p.3-34), mais especificamente, busca respostas para

---

\* BELL, Roger T., *Translation and translating: theory and practice*. New York: Longman, 1991.

\*\* Tradutora e Professora de Língua Inglesa.

três perguntas: 1) O que é a tradução?; 2) O que é um tradutor?; 3) O que é a teoria da tradução?

A tradução tem sido definida de várias formas e, com frequência, é completamente omitida pelos dicionários de lingüística. Explicando o que seria tradução, Bell apresenta a seguinte definição de Dubois: "Tradução é uma expressão em outra língua (ou língua alvo) do que foi declarado na língua de origem, preservando-se as equivalências semânticas e estilísticas" (apud BELL, 1991:5).

A seguir, para definir a equivalência semântica e estilística, o autor apresenta a definição de Hartman e Stork:

Tradução é a substituição da representação de um texto em uma língua pela representação de um texto equivalente em uma segunda língua. Textos em línguas diferentes podem ser equivalentes em graus diferentes (completamente ou parcialmente equivalentes), com relação a níveis diferentes de apresentação (equivalentes em relação ao contexto, à semântica, à gramática, ao léxico, etc.) e em diferentes classes (palavra-por-palavra, frase-por-frase, sentença-por-sentença) (apud BELL, 1991:6).

O deslocamento de uma língua para outra implica alterar as formas. As formas contrastantes exprimem significados que não coincidem totalmente; não há sinônimo absoluto entre palavras na mesma língua, portanto não há motivos para ficarmos surpresos ao descobrirmos uma falta de sinonímia entre línguas diferentes.

O tradutor tem a opção de buscar equivalentes formais ou equivalentes funcionais. A escolha é entre traduzir palavra-por-palavra (tradução literal) ou significado-por-significado (tradução livre).

Quando nos deparamos com um texto – escrito ou falado – em uma língua que conhecemos, somos capazes de trabalhar não somente o sentido semântico de cada palavra e frase, mas também seu valor comunicativo, seu lugar no tempo e espaço e as informações sobre os participantes envolvidos na sua produção e recepção. O que se precisa descobrir no texto são as "marcas" da relação entre o emissor e o receptor, o canal selecionado para a transmissão da mensagem e a função do discurso.

A freqüente suposição de que o propósito da teoria da tradução é delinear e impor regras prescritivas, com a finalidade de regular o processo e avaliar o produto, é contrária à posição do autor, que procura regras descritivas, que nos ajudem a entender o processo, e não regras normativas usadas para monitorar e julgar o trabalho dos outros.

O autor sugere três significados diferentes para a palavra "tradução". Ela pode se referir a 1) traduzir enquanto processo; 2) ao produto do processo de traduzir; a teoria da tradução, para ser compreensível e útil, deve tentar descrever e explicar o processo e o produto; 3) ao conceito abstrato que engloba o processo de traduzir e o produto do processo.

O tradutor, como qualquer outro comunicador, vive no mundo dos sentidos, através do qual percepções são integradas como conceitos. As experiências podem ser recontadas e mesmo revividas através do sistema da memória.

O tradutor entende novas experiências com base em outras já vividas e lida com elas como se fossem repetições do mesmo evento. A memória certamente contém mais do que "gravações" de experiências passadas; ela incorpora, também, planos para ações com base no que sabemos e no que temos feito.

O autor descreve o processo de comunicação unilíngüe nos nove passos seguintes: 1) o remetente seleciona a mensagem e a codifica; 2) converte a mensagem; 3) seleciona o canal e 4) transmite o sinal contendo a mensagem; 5) o receptor recebe o sinal contendo a mensagem; 6) reconhece o código; 7) decodifica o sinal; 8) recupera a mensagem e 9) compreende a mensagem.

Em seguida, um outro modelo é apresentado ao leitor a fim de mostrar um contraste entre o processo de comunicação unilíngüe e a tradução: 1) o tradutor recebe o sinal 1 contendo a mensagem; 2) reconhece o código 1; 3) decodifica o sinal 1; 4) recupera a mensagem e 5) compreende a mensagem; 6) o tradutor seleciona o código 2; 7) converte a mensagem por meio do código 2; 8) seleciona o canal 2 e 9) transmite o sinal 2 contendo a mensagem.

Para explicar o processo de tradução, o autor apresenta um terceiro modelo que descreve a transformação de um texto da língua de origem para um texto da língua alvo através do acompanhamento



dos processos mentais envolvidos na operação da memória humana: 1) a análise de um texto de uma língua específica (o texto da língua de origem) dentro de uma representação semântica universal e 2) a síntese da representação semântica dentro de um texto específico de segunda língua (o texto da língua alvo). O autor focaliza o processo da tradução e não a tradução em si.

Explicando a gênese do modelo, Bell define “teoria” como sendo uma explicação de um fenômeno e a percepção de um sistema que se ordena a partir de um objeto observado. Ela existe na mente. Não tem manifestações tangíveis. É uma idéia que constitui a representação interna de um fenômeno. Um modelo, ao contrário, é uma idéia que constitui uma representação externa da explicação: a realização da teoria. Ele existe como um objeto tangível que representa a idéia embutida na teoria. Segundo o autor, um modelo, para ser útil, deve representar fielmente a teoria que ele auxilia, revelando características significativas do fenômeno explicado pela teoria, revestindo-se de uma função heurística.

Dada a ambigüidade da palavra tradução, o autor considera três teorias possíveis, dependendo da ênfase no processo ou no produto: a teoria da tradução como processo, como produto ou como processo e produto. Uma teoria deve possuir quatro características particulares: ser “estável”, ser capaz de fazer predições, ser simples e compreensível. São apresentados, então, no **capítulo 2** (p.35-81), os fundamentos teóricos de um modelo do processo da tradução.

O tradutor, como um comunicador, deve possuir o conhecimento e habilidades comuns a todos os comunicadores e, além disso, em pelo menos duas línguas. Uma resposta foi sugerida nos seguintes termos por Jonhson e Whitelock: “o tradutor profissional tem acesso a cinco tipos diferentes de conhecimento da língua alvo; conhecimento do tipo do texto; conhecimento da língua de partida; conhecimento da área do assunto e conhecimento contrastivo” (apud BELL, 1988:36).

Acrescentando a essa lista as habilidades de leitura e escrita, teremos uma lista inicial, plausível, das áreas que precisam ser incluídas em qualquer especificação da competência do tradutor. Este deve ter conhecimento semântico, sintático e pragmático.

Uma abordagem para a competência bilíngüe ideal seria focalizar na competência do "tradutor ideal" ou "bilíngüe ideal" que seria: "uma abstração de bilíngües atuais engajados em realizar imperfeitamente tarefas de tradução, mas não operando sob as limitações da execução, o que é a base de imperfeições de traduções atuais" (KATZ apud BELL, 1988:38).

Um sistema especializado contém, na essência, dois componentes principais: 1) uma base de conhecimento consistindo de conhecimento da língua de partida, da língua alvo, do tipo de texto, do domínio e contrastivo; 2) Um mecanismo de inferência que permite a decodificação e conversão de textos.

A competência comunicativa deve consistir, no mínimo, de quatro áreas de conhecimento e habilidades: domínio morfo-sintático, competência sócio-lingüística, competência discursiva e estratégia comunicativa.

Adaptando a definição de Hymes, o autor tenta especificar a competência comunicativa como "o conhecimento e capacidade possuídos pelo tradutor que permitem a ele criar atos comunicativos – discursos – que não são apenas (e não necessariamente) gramaticais mas... socialmente apropriados" (apud BELL, 1988:42). O autor afirma que o tradutor deve possuir competência lingüística em ambas as línguas e competência comunicativa em ambas as culturas.

Bell demonstra, então, através da tradução de um poema francês, que o processo de traduzir pode ser modelado como um processo interativo que possui três estágios principais: processamento sintático, semântico e pragmático. Intencionalmente, ele decidiu parar antes de tomar a maioria das decisões onde havia várias opções disponíveis, pois o objetivo do exercício era apenas mostrar quais perguntas precisavam ser feitas e em quais pontos, sem, contudo, ter a intenção de dar respostas finais a essas perguntas.

O próximo estágio é estilístico e, dado o tipo de texto com que ele lidou, as decisões dependem muito do gosto pessoal. Em todo o caso, a tradução nunca pode realmente ser terminada. Mesmo quando se completa a versão final, escuta-se quase sempre uma vozinha insistente dizendo: "Espere um minuto; eu tenho uma grande idéia!".

## 2. Significado

Nos capítulos da Parte 2 (p.79-197), a atenção do autor se afasta da orientação processual em direção à lingüística, quando tenta resolver o problema-chave do significado em termos do sentido semântico e como valor social ou comunicativo.

No **capítulo três** (p.83-116), o autor aborda o significado da palavra e da frase. Embora os significados das palavras sejam problemáticos, o maior problema não é encontrar um significado que se relaciona com a palavra isoladamente e sim encontrar um significado que deriva da relação entre uma palavra e outra. Entre as maneiras possíveis de se abordar a descrição e explicação do significado da palavra, três se destacam como particularmente interessantes.

A primeira abordagem considerada por Bell é a “teoria da referência”, que remonta a Platão e Aristóteles, e considera a relação entre o significado de uma palavra e o objeto a que se refere. Todavia, é na noção de signo da lingüística Saussureana que se baseiam os fundamentos da lingüística neste século. O autor faz uso de uma modificação na noção de signo da lingüística tradicional para discutir a natureza do signo na mente do bilíngüe.

A segunda abordagem, conhecida também como “análise componencial”, registra os traços semânticos distintivos de uma palavra em termos binários (presente ou ausente). O autor usa a analogia da química – “cada palavra contém um número de átomos de significado”.

A terceira abordagem, o “significado postulado”, extrapola a especificação de um componente binário do registro individual do léxico para um outro registro que permita começar o agrupamento das ocorrências em termos de suas características compartilhadas – hiponímia, sinonímia, antonímia – e leva à ampliação da idéia de conexão entre palavras (e seus significados).

O que o autor considerou até o momento supre apenas parte da explicação sobre o significado da palavra. Resta ainda o reconhecimento de que uma palavra pode “evocar” outra, desde que conceitos (e palavras) não estejam armazenadas na memória de uma maneira fortuita, mas de um modo que permita a criação de ligações

entre elas para aumentar a eficiência do sistema de armazenamento e para facilitar a sua recordação e recuperação.

O campo lexical ou semântico liga as palavras em termos de

- 1) significado postulado como sinônimo, hipônimo e antônimo;
- 2) ocorrência sintática e 3) características fonológicas: som inicial, rima, etc.

O autor esclarece que "denotativo" refere-se ao significado referencial, objetivo e cognitivo; conotativo, por outro lado, refere-se ao significado não referencial, mas associativo, subjetivo e afetivo. Para cada um de nós as palavras que escolhemos têm associações que significam algo em particular para nós como usuários individuais. Elas têm significados que são emocionais ou afetivos, o resultado de nossas próprias experiências individuais que são únicas e não devem formar parte de nenhum tipo de convenção social.

Ao se deparar com um texto, o leitor (e portanto o tradutor) não tem que enfrentar apenas o sentido das palavras, mas também o "significado" da frase.

A leitura hábil (um pré-requisito para uma tradução hábil) também depende de se perceber relações entre as frases de um texto, fazendo inferências sobre tais relações. O significado de um texto não está explícito em frases escritas. Algumas frases requerem outras frases, algumas sugerem implicações, outras dependem de pressuposições que o escritor faz sobre o conhecimento e expectativas do leitor.

O significado da frase, como o significado da palavra, pode ser abordado inicialmente através das noções de inclusão e exclusão e do descobrimento dos níveis equivalentes de hponímia, sinonímia e antonímia da frase.

O autor nos fornece oito tipos diferentes de conexão entre frases: frase analítica, frase sintática, contradição, ambigüidade, anomalia/absurdo, vinculação, implicação e pressuposição.

Em seguida, Bell esclarece que a elocução pode ser classificada como concreta e sensível ao contexto. É a elocução e não a frase que é gravada em um papel ou em uma fita e está vinculada a um determinado tempo, lugar e participantes. É julgada em termos de propriedade e não em termos gramaticais.

A frase, ao contrário, é abstrata e livre do contexto. Ela existe apenas na mente. Quando uma frase é dita ou escrita, temos ainda a tendência de nos referirmos a ela como frase. Em contraste com a elocução, a frase não está fixada em tempo ou espaço e nem amarrada em nenhum participante em particular, sejam eles falantes, ouvintes, escritores ou leitores. É, porém, linguagem específica, já que é julgada em termos gramaticais.

A proposição é ainda mais abstrata do que a frase. É a unidade do significado que constitui a questão do tópico de uma frase. A proposição inclui frase e elocução, e frase inclui elocução.

Sendo assim, três níveis de abstração podem ser sugeridos para dar o significado de "contexto": a situação imediata da elocução, o contexto da elocução e o universo do discurso. A situação está contida no contexto e o contexto no universo do discurso. Uma comunicação bem sucedida requer que os comunicadores estejam operando dentro de um mesmo universo de discurso.

No quarto capítulo (p.116-160) o autor aborda a questão da lógica, da gramática e da retórica e levanta a pergunta: quais os recursos que o código possui para a transmissão e recebimento de grupos particulares de significado?

O propósito da linguagem é criar textos comunicativos que expressem os três tipos de significados: cognitivo, fala funcional e dissertativo, respectivamente. Portanto, fornece respostas satisfatórias às três perguntas: o quê? por quê? e como? Precisamos nos perguntar o que significa entender um texto; o que deve ser entendido em um texto, o que o texto "significa" e como o leitor ganha acesso a ele.

O autor também explicita e exemplifica o sistema de opções de transitividade em outras línguas, como um primeiro passo em direção a uma especificação mais completa do sistema gramatical global.

É papel da macrofunção textual da língua organizar o significado do discurso, colocando o significado cognitivo e interacional no contexto e fazendo a distinção entre a língua que está suspensa no vácuo e a língua que é operacional.

Os sistemas de temas colocam as unidades informativas na estrutura da oração, fornecendo uma série de opções que permitem que a estrutura da oração seja manipulada de tal modo que vários

graus de proeminência possam ser alcançados através de informações contidas na oração.

O autor considera que a tematização e a informação estão envolvidas na distribuição de informação, mas de maneiras diferentes. A tematização diz respeito à distribuição de informação na oração e especialmente ao "ponto comunicativo de partida" da oração e dirige a atenção do receptor da mensagem para as partes da estrutura do signo que o emissor deseja enfatizar, enquanto a informação diz respeito à distribuição de informação no contexto do grupo.

O autor aborda a questão da coesão e coerência explicando que a coesão faz uso da sintaxe e do léxico para interagir com as relações semânticas básicas ou coerência funcional básica, para criar a unidade textual. A coesão é alcançada de cinco maneiras principais, por meio de um conjunto de marcadores de relações coesivas: referência, substituição, elipses, junção e coesão lexical.

Mesmo duas línguas aproximadamente relacionadas divergem entre si na escolha de opções do TEMA. Quanto maior a distância entre língua e cultura, maiores serão as diferenças entre elas. O texto é o produto formal de seleções de opções do sistema de TEMAS da gramática, uma unidade que carrega o sentido semântico da proposição através de sentenças que estão ligadas por coesão.

O discurso é um evento comunicativo que se dirige para o significado potencial da língua, para levar o valor comunicativo dos atos da fala através de elocuições, que são ligadas por meio da coerência.

O autor considera que o padrão de textualidade tem sido proposto com o objetivo de responder a um número de perguntas-chaves que o leitor (e tradutor) precisará fazer sobre um texto: 1) Como as orações se relacionam? (coesão); 2) Como as proposições se relacionam? (coesão); 3) Por quê o falante/escritor produziu o texto? (intenção); 4) Como o leitor o recebe? (aceitação); 5) O que ele nos diz? (informação); 6) Para que é o texto? (relevância); 7) Com quais outros textos esse se parece? (intertextualidade).

A coesão consiste na conexão mútua de componentes de "texto superficial" dentro de uma seqüência de orações/frases. Esse processo é destacado pelo significado léxico-sintático. A coerência,

em oposição, consiste na configuração e seqüência dos conceitos e relações do mundo textual que formam a base e são realizados pelo texto superficial; as estruturas proposicionais são a criação do sistema de transitividade.

Com a tentativa de fazer o texto ter sentido em termos do nosso conhecimento de mundo surgem várias perguntas que são consideravelmente significantes para o tradutor: a) qual mundo estamos tentando equiparar com o texto, dadas a subjetividade da experiência pessoal e a certeza que culturas diferentes percebem o mundo de forma diferente?; b) como podemos agir sobre a realização da interação do texto? e c) como podemos chegar a qualquer princípio de entendimento de um processamento de texto sem encontrarmos os meios de relacionar “mundo real” e “mundo texto” juntos a uma forma que faça sentido para nós?

Com base em Beaugrande e Dressler, o autor argumenta que, mesmo que um texto seja coesivo e coerente, ele deve ter a intenção de ser um texto e ser aceito como tal, com o objetivo de ser utilizado em interação comunicativa.

Três ordens de informação são sugeridas e definidas pelo autor:

1) primeira ordem: esse nível está sempre presente em um texto e é caracterizado por escolhas que são obrigatórias ou quase obrigatórias. Sua informação é tão pequena que é omitida com freqüência em textos como telegramas e manchetes de jornal e sua função é facilmente inferida pelo co-texto e pelo contexto.

2) segunda ordem: esse nível representa um meio termo entre a primeira e a terceira ordem e surge quando a primeira ordem não é preenchida, onde escolhas inesperadas, mas não diferentes, ocorrem.

3) terceira ordem: esse nível é obtido por escolhas que fogem do conjunto de opções esperado e é caracterizado por interrupções, onde a informação parece ter sido omitida e/ou há discrepância, onde o que está sendo apresentado no texto não condiz com o nosso conhecimento.

Os textos não contêm apenas informações; eles possuem um grau de relevância ou de situação, existem por um propósito comunicativo particular e ligam atos comunicativos à situação que

eles ocorrem. É de importância crucial para a adequação de um texto, saber onde ocorreu e qual era a sua função na situação.

O padrão final – intertextualidade – refere-se à relação entre um texto em particular e outros textos que compartilham características com ele.

Ao tratar da abordagem dos atos da fala e dos princípios cooperativos, Bell cita um número de problemas que se solucionam dentro de uma única pergunta: qual critério pode ser usado para especificar atividades comunicativas individuais – tais como de “ameaça”, de “promessa” e de “explicação” – e quais significados estão lá para regulá-los?

Dentro do discurso, o autor menciona a distinção entre as variedades da língua do usuário comum – dialeto – dentro do qual examinou os três parâmetros principais e suas subdivisões: (1) caráter do discurso: formal, polido, impessoal, acessível; (2) modo de discurso: limitação de canal, espontaneidade, participação, privacidade; (3) domínio do discurso: referencial, emotivo, conativo, fático, poético de funções metalingüísticas.

### **Parte 3: Memória**

A importância do ponto de vista teórico e prático de se criar um texto compreensível e plausível não pode ser muito rígida. Sem a habilidade de se reconhecer um texto como uma amostra de uma forma particular, seríamos incapazes de decidir o que fazer com ele. Não poderíamos compreender, escrever ou traduzir claramente. O autor sugere que o conhecimento lingüístico, que é a base da habilidade de os usuários processarem textos, pode ser dividida (com propósito analítico) em conhecimento sintático, semântico e pragmático e todos eles desempenham uma papel importante na produção e compreensão de textos.

Foram mostrados os tipos de habilidades usadas por aquele que processa o texto ao resolver problemas relativos a esse texto. Foi também introduzido um modelo de processamento de texto, em cinco etapas, em que se trabalha dependendo da direção da operação, como um modelo de leitura (análise, de texto superficial a configurações abstratas de conceitos) e escrita (sínteses, de planos



e objetivos através de idéias para texto superficial escrito).

No capítulo sete (p.229-266), o autor aborda a questão da informação, do conhecimento e da memória. Ele apresenta um modelo psicológico do processamento de informação humana que explica como somos capazes de recolher dados dos sentidos, convertê-los em informações significativas na mente, armazená-las na memória de longo prazo e recuperá-las quando necessário para uso futuro. Bell delineou um modelo do processamento de informações: um mecanismo integrado que opera na direção micro-macro ("bottom-up) e macro-micro ("top-down") para dar sentido a informação e prepará-la para armazenagem e recuperação. Ele concentrou-se, sobretudo, na descrição do sistema de "input" cuja tarefa é transformar representações sensoriais inferiores ("lower level") em representações conceituais superiores ("higher level"). A codificação suprida pela imagem é essencialmente a mesma, mesmo que o estímulo original tenha sido de sentidos diferentes. Isso é crucialmente importante para o que se segue: sem essa codificação comum seria impossível para o sistema central, comparar e integrar dados de fontes sensoriais diferentes.

O autor discute a noção de esquema, que consiste em uma coleção sistemática de conhecimentos que contém toda a informação disponível sobre um determinado conceito. Ele mostrou, ao observar textos, que a noção de esquema é fundamental para um entendimento da leitura e da escrita.

Bell descreve ainda algumas das características de um modelo de memória de longo prazo. Uma distinção principal é feita entre o sistema central (a armazenagem "limitada pelo contexto" na "memória episódica" e a armazenagem de informação "independente do contexto" na "memória-conceitual") e o sistema de "input". O sistema "input-output" fornece o dado codificado que nos dá acesso à base de dados da memória de longo prazo e nos permite adicionar novos dados à armazenagem já existente e recuperar informações através dele.

No decorrer do livro, o autor procura produzir um tipo de "mapa do terreno a ser explorado, contornando propositalmente os obstáculos e optando pelas rotas mais fáceis". Ele nos mostra que as informações eficazes no processo da tradução só serão

disponíveis quando os tradutores se tornarem mais atentos à maneira como traduzem e mais hábeis em explicar e compartilhar essas experiências. Enfim, o trabalho de Bell oferece a possibilidade de se fugir da dicotomia produto vs processo e, a partir dos dois, explicar a interação entre um estado – a tradução – e uma ação – o traduzir – levando, então, à ampliação do espaço de discussão no campo dos estudos de tradução.

# APLICAÇÕES TEÓRICAS

# MONA BAKER: *IN OTHER WORDS: A COURSEBOOK ON TRANSLATION*\*

Maria Carmen Dayrell G. da Costa \*\*

Na **introdução** (1994:1-9), a autora ressalta a importância das associações e institutos e de uma educação formal para qualquer profissão, pois a teoria é capaz de minimizar os riscos, preparar os alunos para lidar com o imprevisível, gerar mais confiança e servir de base para futuros progressos em qualquer área. Segundo Baker, a tradução sempre foi uma profissão subestimada pelo público em geral e também pelos próprios tradutores, que não valorizam a complexidade do processo tradutório e tão pouco reconhecem a necessidade de um treinamento profissional formal. Em termos acadêmicos, a tradução é citada como uma disciplina nova, que está começando a criar feições próprias em um crescente número de universidades. Ressaltando que a lingüística constitui uma ferramenta importante para a incipiente disciplina *Estudos da Tradução*, Baker analisa nesta obra as áreas da teoria lingüística moderna que possam contribuir também para a formação dos tradutores.

Argumentando que a *equivalência* é freqüentemente relativa e influenciada por uma variedade de fatores lingüísticos e culturais,

---

\* BAKER, Mona. *In other words, a coursebook on translation*. Londres: Routledge, 1994.

\*\* Maria Carmen Dayrell G. da Costa: Mestranda no Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da UFMG, tradutora e professora de língua inglesa.

por razões pedagógicas, a autora organiza a obra hierarquicamente, ou seja, a partir da equivalência ao nível da palavra, passando pela equivalência ao nível de sintagmas, a equivalência gramatical, a textual e a equivalência pragmática, sendo o texto visto como uma unidade de significado, e não como uma unidade de forma.

O **capítulo dois** (1994:10-45) aborda os problemas da tradução devido à *não-equivalência ao nível da palavra*. O que o tradutor faz quando não existe na língua da tradução (doravante LT) uma palavra com o mesmo significado daquela da língua de origem (doravante LO)?

A análise inicia-se pela definição do *significado lexical* ou unidade lexical, isto é, o valor da palavra em um determinado sistema lingüístico e a "personalidade" que ela adquire neste sistema através de seu uso. A autora se apóia na teoria do lingüista Cruse, que distingue quatro tipos de significados em palavras e elocuições: o significado proposto, o expressivo, o pressuposto e o evocado. O *proposto* surge da relação entre a palavra ou elocução e aquilo a que ela se refere ou descreve no mundo real ou imaginário (seria incorreto usar, o termo "shirt", que é definido como um pedaço de roupa usado na parte superior do corpo, para se referir a algo usado nos pés),<sup>1</sup> enquanto o significado expressivo refere-se aos sentimentos ou atitudes do falante (os verbos "complain" e "whinge" do inglês,<sup>2</sup> em que "whinge" sugere que o falante considera a ação irritante). O significado pressuposto refere-se às restrições de ocorrência, ou seja, palavras ou expressões que esperamos encontrar antes ou depois de uma determinada unidade lexical ("estudioso" como atributo de um ser humano e "geométrico" de um ser inanimado, ou colocações do tipo "laws are broken" do inglês). O significado evocado surge das variações entre dialetos e variações de registros. Quanto aos dialetos, as variações podem ser: geográficas (diferenças entre o inglês britânico e o americano); temporais (diferenças entre as palavras ou estruturas usadas por pessoas de idades diferentes ou em períodos diferentes da história

---

<sup>1</sup> Todos os exemplos foram mantidos como no original.

<sup>2</sup> N.A. Ambos os verbos significam reclamar.

da língua); e sociais (diferenças entre as palavras ou estruturas usadas por classes sociais diferentes). As variações de registro do discurso podem ocorrer em relação ao tema (o tipo de ação que está sendo realizada, se o falante está jogando ou discutindo futebol, proferindo um discurso político ou discutindo sobre política), ao tom (depende da relação entre os falantes, mãe/filho, médico/paciente, etc.), e ao modo (se um discurso, uma aula, etc. e ainda, se língua falada ou escrita).

Baker discute ainda dois outros conceitos, os campos semânticos e as seqüências lexicais. Os campos semânticos são divisões no vocabulário de uma língua, que consistindo de grupos de palavras referentes a conceitos diversos, que podem ser subdivididos, dando origem às seqüências lexicais, isto é, palavras ou expressões dentro de um mesmo campo semântico que, por sua vez, podem também ser subdivididas (a seqüência lexical do campo semântico "speech", constitui-se de verbos genéricos, como: "say" ou "speak" e os mais específicos, como: "mumble", "murmur", "mutter" e "whisper"). A autora afirma que quanto mais detalhado é um campo semântico, mais diferente ele será de seus correspondentes em outras línguas. No entanto, tanto os campos semânticos quanto as seqüências lexicais favorecem o desenvolvimento de estratégias para lidar com a não-equivalência, pois muitas vezes é possível preencher as lacunas semânticas da LT manipulando seus campos semânticos, por serem estes organizados hierarquicamente, indo das palavras mais genéricas, chamadas de hiperônimos (veículo), às mais específicas, denominadas hipônimos (carro, ônibus, etc.).

Baker destaca, então, os tipos mais comuns de não-equivalência: a) um conceito específico de uma cultura totalmente desconhecido em outra, por exemplo, "speaker (of the House of Commons)", que é o termo usado para a pessoa que mantém a ordem e autoridade no Parlamento inglês; b) o conceito da LO é conhecido na cultura da LT, mas não está lexicalizado (algumas línguas não possuem um equivalente para "standard"); c) a palavra da LO é semanticamente complexa, ou seja, uma única palavra pode significar mais que uma sentença inteira (o termo "arruação" do português brasileiro); d) a LO e a LT fazem distinções diferentes

quanto ao significado. O indonésio, por exemplo, distingue entre sair na chuva sem saber que está chovendo e sabendo-se que está chovendo, uma distinção que o inglês não faz; e) a LT possui várias palavras específicas (hipônimos), mas não uma palavra genérica (hiperônimo) para expressar um determinado campo semântico ("facilities" do inglês, que não possui um equivalente direto no russo); f) falta de um hipônimo na LT; g) diferenças de perspectivas, que podem ser: físicas – onde as coisas ou pessoas estão em relação umas às outras ou em relação a algum lugar (verbos como "come"/"go"), – ou interpessoais – de acordo com a relação entre os participantes. Em japonês, existem seis equivalentes para o verbo "dar", dependendo de quem dá e a quem; h) palavras com o mesmo significado proposto nas duas línguas, mas com o significado expressivo diferente; i) inexistência de um equivalente na LT para uma determinada forma da LO, como os dísticos do inglês ("employer"/"empolyee") que, não encontrando correspondentes em outras línguas, serão parafraseados; j) diferenças na frequência e no objetivo de uso de uma determinada forma (o contínuo "ing" do inglês que, no alemão ou sueco, não é utilizado com a mesma frequência); e k) uso de palavras emprestadas no texto de origem, que são normalmente usadas para dar um ar de sofisticação ao texto, que é perdido na tradução; l) os falsos cognatos, que são palavras ou expressões que possuem a mesma forma em duas ou mais línguas, mas com significados diferentes, como no caso da palavra "sensible", do inglês e "sensibel", do alemão, que não têm o mesmo significado.

A autora cita a seguir algumas estratégias usadas por tradutores profissionais para solucionar tais problemas: a) traduzir utilizando uma palavra mais genérica (hiperônimo), quando não existir na LT o hipônimo correspondente àquele da LO; b) traduzir utilizando uma palavra semanticamente mais neutra, adicionando-se um modificador (o verbo "batter" do inglês, em japonês será traduzido por um verbo mais neutro "tataku" ("beat" em inglês) e o atributo "savagely"). O inverso é mais difícil de ser solucionado ("homosexuality" e "homosexual" em inglês não têm uma acepção pejorativa e em árabe significam literalmente "perversão sexual"); c) traduzir através de uma substituição cultural, ou seja, por um item

da LT que não tenha o mesmo significado proposto, mas que, provavelmente, causará o mesmo impacto no leitor (“the cream tea expert”, do inglês, traduzido em italiano por “esperto di pasticceria.”); d) traduzir utilizando uma palavra emprestada, (“from the discerning gourmet, to the cream tea expert”, traduzido para o alemão por “vom anspruchsvollen Feinschmecker bis zum ‘Cream-Tea’-Experten.”); e) traduzir através de paráfrase utilizando uma palavra relacionada, quando o conceito da LO está lexicalizado na LT, mas em uma forma diferente (“The rich and creamy kolestral-super” traduzido para o árabe como “a product that resembles cream”); f) traduzir através de paráfrase utilizando palavras não-relacionadas, quando o conceito da LO não está lexicalizado na LT (como “tangencial” em “There are two reasons for giving them only the most tangencial treatment here”, que em japonês resultou em “in a very slight degree which is like touching slightly”); g) traduzir omitindo-se um determinado elemento, sem alterar o conteúdo semântico original; h) traduzir através de ilustração, quando não existe um equivalente na LT e a palavra se refere a uma entidade física que pode ser ilustrada.

No **capítulo três** (1994:46-81), a autora aborda a *equivalência acima do nível da palavra*, analisando as colocações e as locuções e expressões idiomáticas.

O termo *colocação* é definido como a tendência que certas palavras possuem de ocorrer sempre juntas, o que pode relacionar-se ao significado proposto das palavras (“cheque” é mais provável ocorrer junto à “banco, pagamento, dinheiro”, etc.) ou não (a expressão inglesa “pay a visit”). Um outro ponto ressaltado é que palavras sinônimas nem sempre têm as mesmas colocações (pode-se usar “break rules”, mas nunca “break regulations”). As colocações podem também diferir de uma língua para outra, e além do mais, por serem um reflexo direto do ambiente no qual elas ocorrem, podem refletir formas totalmente distintas de visualizar um determinado fato (o ato de comprar uma casa tem implicações culturais muito diferentes entre o inglês e o alemão).

A autora afirma que toda palavra tem uma seqüência de itens com o qual é compatível, sendo a extensão de tal seqüência variável, em função de dois fatores. O primeiro se refere ao nível de



especificidade da palavra: quanto mais genérica for a palavra, maior a seqüência de itens a ela compatíveis (o verbo "bury" pode ocorrer com: "people", "treasure", "head", "feelings", "memories", "face", e seu hipônimo "inter" só pode ser usado com "people"). O segundo fator é que quanto mais significados tiver a palavra, maior a seqüência de itens compatíveis à ela (o verbo "run", quando no sentido de "manage" pode ser associado a "company", "institution", "business", e, no sentido de "operate" ou "provide", associa-se a "service", "course"). Quando criamos uma combinação de palavras atípicas com o intuito de ultrapassar as expectativas do leitor ou ouvinte, fazendo-o criar novas imagens, esta será denominada *colocação marcada* (por exemplo, "Could real **peace break out** after all?" que é considerada marcada já que o verbo "break out" é utilizado geralmente associado a "war" e não a "peace").

Baker cita a seguir algumas armadilhas e problemas relacionados à colocação: 1) a influência do texto de origem, pois algumas vezes os tradutores se envolvem tanto no texto original que produzem colocações completamente estranhas à LT. Um bom método para se evitar esse tipo de erro é desligar-se do texto original, deixando-o de lado por algumas horas, para depois retomá-lo; 2) pode acontecer de as colocações da LO e da LT possuírem formas correspondentes, mas significados diferentes, e o tradutor, por interferência de sua língua materna, interpretar a expressão da LO erroneamente ("modest" em "The industrialists had been struck by his appearance as someone with **modest means**", significa falta de riqueza, e foi traduzido para o árabe por "tawaadu" que corresponde a "modesty", mas tal termo sugere uma pessoa insegura em relação a sua capacidade); 3) tensão entre precisão e naturalidade: muitas vezes, a colocação da LT mais próxima àquela da LO implicará em alguma mudança de significado. Caberá ao tradutor decidir se ele deverá traduzir o significado total da colocação, priorizando a precisão semântica, ou usar uma colocação natural à LT, o que é extremamente importante para manter os canais de comunicação abertos, mas que depende da importância do significado da mesma no contexto; 4) se as culturas da LO e da LT forem completamente diferentes, o texto da LO poderá ter colocações que expressam idéias que o leitor da LT desconhece, o

que implicará em um aumento de informações na tradução, pois não se pode introduzir uma idéia estranha à LT, sem dar ao leitor uma orientação de como interpretá-la; 5) o ideal é que uma *colocação marcada* na LO seja também marcada na LT, o que vai depender das restrições impostas pela LT e do objetivo da tradução.

No que se refere às *locuções e expressões idiomáticas*, Baker ressalta que ambas permitem pouca ou nenhuma variação na forma. No caso das expressões idiomáticas (“The long and the short of it” [os fatos básicos de uma situação]), o significado está no todo e não pode ser deduzido a partir de seus componentes individuais, já o significado das locuções (“as a matter of fact”, “Merry Christmas”) é quase transparente, pois pode ser deduzido a partir de suas partes.

Segundo a autora, as locuções e expressões idiomáticas podem apresentar algumas dificuldades para o tradutor, sendo a primeira delas o ato de identificá-las e interpretá-las corretamente. Quando a expressão possui tanto um significado literal quanto idiomático (“go out with”, literalmente, significa “sair” e, no sentido idiomático, “namorar”) ou quando existe na LT uma expressão que parece equivalente, mas que na realidade tem um significado completamente diferente daquele da LO (“pull someone’s leg”, em inglês, significa contar uma mentira à alguém, como brincadeira e, no árabe, fazer alguém contar algo que ele(a) preferiria manter em segredo), o tradutor deve estar atento para não interpretar a expressão somente do ponto de vista da LT. Além do mais, as locuções e expressões idiomáticas têm padrões de colocação próprios, ou seja, pertencem a seqüências lexicais diferentes daquelas de suas palavras.

Depois de interpretadas, o próximo passo é decidir como traduzir as locuções e expressões idiomáticas. Baker cita a seguir alguns problemas que podem surgir na tradução: a) a expressão pode não ter nenhum equivalente na LT e, neste caso, o tradutor deverá encontrar uma outra forma para expressá-la (“Yours Faithfully” e “Yours Sincerely” do inglês, foram traduzidos no arábico por “and be kind enough to accept our highest request”). Há outros casos nos quais a expressão tem um equivalente na LT com o mesmo conteúdo semântico, mas em uma forma diferente, (a expressão “to carry coals to Newcastle” do inglês corresponde em alemão a “Eulen

nach Athen tragen" ("to carry owls to Athens"), ambas significando dar algo à alguém que já o tenha com fartura; b) pode existir na LT uma expressão parecida àquela da LO, mas que é usada em um contexto diferente ("to go to the dogs" significa, em inglês, "perder as boas qualidades", sendo usada para pessoas ou lugares e, no alemão, a expressão equivalente é usada somente para pessoas e, freqüentemente, significa "morrer" ou "padecer"); c) uma expressão idiomática pode ser usada, ao mesmo tempo, nos sentidos idiomático e literal; se não existir na LT uma expressão correspondente em forma e conteúdo semântico, ela dificilmente poderá ser reproduzida; d) as normas quanto ao uso de expressões idiomáticas no discurso escrito, os contextos e a freqüência nos quais elas podem ser usadas podem ser diferentes entre a LO e a LT. O inglês, por exemplo, usa expressões idiomáticas em quase todos os tipos de texto, o que não ocorre em línguas como o árabe ou o chinês.

Baker cita a seguir algumas estratégias para se lidar com os problemas na tradução de expressões idiomáticas: 1) uso de uma expressão idiomática com forma e conteúdo semântico semelhantes àquela da LO, preservando o estilo, o registro e o efeito retórico; 2) uso de uma expressão idiomática com o mesmo conteúdo semântico, mas com a forma diferente; 3) tradução por paráfrase, que pode ser usada quando não existe uma expressão correspondente na LT ou quando for inadequado o uso de uma expressão idiomática, devido a diferenças de estilo; 4) tradução por omissão, que pode ser usada quando nenhuma das outras opções for possível ou por questões de estilo; 5) compensação, ou seja, omitindo-se algo no ponto em que ele ocorre no texto da LO e incluindo-o em algum outro lugar do texto da LT.

No **capítulo quatro** (1994:82-118), a autora aborda a *equivalência gramatical*, iniciando pelas principais diferenças entre as categorias gramatical e lexical. A *gramatical*, que na maioria das vezes é expressa morfologicamente, envolve sistemas fechados (número ou pronome), enquanto a *lexical* envolve sistemas abertos (seqüências de itens ou expressões). No que se refere à tradução, a diferença mais importante entre elas é que a gramatical é obrigatória e a lexical é opcional. O inglês, por exemplo, possui a categoria gramatical *número* e, portanto, terá que optar entre o

singular e o plural toda vez que um substantivo for utilizado. Outra diferença é que a estrutura gramatical é mais resistente a mudanças, sendo os desvios gramaticais raramente aceitos. Baker lembra que a freqüência e a uniformidade das categorias pode variar de uma língua para outra, e que o fato de uma língua não possuir uma determinada categoria gramatical sugere que a informação associada é considerada opcional e sua freqüência de uso será baixa, devendo ser incluídas somente quando o contexto exigir.

A autora cita a seguir as principais categorias gramaticais e as dificuldades apresentadas na tradução: 1) *número*: o tradutor que estiver trabalhando com uma LO que tenha a categoria número para uma LT que não a tenha poderá omitir a informação ou codificá-la lexicalmente (como "The heads of **ministries** created...", traduzido para o japonês como "The head of **various** ministry created", onde "various" foi incluído para indicar o plural); 2) *gênero*: a maior dificuldade surge ao se traduzir de uma língua em que o gênero aparece em todo o sistema gramatical para outras em que isso não acontece. O árabe, por exemplo, faz distinção de gênero tanto para nomes e pronomes, como também para os verbos e adjetivos que os acompanham, enquanto que o inglês faz a opção pela passiva evitando especificar o gênero do sujeito e do verbo; 3) *pessoa*: relaciona-se à função dos participantes no ato comunicativo, que é expressa através de um sistema fechado de pronomes na maioria das línguas. Em várias línguas, a categoria pessoa define o grau de formalidade entre os participantes e, conseqüentemente, o tom do discurso. Ao se traduzir do inglês para uma dessas línguas, o tradutor terá que definir o gênero, o grau de intimidade entre os participantes e a inclusão ou exclusão de endereçamentos como "dear, Mr.", etc. O inverso, a tradução para o inglês, envolverá, freqüentemente, a perda de tais especificações; 4) *tempo verbal*: indica o tempo (presente, passado ou futuro) e as diferenças de aspecto (evento concluído ou não, em andamento ou momentâneo), sendo altamente desenvolvido em algumas línguas e inexistente em outras; 5) *voz*: o mais importante para o tradutor no que se refere à voz é a freqüência de uso (da ativa, passiva e estruturas similares), o seu valor estilístico em tipos de textos diferentes e a função da passiva, pois todos os três fatores podem variar de uma língua para outra.

Quanto à ordem das palavras ou *ordenação*, Baker ressalta que ela pode ser mais fixa em algumas línguas que em outras. Línguas que têm um sistema de inflexões elaborado, onde o elemento muda de forma de acordo com sua função na frase, tendem a apresentar menos restrições quanto à ordem das palavras, fator este extremamente importante na tradução, por manter um ponto de vista coerente e organizar as idéias ao nível de texto.

A autora conclui o capítulo aconselhando os tradutores a visualizarem o texto como um todo, e ressalta que o objetivo da tradução é alcançar um nível de equivalência ao nível textual e não ao nível de palavras ou sentenças.

No **capítulo cinco** (1994:119-179), a autora aborda a *equivalência textual*, partindo da consideração de que o arranjo linear dos elementos lingüísticos é extremamente importante no processamento e organização das mensagens ao nível de texto. A oração é vista como uma mensagem, e não como uma seqüência de elementos gramaticais e lexicais, e pode ser analisada em termos de dois tipos de estrutura: temática e de informação.

A autora apóia-se na abordagem de Halliday sobre o fluxo de informação ao considerar que a oração possui dois segmentos, o *tema* e o *rema*. O tema contém o enunciado da oração e atua tanto como ponto de referência para resgatar trechos anteriores do discurso, garantindo a coerência do texto, quanto como ponto de partida para ligar trechos posteriores do texto, contribuindo assim para o desenvolvimento dos mesmos. O rema consiste daquilo que se fala sobre o tema e contém a mensagem que o falante quer transmitir. Baker ressalta que tema e rema *não* são noções gramaticais, mas que podem ser usados para justificar a aceitação de uma sentença em um determinado contexto.

Como as línguas podem divergir quanto à estrutura temática, os tradutores têm três alternativas: a) preservar a estrutura temática da LO, sem alterar o conteúdo do texto traduzido; se os elementos colocados na posição temática no texto da LO puderem ser colocados na posição temática na LT, o método de desenvolvimento dos dois textos será o mesmo; b) utilizar um outro método de desenvolvimento, por ser impossível reproduzir na LT a mesma estrutura temática da LO; c) utilizar o modelo de Praga, discutido posteriormente.

As noções de tema e rema podem também ser úteis na análise das *estruturas marcadas* ou *não-marcadas*. A principal função do tema marcado é destacar um determinado elemento como tópico da oração ou como seu ponto de partida. De acordo com Halliday, este elemento é sempre o que está na posição inicial da oração. No entanto, colocar um determinado elemento na posição temática não implica, necessariamente, numa escolha marcada, pois depende da frequência com que tal elemento ocorre naquela posição e do seu grau de mobilidade dentro da oração.

Segundo Baker, o rema é sempre mais importante que o tema, pois a posição temática está associada à uma proeminência ao nível da oração, ou seja, local e temporária, e o rema está associado à uma proeminência a nível de discurso, por conter a essência da mensagem.

Halliday identifica três tipos de temas marcados no inglês: o frontal, o predicativo e o identificador. O *tema frontal* é aquele onde o elemento é colocado na posição inicial da oração, sendo que este elemento pode ser: 1) adjunto adverbial de tempo ou de lugar (“**In China** the book received a great deal of publicity”); 2) complemento ou objeto (“**A great deal of publicity** the book received in China” ou “**Well Publicized** the book was”); 3) predicado (“They promised to publicize the book in China, and **publicize** it they did”), que é a ordenação mais marcada de todas, pois em inglês, raramente se coloca o predicado na posição inicial. O *tema predicativo* é obtido usando-se a estrutura “It” (“It was the book that received a great deal of publicity in China”), e o *identificador* envolve o uso de estruturas “Wh” (“What the book received in China was a great deal of publicity”), sendo que ambos implicam em alguma forma de contraste (foi o livro e não outra coisa que...), além da proeminência dos elementos colocados na posição temática. A diferença é que no tema predicativo, o elemento temático é considerado como uma informação nova e, no identificador, como informação dada. No que se refere à tradução, a autora lembra que ambos são muito mais marcados em línguas em que a ordem das palavras é mais flexível, como o alemão ou o português brasileiro, do que em línguas cuja ordenação é mais rígida, como o inglês. Portanto, ao traduzir “It was about thirty years ago that (...)” para o português brasileiro, o tradutor deve substituir

o tema predicativo por uma outra estrutura menos marcada, como por exemplo, posicionando o adjunto adverbial de tempo no início da oração (“Há trinta anos...”).

Ao avaliar o modelo de Halliday, a autora ressalta que uma das limitações da proposta é a rigidez em que o tema se encontra somente na posição inicial, além do fato deste modelo não conseguir relacionar descrições de línguas cuja ordenação de palavras é relativamente rígida com aquelas cuja ordem é mais flexível. Como aspecto positivo, a autora destaca seu fácil manuseio.

Na a *estrutura de informação*, que é a distinção feita do ponto de vista do leitor ou ouvinte, a mensagem é também dividida em dois segmentos: o *dado*, o segmento que contém a informação já conhecida, já enunciada, e o *novo*, cuja informação o leitor desconhece. Tal distinção dependerá da situação e do contexto lingüístico no qual a mensagem está inserida, pois uma mesma mensagem pode ser segmentada de formas diferentes (a resposta “Nós vamos escalar Ben Nevis” é considerada como informação *nova* para a pergunta: “O que vai acontecer amanhã?”. No entanto, para a pergunta “O que vamos fazer amanhã?”, “Nós vamos” será tratada como informação *dada* e, “escalar Ben Nevis”, como *nova*). Baker esclarece que o natural, ou não marcado, é o falante colocar o dado antes do novo e, para reforçar tal afirmação, apóia-se no princípio do *foco final* ou do *peso final* de Greenbaum e Quirk, que sugere que o mesmo fator que motiva o falante a colocar o dado antes do novo motiva-o também a colocar as estruturas maiores e mais pesadas no final da oração. No que se refere à tradução, dificuldades podem surgir quando este princípio entrar em conflito com os princípios gramaticais básicos da LT. O português brasileiro, por exemplo, permite colocar verbos na posição inicial da oração seguidos de predicados longos, já o inglês tem como princípio gramatical básico a ordenação sujeito-predicado, e o tradutor poderia ser levado a ignorar o princípio do foco final, com o intuito de preservar esta ordem, o que resultaria em um texto pouco natural e ruim em inglês.

Uma questão não tratada pelos lingüistas do modelo de Halliday e que Baker considera importante é a noção do *rema marcado*. A autora afirma que o *tema marcado* destaca o elemento

como um conector de informação, enquanto que o rema marcado o destaca como a essência da mensagem.

A autora aborda a seguir a teoria *FSP (Functional Sentence Perspective)* da Escola de Praga, cuja premissa principal é o fato de uma mesma estrutura poder adquirir perspectivas diferentes dependendo do objetivo da comunicação. Baker cita o exemplo de Jan Firbas: “John has been taken **ill**” é uma afirmação do estado de saúde de uma pessoa; no entanto, “**John** has been taken ill” identifica a pessoa afetada; e “John **has** been taken ill” é uma confirmação da veracidade da informação. No modelo de Halliday, tal exemplo seria analisado em termos de estrutura de informação.

A autora afirma que, tanto no modelo de Halliday quanto na teoria FSP, há uma tendência do tema de coincidir com o dado e o rema com o novo, além do fato de que uma unidade de informação pode ser composta pelo dado e pelo novo, ou somente pelo novo. Como pontos divergentes, Baker esclarece que, para Halliday, o verbo é sempre parte do rema e, na teoria FSP, o status do verbo, temático ou remático, vai depender de seu conteúdo semântico e do contexto. Além do mais, para os lingüistas de Praga, o tema e o rema não são definidos unicamente de acordo com suas posições na oração, mas também de acordo com sua função comunicativa na elocução. No que se refere à tradução, é importante ressaltar que ambos os modelos reconhecem a existência de *estruturas marcadas* em todas as línguas. No entanto, para os lingüistas de Praga o tema marcado não é obtido pela colocação do elemento na posição inicial da oração, mas sim pela utilização de uma ordem pouco comum dos segmentos da mensagem. Como a ordem natural, ou seja, não marcada, é o sujeito da elocução (tema) ser seguido pelo objetivo da mesma (rema), a ordenação rema-tema será considerada marcada, como a considera também o modelo de Halliday.

Outro ponto abordado pela teoria FSP é a tensão entre a *ordem das palavras* e a *função comunicativa* de uma oração. Segundo Baker, quanto mais livre for a ordem das palavras em uma língua, menor será o grau de tensão entre a sintaxe e a função comunicativa. Para minimizar a tensão entre a sintaxe e a função comunicativa, Baker se apóia em Johns, Papegaaj e Schubert e apresenta algumas estratégias, tais como: 1) mudança de voz (da



ativa para a passiva ou vice-versa), com o objetivo de obter uma seqüência de elementos diferentes; 2) substituição de um verbo por um outro que tenha o mesmo significado, mas que possa ser usado em uma configuração sintática diferente (“I received/got a letter from John” e “John sent me a letter”); 3) substantivação, ou seja, substituir o verbo por um substantivo; 4) mudança da posição de uma oração dentro da frase, utilizando por exemplo, as estruturas com “It” e “Wh”.

A autora conclui o capítulo afirmando que nem sempre o tradutor consegue manter a organização temática do original, por ter que obedecer a estrutura sintática da LT. O importante é que o texto traduzido tenha sua própria organização temática, seja fluente e não altere a estrutura de informação original. Além disso, deve tentar preservar as estruturas marcadas do texto da LO e, sobretudo, manter um ponto de vista coerente.

No **capítulo seis** (1994:180-216), a autora aborda a *coesão textual*, que é definida como sendo uma rede de relações lexicais, gramaticais e outros tipos de relações que entrelaçam as várias partes do texto e apóia-se em Halliday e Hasan para identificar os cinco tipos de mecanismos coesivos usados no inglês: *referência*, *substituição*, *elipse*, *conjunção* e *coesão lexical*.

Os padrões de *referência* podem variar dentro de uma mesma língua, de acordo com o tipo de texto, e entre línguas diferentes. O inglês, por exemplo, prefere a referência pronominal para rastrear os participantes do discurso, já o português brasileiro opta pela repetição lexical, além das flexões verbais de número e de pessoa, que permitem relacionar processos e ações a participantes, sem o uso de pronomes.

A *substituição* e a *elipse* são relações gramaticais, ao contrário da referência, que é uma relação semântica. A substituição envolve a troca de um item (ou itens) por outro (ou outros), sendo que os mais comuns no inglês são: “do/does”, “one”, “the same”. A *elipse* envolve a omissão de um item que está subentendido, como em “John brought some carnations, and Catherine some sweet peas”, onde “brought” está elíptico na segunda oração.

A *conjunção* envolve o uso de marcadores formais para relacionar orações, sentenças e parágrafos uns com os outros,

mostrando ao leitor como o autor quer que ele relacione o que já foi dito com o que será dito. As línguas diferem enormemente quanto à utilização e freqüência de uso das conjunções. Baker ressalta ainda que a utilização e freqüência de uso das conjunções pode estar relacionada à razões pragmáticas e cita Smith e Frawley, que afirmam que alguns gêneros literários fazem uso de um número muito maior de conjunções que outros e que cada gênero tem suas preferências por determinadas conjunções. A autora aconselha o tradutor a buscar o equilíbrio entre a naturalidade e a precisão, ou seja, tentar empregar conjunções típicas da LT, mesmo que não correspondam exatamente às da LO, sem negligenciar o conteúdo semântico.

A *coesão lexical* é o resultado da escolha do léxico no momento em que as relações textuais são estabelecidas. Um determinado item pode não possuir uma função coesiva por si só, mas vir a estabelecer uma relação de coesão com outro(s) item(s) no texto, pois além das cadeias lexicais estarem interligadas de várias maneiras, elas determinam também o significado que cada item adquire em cada contexto. O significado de um item é identificado e pode até mesmo ser modificado através de sua associação com outros itens, noção que Halliday e Hasan chamam de *significado instantâneo*, ou seja, um significado único para cada momento.

Baker finaliza o capítulo, concluindo que é impossível reproduzir na LT cadeias lexicais idênticas às da LO. Quando uma palavra da LO não tem um equivalente exato na LT, o tradutor terá que optar por uma outra com um significado ou associações semelhantes. Cada vez que isto acontece, ocorre um desvio sutil ou, às vezes grande, do texto da LO. Mas o bom tradutor deve garantir a coesão do texto traduzido e evitar produzir um conjunto de itens aleatórios, não reconhecido como cadeia lexical. A autora lembra ainda que a coesão pode ser alcançada por outros mecanismos, além dos mencionados por Halliday e Hasan, e que o nível total de coesão pode variar de uma língua para outra, ou até mesmo, dentro de uma mesma língua. Além do mais, a coesão favorece a redundância, que varia em função da língua e do tipo de texto.

No **capítulo sete** (1994:217-260), a autora aborda a *equivalência pragmática*, ou seja, a forma como as elocuições são usadas

e interpretadas pelos participantes do processo comunicativo. Baker aborda dois pontos cruciais para esclarecer as dificuldades em uma comunicação intercultural, sendo eles: a *coerência* e a *implicatura*.

Para a autora, tanto a coerência como a coesão se referem à forma pela qual os trechos do discurso estão interligados. No caso da coesão, os trechos do discurso se relacionam em função de dependências lexicais ou gramaticais e, na coerência, devido a dependências conceituais e de significado, de acordo com a forma como são percebidas pelo leitor. A conjunção "therefore", por exemplo, expressa a noção de causa ou conseqüência e, caso o leitor não consiga percebê-la, o texto não fará sentido para ele, ou seja, não será coerente. Portanto, o que garante a coerência não é a simples presença dos itens de coesão, mas sim a habilidade do leitor em identificar as relações semânticas do texto, que está relacionada com a visão de mundo e as expectativas de cada leitor, pois a coerência textual é obtida através da interação entre estes dois elementos e a informação apresentada no texto. É importante lembrar que o "background" cultural e intelectual do receptor não pode ser esquecido, pois é através dele que o leitor consegue atribuir sentido a um texto.

A *implicatura* é definida como sendo os aspectos do significado que estão além do significado literal e convencional da elocução, ou seja, nossa capacidade de entender mais do que nos é realmente dito.

Ao apresentar algumas estratégias que podem ser utilizadas para se alcançar a coerência e implicaturas adequadas na tradução, a autora destaca dois pontos. Primeiramente, a importância do significado convencional das palavras e estruturas usadas em um texto, que terá que ser entendido para que seja possível compreender os significados não explicitados. Qualquer tradução errônea de palavras ou estruturas do texto da LO pode alterar o resultado das implicaturas no texto da LT. No exemplo já citado anteriormente, "modest means" em "The industrialist had been struck by his appearance as someone with modest means" foi traduzido para o árabe como "modesty and simplicity", ocorrendo aí uma distorção da implicatura original. Para o leitor inglês, tal termo implica em "meios desonestos", e para o árabe trata-se de "uma pessoa boa,

simples e modesta". Além do mais, toda língua faz associações convencionais entre determinadas expressões lingüísticas e seus significados inferidos. No entanto, tais associações não são, necessariamente, as mesmas em todas as línguas. As perguntas retóricas e algumas expressões idiomáticas ("Correct me if I'm wrong"), que em inglês não requerem respostas, e em outras línguas poderão ter implicações completamente distintas e serem expressas de forma completamente diferente. No que se refere à tradução, problemas podem surgir quando a função de tais expressões não é reconhecida e a reprodução literal da estrutura altera a implicatura original.

O segundo ponto que deve ser considerado para se alcançar a coerência e implicaturas adequadas em um texto é quanto à identificação de referências a participantes e identidades. Qualquer referência desconhecida para o leitor pode interromper a coerência do texto e impedir as associações relacionadas à ela. Para Baker, a habilidade de interpretar o significado de uma determinada referência e a forma como ela se relaciona com outros elementos do contexto e co-texto contribui para a coerência de um texto e nos permite traçar as implicaturas desejadas. Portanto, para evitar a transmissão de implicaturas erradas, o tradutor deve estar ciente de que quando as normas da LT não forem as mesmas da LO, alguns ajustes deverão ser feitos no texto de chegada.

Aprofundando sua abordagem sobre os conhecimentos prévios do leitor, a autora ressalta que qualquer informação apresentada em um texto só faz sentido quando se relaciona com uma outra que o leitor já tenha, ou seja, o leitor tem que ser capaz de integrá-la em algum modelo de mundo, real ou fictício. No caso da tradução, a decisão de explicar ou não uma referência para que esta faça sentido para o leitor vai depender do quanto o tradutor se sente livre para intervir no texto e do grau de familiaridade com a referência que o tradutor imagina que o leitor tenha. No entanto, é muito difícil para escritores e tradutores julgar de quanto o leitor dispõe em termos de informações prévias, para acrescentar ou excluir uma determinada explicação.

A autora finaliza o capítulo esclarecendo que a noção de coerência é problemática, por razões lingüísticas e não-lingüísticas,

e também pela variedade de graus de importância que um fator pode assumir em um determinado contexto. Baker conclui que, para manter a coerência, o tradutor deve minimizar as discrepâncias entre o mundo apresentado na LO e aquele familiar ao leitor. A maior dificuldade parece residir na determinação tanto do grau de conhecimento do leitor quanto de sua provável visão de mundo, para que a tradução possa não só corresponder aos anseios do receptor, como também garantir seu interesse pelo texto, oferecendo-lhe "insights" novos e alternativos.

# **DANIEL GILE: *BASIC CONCEPTS AND MODELS FOR INTERPRETER AND TRANSLATOR TRAINING*\***

Edson J. M. Lopes \*\*

Um livro que combina teoria com uma fórmula eminentemente prática, quase uma "receita de bolo" é, sem dúvida, muito atraente para aqueles que no dia-a-dia das aulas de tradução e interpretação se vêem às voltas com o desenvolvimento de técnicas que sejam simultaneamente eficazes, eficientes e atraentes a ponto de despertar e manter o interesse dos alunos.

Gile é, na atualidade, o mais prolífico autor nas áreas de tradução e interpretação. Em um estudo do perfil da pesquisa e pesquisadores em todo o mundo, no período de 1989 a 1994 (PÖCHHACKER, 1995:49), ele é apontado como autor de 28 trabalhos, 9 a mais que o segundo colocado, sendo que alguns dos trabalhos são de considerável extensão, como o objeto da presente resenha. Embora a classificação tenha abrangido, neste caso, apenas trabalhos na área de interpretação, no total Gile continua entre os mais produtivos autores em assuntos relacionados mais abrangentemente à tradução.

Se o leitor espera encontrar apenas uma descrição metodológico-pedagógica, ficará surpreso com as reflexões resultantes de

---

\* GILE, Daniel. *Basic concepts and models for interpreter and translator training*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995, 278 p.

\*\* Professor Assistente de Língua Inglesa e Doutorando em Estudos Lingüísticos na Faculdade de Letras da UFMG, Intérprete de conferências.

muitos anos de compilação, observação e pesquisa, feitas por um renomado professor que é também tradutor e intérprete de grande experiência. O autor, na introdução, admite que seu livro não é "filosófico" como a maioria das obras anteriores, mas que, como um número crescente de publicações sobre interpretação e tradução, estão *"se tornando técnicas e específicas e enfocam questões lingüísticas, psicolingüísticas e profissionais"*<sup>1</sup> (GILE, 1995:xi).

As técnicas empíricas apresentadas destinam-se à tradução e interpretação de textos pragmáticos, ou seja, não literários e centrados na informação, mais que em emoções. A teoria que serve de base tem também a ver com essa visão mais pragmática que bate de frente com questões filosóficas atuais mais afins com a tradução literária, como aquela da fidelidade. Gile diz que

Disseram-me tradutores literários que [estes] conceitos e modelos aplicam-se também à tradução literária, mas não me considero qualificado para enfrentar problemas de tradução literária, com suas relações muito intrincadas entre o conteúdo e a embalagem lingüística, além dos vários aspectos estéticos e emocionais a ela associados (tradução minha, nesta e nas demais citações) (1995: xiv-xv).<sup>2</sup>

## 1. Componentes teóricos do treinamento do intérprete e do tradutor ("Theoretical components in interpreter and translator training")

O **capítulo 1** discute a questão da validade e da utilidade da teoria na formação do intérprete e do tradutor, o que é relevante especialmente porque o debate ainda está acirrado. Apesar das muitas evidências providas pela simples existência de inúmeros cursos e cadeiras acadêmicas em todo o mundo, como nos lembra Pöchhacker (1992: 211), ainda encontramos ferrenhos defensores

---

<sup>1</sup> "Becoming technical and specific and focus on linguistic, psycholinguistic, terminological, and professional issues."

<sup>2</sup> "I have been told by literary translators that its concepts and models also apply to literary translation, but I do not feel qualified to tackle the problem of literary translation, with its very intricate relationship between content and linguistic package, and the various aesthetic and other emotions it is associated with."

da idéia de que tradução e interpretação são ensinados apenas pela prática. Sobre esse debate, diz Gile:

Sem dúvida, o debate às vezes acirrado sobre se “tradutores nascem feitos, não podem ser feitos” (NIDA 1981) ou “devem ser feitos, não nascem feitos” (HEALEY 1978) é reducionista. Se, por um lado, aptidões “naturais” são pré-requisitos na tradução de alta qualidade, especialmente na tradução literária, não parece razoável negar a idéia de que o direcionamento na tradução *pode* ser útil, seja com o objetivo de desenvolver os talentos naturais, quando existirem, seja para ensinar os procedimentos técnicos (1995: 3).<sup>3</sup>

O autor mostra ainda que o treinamento formal, embora não essencial, tem as importantes funções de ajudar tradutores e intérpretes que desejam tornar-se profissionais a atingirem o *desenvolvimento pleno de seu potencial* (“the full realization of their potential”) bem como a de permitir a aquisição das habilidades necessárias de maneira mais rápida do que seria possível através da experiência no campo e da auto-instrução.

No restante do capítulo, Gile estabelece os critérios para a seleção de um currículo teórico-prático e define como, nos capítulos seguintes, cada um dos elementos selecionados será abordado.

O caráter pedagógico da obra fica ainda mais caracterizado pela inserção do tópico Idéias Principais (“Main Ideas”) no final de cada capítulo, fazendo um resumo dos principais aspectos discutidos.

## 2. Comunicação e qualidade na interpretação e na tradução (“Communication and quality in interpretation and translation”)

No **capítulo 2**, Gile advoga a idéia de que a interpretação e a tradução, antes de mais nada, são atos de comunicação, com todas

---

<sup>3</sup> “Clearly, the sometimes heated debate on whether “translators are born, not made” (NIDA 1981) or “made, not born” (HEALEY 1978) is reductionistic. While certain “natural” aptitudes are prerequisites to high-quality translation, especially literary translation, it does not seem reasonable to challenge the idea that guidance into translation *can* be useful, be it for the purpose of developing natural talents when they are present, or for instruction in technical procedures.”



as implicações que tal conceito traz consigo. Do ponto de vista pedagógico, lembra-nos, a implicação imediata é que o aluno precisa, desde o início, compreender que toda e qualquer tradução tem a função precípua de comunicar algo e que, portanto, ele deve procurar enxergar além das meras equivalências lingüísticas. Sem isso, segundo o autor, o aluno não compreenderá as táticas e as estratégias tradutórias que lhe serão ensinadas.

A comunicação, processada através de eventos, é dissecada através da análise de seus elementos e agentes, objetivos e intenções, conteúdo e embalagem, tudo isso enfocado também do ponto de vista do texto como discurso. São esses elementos que Gile aponta como conceitos básicos a serem ensinados aos alunos. Ele retoma alguns dos conceitos funcionais da linguagem como comunicação, ecoando Jakobson, indicando que na tradução ou interpretação não literária o objetivo do emissor é, em geral, de informar, explicar ou persuadir os Receptores.

Outro aspecto analisado neste capítulo é a questão da lealdade ("loyalty") do tradutor/intérprete, que este seleciona como sendo direcionada primariamente ao Emissor ("Sender"), ao Receptor ("Receptor") ou ao Cliente, indicando que, em geral, a escolha recai sobre o primeiro. Como pode haver conflitos de interesses entre os três, tais escolhas vão às vezes influenciar o aspecto da fidelidade. Como se percebe, os conceitos de *lealdade* e de *fidelidade* diferem em relação ao seu objeto.

Todos esses aspectos influenciam a qualidade da tradução/interpretação, pois dependem também de quem avalia. Gile indica que existe um consenso sobre os componentes da boa tradução, sendo estes resumidos em *clareza das idéias, aceitabilidade lingüística, precisão e aceitabilidade terminológica, fidelidade e postura profissional*. Embora neste resumo não se possa definir cada um dos conceitos, o autor não se exime de explicá-los em detalhes e de cercá-los de exemplos.

### 3. A fidelidade na interpretação e na tradução ("Fidelity in interpretation and translation")

Após algumas reflexões sobre os aspectos filosóficos e práticos da questão da fidelidade, o autor defende, no **capítulo 3**,

o ponto de vista de que a noção de fidelidade estrutural tem origem no formato instrucional das escolas, no qual os alunos são levados a combinar palavras e estruturas lingüísticas, em vez de expressarem as mesmas idéias diferentemente. Esse treino os leva a inferir que a adição ou subtração de palavras ou a mudança estrutural sempre causam desvio no sentido da mensagem.

Em seguida, Gile propõe alguns exercícios interessantes que objetivam mostrar ao aluno que a variabilidade estilística é um recurso útil na tradução/interpretação, além de ser um recurso lingüístico importantíssimo. Ele trabalha com mensagens não verbais que são verbalizadas de várias maneiras, nas duas línguas, pelos estudantes e demonstra que uma mesma pessoa, quando levada a reformular a mesma mensagem após alguns minutos, tende a estruturá-la de maneira diferente da anterior. Outra conclusão interessante para aumentar a percepção do estudante é que tal reformulação independe das escolhas do Emissor do texto de partida.

É claro que a reestruturação pode também redundar em diferenças no conteúdo informacional. Assim, ele subdivide a informação em Informações de Enquadramento (*"Framing Information – FI"*), que são selecionadas pelo Emissor, conscientemente ou não, e que emolduram a mensagem; Informações Lingüisticamente Induzidas (*"Linguistically Induced Information – LII"*), que são o subproduto das regras lingüísticas que estiverem em uso; e Informações Pessoais (*"Personal Information – PI"*), que refletem os hábitos lingüísticos do emissor, sua história pessoal e sua personalidade. Estas informações pessoais não são necessariamente o resultado direto das escolhas lingüísticas feitas pelo emissor.

#### 4. A compreensão na interpretação e na tradução (*"Comprehension in interpretation and translation"*)

O capítulo 4 estende os conceitos de informação do capítulo 3 e os enfoca sobre o aspecto da recepção por parte do intérprete. Entre outros pontos significativos, Gile questiona a crença de que o intérprete só pode traduzir aquilo que ele entende (cf. KURZ, 1988: 424 e GÉMAR, 1990:665, ambos apud GILE, 1995: 86), não discordando inteiramente dela, mas procurando analisar o que significa *compreender*. Ele demonstra, através de exemplos, que a

compreensão é relativa e subjetiva, ou seja, vários elementos entram na composição daquilo que tomamos como sendo a compreensão final, determinando níveis diferenciados de entendimento.

O autor retoma e aprofunda aqui o conceito que expressou em 1980, de que o tradutor/intérprete não tem que ter, necessariamente, o mesmo nível de conhecimento do especialista que produz o texto. Ele afirma que a compreensão se dá ou não dependendo da complexidade lingüística do texto, da familiaridade que o Receptor tem com os componentes lingüísticos, além do que ele denomina de "limiar de conforto" ("comfort threshold"), o que aproximadamente seria o nível de familiaridade que o Receptor tem com o texto.

Estabelecidos esses parâmetros de compreensão, Gile se volta para uma descrição dos elementos estruturais que, na sua teoria, compõem os textos informacionais (pragmáticos). São eles os Substantivos e grupos de substantivos, os Atributos que descrevem os Substantivos e as Ligações funcionais e lógicas entre esses outros elementos, tudo bem semelhante aos Substantivos, Adjetivos e Palavras Funcionais da lingüística descritiva da década de 1970.

Com essas ferramentas, Gile didaticamente reduz o conteúdo lingüístico dos textos pragmáticos a essas três categorias, mostrando que, na maioria das situações, excetuando-se os casos de excessiva complexidade sintática, as dificuldades de um texto "técnico" se restringiriam ao significado dos Substantivos e dos Atributos, que podem, em última análise, ser sanadas pelo aprendizado do vocabulário e de sua compreensão através da etimologia.

A conclusão e o propósito do capítulo é levar os estudantes a entenderem que uma pessoa culta pode atingir um alto nível de compreensão de textos especializados, sendo este, segundo o autor, um dos atrativos da tradução/interpretação. Gile não pretende com isso reduzir a importância da compreensão profunda, mas sim desmistificar para tradutores e intérpretes a crença na intransponibilidade das dificuldades do texto especializado. Gile previne que

Entretanto, este conhecimento recém-adquirido permanece bastante isolado; não se integrará a uma Base de Conhecimento ampla e bem estruturada, como acontece quando o especialista ouve ou lê o mesmo Texto. A

compreensão que tem o especialista dos Textos especializados é mais precisa, embora não necessariamente "total" (GILE, 1995: 99).<sup>4</sup>

Felizmente, esta conclusão nos livra do incômodo confronto com a secular e sábia advertência de Pope<sup>5</sup> de que o conhecimento limitado é perigoso ("a little learning is a dangerous thing"), pois o autor não advoga sua generalização, mas admite que ele pode ser útil ao tradutor/intérprete.

## 5. Um modelo seqüencial da tradução ("A sequential model of translation")

À semelhança de outros modelos teóricos da tradução, o que é apresentado no **capítulo 5** é uma tentativa de explicitação dos processos executados pelo tradutor para concluir sua tarefa. Gile reconhece que os passos aqui sugeridos podem não ser sempre executados pelos profissionais na mesma ordem e alguns podem ser saltados. O que o autor procura é delinear uma ferramenta pedagógica que instile alguma disciplina de trabalho nos estudantes.

A tentativa de se incorporar a análise do discurso ao modelo é reconhecida, talvez devido à atualidade desta teoria. Além de tomar a unidade de tradução como sendo um texto (discurso), Gile lança mão e reconhece as unidades de processamento definidas por Beaugrande (1980:102). Além disso, ele utiliza termos como Base de Conhecimento ("Knowledge Base") e Aquisição de Conhecimento ("Knowledge Acquisition"), que são muito semelhantes, em conceito, ao conhecimento de mundo *versus* conhecimento textual.

Exatamente como nos processos cognitivos descritos para a leitura, o tradutor é levado a analisar o texto em unidades e a elaborar hipóteses interpretativas dessas unidades. Em seguida, ele testa essas hipóteses e elabora um texto traduzido com base nas hipóteses interpretativas e também na sua avaliação de plausibili-

---

<sup>4</sup> "However, this newly acquired knowledge remains rather isolated; it will not be integrated into a wide and well-structured Knowledge Base, as is the case when a specialist hears or reads the same text. The specialist's understanding of specialized Texts is more precise, but not necessarily 'total'."

<sup>5</sup> Alexander Pope, (1688-1744), poeta inglês.

dade, fidelidade e aceitabilidade. Essas formulações também podem ser feitas em unidades e a verificação é permanentemente feita com base no conhecimento prévio e no conhecimento adquirido, o que poderá levar o tradutor a fazer várias reformulações.

O autor faz considerações sobre as diferenças entre o que ocorre, em termos desse processamento, na tradução e na interpretação. Argumenta também que uma análise de erros encontrados nas traduções indica que geralmente esses ocorrem em função de fraquezas em um ou mais dos diversos componentes do modelo seqüencial. Além das fraquezas lingüísticas que podem existir no tradutor, esses erros podem indicar que houve uma análise insuficiente na fase de compreensão, uma aquisição insuficiente de conhecimento ao longo do processo ou ainda esforços insuficientes de reformulação.

Esse processo mental é também, segundo o autor, utilizado na compreensão e produção oral e escrita do dia-a-dia, sendo que a principal diferença entre as duas é que na Tradução o processo é mais sistemático e consciente. E conclui:

A principal diferença entre os bons Tradutores (de Textos não literários) e os tradutores medíocres reside no fato de que os primeiros executam tais operações de forma mais sistemática e cuidadosa que os últimos (GILE, 1995:126).<sup>6</sup>

O capítulo termina voltando a focar as diferenças entre tradução e interpretação no que concerne à aplicação do modelo, o que representa uma ponte para o capítulo seguinte.

## 6. A Aquisição de Conhecimento na interpretação e na tradução ("Knowledge Aquisition in interpretation and translation")

O autor argumenta, no **capítulo 6**, que a aquisição de informações complementares (ou seja, além do conhecimento lingüístico de domínio dos idiomas em questão) são exigências da

---

<sup>6</sup> "The main difference between good and mediocre Translators of non-literary Texts lies in the fact that the good ones perform such operations more systematically and more carefully than the mediocre."

tradução. Tal afirmativa pressupõe que normalmente há um aprendizado durante o ato tradutório. As informações complementares a que se refere o autor são, segundo ele, de dois tipos: lingüística (terminológica ou estilística) e extralingüística, sendo que, geralmente, o maior esforço reside na busca de informações terminológicas.

Apesar de certos lembretes que aparecem no capítulo soarem muito ingênuos, não se pode perder de vista o caráter pedagógico da obra. Para muitos estudantes, certamente, tais informações serão úteis e é preciso que o professor/instrutor esteja sensibilizado para que possa perceber a necessidade que os alunos têm delas.

Um exemplo dessa natureza é a questão das fontes de aquisição de conhecimento (informações), que estão sujeitas às seguintes variáveis: existência, acesso externo, acesso interno, abrangência e confiabilidade. São tecidas considerações sobre a importância de a fonte ser especializada, do contato direto com o público-alvo da tradução para assegurar fontes confiáveis quanto a aceitabilidade na língua de chegada, da necessidade de identificar a obsolescência da fonte e até mesmo das estratégias de aquisição de fontes para alertar o estudante contra a compra indiscriminada de material por puro entusiasmo. O estudante é também alertado sobre a impossibilidade, na maioria dos casos, de uma só fonte cobrir todas as informações complementares de que necessitará.

Uma grande parte do texto trata da confiabilidade das fontes, enfatizando que essa confiabilidade depende: 1) do domínio que o autor da fonte tenha dos idiomas envolvidos; 2) do conhecimento extralingüístico em um campo específico que esse autor tenha; 3) da similaridade entre a fonte e o texto a ser traduzido; e 4) do nível de obsolescência dessa fonte. Além disso, são sugeridas estratégias para a verificação dessa confiabilidade e para a certificação das fontes. Gile argumenta que as fontes mais significativas são os recursos humanos, mas lembra que essas são às vezes difíceis de serem acessadas.

Com referência específica à interpretação, o autor lembra que a aquisição de conhecimento nessa modalidade ocorre antes do evento em que se dá a intervenção do intérprete, nos últimos instantes que antecedem o evento e até mesmo durante o evento. De certa forma, o mesmo ocorre com a tradução, mas o que parece estar

sendo enfatizado é o aspecto mais imediatista da interpretação, ou seja, a intervenção do intérprete se dá de maneira muito mais precoce em relação à aquisição de conhecimentos do que no caso da tradução. Gile afirma que o maior ganho de informações novas por parte dos intérpretes se dá na terminologia, o que parece lógico. A terminologia é um conjunto aberto, enquanto que a estrutura sintática e os outros aspectos lingüísticos são pouco ou nada passíveis de acréscimo. Quanto ao que Gile chama de substância, que parece ser o conhecimento gerado ou transmitido pelo autor do texto de partida, por ser, em geral, secundário para o intérprete, também é assimilado em proporções menores do que a terminologia.

## 7. Os Modelos de Esforço em interpretação ("The Effort Models in interpretation")

Considero o **capítulo 7** um dos mais importantes do livro para o intérprete profissional, reconhecendo também sua utilidade para o estudante. Muitas pessoas se surpreendem com a possibilidade de a interpretação ser feita, especialmente no caso da simultânea. Pessoas que dominam profundamente dois idiomas consideram-se incapazes de interpretar nessas condições e dizem não compreender como tal tarefa é possível.

Por outro lado, são comuns as críticas, construtivas ou não, sobre o produto da interpretação simultânea. Em geral pessoas que têm seu interesse concentrado em um dos elementos do processo (e.g., o especialista de uma área, que acompanha a tradução, conhece a terminologia dessa área e os dois idiomas, mas a quem interessa apenas o resultado final, ou seja, o discurso do intérprete) procuram passar aos intérpretes informações, muitas vezes úteis, outras vezes totalmente desprezíveis. O que ocorre é mais ou menos o que poderíamos encontrar num concerto de piano ouvido por um exímio musicista, para quem o menor prolongamento indevido de uma nota é imperdoável.

O que a maioria dos leigos desconhece e que Gile analisa com muita precisão é que o intérprete simultâneo está executando ao mesmo tempo pelo menos quatro operações que normalmente são efetuadas separadamente ou, no máximo, duas a duas na comunicação diária.

Uma análise dos erros cometidos por profissionais experientes demonstrou que esses deslizos não poderiam ter sido causados por fadiga, desconhecimento do assunto específico ou mesmo por imperfeições no conhecimento lingüístico, pois as experiências foram cuidadosamente controladas.

Em 1948, Claude Shannon, um engenheiro de comunicações que trabalhava com linhas elétricas de transmissão, formulou a hipótese de que qualquer canal utilizado para a comunicação de informações teria uma capacidade finita de transmissão, que, quando excedida, causava perdas nessa comunicação. Cerca de dez anos mais tarde, alguns psicólogos cognitivistas tomaram emprestado o modelo e o aplicaram à mente humana. Basicamente verificaram que as operações mentais não automáticas exigem atenção e essa atenção representa juma capacidade de processamento que é limitada. Quando essa capacidade de processamento disponível é insuficiente para uma atividade, o desempenho tende a deteriorar.

Em resumo, a interpretação simultânea pode ser descrita como um conjunto de Esforços: o Esforço de Ouvir, o Esforço de Analisar, o de Produzir e o Esforço de uso da memória de curto prazo. Cada um desses esforços utiliza parte de uma capacidade de processamento que, como já indicado, é limitada. Quando as exigências de processamento excedem a capacidade existente, ou seja, ocorre uma saturação, os problemas começam a ocorrer. Isso se dá frequentemente porque um dos Esforços do modelo não encontra suficiente capacidade de processamento e esse Esforço deteriora.

Vários são os motivos, alguns controláveis, outros nem tanto, que influenciam no volume da capacidade de processamento. Gile os coloca em duas grandes categorias: (1) Aqueles que aumentam a demanda de capacidade de processamento (alta densidade do discurso, interferências no sinal, sinais incomuns no discurso, grande diferença sintática entre a língua de partida e a de chegada, etc.). (2) Aqueles que resultam de segmentos de discurso muito curtos, que não trazem qualquer redundância e que, portanto, são muito vulneráveis (nomes, números, outras informações curtas ou fornecidas muito rapidamente). Parece óbvio que quanto maior o número desses fatores e quanto maior a sua duração, maior o déficit que vão causar, provocando a saturação em um ou mais canais.



Enquanto na interpretação simultânea esses fatores são críticos, na consecutiva, na qual há um Esforço de ouvir separado do de produzir, eles são menos significativos. Entretanto, vale lembrar que na consecutiva freqüentemente existe o Esforço de anotar para auxiliar a memória, o que em si mesmo é um novo elemento na equação, pois exige tempo e processamento.

Gile lembra, ainda, que na interpretação com texto à vista ("sight translation") o componente da memória de curto prazo e certas vulnerabilidades tendem a desaparecer, mas os discursos tendem a ser mais densos e a velocidade de leitura costuma ser maior do que a da fala normal, fatores que fazem aumentar o risco de interferências. Além disso, nessas circunstâncias o intérprete tem que dar precedência à fala e não ao texto escrito.

A compreensão desses fatores ajuda o intérprete psicologicamente, fazendo com que ele não seja afetado por pressões indevidas, que são outro elemento de estresse e que podem contribuir para a deterioração do desempenho. Além disso, através de recursos como a reunião prévia com o palestrante ("briefing"), estudo de fontes fidedignas, testes prévios do equipamento, etc., o intérprete poderá diminuir os ruídos e interferências que normalmente se inserem na comunicação e, conseqüentemente, no seu desempenho. Tudo isso, embora sem menção explícita no capítulo, faz parte do gerenciamento dos Esforços ("capacity management"), que consiste na tentativa de equilibrar as demandas e as disponibilidades da capacidade de processamento entre os diversos Esforços. Gile nos lembra que a falta de tal capacidade é comum entre aqueles que tentam interpretar sem o treinamento específico.

## 8. Táticas de enfrentamento na interpretação ("Coping tactics in interpretation")

Talvez uma tradução mais adequada para o nome do capítulo 8 fosse Táticas de sobrevivência na interpretação, uma vez que o conteúdo dele é essencialmente o ensino de táticas ou técnicas que permitem ao estudante preparar-se para situações específicas comumente encontradas no campo e desconhecidas do público em geral, o que pode representar vida ou morte profissio-

nalmente falando. Como se trata, segundo Gile, de “uma habilidade prática fundamental”, ela deve ser desenvolvida através de exercícios práticos que são descritos no texto.

Embora o espaço não permita uma descrição ainda que resumida de todas as táticas descritas, vale à pena repetir o que Gile diz com relação à necessidade de dois intérpretes serem necessários na cabine durante todo o processo, o que nem sempre é factível, até mesmo por fatores alheios à vontade dos intérpretes. Cabines extremamente pequenas e sem conforto e economia por parte dos organizadores, contratando apenas um profissional, são dois fatores que tendem a colocar muita pressão sobre esse profissional, além de estarem em desarmonia com as normas internacionais.

Muitas das táticas delineadas dependem da presença de um segundo intérprete na cabine, pois este, estando apenas ouvindo, terá sua capacidade de processamento aumentada, o que o torna um instrumento útil para assistir o colega numa consulta a fontes durante o processo, no fornecimento de uma informação chave (sempre por escrito) para o colega, etc., beneficiando assim todos os envolvidos devido ao nível mais alto do desempenho.

Devido ao reconhecimento das perdas inevitáveis na interpretação simultânea, a despeito da capacidade e da habilidade dos profissionais envolvidos, as táticas foram desenvolvidas a fim de limitar as perdas e maximizar os resultados da comunicação. Segundo Gile, essas táticas devem ser selecionadas para:

- 1) maximizar a recuperação de informações para o público;
- 2) minimizar a interferência entre o segmento do discurso que foi recuperado e a transmissão dos segmentos adjacentes;
- 3) maximizar o impacto comunicativo do discurso.

Dois fatores são apontados como interferências sobre os objetivos das táticas: a) A lei do menor esforço e b) a autoproteção. O primeiro parece ser prevalente em todas as atividades humanas, especialmente nas lingüísticas e parece reforçar a Regra 2 de minimização das interferências. O segundo, compreensível por ser inerente à imperfeição humana, ocorre quando o intérprete não compreende um segmento ou não consegue interpretá-lo satisfatoriamente. Ele se sentirá tentado a não demonstrar tal falha, mascarando-a por medo de parecer incompetente ou medíocre. Essa atitude poderá ter

implicações sobre a Regra 3, deixando de maximizar o impacto do discurso, além de afetar os demais aspectos da comunicação.

## 9. Questões lingüísticas na interpretação de conferências (e na tradução) ("Language issues in conference interpreting (and translation)")

As principais questões lingüísticas abordadas no **capítulo 9** têm a ver com a classificação feita pela AIC, *International Association of Conference Interpreters*, em relação a línguas ativas e passivas, o que tem pouco a ver com a realidade brasileira, na qual a maioria dos intérpretes trabalha com apenas uma língua estrangeira e a interpretação em ambas as direções é compulsória.

Entretanto, o assunto enseja também a discussão da capacidade de processamento relacionada à familiaridade com o vocabulário e a terminologia e com as regras lingüísticas. Assim, de forma geral é fácil compreender que quanto mais intensamente utilizados forem certos termos, palavras e regras (quanto mais estimulados, como diz Gile), mais prontamente disponíveis eles estarão, o que é de importância fundamental na interpretação. Além disso, as experiências de campo demonstram que os elementos mais estimulados, tendem a estimular também outros elementos a eles ligados, como no caso da morfologia, o estímulo de campos semânticos inteiros.

Como a interpretação é uma atividade eminentemente oral, as experiências de campo demonstraram que a estimulação para melhorar o desempenho na utilização correta, precisa e oportuna desses elementos deve ser sempre oral, deve aparecer em segmentos amplos de discurso (inseridas neles como é natural na linguagem), e deve ser feita sempre em ambientes lingüísticos relevantes. Tudo isso pode ser resumido dizendo-se que pouco adianta para o intérprete simultâneo simplesmente memorizar listas de palavras.

## 10. Literatura sobre I/T ("I/T training literature")

Este utilíssimo **capítulo 10** traz uma significativa bibliografia comentada, além de informar sobre centros de pesquisas em I/T em todo o mundo, citando periódicos e autores de maior destaque. Gile

destaca que a produção de textos científicos em I/T é muito compartimentalizada geográfica, lingüística e ideologicamente, havendo pouca interação entre as diversas escolas de pensamento. Como consequência, há muita repetitividade em todos os parâmetros acima delineados e uma relativa lentidão no desenvolvimento de novas idéias e na aplicação mais eficiente dos resultados das pesquisas. Além disso, entre os autores e professores de I/T há uma nítida separação entre os que dão ênfase à prática e aqueles que fazem pesquisa e geram teoria. Uma maior integração, seria, sem dúvida, muito proveitosa.

Sem dúvida, o presente volume, especialmente no que concerne a esse último capítulo, pode ser um instrumento valioso para que tais dificuldades comecem a ser vencidas. No seu todo, o livro é muito útil para mostrar a importância da pesquisa e da teoria em I/T e que a produção, em todo o mundo, é muito significativa, embora a produtividade deixe ainda a desejar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GILE, Daniel. "Textes spécialisés: techniciens ou traducteurs?", Traduire, órgão da Société Française des Traducteurs, nº. 105, dezembro de 1980, p. 17-19, apud DUTRA, Waltensir, "A Tradução de Textos das Ciências Sociais", in *A tradução técnica e seus problemas*. Waldívia M. Portinho (Ed.). São Paulo: Editora Álamo, 1984, p.91-105.
- PÖCHHACKER, Franz. The role of theory in simultaneous interpreting, in DOLLERUP; Cay and LODDEGAARD; Anne. (eds.) *Teaching translation and interpreting: training, talent and experience. Papers from The first language international conference, Elsinore, Denmark, 31 May - 2 June 1991*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992, p.211-220.
- PÖCHHACKER, Franz. *A profile of researchers in interpreting. Target: International Journal of Translation Studies*, 7:1, Special Issue, Interpreting Research, Guest Editor: Daniel Gile. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995, p.47-64.

# ALGUNS CONCEITOS IMPORTANTES NA CIÊNCIA DA TRADUÇÃO

# CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A RELEVÂNCIA ATUAL DO GLOSSÁRIO DE KÖNIGS

Rui Rothe-Neves\*

Há pelo menos quatro décadas, estudiosos vêm abordando cientificamente os problemas colocados pela tradução em suas várias manifestações. Desde então, a única certeza unânime que se tem é a de estarmos ainda bem distantes de uma teoria unificada. Sem dúvida, as diversas abordagens iluminaram questões importantes por ângulos diferentes, criando conceitos próprios para tanto, e nos importa conhecê-los. Em 1982, Frank G. Königs, da Universidade do Ruhr, em Bochum, Alemanha, foi convidado pelos editores da revista *Lebende Sprachen* (doravante *LS*), a apresentar os principais conceitos científicos ligados à tradução. Sub-dividido em cinco partes sob o título *Conceitos Centrais do Tratamento Científico da Tradução* ("Zentrale Begriffe aus der wissenschaftlichen Beschäftigung mit Übersetzen" – KÖNIGS, 1982-1984), esse artigo, embora contenha referências a diversas abordagens, apresenta principalmente os conceitos criados no campo do que se convencionou chamar, em língua alemã, "Übersetzungswissenschaft" (Ciência da Tradução).

Surgida nos anos 60 como um ramo da Lingüística Aplicada, baseada nos modelos lingüísticos de comunicação (desde a chamada Escola de Leipzig, com nomes como Kade, Neubert e

---

\* Mestrando em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da UFMG.

Jäger), esta disciplina requereu, sobretudo na Alemanha, o estatuto de ciência autônoma cujo objeto é a tradução.

KÖNIGS (1982-1984) não abrange por completo o espectro de conceitos, nem pretendeu discuti-los amplamente, uma vez que isolava-os de seus respectivos contextos. Optou por apresentar 53 dentre os mais caros (e polêmicos), dividido-os em: 1) conceitos fundamentais da metodologia de tradução; 2) pontos principais da pesquisa científica da tradução; 3) procedimentos técnicos de tradução; 4) tipos e funções de tradução; 5) problemas da didática (da tradução, propriamente, e de língua estrangeira [L2]). Escreveu ele:

O objetivo das exposições, penso muito mais que seja:

1. apresentar conceitos teóricos importantes para a tradução;
2. oferecer ao leitor interessado, tanto quanto possível no âmbito desta exposição, referências de algumas abordagens por ora bastante heterogêneas e, com isso, facilitar que se inicie na discussão travada pela ciência; e
3. acoplar esses conceitos à sua utilização prática ou apresentá-los ao praticante de tradução de tal maneira que ele, a partir de sua própria experiência cotidiana, possa participar imediatamente da discussão (...) (Königs, 1982: 146).

Naturalmente, outras contribuições importantes surgiram ao longo dos 14 anos que nos separam da primeira parte do artigo, mesmo no âmbito da Ciência de Tradução, que se disseminou, encontrando termos equivalentes em diversos países: "Ciencia de la Traducción", "Translation Science", "Science de la Traduction" etc.

Desde 1984, quando surge a famosa "Skopostheorie" (K. Reiß, H. J. Vermeer), a Ciência da Tradução se distancia de uma abordagem estritamente prescritiva, apresentando, desde então, numerosos desenvolvimentos e abordagens, tais como a chamada "virada pragmática", passando pelo modelo hermenêutico (R. Stolze), o da ação translatória (J. Holz-Mänttari), até as proposições mais recentes do modelo psicolingüístico (Krings, Königs).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Para uma descrição mais detalhada, remeto o leitor a SNELL-HORNBY (1988:42-49), STOLZE (1994) e Königs (1990).

Mesmo em 1982, esperava-se já que a Ciência da Tradução tendesse a uma abordagem interdisciplinar de seu objeto. Na introdução ao seu artigo, Königs nos diz que:

Em um nível mais horizontal, [a *Ciência de Tradução*] deve se afirmar frente a outras disciplinas cuja pretensão também seja a de abordar a linguagem, extraindo daí a justificativa para incluir em seu campo de estudo tudo o que, de alguma forma, tenha a ver com a linguagem. Mas, simultaneamente, em um nível mais 'vertical', a Ciência da Tradução deve ser uma ciência fortemente obrigada à prática, uma vez que seu objeto não é a descrição estática da língua (...) Isto significa que a Ciência da Tradução não pode ser a aplicação unidimensional de uma teoria da Linguística Aplicada, mas tem sua tarefa direcionada a partir de uma análise das condições de surgimento e utilização dos 'actes de parole' em relação aos 'faits de langue' (...) (cf. por exemplo, LADMIRAL, 1981: 284) (KÖNIGS, 1982:146).

Alguns dos conceitos apresentados em KÖNIGS (1982-1984) se mantêm atuais. Mas grande parte deles começou a ser dispensada no início dos anos 90, a partir da opção epistemológica por uma ciência de caráter analítico-descritiva, menos interpretativa e, portanto, onde o afã taxionômico que dominava as preocupações neste campo foi submetido ao ordenamento do objetivo analítico. Deste modo, parece sempre importante falar em Equivalência, para que se saiba porque um conceito, em torno do qual se aglutinou toda a discussão ao longo de três décadas, tornou-se obsoleto. Dispensam-se também, desde já, conceitos como "Back-Transformation" ou Tradução/Versão.

Uma sistematização importante do que se faz atualmente em tradução pode ser encontrada em um artigo com o provocativo título de "O quanto a ciência de tradução deve ser teórica?" (KÖNIGS, 1990). Ele levanta algumas questões sobre o fundamento epistemológico de cada abordagem até então existente. Propõe que se possa sistematizar a pesquisa em tradução, de acordo com sua perspectiva e sua verificabilidade intersubjetiva, em teorias de primeira, segunda ou terceira ordem (esta categorialização foi reproduzida em ALVES, 1996). Assim, teríamos 12 "maneiras" de ver



a tradução: as perspectivas lingüística, de análise textual, hermenêutica, funcional, culturalmente orientada, crítica à tradução, psicolingüística, contrastiva, terminológica, mecânica (ou artificial), literária e didática. Destas, a abordagem contrastiva atualmente não é mais produtiva e a contrastiva desperta um interesse meramente histórico. As mais produtivas tem sido a psicolingüística, a culturalmente orientada, a didática e a literária.

Apresentamos nas páginas seguintes a tradução dos conceitos ainda relevantes de três artigos da série de KÖNIGS (1982-1984), excluindo os referentes aos procedimentos técnicos (parte 3, *LS 4* (1983):154-156) e às relações com a didática e ensino de L2 (parte 5, *LS 4* (1984):153-156). Sobre os procedimentos técnicos em tradução, o leitor interessado encontrará material suficiente no País. Por outro lado, a interdisciplinaridade entre estudos da tradução e a didática de L2 é, atualmente, bastante mais especializada e complexa, pelo que optamos por não abordá-la aqui.<sup>2</sup> Outros conceitos fundamentais, surgidos posteriormente, como “adequação”, “blocos *ad hoc* e restante”, “competência tradutória” etc., são tratados mais adequadamente em contribuições constantes do presente volume (v. ALVES e ALVES & SCHEIBLE, neste volume). Acompanhando a série original, a bibliografia é apresentada por verbetes, o que facilita a consulta tópica. Onde se fez necessário, inclui-se, após a indicação bibliográfica, ainda uma Nota do Tradutor (Nota do T.), atualizando os verbetes de Königs com os principais desenvolvimentos operados no conceito desde então.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, F. *Zwischen Schweigen und Sprechen: Wie bildet sich eine transkulturelle Brücke?* Hamburg: Dr. Kovac, 1995.

\_\_\_\_\_. “Lançando anzóis: uma análise cognitiva de processos mentais em tradução”. *Revista de Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da UFMG* (no prelo).

---

<sup>2</sup> Algumas indagações e propostas atualizadas sobre o tema são oferecidas em ALVES (1995).

KÖNIGS, F. "Zentrale Begriffe aus der wissenschaftlichen Beschäftigung mit Übersetzen". Teil 1: Grundlegende Begriffe aus dem Bereich der Übersetzungsmethodik. In: *Lebende Sprachen*, 4 (1982): 145-150.

KÖNIGS, F. "Zentrale Begriffe aus der wissenschaftlichen Beschäftigung mit Übersetzen". Teil 2: Schwerpunkte übersetzungswissenschaftlicher Forschung. In: *Lebende Sprachen*, 1 (1983): 6-9.

\_\_\_\_\_. "Zentrale Begriffe aus der wissenschaftlichen Beschäftigung mit Übersetzen". Teil 4: Arten und Funktionen von Übersetzung. In: *Lebende Sprachen*, 2 (1984): 57-59.

\_\_\_\_\_. "Wie theoretisch muß die Übersetzungswissenschaft sein?". In: *Taller de Letras* 18, (1990): 103-120.

SNELL-HORNBY, S. *Translation studies*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

STOLZE, R. *Übersetzungstheorien: eine Einführung*. Tübingen: Narr, 1994.

# CONCEITOS CENTRAIS DO TRATAMENTO CIENTÍFICO DA TRADUÇÃO A PARTIR DE F. G. KÖNIGS

Frank G. Königs  
Seleção, tradução e comentários  
Rui Rothe-Neves

## 1. Conceitos Fundamentais da Metodologia de Tradução<sup>1</sup>

**Covert Translation – Overt Translation:**<sup>2</sup> Ambos os conceitos foram trazidos à discussão por House. Como “covert translation”, indica-se aquele produto de tradução, que, com base em sua qualidade e no objetivo para o qual foi determinado, não é reconhecido como tradução. Pelo contrário, apresenta-se como texto autêntico, correspondendo a todas as convenções da língua de chegada. Nela, o máximo de qualidade funcional é alcançada (v. “função de tradução”). A “overt translation”, por outro lado, apresenta-se, na língua de chegada, como uma produção textual levemente reconhecível como tradução, por exemplo, orientando-se sintaticamente pelo texto e pela língua de partida. House

---

<sup>1</sup> Verbetes traduzidos de KÖNIGS, F. “Zentrale Begriffe aus der wissenschaftlichen Beschäftigung mit Übersetzen”. Teil 1: Grundlegende Begriffe aus dem Bereich der Übersetzungsmethodik. In: *Lebende Sprachen*, 4 (1982): 145-150 (doravante KÖNIGS, 1982); após as indicações bibliográficas de cada verbete, indicar-se-á sua exata localização no original.

<sup>2</sup> Traduzido de KÖNIGS (1982:147).

apresenta sua classificação por meio de um catálogo de dimensões com um total de oito fatores, relativos ao usuário da língua (origem geográfica, classe social, tempo) e ao seu uso (meio, participação, papel social, atitude social, proveniência). Este catálogo acopla-se tanto ao texto de partida quanto ao de chegada e deve possibilitar a valoração do trabalho de tradução no caso de uma crítica objetiva.

\* HOUSE, J. *A model of translation quality assessment*. Tübingen, 1977.  
\_\_\_\_\_. "A model of assessing translation quality". In: *Meta* 2 (1977): 103-109.

**Correspondência 1:1:**<sup>3</sup> Ocorre quando um elemento da língua de partida – seja uma estrutura, um lexema, uma combinação de lexemas – corresponde exatamente a um elemento da língua de chegada. A complexidade das línguas naturais, bem como a discussão lingüística daí resultante sobre o conceito de sinônimo, indicam que correspondências 1:1 são, de fato, exceções no contexto de comunicação interlingual (cf. WANDRUSKA, 1979). Exatamente este fato exigiu o desenvolvimento de métodos e procedimentos de tradução. Para o tradutor, esta constatação pode parecer banal, mas para o teórico da tradução a correspondência 1:1 é, em primeiro lugar, um instrumento de descrição, em segundo, um possível ponto de partida para uma elaboração didática da formação de tradutores e, finalmente, um procedimento metodológico.

WANDRUSZKA, M. *Die Mehrsprachigkeit des Menschen*. Munique, 1979.

**Metodologia de Tradução:**<sup>4</sup> Conceitos como os apontados aqui deixam claro que um objetivo essencial das considerações científicas a respeito da tradução diz respeito à elaboração de classificações, que devem conter as operações isoladas do processo de tradução (vide abaixo), bem como tipologias de texto, ou ao menos abordagens tipológicas textuais, além dos fatores do tradutor. Isto

---

\* N. do T.: Não há explicitação de editora nas referências bibliográficas do original.

<sup>3</sup> Traduzido de KÖNIGS (1982:147).

<sup>4</sup> Traduzido de KÖNIGS (1982:148).

significa, sobretudo, o esclarecimento da questão da equivalência (vide abaixo), que pode ser considerada como um dos pontos mais importantes da pesquisa científica da tradução. Uma vez que trata-se aqui da tradução como processo, apenas a lingüística, como disciplina, não é suficiente para a solução desta questão (cf. LADMIRAL, 1979:18). Ao lado das propostas metodológicas da "estilística comparada", encontra-se a reunião de propostas mais recente em NEWMARK (1981). Por um lado, ele distingue entre uma tradução comunicativa e uma semântica (1981:22). A primeira destina-se a produzir o mesmo efeito que o texto de partida e tem em vista, portanto, o receptor da versão de chegada: ela é comparativamente mais simples, clara e direta (pode-se situar aqui o texto-tipo "operativo" de REIß, 1976;1977). Em contraposição, a tradução orientada semanticamente pretende reproduzir o mais exatamente possível o significado contextualmente determinado do produtor do texto de partida. É, portanto, mais complexa, mais exata e orientada ao emissor do texto. Estes dois métodos de tradução deixam-se incluir grosso modo, nos chamados "métodos restritos de tradução" (1981:12). Entre estes, Newmark conta a tradução para fins informativos (REIß, 1976, chama-o de texto-tipo "informativo"), a tradução literária de prosa, a versão interlinear, a tradução formalmente orientada (REIß, 1976, fala em texto-tipo "expressivo"), a "tradução acadêmica", com cujo auxílio um texto é transformado em um "estilo literário padrão", e, finalmente, uma combinação de "transliteração", "translação" e paráfrase, traduções de textos com função primordialmente metalingüística na língua de partida. Os métodos aqui esboçados derivam sobretudo da função que caberá ou deverá caber a uma tradução. Esta função poderá, por exemplo, consistir no mesmo objetivo do texto de partida, no esclarecimento deste objetivo perante o leitor do texto de chegada, em dirigir-se a um outro círculo (especial) de receptores, em presentificar o texto após um grande intervalo de tempo desde a confecção do original ou, finalmente, na demonstração dos mecanismos da língua de chegada. Após a definição da função que a tradução deve cumprir, dá-se a transposição propriamente dita, tal como primeiramente apresentada pela "estilística comparada" e notavelmente expandida por NEWMARK (1981:30 et seq.). Portanto, não se pode considerar

métodos de tradução isoladamente, senão apenas quando envolvidos em um complexo contexto de decisões. Para a prática, em minha opinião, coloca-se a questão de até que ponto os métodos aqui descritos prestam contas aos problemas práticos de tradução. Provavelmente, caberá ao procedimento científico dedutivo do tradutor superar o fato de que os métodos concretos, lingüisticamente descritíveis (específicos do par lingüístico) têm precedência em relação ao trato consciente de função e outras diferenciações mais rudimentares, que, por seu lado, ou foram estipuladas pelo contratante do tradutor ou serão “co-solucionadas” por um fator mencionado até agora apenas no contexto do tratamento crítico de problemas e abordagens da crítica “científica” de tradução: a sensibilidade estilística (“das Sprachgefühl”).

LADMIRAL, J. R. *Traduire: théorèmes pour la traduction*. Paris, 1979.

NEWMARK, P. *Approaches to translation*. Oxford, 1981.

REIß, K. *Texttyp und Übersetzungsmethode. Der operante Text*. Kronberg, 1976.

\_\_\_\_\_. “Texttypen, Übersetzungstypen und die Beurteilung von Übersetzungen”. In: *Lebende Sprachen* 3 (1977): 97-100.

**Processo de Tradução:**<sup>5</sup> Na Ciência da Tradução, mantém-se como um dado a diferenciação entre “tradução como resultado” e “tradução como processo”, e com razão, embora nem sempre seja distingüível terminologicamente. A tradução como processo refere-se ao trabalho do tradutor desde o começo da recepção do texto de partida, passando pela transposição (mental), até a produção do texto de chegada e seu refinamento, embora sua realização gráfica não esteja no âmbito da competência tradutória e, portanto, não se vincule mais ao processo de tradução propriamente dito, mas já ao resultado da tradução. Com NEWMARK (1981:20 et seq.), pode-se dizer que, no processo de tradução, ocorrem mais fatores, como a intenção do texto, a intenção do tradutor (e, dever-se-ia incluir aqui, a do contratante do tradutor), a atenção ao leitor e ao “setting” do texto, a qualidade do texto, tanto quanto sua “autoridade” resultante

---

<sup>5</sup> Traduzido de KÖNIGS (1982:148-149).

da colocação do autor no contexto das produções textuais da língua de partida. COSERIU (1981:185) indica que os mesmos significados e as mesmas descrições podem certamente adquirir um outro sentido, e vice-versa. Pensemos, por exemplo, no francês "le Président de la République", que em português poderia ser reproduzido por: a) o Presidente da República francesa; b) o Presidente francês; c) o Chefe-de-Estado francês; d) Jacques Chirac. Neste exemplo fica claro ainda que, no processo de tradução, ao lado de capacidades de transposição puramente lingüísticas, o conhecimento geral do tradutor também é necessário. Nestas circunstâncias, TOURY (1981:255) informa que, no processo de tradução, tratam-se de atos de performance lingüística (v. também KÖNIGS, 1979:9 et seq.), que valeriam ser sistematizados em cada relação entre texto de partida e de chegada, para que possam nos aproximar de uma descrição adequada do processo. Do mesmo modo, poderíamos referir ao caráter criativo do processo de tradução, que confere aos fatores extra-lingüísticos da tradução um valor nada desprezível. Afinal, o tradutor está no ponto central do processo de tradução. O reconhecimento deste fato deve impedir a continuada negação do significado dos "fatores extra-lingüísticos" e do "aspecto criativo individual do processo de tradução", como é o caso, por exemplo, em KOMISSAROV (1977: 45 et seq.).<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> (N. do T.) Atualização: NORD (1988) diferencia entre "Translationsvorgang" e "Translationsprozeß", embora em alemão ambos signifiquem "processo de translação". No esquema bifásico de base comunicacional, o processo tradutório constitui-se em *análise* (decodificação, compreensão) e *síntese* (codificação, reconstrução ou ainda reverbalização). O modelo proposto por Nord, baseado em REIß & VERMEER (1984) e na Estética da Recepção, inclui entre as fases de análise e síntese uma fase intermediária, de transposição mental propriamente dita, chamada de "Translationsprozeß". Ao conjunto das três fases (análise, transposição mental e síntese), Nord denomina, apenas para efeito de diferenciação, de "Translationsvorgang". Em nenhum momento, porém, esta noção se confunde com o conceito de "processo" na abordagem psicolingüística, introduzido na Ciência da Tradução por KRINGS (1986). A partir de KÖNIGS (1987), o processo de tradução, ou processo tradutório, torna-se o foco da pesquisa psicolingüística da tradução: o tradutor processa itens automatizados no "bloco *ad hoc*" (v. contribuição de ALVES, neste volume), problemas de conteúdo no "bloco restante" e transfere estes resultados para um texto de chegada provisório, a ser aperfeiçoado com conhecimentos da L1. Fundamental aqui é a noção de

- CLAS, A. "Der Übersetzungsvorgang". In: BAUSCH, K. R. & GAUGER, H. M. (org.). *Interlinguistik - Sprachvergleich und Übersetzung. Festschrift zum 60. Geburtstag M. Wandruska*. Tübingen, 1971: 607-609 (repr. in: WILSS, W. [org.]. *Übersetzungswissenschaft. Darmstadt*, 1981: 298-301)
- COSERIU, E. "Kontrastive Linguistik und Übersetzung - ihr Verhältnis zueinander". In: KÜHLWEIN, W., THOME, G., WILSS, W. (org.). *Kontrastive Linguistik und Übersetzungswissenschaft - Akten des Internationalen Kolloquiums Trier Saarbrücken 25-30.9.1978*. Munique, 1981: 183-199.
- KÖNIGS, F. G. *Übersetzung in Theorie und Praxis: Ansatzpunkte für die Konzeption einer Didaktik der Übersetzung*. Bochum, 1979.
- KOMISSAROV, N. V. "Zur Theorie der linguistischen Übersetzungsanalyse". In: KADE, O. (org.). *Vermittelte Kommunikation, Sprachmittlung, Translation*. Leipzig, 1977: 44-51.
- NEWMARK: *Approaches to translation*. Oxford, 1981.
- TOURY, G. "Contrastive linguistics and translations studies. Towards a tripartite model". In: KÜHLWEIN, W., THOME, G., WILSS, W. (org.). *Kontrastive Linguistik und Übersetzungswissenschaft - Akten des Internationalen Kolloquiums Trier Saarbrücken 25-30.9.1978*. Munique, 1981: 251-261.

"competência tradutória" (cf. KÖNIGS, 1979), que indica a capacidade de transposição adequada de textos pelo tradutor. GERLOFF (1987) verifica uma dicotomia entre "unidade de tradução" e "unidade textual", sendo esta subdividida em sete níveis de análise. BELL (1991) propõe um modelo de esboços múltiplos (processamento em "parsing") em níveis horizontal (macroprocessos vs. microprocessos) e vertical (processos "top-down" versus "bottom-up").

BELL, R. T. *Translation and translating, Theory and practice*. London: Longman, 1991.

REIS, K. & VERMEER, H. J. *Grundlegung einer allgemeinen Translationslehre*. Tübingen: M. Niemeyer, 1984.

NORD, C. *Textanalyse und Übersetzung*. Julius Groos: Heidelberg, 1988.

KRINGS, H. P. *Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht*. Tübingen, 1986.

KÖNIGS, F. G. *Übersetzung in Theorie und Praxis: Ansatzpunkte für die Konzeption einer Didaktik der Übersetzung*. Bochum, 1979.

\_\_\_\_\_. "Was beim Übersetzen passiert. Theoretische Aspekte, empirische Befunde und praktische Konsequenzen". *Die Neueren Sprachen* 2 (1987): 162-185.

GERLOFF, P. "Identifying the unit of analysis in translation: some uses of think-aloud protocol data". In: FAERCH, C. & KASPER, G. (org.) *Introspection in second language research*. Clevedon: Multilingual Matters, 1987.



VERMEER, H. J. "Die Beschreibung des Übersetzungsvorgangs". In: WILSS, W., THOME, G. (org.). *Aspekte der theoretischen, sprachenpaarbezogenen und angewandten Sprachwissenschaft*. Heidelberg, 1974: 10-19 (repr. in: WILSS, W. (org.). *Übersetzungswissenschaft*. Darmstadt, 1981: 298-301)

**Unidirecionalidade:**<sup>7</sup> Independente da direção do processo de tradução, independente, portanto, do fato de ser uma tradução ou uma versão, a tradução procede em uma direção, na da língua de chegada. A unidirecionalidade é suspensa nas circunstâncias de uma "back-transformation" ou da tradução palavra-por-palavra, tanto quanto da comparação multi-lateral de traduções. De acordo com WILSS (1981:463), a tradução torna-se assim reversível, mesmo que processos de tradução palavra-por-palavra sejam de natureza predominantemente imitativa, baseando-se em mecanismos psicológicos de associação. Na minha opinião, a unidirecionalidade não é atingida pelo fato de que o tradutor confronta – sob certas condições, reiterada e continuamente – o seu resultado com o texto de partida. Uma vez que este último não pode ser realmente alterado em sua substância ou em sua configuração superficial, apenas o texto na língua de chegada, e assim o resultado da tradução, está aberto a alterações. Estas, por seu turno, realizam-se com base no texto de partida e, deste modo, atestam a destinação do procedimento tradutório, que também se manifesta, entre outros, na própria terminologia, sob as denominações de língua de partida e de chegada.

WILSS, W. "Handlungstheoretische Aspekte des Übersetzungsprozesses". In: PÖCKL, W. (org.) *Europäische Mehrsprachigkeit. Festschrift zum 70. Geburtstag des Mario Wandruszka*. Tübingen, 1981, p.455-465.

**Tradução Palavra-por-Palavra:**<sup>8</sup> Uma das marcas da tradução palavra-por-palavra é seu direcionamento para características estruturais, em desconsideração a condições da língua de chegada.

---

<sup>7</sup> Traduzido de KÖNIGS (1982:149)

<sup>8</sup> Traduzido de KÖNIGS (1982:149).

Nas circunstâncias de uma tradução palavra-por-palavra, a frase "Was heißt das?" será reproduzida por "Que chama isso?" (no original, "Il s'appelle Maurice" / "Er sich nennt Maurice\*\*"). Segundo BASSNETT-McGUIRE (1980:39), esta forma de tradução já não era irrestrita na antiga Roma, onde se praticou vastamente a tradução orientada para o sentido. Mesmo assim, ela se manteve por muito tempo como forma de tradução, inclusive sendo introduzida no ensino de língua estrangeira no contexto da versão interlinear (vide abaixo). A tradução palavra-por-palavra é freqüentemente confundida com a tradução linear (cf. THOME, 1981). Esta caracteriza-se, no entanto, pelo respeito às normas da língua de chegada, embora permaneça tão próxima do texto de partida quanto possível, pelo que o exemplo acima soaria: "o que é isso?". De qualquer maneira, ambas as formas de tradução são freqüentemente criticadas em meio aos esforços por adequação e equivalência.

BASSNETT-McGUIRE, S. *Translation studies*. London & New York, 1980.

THOME, G. "Die wörtliche Übersetzung (Französisch & Deutsch)". In: Wilss, W. (org.) *Übersetzungswissenschaft*. Darmstadt, 1981, p.109-122.

## 2. Principais conceitos da pesquisa científica de tradução<sup>9</sup>

**Equivalência:**<sup>10</sup> Encontra-se na própria definição de traduzir/ tradução: buscar a equivalência – portanto, a maior correspondência possível entre os textos de partida e de chegada. Em geral, o termo não é mais interpretado como "identidade vocabular", como mostra a crítica a alguns procedimentos metodológicos como "back-transformation" e tradução palavra-por-palavra. Hoje em dia, a equivalência é almejada muito mais ao nível do sintagma ou da frase e, no bojo do desenvolvimento de procedimentos da lingüística textual, ao nível do texto. A integração do conceito na didática de

---

<sup>9</sup> Verbetes traduzidos de KÖNIGS, F. "Zentrale Begriffe aus der wissenschaftlichen Beschäftigung mit Übersetzen". Teil 2: Schwerpunkte übersetzungswissenschaftlicher Forschung. In: *Lebende Sprachen*, 1(1983):6-9 (doravante KÖNIGS, 1983).

<sup>10</sup> Traduzido de KÖNIGS (1983:6-7).

L2 ampliou enormemente seu campo de aplicação (para o conceito de “equivalência didática”, cf. KÖNIGS, 1979). O fato de que a tradução representa uma ação multidimensional, na qual as decisões dependem não apenas de critérios relativos puramente à língua, é igualmente responsável pela dificuldade de se abordar o conceito de equivalência. Além disso, muitas estratégias de tradução obrigatoriamente fogem a critérios supra-individuais e, portanto, da comprovação objetiva (cf. também WILSS, 1981:465).

Em suas reflexões, CATFORD (1969:35) partiu desta situação e de suas características como “*tertius comparationis*” para a equivalência. NIDA (1964) diferenciara anteriormente entre equivalência *formal*, com a importância recaindo na expressão do texto em sua forma e conteúdo, e equivalência *dinâmica*, na qual trata da igualdade da relação entre texto e leitores de chegada e de partida. Mais recentemente, NEWMARK (1981:132) introduziu como um terceiro conceito a equivalência *cognitiva*, trazendo à discussão sobretudo a consciência de linguagem relativa aos processos de tradução. Alguns representantes da Escola de Leipzig defendem, em contraposição a este último, a equivalência *comunicativa* – à diferença de uma “heterovalência comunicativa”, conforme é característico, por exemplo, no bilingüismo (cf. JÄGER, 1977:16). Esta equivalência comunicativa seria resultado de uma práxis comunicativa entre duas línguas (cf. NEUBERT, 1977:51). KADE (1980:77), finalmente, define-a ao mesmo tempo como equivalência funcional, que incluiria “tanto a equivalência (ideal) total e, respectivamente, a (real) máxima, ótima e condicionada, quanto a equivalência parcial comunicativa entre textos em línguas diferentes”. O “*tertius comparationis*” desta equivalência comunicativa seriam características comunicativas e lingüísticas dos textos, embora deixe em aberto como se pode verificá-la objetivamente e como se relaciona com o processo de tradução real. Com isso, Kade afasta-se de uma posição defendida anteriormente (KADE, 1968:75), segundo a qual as equivalências *total*, *facultativa*, *aproximativa* e a *equivalência-zero* deveriam ser definidas sob mínima consideração das condições comunicativas, muito mais em função de sistemas lingüísticos estáticos.

Para VAN DEN BROECK (1978:39), a equivalência emerge “*da relação entre signos, da interrelação entre os signos, o que eles*

*representam, e seus usuários*" ("from the relation between signs, from the interrelation between the signs, what they stand for, and those who use them").

Em sua definição mais propriamente analítico-estática de equivalência, que não se vincula ao processo de tradução como tal, LEHMANN (1981) diferencia entre relações de equivalência de natureza *organizatória, operacional e analítica*.

Uma diferenciação hierárquica nos é oferecida por POPOVIC (1976, apud BASSNETT-McGUIRE, 1980): ao nível da palavra, ele admite a equivalência lingüística; no caso de uma equivalência paradigmática, os critérios sintáticos predominam sobre os lexicais; por "equivalência estilística", ele entende a equivalência funcional; e, finalmente, a equivalência textual refere-se em primeira linha à configuração textual.

TOURY (1980) sugere o convívio da equivalência e da relação tradutória fática, empiricamente comprovável entre dois textos e, assim, coloca em campo todo o aspecto performático do processo de tradução. A partir desta abordagem, justifica-se uma recusa em se falar de equivalência ou absoluta ou nula. O que, aliás, mais se aproxima da práxis tradutória.

KOLLER (1978) diferencia cinco tipos distintos de equivalência, que modifiquei em conteúdo e terminologia em outra oportunidade (KÖNIGS, 1981): *denotativa, diastrático-diatópica, normativa textual, pragmática e formal*. A estas, e ordenados acima, inclui a equivalência *texto-intencionada* e a *finalística*. Deste modo, surgiu um modelo igualmente hierárquico de equivalência que se refere diretamente ao processo de tradução, além do que também é aplicável à crítica de tradução. Ao mesmo tempo, este modelo presta contas à exigência formulada em REIß (1980:470), segundo a qual os critérios de equivalência devem poder alterar-se sob certas condições de tempo ou situação.

BASSNETT-McGUIRE, S. *Translation studies*. London & New York, 1980.

VAN DEN BROECK, R. "The concept of equivalence in translations theory. Some critical reflections". In: HOLMES, J. S., LAMBERT, J. & VAN DEN BROECK, R. (org.) *Literature and translation. New perspectives in literary studies*. Leuven, 1975, p.29-47.

- CATFORD, J. C. *A linguistic theory of translation. An essay in applied linguistics*. Oxford, 1969.
- JÄGER, G. "Zu Gegenstand und Zielen der Übersetzungswissenschaft". In: KADE, O. (org.) *Vermittelte Kommunikation, Sprachmittlung, Translation*. Leipzig, 1977, p.44-51.
- KADE, O. *Zufall und Gesetzmäßigkeit in der Übersetzung*. Leipzig, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Die Sprachmittlung als gesellschaftliche Erscheinung und Gegenstand wissenschaftlicher Untersuchung*. Leipzig, 1980.
- KÖNIGS, F. G. *Übersetzung in Theorie und Praxis: Ansatzpunkte für die Konzeption einer Didaktik der Übersetzung*. Bochum, 1979.
- \_\_\_\_\_. "Zur Frage der Übersetzungseinheit und ihre Relevanz für den Fremdsprachenunterricht". In: *Linguistische Berichte* 74 (1981), p.82-103.
- KOLLER, W. "Äquivalenz in kontrastiver Linguistik und Übersetzungswissenschaft". In: GRABS, L., KORLEN, B. & MALMBERG, B. (org.) *Theory and practice of translation*. Bern, Frankfurt & Las Vegas, 1978, p.69-92.
- LEHMANN, D. "Aspekte der Übersetzungsäquivalenz: Versuch einer Differenzierung". In: W., THOME, G., WILSS, W. (org.) *Kontrastive Linguistik und Übersetzungswissenschaft - Akten des Internationalen Kolloquiums Trier Saarbrücken 25-30.9.1978*. Munique, 1981, p.183-199.
- NEUBERT, A. "Übersetzungswissenschaft in soziolinguistischer Sicht". In: KADE, O. (org.) *Vermittelte Kommunikation, Sprachmittlung, Translation*. Leipzig, 1977, p.52-69.
- NEWMARK, P. *Approaches to translation*. Oxford, 1981.
- NIDA, E. "Translation". In: SEBEOK, T. A. (org.) *Current Trends in Linguistics*, v.12: Linguistics and adjacent sciences, Den Haag, 1964, p.1045-1068.
- POPOVIC, A. *A dictionary for the analysis of literary translation*. Edmonton, 1976, apud BASSNETT-McGUIRE, 1980.
- REIß, K. "'Que Dios nos coja confesados'. Zur Problematik pragmatischer Divergenzen beim Übersetzen aus dem Spanischen ins Deutsche". In: BORK, H. D., GREIVE, A. & WOLL, D. (org.) *Romanica Europaea et Americana. Festschrift für Harry Meyer*. Bonn, 1980, p.460-472.
- TOURY, G. "Equivalence and non-equivalence as a function of norms". In: TOURY, G. *In search of a theory of translation*. Tel Aviv, 1980, p.63-70.

WILSS, W. *Übersetzungswissenschaft - Probleme und Methoden*. Stuttgart, 1977.

\_\_\_\_\_. "Handlungstheoretische Aspekte des Übersetzungsprozesses". In: PÖCKL, W. (org.) *Europäische Mehrsprachigkeit. Festschrift zum 70. Geburtstag des Mario Wandruszka*. Tübingen, 1981, p.455-465.

**Traduzibilidade:**<sup>11</sup> Sem dúvida nenhuma, uma das características principais da Ciência da Tradução é seu conceito de traduzibilidade e, respectivamente, de intraduzibilidade. Isto é de tal forma surpreendente, pois a maior parte das inúmeras definições do traduzir (cf. por exemplo: KÖNIGS, 1979:9; KOLLER, 1979:106; BAUSCH, 1980; WILSS, 1981:460) partem mais ou menos explicitamente de uma traduzibilidade, em princípio dada. E ainda assim a traduzibilidade é extremamente discutível. Enquanto CATFORD (1969), por exemplo, sob aspectos exclusivamente lingüísticos, não admite uma traduzibilidade *stricto sensu* (ele diferencia entre "intraduzibilidade lingüística" e "intraduzibilidade cultural"), NEUBERT (1968) acopla-a à elaboração de uma tipologia textual – sobretudo relevante à tradução. Outro representante da Escola de Leipzig – JÄGER (1973) – lança mão de um artifício que só existe na teoria, ao considerar a traduzibilidade como dada em uma transferibilidade ideal e vinculada ao par lingüístico. Por outro lado, BARCHUDAROV (1977) parte da traduzibilidade fundamental, pois em tradução trata-se não de sistemas lingüísticos, mas de textos e de sua transferência para a língua de chegada (aliás, semelhante a TOURY, 1981:254). ALBERTSEN (1978) parte de uma intraduzibilidade fundamental, pois em sua opinião a recepção e portanto, necessariamente, a análise de textos é específica do indivíduo. ENKVIST (1978) argumenta de modo semelhante ao estabelecer como condição fundamental para a traduzibilidade a gênese e a interpretação do texto de partida e defender, sobre este alicerce, uma lingüística textual contrastiva. WILSS (1977:54) parte genericamente da traduzibilidade de textos, mas complementa com razão que os textos serão traduzíveis se a forma lingüística contiver

---

<sup>11</sup> Traduzido de KÖNIGS (1983:7-8).

uma função para além da transmissão de informações. Em outra oportunidade (KÖNIGS, 1979:40), indiquei a separação conceitual que se pode perfazer entre traduzibilidade e equivalência, e entre aquela e a traduzibilidade fundamental necessariamente daí resultante, expressada, entre outros, pelo fato de que, ao contrário da equivalência, não depende imediatamente da competência tradutória de quem pratica a tradução. Também a referência de LADMIRAL (1979:16) ao “velho problema filosófico do Mesmo e do Outro” indica muito mais que a traduzibilidade deva ser e é genericamente possível, mas não deve ser igualada à invariância, como às vezes acontece. Porém, devemos ainda colocar em questão se a traduzibilidade é realmente válida em seu sentido lato, tendo em vista a práxis cotidiana da tradução e toda a seriedade, aliada ao conselho ao tradutor, de que seja consciente desta intraduzibilidade fundamental (BASSNETT-McGUIRE, 1980:22).

- ALBERTSEN, L. L. “Unser Dienst an der Scheinkommunikation”. In: GRAEHS, L., KORLEN, B. & MALMBERG, B. (org.) *Theory and practice of translation*. Bern, Frankfurt & Las Vegas, 1978, p.189-200.
- BARCHUDAROV, I. S. “Übersetzungstheorie als vergleichende Textlinguistik”. In: KADE, O. (org.). *Vermittelte Kommunikation, Sprachmittlung, Translation*. Leipzig, 1977, p.8-13.
- BASSNETT-McGUIRE, S. *Translation studies*. London & New York, 1980.
- BAUSCH, K. R. “Sprachmittlung”. In: ALTHAUS, P., HENNO, H. & WIEGAND, H. E. (org.) *Lexikon der Germanistischen Linguistik*. Tübingen, 2.ed., 1980.
- CATFORD, J. C. *A linguistic theory of translation. an essay in applied linguistics*. Oxford, 1969.
- ENKVIST, N. B. “Contrastive text linguistics and translation”. In: GRABS, L., KORLEN, B. & MALMBERG, B. (org.) *Theory and practice of translation*. Bern, Frankfurt & Las Vegas, 1978, p.169-188.
- JÄGER, G. “Invarianz und Transferierbarkeit”. In: NEUBERT, A. & KADE, O. (org.) *Neue Beiträge zu Grundfragen der Übersetzungswissenschaft*. Leipzig (publ. sob permissão: Frankfurt, 1973, p.47-61).
- KÖNIGS, F. G. *Übersetzung in Theorie und Praxis: Ansatzpunkte für die Konzeption einer Didaktik der Übersetzung*. Bochum, 1979.
- LADMIRAL, J. R. *Traduire: théorèmes pour la traduction*. Paris, 1979.

NEUBERT, A. "Pragmatische Aspekte der Übersetzung". In: KADE, O. (org.) *Grundfragen der Übersetzungswissenschaft*. Leipzig, 1968, p.21-33 (repr. in: Wilss, W. [org.] *Übersetzungswissenschaft*. Darmstadt, 1981: 298-301)

TOURY, G. "Contrastive linguistics and translations studies. Towards a tripartite model". In: W., THOME, G., WILSS, W. (org.) *Kontrastive Linguistik und Übersetzungswissenschaft - Akten des Internationalen Kolloquiums Trier Saarbrücken 25-30.9.1978*. Munique, 1981, p.251-261.

WILSS, W. *Übersetzungswissenschaft - Probleme und Methoden*. Stuttgart, 1977.

\_\_\_\_\_. "Handlungstheoretische Aspekte des Übersetzungsprozesses". In: PÖCKL, W. (org.) *Europäische Mehrsprachigkeit. Festschrift zum 70. Geburtstag des Mario Wandruska*. Tübingen, 1981, p.455-465.

**Unidade de tradução:**<sup>12</sup> Embora a literatura científica se utilize amplamente desta expressão, os tratamentos sistemáticos da questão sobre o que é (ou poderia ser) uma unidade de tradução continuam sendo a exceção e não a regra. A abordagem lingüística da ciência de tradução, freqüentemente defendida, pretendeu definir lingüisticamente as unidades de tradução. DILLER & KORNELIUS (1978:20) chegam até ao nível do morfema, no exemplo [eines jungen Schimmels] (al.) - [de] (port.). Em outro estudo, opera-se com o conceito de sentido (cf. VINAY & DARBELNET, 1958). Em contraposição, NEUBERT (1973) eleva a frase à categoria de unidade de tradução, enquanto COSERIU (1978) e também WILSS (1980) preferem vê-la inscrita no nível do texto (de modo semelhante, v. BASSNETT-McGUIRE, 1980:22). No entanto, LADMIRAL (1976:16) chama atenção para o fato de que não se traduzem unidades lingüísticas aos pedaços, e sim "as unidades de fala ou de discurso... por unidades de fala ou de discurso - ou ainda mensagens por mensagens...". Isto já indica as dificuldades de uma grandeza "unidade de tradução" objetivamente determinável. Mesmo a proposta de POULSEN (1981:303), de considerar os níveis de

---

<sup>12</sup> Traduzido de KÖNIGS (1983:8).



isotopia como potenciais unidades de tradução, foge à sua apreensibilidade genérica porque pode haver, em determinadas condições, diversos níveis de decisão e diferenciação para se determinar os níveis de isotopia – compreendida aqui como um grupo de sintagmas e/ou lexemas com uma característica semântica comum, sempre recorrente, como por exemplo, em [vacas pastam e ruminam], característica: animal; [Seres humanos comem e bebem], característica: humana. Também NEWMARK (1981:15) apresenta, num primeiro momento, um conceito “inconsistente” de unidade de tradução “*tão pequenas quanto possível e tão grandes quanto necessário*” (“as small as possible and as large as necessary”), e depois estabelece que uma unidade de tradução constituir-se-ia quando pudesse ser transposta à língua de chegada sem aumento de significado. Mas, com isso, entra em foco o processo de tradução. Com relação a este, procurei, com base na discussão sobre equivalência, demonstrar do ponto de vista prático e teórico que não é justificável assumir unidades de tradução que devam ser prescritas supra-individualmente (cf. KÖNIGS, 1981).<sup>13</sup>

BASSNETT-McGUIRE, S. *Translation studies*, London & New York: 1980.  
COSERIU, E. “Falsche und richtige Fragestellungen in der Übersetzungstheorie”. In: GRABS, L., KORLEN, B. & MALMBERG, B. (org.) *Theory and practice of translation*. Bern, Frankfurt & Las Vegas, 1978, p.27-47.

---

<sup>13</sup> (Nota do T.) Atualização: NEWMARK (1988:55) afirma que “a maior parte da tradução feita em um texto se dá no nível da palavra, da unidade lexical, da colocação, do agrupamento, da frase e do período – raramente do parágrafo, nunca do texto – provavelmente nesta ordem”. KÖNIGS (1985:28-34), parece seguir o mesmo caminho, relativizando as definições anteriores, ao afirmar: “Poder-se-ia demonstrar que as unidades de tradução que tenham a ver apenas com o processo tradutório só podem ser determinadas individualmente”. ALVES (1995), também preocupado com o processo de tradução, oferece subsídios para que se possa afirmar que, embora seja determinada durante o processo de tradução, a unidade de tradução apenas é verificável *a posteriori*, a partir de seu resultado, e para análises onde não está em jogo o valor da tradução. Parece, portanto, ser (e apenas assim poder ser) uma decisão arbitrária para efeitos teóricos.

NEWMARK, P. *A Textbook of translation*. New York: Prentice Hall, 1988.

ALVES, F. *Zwischen Schreiben und Sprechen: Wie bildet sich eine transkulturelle Brücke?* Hamburg: Dr. Kovac, 1995.

- DILLER, H. J. & KORNELIUS, J. *Linguistische Probleme der Übersetzung*. Tübingen, 1978.
- KÖNIGS, F. G. "Zur Frage der Übersetzungseinheit und ihre Relevanz für den Fremdsprachenunterricht". In: *Linguistische Berichte* 74 (1981):82-103.
- LADMIRAL, J. R., "Pour une sémiotique des unités de traduction". In: W., THOME, G., WILSS, W. (org.) *Kontrastive Linguistik und Übersetzungswissenschaft - Akten des Internationalen Kolloquiums Trier Saarbrücken 25-30.9.1978*. Munique, 1981, p.280-287.
- NEUBERT, A. "Invarianz und Pragmatik". In: NEUBERT, A. & KADE, O. (org.) *Neue Beiträge zu Grundfragen der Übersetzungswissenschaft*, Leipzig (publ. sob permissão: Frankfurt, 1973, p.13-26).
- NEWMARK, P. *Approaches to translation*. Oxford, 1981.
- POULSEN, S. O. "Textlinguistik und Übersetzungskritik". In: W., THOME, G., WILSS, W. (org.) *Kontrastive Linguistik und Übersetzungswissenschaft - Akten des Internationalen Kolloquiums Trier Saarbrücken 25-30.9.1978*. Munique, 1981, p.300-310.
- VINAY, J. P. & DARBELNET, J. *Stylistique comparée du français e de l'anglais*. Paris, 1958.
- WILSS, W. "Semiotik und Übersetzungswissenschaft". In: Wilss, W. (org.) *Semiotik und Übersetzung*. Tübingen, 1980, p.9-22.

### 3. Tipos e funções de tradução<sup>14</sup>

**Translação:**<sup>15</sup> Com este conceito, a Escola de Leipzig substitui o conceito de mensagem ("Sprachmittlung"). A transferência de um texto de uma língua de partida para uma língua de chegada será realizada por um tradutor. JÄGER (1975) admite em suas considerações um tradutor ideal, que alcança a equivalência ótima entre dois textos em decorrência de sua competência translatória. O resultado da translação é o translato. Este será determinado pelo processo de tradução e pela função de tradução. KADE (1980:22)

<sup>14</sup> Verbetes traduzidos de KÖNIGS, F. "Zentrale Begriffe aus der wissenschaftlichen Beschäftigung mit Übersetzen". Teil 4: Arten und Funktionen von Übersetzung. In: *Lebende Sprachen*, 2(1984):57-59; (doravante KÖNIGS, 1984).

<sup>15</sup> Traduzido de KÖNIGS (1984:58-59).

caracteriza a translação como uma “mensagem comunicativamente equivalente”, que se diferencia de uma “mensagem comunicativamente heterovalente”, descrita por ele como “transposição elaboradora do conteúdo (ou adaptadora)”. No seu entendimento de translação, os representantes da Escola de Leipzig não contam como tal a tradução literária (cf. JÄGER, 1977). No entanto, deve-se questionar se a Teoria da Translação, equipada com novas conceituações, é realmente um ganho para a pesquisa de tradução – entre outros, por seu caráter idealista.<sup>16</sup>

JÄGER, G. *Translation und Translationslinguistik*. Halle, 1975.

\_\_\_\_\_. “Zu Gegenstand und Zielen der Übersetzungswissenschaft”. In: KADE, O. (org.) *Vermittelte Kommunikation, Sprachmittlung, Translation*. Leipzig, 1977, p.14-26.

KADE, O. *Zufall und Gesetzmäßigkeit in der Übersetzung*. Leipzig, 1968.

---

<sup>16</sup> (Nota do T.) Atualização: REIß & VERMEER (1984) utilizam a terminologia da Escola de Leipzig, no intuito de propor a “fundamentação de uma teoria geral da translação” (esse o título do livro). Por tratar-se de uma teoria geral, utilizam “translação” (“Translation”) como um conceito mais amplo que inclui os de “tradução” e “interpretação”, derivando daí seu sujeito, o “translador” (“Translator”), e seu produto, o “translato” (“Translat”). Esta teoria ficou conhecida como “Skopostheorie”, teoria da funcionalidade, por basear-se em sua supremacia. Assim, a translação adquire novas características, a saber: 1. a translação é uma função a partir de sua finalidade; 2. a translação é uma oferta de informação, dentro de uma cultura de chegada e de seu código lingüístico, a partir de uma oferta de informação originária de uma cultura de partida e de seu respectivo código lingüístico; 3. essa oferta de informação representa uma transferência calcada em uma oferta de informação original. Uma teoria da translação será uma espécie de teoria de ação, que pode ser definida como função de avaliação de determinada situação e da intenção gerada por esta. Portanto, o receptor faz parte da finalidade como um constituinte especial. A partir daí, a busca da equivalência (e a discussão em torno do termo) torna-se obsoleta e começa a ser substituída pela noção de “adequação”: se o escopo da tradução prevê mudança de função entre os textos de partida e de chegada, o tradutor deve ser leal não ao texto de partida, mas à *função do texto de chegada* (v. maiores detalhes em Alves & Scheible, neste volume).

REIß, K. & VERMEER, H. J. *Grundlegung einer allgemeinen Translationsstheorie*. Tübingen: M. Niemeyer, 1984.

KADE, O. *Die Sprachmittlung als gesellschaftliche Erscheinung und Gegenstand wissenschaftlicher Untersuchung*. Leipzig, 1980.

NEUBERT, A. "Elemente einer allgemeinen Theorie der Translation". In: *Actes du X Congrès International des Linguistes, Bucarest 1967*. Bucarest, 1970, p.451-456.

**Função de tradução:**<sup>17</sup> A função que deve caber a uma tradução influencia tanto o processo de tradução quanto a tradução como resultado deste processo. Ao mesmo tempo, é ela que deve ser a medida para uma crítica de tradução bem fundada. Neste caso, equivalência e função de tradução se complementam. Com KADE (1967), pode-se distinguir entre tradução *crua*, *de trabalho* e *pronta para publicação*, conforme prevaleça o sentido denotativo, significativo ou pragmático. Kade estabelece desta maneira uma relação – que, naturalmente, deve ser investigada mais de perto – entre qualidade e função. Em contraposição, VINAY & DARBELNET (1958) referem-se à tradução como meio de aquisição de língua, com o objetivo próprio e exclusivo de transmitir conteúdos e como meio de comparação entre as línguas, orientando-se para a descrição lingüística. REIß (1971) reforça a função da tradução, que se orienta pelos conhecimentos de língua estrangeira do destinatário do texto de chegada, bem como das intenções que percebem com a recepção. Mais tarde – REIß (1974) – diferencia entre função *primária*, *secundária* e *terciária*. No primeiro caso, trata-se de que a tradução (como resultado) tenha a mesma função que o original. Função secundária quer dizer que a tradução é submetida a um objetivo de maior alcance: aquisição de língua, resumo, etc. Por função terciária, finalmente, designa-se a tradução destinada à mudança de público-alvo almejado na língua de partida, distinto na língua de chegada. Exemplos disso são a popularização de textos especializados ou a tradução "para crianças" dos clássicos da literatura universal. Paralelo a este nível de função de tradução, que se refere à demanda da tradução em seu mais amplo sentido, pode-se falar ainda em uma função de tradução imanente ao texto. Aí, a

---

<sup>17</sup> Traduzido de KÖNIGS (1984:59).

destinação e configuração do texto de partida são decisivas para a função de tradução e, simultaneamente, para o método de tradução a ser escolhido (cf. a tipologia textual de REIS, 1971;1976). Em outra abordagem, demonstrou-se o quanto as funções de tradução podem ser multifacetadas, quando se devam considerar também determinantes didáticas (de tradução e/ou de L2).<sup>18</sup>

KADE, O. "Übersetzungskategorien und Rationalisierung". In: *Fremdsprachen* 3 (1967):167-170.

KÖNIGS, F. G. "Translation teaching and translation in foreign language teaching . Text as a starting point". In: TITFORD, C. & HIEKE, A. E. *Translation in foreign language teaching and testing*. Tübingen: Narr, 1985.<sup>19</sup>

REIS, K. *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik*. Munique, 1971.

\_\_\_\_\_. "Ist Übersetzen lehrbar?". In: *Kongressbericht der 4. Jahrestagung der GAL, IRAL-Sonderband, Heidelberg*, p.69-82.

\_\_\_\_\_. *Texttyp und Übersetzungsmethode. Der operante Text*. Kronberg, 1976.

VINAY, J. P. & DARBELNET, J. *Stylistique comparée du français e de l'anglais*. Paris, 1958.

Este livro foi dcado pelo  
COLEGIO DE PÓS-GRADUAÇÃO

(Estudos Literários)

por R\$ 23,00

Em 28 / 11 / 00

<sup>18</sup> (Nota do T.) Atualização: A partir da Teoria do Escopo ("Skopostheorie"), a função da tradução adquire importância central nas discussões científicas sobre a tradução. Para REIS & VERMEER (1984), ainda bastante marcados pelo modelo linguístico-matemático da Escola de Leipzig, a função terá os significados de (a) finalidade/escopo; e (b) função matemática de interdependência de grandezas. Para NORD (1988:27), o texto de partida é um amálgama de diversos elementos (= fatores), por cuja constelação adquire sua função.

REIS, K. & VERMEER, H. J. *Grundlegung etner allgemeinen Translattonstheorie*. Tübingen: M. Niemeyer, 1984.

NORD, C. *Textanalyse und Übersetzung*. Heidelberg: Julius Groos, 1988.

<sup>19</sup> Indicação atualizada; artigo ainda no prelo quando da publicação do verbete.

O Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da FALE/UFMG (Mestrado e Doutorado) promove o ensino e a pesquisa na área de Estudos Lingüísticos, visando ao avanço do conhecimento teórico e prático na área. O Curso está organizado em torno de quatro Linhas de Pesquisa.

Linha A - Estudo Lingüístico da Aquisição da Fala e da Escrita.

Linha B - Estudo da Variação e Mudança Lingüística.

Linha C - Estudo da Estrutura Gramatical da Linguagem.

Linha D - Lingüística Aplicada a Línguas Estrangeiras: Tradução e Ensino.

O presente volume se insere na Linha D, apresentando sínteses e resenhas dos textos fundamentais, de difícil acesso, da técnica da tradução, a partir da década de 50.